**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE
FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

RENATO PIGNATARI PEREIRA

**BRASIL ESPECULATIVO:
A CIÊNCIA E A BRASILIDADE NA FICÇÃO DE JERÔNIMO MONTEIRO**

Versão corrigida

São Paulo

2019

RENATO PIGNATARI PEREIRA

Brasil Especulativo:

A Ciência e a Brasilidade na Ficção de Jerônimo Monteiro

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Barros da Silva

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

PB823b Pereira, Renato Pignatari
 Brasil Especulativo: Ciência e Brasilidade na
Ficção de Jerônimo Monteiro / Renato Pignatari Pereira
; orientadora Márcia Regina Barros da Silva. - São
Paulo, 2019.
 320 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

 1. Jerônimo Monteiro. 2. Ficção Científica. 3.
Science. 4. Fantástico. I. Silva, Márcia Regina
Barros da, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Renato Pignatari Pereira

Data da defesa: 12/03/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Márcia Regina Barros da Silva

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, ____/____/____

(Assinatura do (a) orientador (a))

Dedico este trabalho a Jerônimo Monteiro, com grande admiração pelos seus escritos e esforços em prol da ficção científica brasileira.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Márcia Regina Barros da Silva, que nesses anos de pesquisa e contato, orientou-me de forma excelente, sempre tendo paciência com meus problemas familiares.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização dessa pesquisa.

À minha mãe, Romélia Pignatari Pereira, pelo constante apoio.

Porque há uma “ciência oficial”, assentada em dados estabelecidos, que repudia tudo o que possa vir subverter a cômoda ordem cimentada, segundo a qual se ensina, se escreve, se fazem discursos, se estabelecem programas.

(MONTEIRO, Jerônimo, 1966)

RESUMO

PEREIRA, R. P. **Brasil Especulativo: A Ciência e a Brasilidade na Ficção de Jerônimo Monteiro**. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

O presente trabalho objetiva analisar os livros de ficção científica escritos por Jerônimo Monteiro (1908 – 1970), sob o aspecto de sua relação dialógica com a ciência – brasileira ou internacional – o fantástico e a brasilidade. Nesse sentido, seus escritos de ficção científica – assim como seus textos publicados na coluna “Panorama” (1958 – 1970), do jornal “Folha de São Paulo” – são entendidos como síntese propiciada pela dialética entre ciência (principalmente em seus aspectos sociais) e fantástico, acrescida de brasilidade. A partir da leitura dos textos do autor, além da consulta à bibliografia específica, três hipóteses foram formuladas, a fim de nortear a pesquisa: 1) a ciência brasileira e internacional está presente na obra de ficção científica de Jerônimo Monteiro, algumas vezes, de forma explícita; 2) Jerônimo Monteiro, em sua obra de ficção científica, preocupava-se principalmente com o aspecto social da ciência, sendo totalmente contrário a uma ciência e tecnologia desvinculadas de quaisquer princípios éticos ou morais; 3) A construção do fantástico, nas narrativas de Jerônimo Monteiro, não se dá apenas pelo uso da capacidade imaginativa do autor ou por meio do diálogo com outras obras fantásticas ou de ficção científica, mas antes se vincula ao fantástico propalado pela corrente denominada “Realismo Fantástico”. Além disso, como ferramenta de análise, foi utilizada a categoria “caixa-preta”, pensada por Bruno Latour no livro “Ciência em Ação” (2000).

Palavras-chave: Jerônimo Monteiro, Ficção Científica, Ficção Científica no Brasil, História da Ficção Científica, Fantástico.

ABSTRACT

PEREIRA, R. P. **Speculative Brazil**: Science and Brazilianness in Jerônimo Monteiro's Fiction. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

This doctoral thesis aims to analyze the books of science fiction written by Jerônimo Monteiro (1908 - 1970), from the aspect of their dialogical relationship with science - Brazilian or international - the fantastic and the Brazilianness. In this sense, his science fiction writings - as well as his texts published in the column "Panorama" (1958 - 1970), of the newspaper "Folha de São Paulo" - are understood as a synthesis provided by the dialectic between science (mainly in its social aspects) and fantastic, plus Brazilianness. From the reading of the author's texts, besides consulting the specific bibliography, three hypotheses were formulated in order to guide the research: 1) Brazilian and international science is present in Jerônimo Monteiro's science fiction, sometimes in explicit form; 2) Jerônimo Monteiro, in his science fiction works, was mainly concerned with the social aspect of science, being totally opposed to a S&T detached from any ethical or moral principles; 3) The construction of the fantastic, in the narratives of Jerônimo Monteiro, is not only made through the use of the author's imaginative capacity or through dialogue with other fantastic works or science fiction, but rather is linked to the fantastic propagated by the movement called "fantastic realism". In addition, as a tool of analysis, the "black box" category, thought by Bruno Latour in the book "Ciência em Ação" (2000) was used.

Keywords: Jerônimo Monteiro, Science Fiction, Brazilian Science Fiction, Science Fiction History, Fantastic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	26
1.1 Apresentação	27
1.2 A Ficção Científica	28
1.2.1 Ciência e Ficção Científica	36
1.2.2 Breve Discussão sobre o Gênero	37
1.2.3 Panorama da FC antes de Jerônimo Monteiro	42
1.3 Conceitos de Bruno Latour aplicados à Ficção Científica	51
1.4 Perfil Biográfico e Literário	56
1.4.1 Infância e Juventude	62
1.4.2 Dick Peter, HQs, Rádio e Jornalismo Impresso	63
1.4.3 Literatura Infantojuvenil	66
1.4.4 Jerônimo Monteiro Antologista	70
1.4.5 Ficção Científica	72
1.4.5.1 Jerônimo Monteiro Místico e ou Realista Fantástico?	73
1.4.5.2 Fundação da Sociedade Interplanetária	76
1.4.5.3 Geração GRD e Após	79
1.5 Exemplo de Análise de Conto (A Caixa-Preta da Hereditariedade)	87
CAPÍTULO 2	95
2 A Coluna “Panorama”	96
2.1 A Ciência da Imprensa e o Estudo de JM	98
2.1.1 Análise Morfológica e de Conteúdo	100
2.1.2 <i>Fait-divers</i> e antíteses	102
2.2 Apresentação da Coluna “Panorama”	104
2.2.1 Análise Ano a Ano	105
2.2.1.1 1958 – O Surgimento da Coluna “Panorama”	105
2.2.1.2 1959 – A Corrida Espacial	109

2.2.1.3 1960 – Divulgação Científica, FC, Fantástico e Humanização do Cientista	112
2.2.1.4 1961 – O Humor de Jerônimo Monteiro	118
2.2.1.5 1962 – Variedades e Descompasso com o Jornalismo Científico.	124
2.2.1.6 1963 – Pouquíssimo Conteúdo de Interesse	128
2.2.1.7 1964 – Diálogo com os Catastrofistas	131
2.2.1.8 1965 – Realismo Fantástico e Ficção Científica	134
2.2.1.9 1966 – Descompassos e Mais Descompassos	141
2.2.1.10 1967 – Mais Descompassos	144
2.2.1.11 1968 – A Ciência em seu Aspecto Divertido	146
2.2.1.12 1969 – Jerônimo Monteiro, seus Trabalhos de Ficção Científica e a Formação do Fandom Nacional	148
2.2.1.13 1970 – Consolidação do Fandom Nacional e Falecimento de Jerônimo Monteiro	152
2.3 Algumas Conclusões sobre a Coluna “Panorama”	154
Capítulo 3	157
3 A Ficção Científica de Jerônimo Monteiro	158
3.1 “O Ouro de Manoa”	159
3.1.2 Algumas observações a respeito de “O Ouro de Manoa”	169
3.2 “3 Meses no Século 81”	170
3.2.1 Em 1946	172
3.2.2 No Século 80	176
3.2.3 Observações acerca de “3 Meses no Século 81”	183
3.3 “A Cidade Perdida”	185
3.3.1 Antes da Viagem	187
3.3.2 A Viagem	193
3.3.3 Considerações sobre a Cidade Perdida	199
3.4 “Fuga para Parte Alguma” e “Visitantes do Espaço”	201
3.4.1 “Fuga para Parte Alguma”	201
3.4.2 “Os Visitantes do Espaço”	205
3.5 “Tangentes da Realidade”	206

3.5.1 “As Pedras Radiantes”: O Garimpeiro do Espaço E sua Caixa-preta	208
3.5.2 “Estação Espacial Alfa”	212
3.5.3 “O Copo de Cristal”	215
3.5.4 “Missão de Paz”	219
3.5.5 O Fantástico e o Fantástico Absurdo: “Um Braço na Quarta Dimensão” e “O Sonho”	222
3.6 Conclusões sobre a Ficção Científica de Jerônimo Monteiro	224
 CONCLUSÃO	 228
 REFERÊNCIAS	 241
 APÊNDICES	 258
 ANEXOS	 315

INTRODUÇÃO

Apresentação Pessoal

Desde pequeno, sempre observei minha mãe e meu pai lendo. Lembro-me bem: meu pai dava preferência à literatura estrangeira, principalmente na forma de *best-sellers*; mas minha mãe tinha o hábito de ler autores brasileiros, principalmente José Mauro de Vasconcelos (1920 – 1984). Algumas vezes, meu pai lia romances policiais, ou de ficção científica e, claramente, por sua influência, tomei meu primeiro contato literário com o gênero, por meio da série de ficção científica *space opera* “Perry Rhodan”¹, à época, publicada em formato de livros de bolso, pela Ediouro. Sinceramente, não gostei muito da série: eu a achava complicada e pouco divertida. Porém, com o passar do tempo, passei a me interessar por alguns assuntos abordados em “Perry Rhodan”, e me tornei leitor de ficção científica².

Paralelamente, eu sempre visitava minha tia-avó, e, numa dessas visitas, tomei contato com uma espécie de publicação por mim desconhecida. Ela lia um tipo diferente de revista que trazia, principalmente, histórias de crimes verdadeiros; algumas em especial me chamaram a atenção, as revistas “Detetive”, “Meia-Noite” e “X-9”. Naquele tempo, não sabia que se tratava de publicações *pulps*, mas o interesse foi imediato. Comecei a procurar revistas produzidas dentro desse mesmo estilo e, para minha infelicidade, não encontrei quase nenhuma nas bancas de jornal. Conversando com minha mãe, descobri a existência dos sebos do centro de São Paulo e, praticamente todas as semanas, ia visitá-los a fim de comprar algumas revistas *pulp*.

Contudo, conforme fui ficando mais velho, o tema “crime verdadeiro” começou a me cansar, e passei a procurar *pulps* de outros temas, principalmente policial, terror, fantasia e ficção científica. Assim, conheci os livros de bolso da editora CEDIBRA – eu comprava os da coleção “Trevo Negro”, dedicada ao terror – os livretos de suspense da editora Monterey – em

¹ Em 1961, a série “Perry Rhodan” foi criada por dois autores: K. H. Scheer e Clark Dalton. A intenção inicial era escrever uma trilogia, não obstante, a série continua até hoje, publicada semanalmente na Alemanha, seu país de origem. (PROJTRAD, 2016?).

² Na presente tese, a sigla FC será utilizada, muitas vezes, para designar ficção científica.

especial ZZ7 e FBI – e os livros de bolso da coleção “Argonauta”³, totalmente dedicada à ficção científica. Em relação aos gêneros fantasia, horror e policial, eu já conhecia diversos outros autores, além dos publicados em *pulps*, mas, no que diz respeito à ficção científica, foi a primeira vez. A leitura dos autores clássicos de FC modificou bastante meu gosto literário: não deixei de lado os *pulps*, mas também passei a ler autores consagrados nos gêneros acima citados, dando ênfase a eles.

Figura 1 - Capa da Revista "Meia-Noite". Maio de 1948

³ Coleção de livros de bolso do gênero ficção científica, publicada pela editora portuguesa “Livros do Brasil”, a partir de 1953. A coleção possui mais de 500 exemplares, e apresentou autores dos mais diversos países, inclusive do Brasil. (SILVA,2016?)

Figura 2 - Capa do Livro de bolso "A Garra da Maldade", da série vermelha da coleção ZZ7, publicada pela editora Monterey. Julho de 1974.

Numa dessas idas a sebos – se não me engano, foi no do Messias, ainda em seu endereço antigo – eu buscava principalmente livros de ficção científica: eu queria ler “O Planeta dos Macacos” (1963), de Pierre Boulle (1912 – 1994), pois gostava muito do filme e da série de televisão. Não encontrei o título que buscava, porém, na sessão de FC, deparei-me com um escritor que

ainda não conhecia: Rubens Teixeira Scavone⁴ (1925 – 2007), autor do livro “O Homem que Viu o Disco Voador”. Lendo a orelha do livro, descobri que o escritor era brasileiro. Fiquei extremamente curioso - nunca tinha lido nenhum autor brasileiro do gênero – e acabei comprando o livro. Li e gostei bastante.

No final da década de 1990, a internet ainda era incipiente no Brasil: o acesso, além de bastante caro, era discado; e não havia a profusão de sites de hoje em dia. Sendo assim, era necessário, muitas vezes, ir atrás de determinado livro, garimpando-o em sebos e livrarias. O atendente do sebo do Messias não sabia me informar sobre nenhum outro autor brasileiro do gênero e eu comecei a procurar em outros locais. Descobri, por acaso, a livraria “Temos Livros”, na Av. São João, bem perto do Largo do Anhangabaú, e notei que se tratava de um ponto freqüentado por vários entusiastas da ficção especulativa e literatura de guerra. O livreiro conhecia bem o assunto e me indicou dois autores nacionais: André Carneiro⁵ (1922 – 2014) e Jerônimo Monteiro⁶ (1908 – 1970).

De André Carneiro, nesse contato inicial, não gostei: achava-o extremamente poético e cansativo; hoje em dia, considero-o o melhor autor brasileiro de ficção científica. Já de Jerônimo Monteiro, gostei bastante, principalmente de seus dois primeiros romances de FC – “3 Meses no Século 81” (1947) e “A Cidade Perdida” (1948) – e de sua coletânea de contos “Tangentes da Realidade” (1969). O que me chamou a atenção em seus livros foi a mistura entre a ciência e o fantástico, algo que eu já tinha visto em autores internacionais, mas agora percebia de forma diferente.

Em 1998 entrei no curso de História, na FFLCH, USP, e, devido à alta carga de leitura exigida, deixei um pouco de lado a ficção especulativa; eu não

⁴ Rubens Teixeira Scavone foi um escritor brasileiro, não só do gênero ficção científica. Em 1973, ganhou o prêmio Jabuti, na categoria romance, com o livro “Clube de Campo”. (WIKIPEDIA, 2015?)

⁵ André Carneiro foi um poeta, artista plástico, escritor e cineasta brasileiro. Ganhou prêmio em diversos países e teve sua obra de ficção traduzida para vários idiomas. Sua obra de ficção científica tem sido bastante estudada, inclusive nos EUA. Obras destacadas: “Diário da Nave Perdida” (1963), “Introdução ao Estudo da ‘Science Fiction’” (1967), “Amorquia” (1991) e “Confissões do Inexplicável” (2007). (SF-ENCYCLOPEDIA, 2013?)

⁶ Muitas vezes, na presente tese, a sigla JM será usada para indicar Jerônimo Monteiro.

parei de ler o gênero, mas lia bem menos. Na faculdade, a matéria de que mais gostei foi “História da Ciência”. Posteriormente, fiz mestrado na área (2006), quando estudei o “Instituto Biológico de São Paulo” sob orientação do Prof. Dr. Gildo Magalhães dos Santos Filho.

Após concluir o mestrado, fiquei oito anos distante da academia, a fim de trabalhar. Nesse período, retomei meus hábitos de leitura – principalmente de ficção especulativa – e passei a refletir, durante algum tempo, sobre a possibilidade de pesquisar a ficção científica de Jerônimo Monteiro, num possível doutorado. A reflexão foi amadurecendo e, conforme relia as obras do autor, concluí ser possível realizar tal estudo. Em 2014, inscrevi-me no programa de doutorado em “História Social”, sob orientação da Profa. Dra. Márica Regina Barros da Silva, que acreditou no projeto e, agora, apresento o texto que foi resultado da pesquisa.

Tema

O presente tem por objetivo analisar a obra de ficção científica de Jerônimo Monteiro, assim como seus escritos na coluna “Panorama”, notadamente em sua relação com a ciência brasileira e/ou estrangeira. Para tanto, é importante apresentar pequeno resumo biográfico⁷ de JM, a fim de mostrar, principalmente, sua contribuição para com o gênero.

Jerônimo Monteiro nasceu em São Paulo, em 1908, e faleceu na mesma cidade, no ano de 1970. Residiu boa parte da vida no litoral paulista, principalmente na cidade de Mongaguá. Foi um dos primeiros escritores brasileiros de ficção científica e jornalista, sendo que nessa profissão escrevia uma coluna sobre FC para o jornal “A Tribuna de Santos”, e contribuiu para as revistas “A Cigarra”, “Fonfon”, e “O Cruzeiro”. Trabalhou na “Editora Abril”, nas décadas de 1950 e 1960. Foi o primeiro editor da revista “O Pato Donald”, onde

⁷ Não pretendi, neste breve resumo, traçar perfil de Jerônimo Monteiro; esse é um dos objetivos do capítulo 1. Meu único objetivo foi mostrar sua contribuição, no Brasil, ao gênero da ficção científica, justificando, assim, a delimitação do tema.

começou a traduzir, para o português, histórias em quadrinhos de Walt Disney (1901 – 1966), inventando os nomes de personagens Disney que subsistem até hoje no Brasil, como, por exemplo: Tio Patinhas, Huguinho, Zezinho e Luizinho, entre outros. Também escreveu diversos livros de literatura infanto-juvenil. Fundou a “Associação Brasileira de Ficção Científica” (ABFC) em 1965 e, no início de 1970, tornou-se o editor do “Magazine de Ficção Científica”, edição brasileira do “*The Magazine of Fantasy and Science Fiction*”. Na década de 1990, a extinta “*Isaac Asimov Magazine*” (edição brasileira da “*Asimov’s Science Fiction*”) criou o “Prêmio Jerônimo Monteiro”, em homenagem ao escritor⁸.

A participação de Jerônimo na geração GRD⁹ foi muito grande:

Tanto Monteiro quanto Scavone mais tarde se integraram ao esforço que o editor baiano Gumercindo Rocha Dorea viria a realizar, no período de 1960 a 1965, para dar coerência e cara própria à ficção científica brasileira, através da coleção Ficção Científica GRD. (CAUSO, 2007, p. 16)

E com ela contribuiu, dando um caráter nacional à FC:

Claro, não havia muito desejo da Geração GRD – no que vem sendo chamado internacionalmente de “A Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira” – em inventar para o gênero uma cara e um corpo brasileiros, monstro de Frankenstein de rosto moreno e disposição tropical (em seu romance clássico, Mary Shelley sugere que a criatura fugiria, com a companheira feminina que existia de seu criador, para as vastas amplidões da América do Sul – uma deixa que os brasileiros falharam em pegar). Salvo por Monteiro e uns outros poucos partícipes da Primeira Onda, a representação da experiência brasileira – algo que os Pioneiros fizeram, bem ou mal – parecia uma busca a se dar fora das fronteiras da FC. (CAUSO, 2007, p. 18)

⁸ Parágrafo baseado, principalmente em CUNHA (1974). As informações referentes à década de 1990 foram coligidas por mim.

⁹ Outro nome para a chamada “Primeira Onda de Ficção Científica Brasileira”. A sigla refere-se às edições GRD, que publicaram, a partir dos anos 1950, diversos autores brasileiros de ficção científica. O título da coleção foi retirado das iniciais do nome de seu fundador e editor, o baiano Gumercindo Rocha Dorea (1924).

Jerônimo Monteiro também foi o idealizador de uma das primeiras séries radiofônicas de ação transmitidas no Brasil, “As Aventuras de Dick Peter”¹⁰ (1937), transmitidas pela Rádio Difusora (posteriormente Rádio Tupi) de São Paulo. Dick Peter, de acordo com CAUSO (2007, p. 14)

se envolvia em ações muito próximas da ficção científica, com engenhos e monstros ameaçadores. Transposto para a ficção, Dick Peter fez sucesso com Monteiro assinando como “Ronnie Wells” (o último nome se constituindo numa homenagem clara a H. G. Wells, seu autor favorito e maior influência).¹⁰

Todavia, mesmo sendo fã da FC estrangeira e dos *pulps*, JM dá sabor fortemente brasileiro à sua prosa:

A influência de Wells se manifesta ainda mais claramente no romance de Jerônimo Monteiro, 3 Meses no Século 81 (1947), que mistura aspectos de a Guerra dos Mundos (1898), A Máquina do Tempo (1895) e When the Sleep Wakes (1899). O seu protagonista, Campos, um industrial brasileiro, confronta o próprio Wells, com a possibilidade de realizar o feito do Viajante do Tempo, no romance de 1895. Mas como poderia um brasileiro em 1946 reunir os recursos tecnológicos para a empreitada? Monteiro, ciente da situação precária da ciência brasileira, mas nem por isso dirimido da tarefa de criar uma aventura de verdade, leva Campos ao futuro pela “transmigração da alma”, provocada por médiuns recrutados pelo personagem. O viajante do tempo tupiniquim desperta no corpo recém-atropelado de um importante empresário, e rapidamente se familiariza com o futuro em que foi parar. Não apenas o herói de Monteiro de fato viaja no tempo, como, estando lá, age sobre os fatos, liderando uma rebelião de humanistas contra a elite massificadora da Terra futura, aliando-se aos marcianos com quem o nosso planeta está em guerra. Monteiro mostrou que não apenas de capacitação tecnológica se protagoniza o processo histórico, mas também de vontade individual e coletiva, de suas forças espirituais. O elemento aventureiro denuncia essa disposição. (CAUSO, 2007, p. 15-16)

¹⁰ Não encontrei gravações ou roteiros em parte alguma.

Além disso, de modo algum a ficção de Jerônimo Monteiro é alienada do momento, ou apenas preocupada com as possibilidades de aventuras causadas pela tecnologia. Antes de tudo, é uma prosa comprometida com seu contexto e suas necessidades, e com o próprio autor. Roberto de Sousa Causo (2007, p. 91), ao analisar o conto “*Um Copo de Cristal*”, comenta:

Em “O Copo de Cristal”, [...] Monteiro revela alguns aspectos centrais da sua produção, além de elementos que são distintivos da FC brasileira - a descrição de uma vida simples, um certo tom intimista, a crítica à imaturidade humana – e da FC da década de 1960 – o temor da guerra nuclear, especialmente. Aparecem ainda detalhes da vida do escritor: a infância tiranizada pelo rígido pai, a experiência de ser preso pelo regime militar, e a casa em Mongaguá, na qual se deram tantos almoços reunindo os fãs de ficção científica que formaram o “Primeiro Fandom” brasileiro, e até sua coluna no Jornal Tribuna de Santos. Monteiro foi um dos criadores da Associação Brasileira de Ficção Científica, em 1965, e esteve à testa do movimento de fãs até sua morte, em 1970.

E prossegue, retratando como, além de divertir, o conto de JM é altamente fincado em seu tempo, funcionando como crítica:

o que é testemunhado aqui (em “O Copo de Cristal”) reflete intensamente a experiência brasileira do momento: a crítica direta aos excessos do regime militar – o conto foi escrito em maio de 1964, um mês após a tomada do poder pelos militares, e sua existência contesta o senso comum de que os autores da década de 1960 se abstiveram de criticar o golpe de Estado - , que é inserido num movimento maior de violência e autodestruição total” (CAUSO, 2007, p. 92).

Parece-me importante citar as palavras de Leo Godoy Otero acerca de Jerônimo Monteiro, para mostrar a importância do autor, dentro do gênero de ficção científica, e assim também justificar o tema:

Jerônimo Monteiro, exemplo de honestidade e sinceridade artísticas, é o Hugo Gernsback da antecipação brasileira. Radiofonizando novelas de sua lavra, lá pelos anos 30 estarecia os ouvintes aventurando-se pelo planeta Marte, à maneira dos seriados de Flash Gordon. [...] Na sua arraigada

crença na ciência – deslumbrado ante as conquistas da tecnologia -, iniciado nos arcanos do “regionalismo espacial antes e durante os idos do famigerado Estado Novo, ao tempo em que os Hitler, os Rosenberg, fundados nos remotos mitos das super-raças e, proximamente, nos conceitos de José Arthur de Cobineau, “proíbiam” o direito de existência aos não arianos, mormente a povos de nações tropicais [...] Jerônimo Monteiro vislumbrava a potencialidade do desenvolvimento do homem, num sentido dialético, desvendando um futuro esplendoroso, através da literatura, apto a colher quaisquer povos da Terra e do céu (OTERO, 1987, p. 180).

Pela breve biografia acima apresentada, assim como pelas longas citações, percebe-se a importância de Jerônimo Monteiro ao se falar da ficção científica nacional. Contudo, o assunto ficção científica também é importante no contexto presente. Nos dias de hoje, a FC tomou proporções muito maiores, inclusive no Brasil:

- Muitas séries de FC são transmitidas por streaming (“*Black Mirror*”, inclusive é sucesso de audiência e crítica);
- Devido à facilidade de publicação proporcionada pelos aparelhos leitores de *e-books*, cada vez mais livros são publicados sobre o tema, inclusive brasileiros;
- a *Netflix* lançou, em 2016, a série brasileira de ficção científica “3%”, já em sua terceira temporada, com 26 episódios;
- No ano de 1984, foi criada, em São Paulo, a editora “Aleph”, responsável por publicar, principalmente, clássicos da ficção científica.
- Há dois gêneros brasileiros de FC: o “Tupinipunk” e o “Cyberagreste”.

Objetivos:

A pesquisa objetiva analisar as obras de ficção científica de Jerônimo Monteiro – “3 Meses no Século 81” (1947), “A Cidade Perdida” (1948), “Fuga para Parte Alguma” (1961), “Visitantes do Espaço” (1963) e “Tangentes da

Realidade” (1969), ou seja, livros de FC – além do romance de aventura “O Ouro de Manoa¹¹” (1974). Também serão analisadas as colunas “Panorama”, escritas por Jerônimo Monteiro e publicadas no jornal “Folha de São Paulo”, entre 1958 e 1970.

Na análise das obras literárias, que gerou o capítulo 3 da presente tese, o objetivo foi perceber se existe ligação entre o conteúdo das obras e o conhecimento científico, seja ele brasileiro ou internacional. Também se observou como se deu a construção do fantástico na ficção científica de Jerônimo Monteiro, a partir da reflexão de Todorov¹² (1992) e, principalmente, do Realismo Fantástico¹³. A relação entre conhecimento científico e fantástico será outro ponto trabalhado na análise, assim como a presença de aspectos de brasilidade. Também propus, como elemento de análise, a utilização do conceito latouriano de caixa-preta ao se discutir FC, a fim de perceber como a categoria ciência se comporta nos textos de JM e, por extensão, na ficção científica.

¹¹ O livro foi selecionado por tratar de um dos temas preferidos de Jerônimo Monteiro: a civilização atlante e sua presença no Brasil. (Nota do autor.)

¹² Os conceitos e categorias propostos por Todorov não serão diretamente utilizados na análise. Não obstante, o “maravilhoso instrumental” (TODOROV, 1992) - onde o sobrenatural, o fantástico e o impossível são explicados de forma racional, por meio de leis que a ciência ainda não reconhece – permeia toda a ficção especulativa de Jerônimo Monteiro. Ou seja, nos escritos de JM, os fatos de encadeiam logicamente, a partir de premissas fantásticas ou irracionais.

¹³ Movimento criado por Charles Fort (1874 – 1932), com a publicação de “O Livro dos Danados” (1919), onde o autor critica a ciência de sua época, principalmente por não explicar - nem sequer tentar - uma série de fenômenos estranhos coletados na imprensa, os quais ele chama de anômalos. No ano de 1960, com a publicação “O Despertar dos Mágicos – Uma Introdução ao Realismo Fantástico”, Louis Pauwels (1920 – 1997) e Jacques Bergier (1912 – 1978), dão continuidade e maior destaque ao movimento, desenvolvendo, entre outras, as seguintes questões: crítica ao positivismo, sociedades secretas como forma de governo, grande avanço tecnológico de civilizações antigas, origens ocultas e esotéricas do nazismo, parapsicologia, alquimia etc. No Brasil, o “Realismo Fantástico” foi principalmente impulsionado pela revista “Planeta”, fundada em 1972, e pela coleção “Realismo Fantástico”, publicada pela Ediouro nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Os títulos da coleção versavam sobre: Atlântida, sociedades secretas, parapsicologia, espiritismo, profecias, civilizações perdidas, criaturas extraordinárias, discos-voadores, entre outros. Não apresenta relação alguma com a escola literária “Realismo Mágico”, também do século XX. (GUTIEREZ, 2015?)

Para fazer a análise, li os livros de JM diversas vezes e levantei trechos de interesse. Passei a analisá-los em relação aos três aspectos (ciência, fantástico e brasilidade), notando como todos se relacionam entre si. Tentei perceber se o tratamento dado a esses temas é uniforme em Jerônimo Monteiro, ou muda conforme a época de publicação.

No que concerne à coluna “Panorama”, minha análise também se preocupou com as categorias ciência, fantástico e brasilidade, assim como com a relação entre elas. Objetivei decompor a coluna tanto em aspectos morfológicos quanto de conteúdo¹⁴, buscando, na maior parte das vezes, compreender como os aspectos supracitados são tratados e se há relação entre eles. Contudo, além disso, trabalhei a relação entre os conteúdos da coluna “Panorama” com os conteúdos da página em que ela se encontra, da página ao lado, do caderno e do jornal. Tal estudo buscou, como na análise das obras literárias, ver se houve mudanças no decorrer da publicação, ou seja, de 1958 a 1970.

Não obstante as análises propostas nos parágrafos anteriores, percebi a grande necessidade de apresentar ao leitor, nem sempre familiarizado com ficção científica, alguns dos termos e discussões referentes ao gênero. Para isso, no primeiro capítulo, redigi um pequeno histórico do gênero do Brasil, uma pequena discussão sobre o gênero, baseada em autores citados na bibliografia, e apresentação dos principais temas e gêneros internos à FC. Ademais, pareceu-me impossível falar das obras sem tocar na biografia do autor, então acresci ao capítulo um perfil biográfico de Jerônimo Monteiro, cujo cerne foi tentar levantar, por meio dos ambientes freqüentados e personagens conhecidos, as principais ideias do autor e o reflexo destas em sua obra.

Algumas hipóteses nortearam toda a pesquisa e foram corroboradas no capítulo “Conclusão”. São elas:

1. A ciência brasileira e internacional está presente na obra de ficção científica de Jerônimo Monteiro, algumas vezes, de forma explícita;

¹⁴Esse aspecto será tratado no capítulo 2.

2. Jerônimo Monteiro, em sua obra de FC, preocupava-se principalmente com o aspecto social da ciência, sendo totalmente contrário a uma C&T desvinculada de quaisquer princípios éticos ou morais;
3. A construção do fantástico, nas narrativas de Jerônimo Monteiro, não se dá apenas pelo uso da capacidade imaginativa do autor ou por meio do diálogo com outras obras fantásticas ou de ficção científica, mas antes se vincula ao fantástico propalado pela corrente denominada “Realismo Fantástico”.

Algumas Considerações:

Numa leitura ingênua da obra de Jerônimo Monteiro, poder-se-ia dizer que os elementos científicos encontrados são facilmente substituíveis por elementos fantásticos, em nada alterando o significado dos textos. Todavia, isso não ocorre: apesar de o autor misturar elementos científicos com noções místicas e/ou oriundas do esoterismo, os aspectos científicos cumprem uma função além da meramente informativa ou de preenchimento lacunar. Podemos dizer que os aspectos científicos notadamente mostram, por parte do escritor, o conhecimento acerca da C&T nacionais, e a necessidade de um maior desenvolvimento da mesma. Para tanto, é essencial analisar, cuidadosamente, as relações entre aspectos de ciência e fantástico nas obras em questão.

Muitas vezes, em seus romances e contos, JM dá maior ênfase ao misticismo pseudocientífico, principalmente ao apresentado pela corrente do Realismo Fantástico, proposto pelo livro *O “Despertar dos Mágicos”* (BERGIER e PAUWELS, 1965), onde civilizações da Antiguidade já lidavam com energia nuclear, engenharia biológica etc. Todavia, os pontos daí originários servem, na maioria das vezes, para completar o conhecimento científico ou discuti-lo.

Jerônimo Monteiro crê profundamente na ciência, tanto que nela vê grandes motivos para o progresso nacional, mas desconfia, muitas vezes, das políticas e aplicações científicas desvinculadas de qualquer ética, notando que as mesmas são empecilhos para o progresso. Mesmo se tratando de FC *soft*,

ou ainda, como preferimos, de ficção especulativa, a obra de JM faz interessante crítica ao panorama científico de sua época, mostrando que o progresso da ciência deve ocorrer, necessariamente, sob forte base ética.

CAPÍTULO I

1.1 - Apresentação

Nos dizeres de Bráulio Tavares (1986, p.7):

A narrativa de ficção científica (fc) ocupa hoje os espaços mais variados: livros, revistas, álbuns de luxo, histórias em quadrinhos, cinema e TV, discos e concertos de rock. Nada mal para um gênero que foi considerado imaturo pelos adultos de várias gerações sucessivas, mas que se ampliou e diversificou a tal ponto que surpreenderia alguns de seus antepassados ilustres.

Não obstante a importância do gênero, a academia, aparentemente, dedica pouco estudo ao tema da Ficção Científica. Em levantamento feito no banco de teses da USP e da UNICAMP, percebemos o pequeno número de trabalhos¹⁵. As publicações que pretendem estudar o assunto, se comparadas às destinadas a outros temas, são em número reduzido no Brasil, além disso, tratam principalmente de autores estrangeiros

Notadamente, a FC, mesmo muitas vezes reduzida a pequeno grupo de leitores, formado pelo *fandom*¹⁶ nacional, interfere no imaginário brasileiro ligado à ciência, assim como traz elementos inerentes à própria ciência e que possibilitam a discussão da mesma em sua historicidade. De acordo com Leo Godoy Otero:

Ao consenso da “Teoria da Ciência” – disciplina recentíssima que estuda as diversas ciências tanto quanto estas estudam os diferentes fenômenos – constitui a ficção científica uma avançada técnica de especular-se livre da estreita obediência aos cânones inerentes às disciplinas ortodoxas. Os que criam ficção científica não o fazem na qualidade de cientistas mas, sim, de artistas, pois seu objetivo é suscitar no leitor emoções sombrias àquelas que lhe plasmaram a obra literária. (OTERO, 1987, p. 9)

¹⁵Na USP, entre teses e dissertações, foram encontrados quatorze trabalhos ligados à FC; na UNICAMP, cinco; na UNESP, zero. A lista encontra-se em adendos.

¹⁶Grupo de fãs ao redor de determinado gênero, livro, personagem, filme, série etc. Muitas vezes, publicam fanzines e organizam convenções. (MAGALHÃES, 1998)

Essa relação nem sempre clara entre ciência e FC será discutida adiante, e, no desenvolvimento do trabalho, procurarei encontrar de que forma a ciência brasileira influenciou na produção da FC nacional, especificamente na obra do autor brasileiro Jerônimo Monteiro.

A escassa produção historiográfica referente à FC, o estabelecimento de relações entre a ficção científica e a ciência na sociedade brasileira, as relações entre FC e imaginário, assim como a descoberta de novas fontes, dispersas nas mais variadas publicações, justificam esta pesquisa. Os poucos estudos¹⁷ referentes ao assunto mostram a necessidade de maiores pesquisas. O conceito de imaginário¹⁸, propalado pela Nova História, a História Intelectual e alguns conceitos retirados da obra de Bruno Latour, norteiam este trabalho.

A fim de mostrar a importância da FC, citamos David Allen (s/d, p.223):

o interesse fundamental da Ficção Científica encontra-se na relação entre o homem e sua tecnologia e entre o homem e o universo. A ficção científica é uma literatura de mudança e uma literatura do futuro, embora seja tolo afirmar que a ficção científica é um gênero de grande importância nessa época, os aspectos da vida humana que ela considera tornam-se leitura e estudo de muito valor – pois nenhuma outra forma literária faz exatamente as mesmas coisas.

1.2 A Ficção Científica:

Ficção Científica – ou FC - é um tipo de ficção desenvolvido a partir do século XIX, cujo cerne é o impacto da ciência, real ou fictícia, sobre as pessoas e a sociedade. O termo é usado, com maior amplitude, na definição de qualquer fantasia literária que inclua o fator ciência como componente

¹⁷A maior parte dos estudos sobre FC nacional foi escrita por fãs, fora de qualquer paradigma ou metodologia científica, e se preocupa apenas em arrolar as obras, efetuando crítica expressionista destas. Como exceção, podemos citar a excelente obra de **Roberto Souza Causo** (2003), baseada numa pesquisa de Iniciação científica feita pelo autor, na FFLCH.

¹⁸O conceito de Imaginário é discutido em: PATLAGEAN (1998).

essencial, e num sentido ainda mais geral, para fazer alusão a qualquer tipo de fantasia literária (BARRON, 1995).

Esse tipo de literatura pode consistir numa cuidadosa e bem informada extrapolação sobre fatos e princípios científicos, ou abranger áreas profundamente rebuscadas, que contrariam definitivamente esses fatos e princípios. “Frankenstein” (1818) de Mary Shelley, e “O Médico e o Monstro” (1886) de Robert Louis Stevenson, podem ser consideradas obras precursoras da FC. Há, ainda, muitos casos de obras que se situam na fronteira do gênero, usando a situação no espaço sideral, ou tecnologia de aspecto futurista, apenas como decoração para narrativas de aventura e romance. (CLUTE, 1995).

A ficção científica só se tornou possível devido à ascensão da ciência moderna, sobretudo pelas revoluções operadas na Astronomia, na Física, na Biologia, nas Engenharias etc. Além da literatura fantástica, o gênero teve dois grandes precursores que empreenderam relatos fictícios de viagens a outros planetas no século XVIII: viagens espaciais no “Micromégas” (1752), de Voltaire e culturas alienígenas em “As Viagens de Gulliver” (1726) de Jonathan Swift. Também encontramos elementos de FC nas obras de Edgar Allan Poe (“Estranho Relato de Arthur Gordon Pinn” – 1838), Nathaniel Hawthorne (“A Letra Escarlate” – 1850) e Fitz-James O’Brien (“O que foi isso? Um Mistério” – 1859), autores do século XIX. A literatura considera que o verdadeiro início da ficção científica, contudo, dá-se no final do século XIX, com os romances científicos de Jules Verne (“Viagem ao Centro da Terra” – 1864; “Vinte Mil Léguas Submarinas” – 1870), cuja ciência se situava ao nível da invenção, bem como as novelas, cientificamente orientadas, de crítica social de H. G. Wells (“A Máquina do Tempo” – 1895; “O Homem Invisível” – 1897; “A Guerra dos Mundos” – 1898) (WESTFAHL, 2005).

O desenvolvimento da FC como gênero consciente de si próprio data de 1926, quando Hugo Gernsback¹⁹ (1884 – 1967), que cunhou a palavra combinada *scientifiction* (que se poderia traduzir para português como

¹⁹**Hugo Gernsback** foi inventor, editor e autor de FC. Nascido em Luxemburgo, em 1905 migrou para o EUA a fim de comercializar uma pilha de invenção própria. (SF-ENCYCLOPEDIA, 2011?)

cientificação), fundou a revista “*Amazing Stories*”, dedicada exclusivamente a histórias de ficção científica. Publicadas nesta e noutras revistas *pulp*²⁰, com grande e crescente sucesso, tais histórias não eram vistas pelos setores literários como literatura, mas sim como sensacionalismo. Com a chegada, em 1937, do exigente editor John W. Campbell²¹ (1910 – 1971), da “*Astounding Science Fiction*” (revista fundada em 1930), aliada à publicação de contos e novelas por escritores como Isaac Asimov²² (1919 – 1992), Arthur C. Clarke²³ (1919 – 2008) e Robert A. Heinlein²⁴ (1907-1988) a ficção científica emergiu como uma forma de ficção séria. As aproximações ao gênero por escritores famosos que não se dedicavam exclusivamente à FC, como Aldous Huxley (“Admirável Mundo Novo” – 1932), C. S. Lewis (“Longe do Planeta Silencioso” – 1938) e Kurt Vonegut (“Revolução no Futuro” – 1952), também adicionaram maior respeitabilidade ao gênero nos meios editoriais. Apesar desse incremento na aceitação da FC, capas de revistas com monstros e mulheres seminuas preservaram em muitas mentes a imagem de sensacionalismo. (WESTFAHL, 2005)

²⁰ *Pulp magazines* são revistas publicadas em papel barato e muitas vezes editadas de forma simples. Habitualmente, comunicam temas sensacionalistas, além de ficção especulativa, policial, detetivesca e ou envolvendo crime real; no Brasil, podemos citar as publicações *Detetive* e *X-9*, entre outras. Opõe-se às *slick magazines*: revistas “sérias”, produzidas com papel de melhor qualidade. (Nota do autor)

²¹ John W. Campbell foi um editor e escritor estadunidense de ficção científica. Escreveu a novela “*Who Goes There*” (1938), que foi adaptada para o cinema, sob a direção de John Carpenter, com o nome de “O Enigma do Outro Mundo” (1982). (SF-ENCYCLOPEDIA, 2006?)

²² **Asimov** (1981) tende a considerar a maior parte dos textos de FC como textos de fantasia, justamente devido à falta de respaldo científico. Esse aspecto será desenvolvido adiante. Algumas de suas obras: *Nós, Robôs* – 1982; *Sonhos de Robô* – 1986; *Visões de Robô* – 1986; *Fundação* – 1951; *Viagem Fantástica* – 1966; *Despertar dos Deuses* – 1972.

²³ Principais obras: 2001: Uma Odisséia no Espaço – 1968; 2010: Uma Odisséia no Espaço 2 – 1982; 2061: Uma Odisséia no Espaço 3 – 1988; 3001: A Odisséia Final – 1997

²⁴ Algumas obras: *O Dia depois de Amanhã* – 1941; *O Planeta Vermelho* – 1949; *O Tempo das Estrelas* – 1955; *Tropas Estelares* – 1959)

Figura 3 - Capa da Revista Amazing Stories. Abril de 1926.

Figura 4 - Capa da Revista "Detetive", de fevereiro de 1954.

Figura 5 - Capa da Revista "X-9", de julho de 1957.

Assistiu-se a um grande incremento na popularidade da ficção científica posterior à Segunda Guerra Mundial. Alguns trabalhos de FC tornaram-se *best-sellers*. O autor Gilberto Schroeder (1986) cita a crescente sofisticação intelectual do gênero, assim como a ênfase em assuntos psicológicos e sociais, como razão do alargamento significativo do apelo da ficção científica junto ao público leitor. Nos países anglo-saxônicos tomou-se consciência da FC escrita noutras línguas, em especial na União Soviética e em outros países do Leste Europeu. Hoje em dia, é comum ver-se crítica séria ao gênero, e a ficção científica é estudada em instituições de ensino superior de várias partes do mundo (pouco no Brasil, como já foi apresentado), havendo interesse nas suas características literárias e na forma como ela se relaciona com a ciência e a sociedade.

Uma das características únicas da FC é a sua forte comunidade de fãs, da qual muitos autores também fazem parte. Há grupos locais de fãs nas mais variadas cidades, sendo bastante usual que os próprios adeptos do gênero acabem por escrever trabalhos de ficção científica, muitas vezes na forma de *fan fiction*²⁵, ou criem textos totalmente inéditos. Existem muitas revistas de fãs²⁶ (e também algumas profissionais) que se dedicam a informar ao público sobre todas as vertentes do gênero. Os principais prêmios da ficção científica, os Prêmios Hugo e Nebula, são atribuídos, respectivamente pelos participantes da convenção anual *Worldcon*²⁷ (organizada quase exclusivamente por fãs voluntários) e membros da *Science Fiction and Fantasy Writers of America* (1966), entidade que reúne autores profissionais dos gêneros.

É importante ressaltar que, dentro do gênero FC, encontram-se duas subdivisões (CLUTE, 1995): “FC *Hard*” - baseada nas *hard sciences*, é

²⁵ Ficção escrita por fãs, ambientada em universos criados por outros autores, ou utilizando personagens inventados por outros escritores.

²⁶ No Brasil hoje, temos, entre outras, a revista *Scarium* (2002), dedicada à FC, ao terror e à fantasia, assim como a coluna de **Roberto de Sousa Causo** – autor e excelente pesquisador de FC – no magazine Terra (<http://terramagazine.terra.com.br/ficcao/especulativa/blog>). A entidade que agrupa os fãs é o CLFC (Clube dos Leitores de Ficção Científica – <http://www.clfc.org.br>).

²⁷ A *Worldcon* é a mais antiga convenção de ficção científica, foi criada em 1939 e interrompida de 1941 a 1946, devido à Segunda Grande Guerra; até hoje, a convenção existe. (WORLDCON, 2000?)

caracterizada pelo seu interesse no detalhe e precisão científicos, ou ficção científica ligada à verossimilhança científica, preocupada em discutir conceitos científicos; e FC *Soft* – baseada nas *soft sciences*, tem seu foco nos personagens e relações sociais, inexistindo necessidade de relação com a ciência verdadeira. Há ainda uma terceira categoria, a da ficção científica não preocupada com a verossimilhança científica, onde a ciência é principalmente usada como suporte para a história, cujo nome é *scientific fantasy*, e muitas vezes apresenta elementos de ciência em cenários de fantasia. Dentre dessas subdivisões maiores, encontramos outros gêneros²⁸ da FC, baseados principalmente nos temas adotados pelos autores: *Cyberpunk* (dividido em *Biopunk*, *Steampunk* e *Dieselpunk*), FC Apocalíptica e Pós apocalíptica, *Dying Earth*, Viagem no Tempo, FC Militar, História Alternativa, Super-heróis, alienígenas (contatismo e colonização extraterrena, por exemplo), FC Climática, FC Afrofuturista, ficção científica feminista. Essa lista não é exaustiva, pois novos gêneros surgem conforme outros temas são mais desenvolvidos. Abaixo, apresento lista onde explico, resumidamente, cada um dos gêneros:

- **Cyberpunk:** Apresenta sociedades decadentes, mas tecnologicamente desenvolvidas, num clima que lembra os filmes *noir*. Além da ambientação, quase sempre terrestre, muitas vezes o aspecto principal é o uso de próteses biônicas, ou ainda, tecnologias mecatrônicas ou computacionais aplicadas ao corpo humano. Quanto aos gêneros *steampunk* e *dieselpunk*, o enfoque é nos combustíveis que movem a tecnologia: no *steampunk*, vapor; no *diesel*, principalmente diesel ou gasolina. O *Biopunk*, por sua vez, baseia-se principalmente em mutações genéticas, não em implantes.
- **FC Apocalíptica e Pós apocalíptica:** Como o próprio nome diz, apresentam situações onde o mundo, devido principalmente ao mau uso da tecnologia, acaba. A FC Pós apocalíptica descreve os

²⁸ Propositamente, evitei a palavra subgênero, pois pode ser entendida como gênero inferior.

sobreviventes e suas interações, assim como a busca por recursos.

- *Dying Earth*: Forma de FC que muitas vezes traz preocupação ambiental ou ecológica. Mostra o planeta morrendo, devido a abusos cometidos pela humanidade, ou ainda em decorrência de fatos fora de qualquer controle, p. ex.: o fim das chuvas.
- Viagem no Tempo: Um dos gêneros mais clássicos. Consiste na visita de um personagem ou grupo de personagens a outro tempo, pretérito ou futuro. O paradoxo temporal é uma das principais discussões propostas pelo gênero.
- FC Militar: Gênero da ficção científica onde a maior parte dos personagens é militar. Ainda, é o gênero que traz grandes guerras ou batalhas em andamento.
- História Alternativa: um fato, acontecimento ou mudança social desencadeia uma História totalmente diferente.
- Super-heróis: Super-humanos são criados, por meios científicos e/ou tecnológicos, e ajudam na proteção do planeta.
- Alienígenas: Outro tema clássico. Traz em seu bojo a presença de civilizações de outros planetas e o contato entre extraterrestres e humanos. Em muitos casos, a Terra é colonizada por alienígenas.
- FC Climática ou *Cli fi*: O gênero também apresenta preocupações ecológicas ou ambientalistas. Explora, principalmente, o efeito das mudanças climáticas na Terra.
- FC afrofuturista: Combina elementos de ficção científica com afrocentrismo, trabalhando questões da história africana, como a diáspora negra, ou misturando elementos das religiões e mitos africanos à FC. Procura discutir os problemas das pessoas negras, na forma de literatura de gênero.
- FC Feminista: Obras de FC escritas sob uma perspectiva feminina. Aparentemente, a falta de autoras no gênero (a escritura da FC sempre foi majoritariamente masculina), foi a principal causa de seu surgimento. Apresenta forte relação com

os estudos de gênero e mostra preocupação com as condições femininas atuais.

- FC de Horror ou *Horror Sci-fi*: Cruzamento entre os gêneros ficção científica e horror. Trabalha com monstros alienígenas ou naves que chegam a locais aterrorizantes. É meu gênero preferido de FC.

1.2.1 Ciência e Ficção Científica

A questão da utilização de conceitos científicos e tecnológicos na FC, além de criar a dicotomia **Hard FC** e **Soft FC**, já brevemente apresentada e importante para este trabalho, provoca debates entre autores, fãs e estudiosos. Como apresenta Bráulio Tavares (1986, p. 08):

A ciência parece ser uma fonte de inspiração; mas não encontramos – a não ser na maioria dos casos – a presença de racionalizações científicas convincentes. O autor de fc sente-se à vontade para imaginar os fenômenos mais extravagantes, “teorizar” sua existência em duas ou três fases e estamos conversados. Grande parte da fc está mais voltada para a magia do que para a ciência: todo o aspecto tecnológico que a reveste não consegue disfarçar o caráter não-científico da maioria das suas visões... Neste tipo de história a ciência é um mero pretexto: é de fantasia que se trata.

O autor prossegue, argumentando que um dos traços distintivos da FC é justamente “a tentativa de síntese (ou pelo menos de aproximação) entre elementos de diferentes áreas do conhecimento (ciências humanas, exatas e experimentais, filosofia, religião etc.), através da narrativa de ficção”. (TAVARES, 1986, p. 80)

Asimov, defensor de que a FC fosse altamente amparada pelos conceitos científicos, observa que:

Escrever uma boa ficção científica pressupõe um certo conhecimento de ciência de parte de quem o faz. Sem esse

conhecimento, o resultado que se obtém é má ficção científica. O leitor não me interprete mal. A coisa poderá ser boa fantasia, bom filme de horror ou de ocultismo. E até mesmo boa ficção em geral, mas há de ser má ficção científica. Existe uma saída. Não se dê o nome de ficção científica àquilo que se escrever. Chame-se a coisa de fantasia, obra de horror ou ocultismo. Mas se a pessoa quiser situar a história no futuro, empregue roupagens futuristas e situações também futuristas. Essa é a essência da verdadeira ficção científica. Assim, que poderá fazer a pessoa se não quiser envolver-se com a maçada de ter que entender de ciência? (ASIMOV, 1984, p. 376)

E prossegue, sugerindo que em vez de FC, fosse utilizado outro termo: “Creio que Robert Heinlein foi o primeiro a sugerir que deveríamos de preferência falar em ficção especulativa”. (ASIMOV, 1984, p. 28).

O tema central desse trabalho é discutir a obra de FC de Jerônimo Monteiro, assim com suas relações com C&T. Utilizarei, indiscriminadamente, os termos ficção científica e ficção especulativa, embora o segundo me pareça mais adequado, pois, como se verá, Monteiro muitas vezes vai juntar ciência e misticismo em seus textos. Logo, apresentei a definição de Asimov apenas para situar a discussão sobre o gênero. No presente trabalho, não considero FC um gênero que, obrigatoriamente, tem elementos de explicação científica (seria a *hard fc*), mas antes um gênero que traz a ciência em seu bojo, não como aspecto acessório, mas essencial. Assim, a divisão entre FC *hard* e *soft*, será mantida.

1.2.2 Breve Discussão sobre o Gênero

O “fantástico” só pode ser pensado em comparação com o real (HANSEN, 2003). Sendo que ninguém conhece o real em sua totalidade, mas apenas interpretações e comentários deste, o “fantástico” varia historicamente, pois as percepções e interpretações acerca da totalidade do real também

variam no tempo. Dessa forma, o termo ficção especulativa²⁹ - aqui muitas vezes utilizado enquanto sinônimo de ficção científica, - indica especulação acerca dos limites da noção de real, variando conforme essa noção, percepção e/ou interpretação muda. Darei preferência ao uso do termo ficção especulativa, haja vista que a FC apresenta muitas vezes – e Jerônimo Monteiro não é exceção - a incorporação de elementos esotéricos, religiosos ou místicos, como será discutido mais à frente. Exemplos, tanto da ficção científica quanto do realismo fantástico, podem ser: a noção de que só foi possível erigir as pirâmides com ajuda alienígena; os vimanas³⁰ estão indubitavelmente ligados às ideias de Madame Blavatsky etc.; casos em que se utiliza a ciência como preenchimento e adjetivo, objetivando dar ares de científico a algo que é místico, esotérico ou desconhecido, ou misturando fantástico e ciência.

Como se vê em grande parte dos autores de FC, a junção entre o científico e o religioso ou fantástico muitas vezes está presente. Logo, é ininteressante observar, como se dá, no decorrer do tempo

a fusão de elementos mitológicos, medievalizantes, mágicos, arcaicos e regressivos com elementos científicos, tecnológicos, energias fulminantes e seres alienígenas com sutis corpos de lagarto, teletransporte e dobras temporais. (HANSEN, 2003, p. 17)

E, a partir daí, levantar a seguinte questão:

A que corresponderia, no imaginário contemporâneo, a fusão do arcaico do mito com a livre especulação sobre imagens estereotipadas das ciências da natureza e da tecnologia astronáutica? (HANSEN, 2003, p. 17)

²⁹ Fantasia e FC são gêneros irmãos: o primeiro apresenta um mundo diferente do real por meio da magia e do sobrenatural, o segundo através da C&T. Já o horror pode ser considerado o terceiro gênero, cujas raízes são encontradas no romance gótico.

³⁰ Naves presentes na antiga literatura indiana. Alguns ufólogos, principalmente os ligados à ufoarqueologia, interpretam essas naves como sinais de alto desenvolvimento tecnológico nas culturas da Antiguidade (BIBLIOTECA PLEYADES, 2001).

Vê-se, a partir dessa mistura, que o gênero pode ser bastante escorregadio, de difícil classificação, sendo a ficção científica de ainda maior complexidade classificatória. Para o navegante de primeira viagem, FC pode soar como gênero fechado em si no que diz respeito às suas possibilidades, temas e estruturas. Todavia, podemos entendê-lo como o gênero cujo cerne projeta nas páginas metáforas e alegorias da C&T, geralmente por meio de alguma viagem fantástica (profundezas terrestres, viagem temporal, continentes perdidos, outros planetas etc); contato com outras civilizações e sua respectiva cultura (alienígenas humanóides ou não); ou um hipotético futuro humano, seja ele utópico ou distópico. Ou seja, pode-se definir a FC como gênero da ficção especulativa, cuja principal característica é metaforizar a ciência e a tecnologia, sejam elas reais ou inventadas.

Antes da escrita, o fantástico e o especulativo existiram na forma oral, muitas vezes tomando o aspecto de mito, sendo que, na ficção especulativa, a questão mítica é fulcral, pois esta, muitas vezes, assume caráter de possibilidade e/ou probabilidade.

O mito pode ser apreciado como sendo aquele modo narrativo de compreensão que envolve uma dialética contínua do mesmo e do outro, da memória e do desejo, da ideologia e da utopia, da hierarquia e do horizonte, e do sagrado e do profano. (COUPE, 1997, p. 197)

E, dando prosseguimento a esse raciocínio: do ontem e do hoje, do presente e do amanhã, do eu e do outro, no caso das metáforas apresentadas pela ficção científica, onde muitas vezes há o encontro entre terrestre e extraterrestre, além da comparação entre o tempo presente e o hipotético futuro, entre as tecnologias reais e as possíveis.

Essa constante mitificação do texto por meio de encontros tecnológicos muitas vezes confunde o leitor consciente da diferença entre autor e narrador, pois, em algumas obras, o autor mitifica a si próprio e aspectos da sua vida na obra. No conto "*Leica, modelo 1932*", de autoria do escritor brasileiro de FC Rubens Teixeira Scavone, os personagens recebem nome do autor e de seus familiares; o espaço da narrativa é o espaço onde o autor e seus familiares

vivem etc. Essa junção entre autor, personagem, parentes do autor, espaço de vida etc. num universo ficcional, propicia certo nível de dissociação entre ficção e fato, entre narrador e autor, que costuma ser percebido como claro limite entre a vida do autor e o conteúdo de sua ficção. Dentro do cânone literário, podemos pensar na narrativa “*Borges y Yo*”, onde o homem e escritor Jorge Luis Borges comenta sua relação com o homônimo *Borges* (ficcional), chegando a um quase paroxismo de indistinção entre o “eu real” e o “eu literário”. A criação transforma o criador, o produtor e o produto; fazendo-nos refletir sobre o limite entre a experiência da escrita e a vida do escritor. No fundo, a ficção científica especula relativizando a realidade, dessa forma criando outras possibilidades de real verossímil: o que é compreendido paradigmaticamente enquanto real se torna relativo, pois o texto cria outra realidade, amparando-se no possível científico³¹.

Poder-se-ia caracterizar a diferença entre a literatura fantástica e a ficção científica pela impressão de arbitrário geralmente colocado pela primeira, a sensação pela sensação, sem nenhuma tentativa de situar possibilidades reais, embora longínquas. (CLARESON, 2004, p. 5)

Não obstante essa breve discussão com a alta literatura, indubitavelmente a FC é literatura de gênero, fazendo parte de uma tradição oriunda das mesmas fontes às quais recorre para assim se realizar. A ficção especulativa existe, em partes, em conjunto com a literatura *mainstream*³², assumindo muitas vezes o caráter de *pulp*³³, mas poucas de literatura *Best-seller*. A FC, tenta mostrar a variação das subjetividades num sentido

³¹ Como dito anteriormente, muitas vezes, o uso da ciência aparece apenas para dar maior veracidade em relação ao contexto. Claramente, nesses casos, o elemento científico poderia ser substituído pelo fantástico, ou a ele misturado.

³² Em qualquer campo das artes ou do entretenimento, refere-se ao gênero prevalente, comercial, de fácil vendagem.

³³ Literatura de entretenimento, publicada em revistas cujo miolo (polpa) é de papel barato. Os temas preferidos das *pulp magazines* são: policial, crime real, fantasia, ficção científica, faroeste e erótico. No Brasil muitas vezes tomaram a forma seriada, com personagens fixas, como nos livros de bolso da série ZZ7, escrita por Antonio Vera Ramirez, e publicada pela editora Monterey.

diacrônico, pois com a sucessão de culturas os modos de vida também se transformam. Dessa forma se deve entender a ficção científica não apenas como uma estrutura formada por temas científicos desencadeadores de ação. Ou seja, os tempos passado e futuro são utilizados como desestabilizadores da nossa visão de presente, sendo esta umas das únicas veredas possíveis, tudo se torna relativo: ideologias, espaços, gêneros, classes sociais etc.

Quando do surgimento do termo, criado por Gernsback, a FC foi conhecida como *scientifiction*³⁴, “o tipo de história escrita por Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe: um encantador romance entremeado de fato científico e visão profética (ASHLEY, 1982)”. O próprio criador do termo via a continuidade entre os romances científicos e a FC, não obstante, como se viu anteriormente, pode-se falar em ficção especulativa em sua ligação com os mitos. Porém, pergunto como é possível pensar em ficção científica em períodos de aparente baixo desenvolvimento científico ou tecnológico? Nesse ponto, a definição do gênero torna-se ainda mais escorregadia, haja vista que diversos críticos e leitores de FC caracterizam como seu aspecto central, além da presença de temas científicos, um efeito específico causado no leitor, a saber: o *Sense of Wonder*³⁵ (sentido de encantamento ou de maravilhoso, senso de admiração). Nesse sentido, ao chamar textos antigos de ficção científica, a crítica apropria-se da ideia da antiguidade das ciências, enquanto alguns ficcionistas do gênero se aproximam mais do Realismo Fantástico referido por Pauwels e Bergier (1964), afirmando a origem extraterrena da ciência dos antigos. É de origem romântica a expressão *Sense of Wonder*, e se refere ao paradoxal temor / fascinação / estupefação do homem perante o universo, e serve muito bem para caracterizar um dos aspectos fulcrais da literatura especulativa (MOSKOWITZ, 1974), porém, seu uso não é restrito ao gênero.

Finalizando essa possível caracterização do gênero, assim como suas relações com as noções de mito e a prática da oralidade, retomo a ilação entre

³⁴Ver 1.2

³⁵SENSE DE ADMIRAÇÃO *n.* um sentimento de despertar ou admiração, engatilhado pela expansão de uma percepção das possibilidades ou pelo confronto com a vastidão do espaço e tempo, como sentido ao se ler ficção científica. (PRUCHER, 2007, tradução nossa)

fantástico e real. Sendo que o fantástico varia diretamente em relação às diversas construções, representações e percepções do real como indicado acima, advogo que a FC brasileira é indiscutivelmente ligada - ao menos em alguns aspectos - à realidade do Brasil ou do continente americano. O país insere ou impõe aos textos de FC, vindo dessa forma, sua própria nacionalidade na condição de “eu” – quando comparada a outras realidades nacionais e/ou continentais; ou de outro – quando o narrador é de outro tempo, de outra nacionalidade ou alienígena. Assim, o fator geográfico de produção, ou a nacionalidade do autor, condicionam a literatura do país em questão, de maneira lingüística: a forma como o narrador se expressa é indiscutivelmente ligada à nacionalidade do autor. Porém, não é nesse único aspecto em que se encerra a nacionalidade, mas em diversos outros, como será mostrado no terceiro capítulo da tese.

1.2.3 Panorama da FC antes de Jerônimo Monteiro

Em fins do século XIX, havia pouca ciência e tecnologia no país, principalmente no que diz respeito à dimensão das pesquisas ou instituições brasileiras, quando comparadas aos centros europeus. Principalmente, o Brasil enviava bens às nações estrangeiras, resultado do prolongamento colonial mantido pelo regime monárquico. Apesar do distanciamento em termos de escala de investimentos e outros das C&T no Brasil dos seus congêneres internacionais, aqui também se desenvolve FC desde meados do século XIX. O francês era segundo idioma para grande parte dos brasileiros letrados, os quais liam, entre outros, Jules Verne (1828-1905) e Camille Flammarion³⁶ (1842

³⁶É importante ressaltar a ligação de Flammarion com o desenvolvimento e propagação do Espiritismo francês, ou seja, do Kardecismo. Este movimento, designado como síntese de filosofia, ciência e religião, traz a ideia de que todos os “globos” são habitados. (*Pergunta 55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados? –Sim e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo*

– 1925); as maiores inspirações para os autores brasileiros do período que se aventuravam pela FC. H. G. Wells (1866 – 1946) também foi autor influente na FC brasileira, mas um pouco depois, principalmente a partir de 1920.

O romance “Doutor Benignus” (1875), escrito pelo brasileiro Augusto Emílio Zaluar³⁷ (1825 – 1882), tem clara influência de Verne:

O modelo de Zaluar é sem dúvida Verne, especialmente o Verne de Viagem ao Redor da Lua (1870) e de Cinco Semanas num Balão (1863). Outra inspiração confessa é do francês Flammarion, com quem Benignus se corresponde e que fornece o tema central do romance: a habitabilidade do Sol. Dele o autor conhecia sem dúvida, a Pluralidade dos Mundos Habitados, [...] e os Mundos Imaginários e os Mundos Reais³⁸.

Apesar das constantes aventuras perpetradas nos romances científicos de Jules Verne e de sua constante ação, “Doutor Benignus” é bem mais lento - quando comparado aos romances de Verne. O personagem homônimo pouco interage, apenas observa - revelando outro enfoque na C&T: os objetos científicos presentes na narrativa são apagados, e a grande preocupação do protagonista (Benignus) é observar e explicar os fenômenos, jamais transformar a natureza. A ciência é, principalmente, passiva e contemplativa, distante de quaisquer setores produtivos nacionais, talvez representada como reflexo da pequena importância atribuída à C&T, no Brasil da época. Diferentemente das personagens de Vernes e Wells, atuantes sobre o real, Benignus assemelha-se a um filósofo natural, leitor de compêndios de História

somente para eles. Comentário de Kardec: Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados apenas ao ponto que habitamos no Universo seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil e deve ter destinado esses mundos a um fim mais sério do que o de alegrar os nossos olhos. Nada, aliás, nem na posição, no volume ou na constituição física da Terra, pode razoavelmente levar-nos à suposição de que tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes. (KARDEC, 2004)

³⁷ Ver <https://revistapesquisa.fapesp.br/2016/12/16/doutor-benignus-e-os-extraterrestes/> (Visitado em 5/4/2017)

³⁸ CARVALHO, J.M. **Benigna Ciência** in ZALUAR, A. E. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Natural que possibilitam quase nenhuma especulação. Embora possa ser considerado legítimo romance científico brasileiro do XIX, “Dr. Benignus” é produto da imitação dos modelos europeus e da distância cultural em relação à Europa; mitos locais foram trabalhados (América é a terra da Liberdade, o continente sul-americano é o mais antigo do planeta), de modo apenas adaptado às fórmulas europeias.

Figura 6 - Capa do romance "O Doutor Benignus", de Augusto Emílio de Zaluar, em publicação de 1994, pela editora da UFRJ.

A FC brasileira do início do século XX também não escapou de proposições caras às discussões científicas do período como o darwinismo social e a eugenia. Claro exemplo é a obra “O Presidente Negro ou o Choque das Raças” (1926) de Monteiro Lobato, onde há grande influência de H. Wells. No livro a mestiçagem brasileira é condenada, a política racial discriminatória estadunidense é aclamada e um projeto eugenista é declarado: “Desapareceram [...] os surdos-mudos, os aleijados, [...] a legião inteira de mal-formados no físico e no moral” (LOBATO, 1992, p.88). Lobato, nessa obra, cujo grande interesse, a meu ver, é a relação entre a utopia ou distopia e o contexto brasileiro, imita o etnocentrismo presente no clássico “O Mundo Perdido” (1912), de Conan Doyle³⁹ (1859 – 1930).

Figura 7 - Capa da Primeira Edição de "O Choque das Raças", romance de Monteiro Lobato publicado em 1926 pela Companhia Editora Nacional.

³⁹ Também grande expoente e propagador do Espiritismo, no caso, anglo-saxão. Além das obras de ficção, escreveu “História do Espiritismo” e livros esotéricos.

No livro “Viagem à Aurora do Mundo” (1939), Érico Veríssimo traz influências de Lobato, Wells e Doyle, numa história de viagem no tempo. Porém, ao contrário da obra de Wells, mas semelhantemente à de Lobato, a máquina do tempo de “Viagem” permite apenas que se olhe no futuro ou passado, não que se vá até eles. A ligação entre os romances de Lobato e Veríssimo é explícita, não só no tipo recurso à máquina do tempo, mas também na sua forma de funcionamento: ambas utilizam as “ondas z”, presentes no porviroscópio de Lobato. Veríssimo insere-se na tradição de uma incipiente FC brasileira, ao utilizar, em sua narrativa, a máquina ficcional criada por Lobato, o porviroscópio. Ambos os autores percebem a grande ausência de instituições científicas no Brasil de então e a forma aparentemente deslocada do pensamento científico brasileiro na época. O discurso científico aproxima-se da especulação filosófica e, muitas vezes, da literatura mística⁴⁰.

Aparentemente a perspectiva de Lobato presente na obra “O Presidente Negro”, é revertida em obra de outra autora, “Sua Excia. A Presidente da República no ano 2550” (1929), novela de Adalzir Bittencourt (1904 – 1976), onde uma norte-americana observa a utopia futurística brasileira. Porém, o progressismo é só aparente, além do nacionalismo exacerbado, também há, como em Lobato, defesa do darwinismo social e da eugenia.

Um pouco depois desses primeiros autores, com Berilo Neves⁴¹ (1901 – 1974), a FC brasileira começa a tomar rumos comerciais. Autor de duas coletâneas de contos de grande sucesso: “A Costela de Adão” (1932) e “Século XXI” (1934), Berillo, apesar de sua misoginia (ou talvez devido a ela), foi um dos primeiros grandes sucessos em FC nacional. Neste autor o apelo à espiritualidade também aparece: além das sessões espíritas, também há um

⁴⁰ Em 1909, foi fundada, por Antônio Olívio Rodrigues, a primeira sociedade esotérica nacional, o “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento”, existente até hoje. De forte inspiração hermética, mentalista e teosófica. Num próximo capítulo, notar-se-á a relação de **JM** com a ordem em questão, ou seja, a FC brasileira bebeu em diversas fontes espiritualistas, não apenas no Espiritismo. (CECP, 2015?)

⁴¹ **Raimundo de Menezes**, no verbete ficção científica de seu *Dicionário Literário Brasileiro* (1969), traz **Jerônimo Monteiro** como o primeiro a desenvolver sistematicamente FC no Brasil. Apesar de esse aspecto ser constantemente repetido, o primeiro foi Berilo Neves.

equipamento, o psicofone, o qual permite falar com os mortos. Neves pouco dialogou com a incipiente tradição da FC, mas, principalmente, usou-a com fins satíricos (CAUSO, 2003).

Figura 8 - Capa da sétima edição de "A Costela de Adão", de Berilo Neves.

Mas não foi só de eugenia e misoginia que viveu a FC brasileira de fins do XIX e início do XX. Machado de Assis (1839 – 1908) também se dedicou ao fantástico em seu conto “O Imortal (1882)”. Nele, o pai de um médico homeopata, ao ingerir uma poção indígena, ganha a imortalidade. Aspectos de ciência (para muitos, a homeopatia é considerada uma pseudo-ciência⁴²) aparecem na conclusão do conto: o princípio homeopático da similitude⁴³ é utilizado e assim, outra dose da poção inverte o efeito. De acordo com a “The Encyclopaedia of Science Fiction”: A Imortalidade é um dos motivos básicos do pensamento especulativo; o elixir da vida e a fonte da juventude são objetivos hipotéticos das clássicas buscas intelectuais e exploratórias (CLUTE, 1995).

Um dos principais temas abordados na FC brasileira é o do mundo perdido, claramente baseado nos romances de aventura e viagens maravilhosas. A predileção por tal tema ocorre, provavelmente, em decorrência da imensidão e exotismo do território brasileiro, como vemos em trecho de CAUSO (2003, p. 191):

O vasto território selvagem da Amazônia dava (ou dá) à consciência brasileira uma paisagem colonial, ocupando o nicho mental de um império rico e inexplorado, um dos trunfos para projetar o Brasil para a esfera das potências mundiais. Embora as histórias de mundo perdido fossem [...], no Brasil elas assumiram uma expressão menos relacionada ao imperialismo dirigido a territórios ultramarinos, [...], mas como a expressão de um imperialismo interno – ou a projeção de estratégias colonialistas sobre as terras selvagens do próprio país.

Dentro desse tema, são marcantes os romances “A Amazônia Misteriosa” (1925), de Gastão Cruls (1888 – 1959), e “A República 3000 ou a Filha do Inca” (1927), de Menotti del Picchia (1892 – 1988), além de “A Cidade Perdida” (1948) de Jerônimo Monteiro (1908 – 1970), que será discutido no capítulo 3.

⁴²A ideia de pseudo-ciência é histórica, p. ex.: no século XIX, a frenologia era considerada uma ciência; hoje, não o é. Referências. (SILES, 2012)

⁴³ Princípio da Similitude (base da homeopatia): substâncias que causam determinados sintomas, em pessoas sãs, curam doenças que tem os mesmos sintomas (ULLMAN, 1998)..

Figura 9 - Capa da primeira edição do romance "Amazônia Misteriosa", de Gastão Cruls, publicado no ano de 1925.

Figura 10 - O romance "A Filha do Inca", de Menotti del Picchia, foi republicado na "Coleção Saraiva", em 1943.

1.3 Conceitos de Bruno Latour aplicados à Ficção Científica:

Bruno Latour é um sociólogo, antropólogo e filósofo da ciência, e sem dúvida, pode-se dizer que seus trabalhos causaram a reformulação dos Estudos de Ciência e Tecnologia a partir de fins dos anos 1970, focando-se principalmente na ideia de construção da verdade dentro da ciência e da tecnologia e de seu processo de produção. Sua produção transita pelas mais diversas disciplinas, entre elas a sociologia, antropologia, história da ciência, filosofia etc., como apontado por LUCKHURST (2006, grifo nosso):

Notadamente, essa interdisciplinaridade se traduz num desejo explícito de mexer nas fronteiras disciplinares formadas no meio acadêmico. Na verdade, Latour observa novas montagens do conhecimento, desconsiderando as clássicas e “saudáveis” divisões entre ciência e sociedade, política e natureza, sujeitos e objetos, construção social e realidade etc.

O mesmo autor comenta a proposta latouriana de um mundo

habitado por híbridos, significando “risky attachments” or “tangled objects” (*Politics* 22), os quais exigiriam novas formas de reflexão; assim “o gênero híbrido que designei para uma tarefa híbrida é chamado de científicção” (*Aramis* ix). Esse termo foi originalmente criado por Hugo Gernsback em 1929 e, futuramente, tornou-se científicção (ficção científica) (tradução própria)⁴⁴.

⁴⁴But this mix is also a mark of his desire to shake up the fixed grids of disciplines formed in the university by a “modern settlement” in which he no longer believes. Instead, Latour pursues new and surprising assemblages of knowledge, in part because he insists that the world is not safely divided between society and science, politics and nature, subjects and objects, social constructions and reality, but rather is populated increasingly by strange hybrids—what he variously calls “risky attachments” or “tangled objects” (*Politics* 22)—that cut across these divides and demand new ways of thinking. A witty and elegant stylist, Latour has proposed that “the hybrid genre that I have designed for a hybrid task is what I call *scientifiction*” (*Aramis* ix). He rather delightfully has no awareness that this was Hugo Gernsback’s original coinage, in 1929, for what became

Para Latour, a separação entre conhecimento social e científico deve ser contestada, mas não de forma simplista e redutora, onde se impõe todas as causas ao meio social. Para ele os binômios sujeito/objeto, ciência/sociedade etc., precisam ser repensados e reformulados, dando lugar a novos objetos, como ele diz, quase sempre híbridos.

Em seu livro “Vida de Laboratório” (LATOUR, 1979), Latour acompanha o dia-a-dia num laboratório de pesquisa neuroendocrinológica, no Instituto Salk (Califórnia, EUA). A partir do material coletado presencialmente, o livro referido contesta a imagem lugar-comum quando se pensa num laboratório: em vez de ser um lugar estéril e “puro”, onde imperam a lógica e a coerência, é um local muitas vezes desordenado, onde os cientistas e pesquisadores lutam para produzir ordem a respeito das variadas observações ali realizadas. Dessa forma, para Latour, no laboratório existem o social, o político, o cultural etc., os quais não podem ser artificialmente dissociados em nome do trabalho científico. Contrariando o senso geral, para o autor o fato científico não está pronto para ser descoberto por meio de pesquisas puras e esterilizadas, mas antes é resultado de um longo e laborioso processo, muitas vezes confuso e cheio de disputas, indissociável do social.

Não obstante, não se deve perceber o escopo de Latour como tão somente uma espécie de construção social da ciência, mas antes como uma crítica à dicotomia ciência e sociedade, desconstruindo ideias de divisões absolutas. No entender do autor no trabalho do cientista surgem novas categorias híbridas e, necessariamente, novas formas de estudá-las. O laboratório, conjunto de dispositivos responsáveis pelo levantamento, leitura e tradução de dados, deixa de ser um ambiente imaculado, metonimicamente representando a ciência e o fazer científico. O artigo científico seria para ele a tentativa de limpar o processo científico de seus constituintes sociais, por meio da linguagem.

science fiction, but then he has little to say directly about the genre, which he passingly dismisses as “inadequate” for his method (*Aramis* viii).

Em outro livro, “Ciência em Ação” (LATOUR, 2000), o mesmo autor mostra o procedimento dos cientistas para transformar suas proposições em caixas-pretas, verdades científicas indiscutíveis que apagam qualquer conotação social, quaisquer disputas e grupos de interesses envolvidos, além de todo processo de construção da proposição. Esse novo paradigma de ciência engloba uma série de elementos: laboratório, descobertas, pesquisa, interesses de terceiros, fábricas, forças armadas, público, imprensa, tecnologia, colegas cientistas etc.; ou seja, a ciência é totalmente socializada, existindo por meio da construção de redes de associações heterogêneas, sujeito-objeto, mais fortes ou mais fracas. Se seguirmos o autor, a ciência pura deixa de existir, haja vista a necessidade dos laboratórios lutarem por fundos, apoio do governo ou de indústrias etc., por exemplo. Infere-se assim que a ciência não tem sucesso no ponto onde ela se distancia da sociedade e de outros interesses, mas justamente o contrário, ou seja, quando ela cria redes e conexões, podendo esse grau ser observado pelo “número de pontos conectados, pelas forças e fraquezas da conexão, a natureza dos obstáculos” (LATOUR, 2000) Essa rede apresenta-se composta por nós e laços. Os laços, as relações, de acordo com Latour, apresentam-se da seguinte forma: mobilização, a fim de transportar objetos do mundo real para o mundo científico; autonomia, passagem da ciência amadora para a profissional, constituição de um campo científico; alianças de interesses, na maior parte dos casos não oriundos da ciência; e, representação pública das atividades científicas. Todos esses laços formariam o nó, localizado bem no meio da rede, transformando a verdade científica em objeto incontestável e o fato científico, a equação, em teoria científica.

O constante trabalho da nossa modernidade pela purificação das ciências é um dos cerne do livro mais famoso de Bruno Latour, “Jamais Fomos Modernos” (2013). Nele se traduz a grande busca pela separação – dualismo - entre natureza e cultura, sujeito e objeto, humanos e não humanos etc., e sua decorrente política nociva: a natureza existe para ser dominada, ou o tratamento sobre algumas culturas vistas como “selvagens”. Essa grande dualidade moderna funcionou imperfeitamente, denotando uma natureza não co-criada, mas separada do contexto, pronta a ser analisada em separado do

mundo ao seu redor. Todavia, se sociedade e natureza são co-criadas, ambas estão em constante intercâmbio e diálogo, produzindo novos significados cada vez mais complexos e híbridos. Como pergunta o autor: o aquecimento global decorre da natureza ou da cultura, de humanos ou não humanos? Diz ele que está tudo relacionado e misturado, em constante hibridismo, não sendo simples formular uma teoria sem recorrer a qualquer dos diferentes agentes. Os domínios das ciências tornam-se, assim, cada vez mais heterogêneos.

De acordo com o excelente trabalho de Roger Luckhurst (2006), apesar de inexistir possibilidade de uma teoria latouriana que se possa abstrair para analisar FC, há muitas formas de utilizarmos suas ideias e conceitos quando trabalhamos com o gênero. Este pode ser imaginado como uma espécie de objeto conectado aos mais diversos tipos de cadeias de associações e redes de influência⁴⁵. Luckhurst dá como exemplo a novela *“The World Set Free”*⁴⁶, muito importante na campanha de Leo Szilárd’s⁴⁷ (1898 – 1964) por um programa atômico estadunidense.

O autor também observa a possibilidade de se utilizar os conceitos latourianos para entender as religiões cujas bases são temas de ficção científica. Luckhurst faz a seguinte análise:

⁴⁵ No caso de Jerônimo Monteiro, essas redes de influência aparecem no próximo item, onde discutimos sua biografia e trabalhos por meio da história intelectual, observando os meios por onde ele circulava, assim como as ideias por ele assimiladas, e a fatal inclusão em sua lavra de FC.

⁴⁶ Novela escrita por H. G. Wells, em 1914, que prevê armas ainda mais incontroláveis e destrutivas.

⁴⁷ Físico nuclear húngaro, naturalizado americano. Apesar de ter contribuído para o desenvolvimento da bomba atômica, foi contra seu lançamento em Hiroshima e Nagasaki. (WIKIPEDIA, 2017?)

O grupo raeliano⁴⁸, similarmente, junta genética e clonagem com uma escatologia emprestada de Arthur C. Clarke. Essas redes de associações podem ser fracas, pouco populosas e definitivamente marginais, mas Latour nos permite ler como essas bizarras e heterogêneas formações operam. A complexa inclusão sócio-político-científica da ficção científica pode ser consideravelmente clarificada pela abordagem de Latour às redes e colagens, cadeias de maior ou menor associação que passal através da ciência, tecnologia e sociedade⁴⁹.”(tradução própria)

Por fim, ironicamente discorre sobre as possibilidades de se trabalhar com os objetos híbridos em FC, haja vista que um de seus temas mais caros, o contato extraterrestre, produziria esses objetos. Não obstante, agora de forma séria, argumenta sobre a crítica do gênero⁵⁰, falando sobre o *New Weird*⁵¹ e o pós gênero fantástico⁵².

No terceiro capítulo, observarei com maior ênfase como artefatos, dispositivos e acontecimentos presentes na FC de Jerônimo Monteiro, atuam semelhantemente a uma caixa preta proposta por Latour, propiciando dessa forma, elemento para potencializar as discussões acerca da diferenciação entre FC *soft* e FC *hard*.

⁴⁸O Raelianismo, novo movimento religioso de forte caráter extraterreno, foi criado na França em 1973, por Claude Vorilhos (Raël), ex jornalista esportivo. Crê que os seres humanos foram criados com DNA alienígena e são favoráveis à clonagem humana. (RAEL.ORG, 2016?)

⁴⁹“*The Raelian group similarly binds together genetics and cloning with an eschatology borrowed from Arthur C. Clarke. These networks of association might be weak, thinly populated, and definitively marginal, but Latour allows us to read how these bizarrely heterogeneous formations operate. The complex socio-político-scientific embeddedness of sf could be considerably clarified by Latour’s approach to networks and assemblages, chains of weaker and stronger association that cut across science, technology, and society.*”

⁵⁰Não me parece nova essa ideia de ler hibridamente alguns gêneros de ficção especulativa, principalmente devido aos contos e romances pertencentes ao gênero *Occult Detective*. Todavia, o aparato crítico, assim como sua roupagem seriam diferentes.

⁵¹Gênero literário surgido na década de 1990, é caracterizado pela mistura entre fantasia, fc, crime e terror e pela ambientação urbana. (SF-ENCYCLOPEDIA, 2015?)

⁵²Nome dado pelo crítico Gary Wolf ao gênero de ficção especulativa que mistura gótico thriller, ficção detetivesca, fantasia e ficção científica, bem popular nos últimos anos.

1.4 Perfil Biográfico e Literário

O presente item tem por objetivo apresentar perfil biográfico literário do ficcionista Jerônimo Monteiro (1908 – 1970), objetivando entender as circunstâncias de produção, discussão e propagação de ideias e conceitos através de um estudo crítico de discursos, textos e livros de JM em seus contextos intelectuais. No que diz respeito à biografia específica, além dos livros e sites citados na bibliografia, também utilizarei a introdução ao livro “Ouro de Manoa” (MONTEIRO, 1973), redigida pela filha de Jerônimo Monteiro, Theresinha Monteiro Deutsch, que, não obstante o tom sentimental, apresenta características de memorialismo familiar, capaz de trazer interessantes dados sobre a vida do ficcionista.

Referente à produção literária do autor, no que tange em especial à ficção científica, o escopo é relacioná-la à produção científica brasileira e/ou internacional à época, assim como à circulação de ideias, desnudando, dessa forma, o nexo existente entre meios de circulação literários e científicos, grupos de leitura e interesse (científicos ou não), prática jornalística e misticismo.

Uma bibliografia tradicional sobre FC, muitas vezes oriunda de próprios autores do gênero, norteará o perfil literário, haja vista a pouca literatura existente sobre FC nacional; além disso, serão principalmente utilizados os trabalhos já citados de Causo (CAUSO, 2003) e Ginway (GINWAY, 2005), com os quais tenho diversos pontos de contato.

A presente pesquisa não se esgota no perfil, sendo este norteador para os próximos capítulos, onde tentei relacionar história e análise textual, aqui vista enquanto instrumento metodológico, não como fim em si. Dentro dessa perspectiva, utilizaremos, principalmente, as ideias contidas no texto História e análises de Textos (FLAMARION, 1997), acrescidas dos pontos levantados por Roger Luckhurst (LUCKHURST, 2006), em texto onde observa a possibilidade de se utilizar os conceitos, propostas, proposições e ideias de Bruno Latour na análise do gênero ficção científica.

Em termos de apresentação, neste capítulo, misturei a cronologia de vida do autor às suas obras, mostrando a clara ilação entre ambas e, ao mesmo tempo, tentei mostrar que, apesar do diferentes gêneros e *media* pelos quais passou JM passou, sempre se manteve algo específico, a saber: a constante preocupação com educação, ciência e brasilidade.

Optei por trabalhar separadamente os textos de Jerônimo Monteiro, em vez de análise temática. Em capítulo subsequente, pretendo mostrar que JM optava claramente por dar tratamento brasileiro a um gênero, até então, quase exclusivamente internacional.

Dentro da vasta produção de JM, foi escolhido, para essa discussão, o gênero da ficção científica, pelo qual ficou conhecido. Devido às suas especificidades, principalmente à ligação entre criação artística e conhecimento científico, é gênero que possibilita observar a circulação de ideias e personagens tanto nos meios literários como científicos e, no caso de Jerônimo Monteiro, também nos jornalísticos e místicos. Além disso, como sugere Bráulio Tavares:

A narrativa de ficção científica (FC) ocupa hoje os espaços mais variados: livros, revistas, álbuns de luxo, histórias em quadrinhos, cinema e TV, discos e concertos de rock. Nada mal para um gênero que foi considerado imaturo pelos adultos de várias gerações sucessivas, mas que se ampliou e diversificou a tal ponto que surpreenderia alguns de seus antepassados ilustres (TAVARES, 1986, p. 7)

E, concordo com sua ideia de profunda ligação entre homem, tecnologia e universo, deixando claro que a FC é gênero que propõe a humanização da C&T:

[...]o interesse fundamental da Ficção Científica encontra-se na relação entre o homem e sua tecnologia e entre o homem e o universo. A ficção científica é uma literatura de mudança e uma literatura do futuro, embora seja tolo afirmar que a ficção científica é um gênero de grande importância nessa época, os aspectos da vida humana que ela considera tornam-se leitura e estudo de muito valor – pois nenhuma outra forma literária faz exatamente as mesmas coisas. (ALLEN, s/d, p.223)

Já no que concerne à metodologia, observamos que as especificidades levantadas por Ginway, de fato, requerem outro tratamento ao gênero. Não se pode tratar FC europeia e brasileira da mesma forma, diz a autora:

A ficção científica escrita no Terceiro Mundo exige ferramentas críticas diferentes daquelas tipicamente aplicadas à ficção científica norte-americana e européia, pois a mudança de contexto muitas vezes determina uma reinterpretação das premissas básicas do gênero (GINWAY, 2010, p. 17).

Os mitos culturais levantados nesse tipo de texto, como o próprio nome sugere, variam conforme a cultura à qual estão circunscritos, sendo individualmente analisados por diferentes escritores. No nosso caso, muitas vezes se verifica que mitos permeiam a FC de Monteiro, onde fica clara a preocupação com a Amazônia, por exemplo, como aponta a autora:

os mitos culturais fornecem um excelente ponto de partida porque, como veremos, eles são evocados por escritores antigos de ficção científica e, muitas vezes, satirizados pelos escritores contemporâneos. Uma lista inicial dos mitos culturais mais recorrentes incluiria: o Brasil como um paraíso tropical verdejante; o Brasil como uma democracia racial; os brasileiros como um povo dócil e sensual; o Brasil como um país com potencial para grandeza nacional, e seu lado imperfeito, a malandragem. Apesar dessa projeção de grandeza, o Brasil, como uma nação menos desenvolvida, muitas vezes se vê em desigualdade com países mais poderosos e tecnologicamente avançados (GINWAY, 2010, p. 17).

Em suas obras, apesar da influência estrangeira, noto que Jerônimo Monteiro sempre mostrou preocupação com o Brasil e suas especificidades, presentes ou no tempo, ou no espaço, ou no foco narrativo, ou nos personagens, quando não em todos esses elementos. Concordo com Causo no que diz respeito à importância da percepção do estatuto de brasilidade como característica marcante para compreender nossa FC:

[...] as obras mais importantes para o estudo da influência e da composição de uma ficção especulativa nacional de alguma importância seriam aquelas que mais registram nosso estatuto de subdesenvolvimento e a distância ideológica entre o contexto brasileiro e o norte-americano e europeu, num registro composto de forma crítica e consciente. (...) Obras que conseguem escapar da imediatista percepção do gênero como veículo de intenções didáticas em defesa de uma determinada ideologia, hoje esquecida ou rejeitada, como vimos em relação à eugenia e à higienização social. Narrativas que nos informam sobre a distância ideológica entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido e pavimentam o caminho para um exercício mais auto-consciente. Textos que podem formar a base de uma mitopéia para a literatura especulativa brasileira, habilitando a extrair da “experiência brasileira” e das explorações do “sonho brasileiro”, a força viva do mito – e com ele, todo o seu potencial utópico. (CAUSO, 2003, p. 297)

Bráulio Tavares, conhecido autor e estudioso de Ficção Científica, na primeira bibliografia brasileira referente ao gênero - *“Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog”* - mostra claramente que a partir de Jerônimo Monteiro a literatura de FC seguiu como gênero específico:

Foi com Jerônimo Monteiro que começou a existir no Brasil uma ficção científica nos moldes dos EUA. Com ele, a FC brasileira desligou-se do mainstream, ou literatura propriamente dita, e passou a existir como universo literário à parte, obedecendo a regras próprias e dialogando com um público especializado (TAVARES, 1992, p. 64).

Figura 11 - Foto de Jerônimo Monteiro na década de 1940 (fotógrafo desconhecido).

Braulio refere-se ao surgimento da FC enquanto literatura de gênero, no Brasil. Porém, com isso, em momento algum ele quer dizer que o sabor nacional não é mantido. Na verdade, a independência do gênero em relação aos outros segue moldes estrangeiros, principalmente americanos, todavia, para Jerônimo Monteiro, as formas de fazer e pensar a ficção científica são brasileiras.

Porém, o epíteto “Pai da Ficção Científica Brasileira” (grande parte da literatura tradicional vê Jerônimo Monteiro dessa forma, assim como a opinião

pública) não cabe a JM, haja vista a existência de trabalhos anteriores dentro do gênero⁵³. Todavia, apesar de não ter sido o precursor, sua carreira dedicada ao tema faz parte da gênese da FC brasileira enquanto gênero dedicado a si próprio, considerando tanto a divulgação como a formação do fandom⁵⁴ nacional. Segue comentário referente à FC, do próprio autor, onde ficam claras as ilações entre o gênero, ciência e tecnologia, sociedade e indivíduo:

[...]um gênero literário o mais amplo que já se criou na literatura universal, por suas possibilidades infinitas de movimento no espaço e no tempo. Um gênero que liberta a imaginação das peias da velha pragmática e permite-lhe o vôo mais arrojado, ligado, apenas, às possibilidades oferecidas pelas conquistas e pesquisas técnicas. Todos os ramos da ciência e da técnica se oferecem ao escritor e ao leitor de ficção científica. O escritor pega qualquer um deles, parte de uma possibilidade e extrapola, criando o seu mundo, a sua história, a sua mensagem, o seu drama, a sua comédia. Não tem limites, desde que se mantenha dentro do ponto de vista adotado e dentro da lógica balizada por esse ponto de vista. Esta é a imensa vantagem do gênero. Não estão em 'moda' as viagens interplanetárias ou interestelares. Hoje o Homem é o campo da ficção científica – o homem e suas possibilidades no futuro (MONTEIRO, 1947, p. 9).

No decorrer da vida profissional de Jerônimo, a escrita sempre foi seu principal *metier*, sendo que em relação a esta desenvolveu as mais diversas atividades. Particularmente, como traço geral da sua obra de FC, nota-se a constante referência aos tempos futuro e pretérito, numa deliberada busca para explicar o homem do seu tempo presente, desconsiderando qualquer

⁵³Ver CAUSO (2003), especialmente o primeiro e segundo capítulos.

⁵⁴Termo utilizado para determinar grupo de fãs de algum gênero, personagem ou mídia. Nas décadas de 80 e 90 do século XX, esses grupos se dedicavam, principalmente, à produção de fanzines (revistas de fãs), feitas manualmente e distribuídas em livrarias e eventos de nicho. Após o advento da Internet, alguns fanzines impressos continuam a existir, mas a maior parte foi substituída pelos digitais, e os respectivos fandom dedicam-se mais à produção de eventos, *cosplay* etc. (MAGALHÃES, 1993)

cronocentrismo⁵⁵, a partir de uma paradoxal crença no progresso, vezes distópica, vezes utópica.

1.4.1 Infância e Juventude⁵⁶

Antes de eu começar a apontar diretamente fatos da biografia de JM é muito importante notar, mais uma vez, que todos os dados foram colhidos do prefácio anteriormente citado, escrito por sua filha. Assim, além de faltarem muitas datas e aspectos (número de filhos, nome da esposa etc.), os dados apresentados não podem ser considerados como totalmente verdadeiros, haja vista que podem ser eivados pelo sentimentalismo da filha em busca de honrar a memória do pai.

Em referência à vida do autor, sabe-se que nasceu no bairro do Brás, em São Paulo, Capital, no dia 11 de dezembro de 1908. Jerônimo Barbosa Monteiro teve uma infância recheada de contratempos e dificuldades. Seu pai, humilde tecelão, considerava o estudo como espécie de luxo destinado aos mais abastados e, no segundo ano do primário, retirou o filho da escola, apregoando a necessidade de trabalhar. Até os quatorze anos de idade teve uma série de empregos bem práticos, ligados ao cotidiano da vida urbana: entregador de malas e colchões, aprendiz de sapateiro na indústria de calçados, aprendiz de lustrador, ajudante de eletricista etc.; embora não tenha se fixado em nenhum. Finda essa fase, em 1922 iniciou como praticante⁵⁷ na seção de Estatística, da Companhia Sorocabana de Estradas de Ferro, onde continuou até 1940.

⁵⁵Entende-se aqui, por cronocentrismo, a ideia de considerar o tempo presente como superior ao pretérito e, por conseguinte, facilitador de um futuro melhor, com base no progresso a partir do presente.

⁵⁶Informações colhidas na supracitada introdução da filha de Monteiro, Teresinha. Não é possível confirmar tais dados e, em decorrência da admiração filial, é possível inclusive colocá-los em dúvida. Além disso, o site <https://jeronymomonteiro.wordpress.com/> contribuiu muito para o capítulo, mas é difícil confirmar a veracidade das informações.

⁵⁷Atual *office boy*.

Quando ainda menino, Jerônimo Jerônimo teve despertada sua paixão pelos livros, os quais conheceu na venda do seu Elias (apelidado de “o Turco”); este, vendo o interesse da criança, permitia-lhe ler tudo que estava à mão. Dessa forma, JM conheceu os livros de H. G Wells (1866 – 1946) - possivelmente, o responsável pela sua paixão pela FC e enorme influência em seu futuro trabalho como ficcionista – que fizeram JM, como autodidata, aprender os idiomas espanhol, francês, inglês e italiano, a fim de ler os livros na língua em que os encontrasse. Sempre que possível, guardava parte de seu pequeno salário, a fim de comprar livros. Em 1923, aos quinze anos de idade, JM escreveu a pequena história “No País das Fadas”, para sua irmã Rosalina, que se encontrava doente e de cama; anos depois, a historieta foi transformada em livro, publicado pela editora Melhoramentos.

Após ter sido diagnosticado com tuberculose intestinal e desenganado pelos médicos (foi estipulado que teria mais seis meses de vida), no início dos anos 1930, Jerônimo Monteiro decidiu residir em Mongaguá, onde, vivendo em meio à natureza, cultivava e vendia orquídeas. Passados os seis meses, voltou a consultar os médicos e, sem explicação, a doença sumira. Ele retorna a São Paulo, onde dá início à vida de escritor, radialista e jornalista.

1.4.2 Dick Peter, HQs, Rádio e Jornalismo Impresso

Pouco depois, em meados da década de trinta do século passado, retornou à cidade de São Paulo e à família, passando a, consoante ao trabalho na Companhia Sorocabana de Estradas de Ferro, ser comentarista do “Correio Paulistano”. Em 1937, enquanto trabalhava como redator publicitário, criou para o Café Jardim (marca de café) o personagem “Dick Peter”, que posteriormente virou protagonista de uma série de rádio, primeiramente na *Rádio Difusora* e depois na recém aberta Rádio Tupi (1938). Durante três anos, o programa “As Aventuras de Dick Peter”, que trazia novelas policiais do personagem homônimo, teve grande sucesso, sendo transmitido para várias regiões. Com o lançamento de novos produtos ligados ao detetive - histórias

em quadrinhos, álbuns de figurinhas e livros - o sucesso e o reconhecimento da personagem aumentaram ainda mais. Nessa época, Jerônimo Monteiro assinava como *Ronnie Wells*, tanto por exigência do contrato no que concerne à utilização de um nome estrangeiro, quanto pela anteriormente citada admiração por *H. G. Wells*.

No ano de 1947, o personagem “Dick Peter” começa a ser diariamente publicado em tiras no “Diário da Noite” e, em 1952, torna-se história em quadrinhos desenhada pelo indefectível Jayme Cortez⁵⁸. A partir daí, JM utiliza o próprio nome para assinar seus roteiros quadrinísticos e livros.

Além das exigências contratuais - das rádios, editoras e jornais - também havia aquelas dos patrocinadores: todos os nomes, peculiaridades, locações, vestimentas etc., deveriam ser, obrigatoriamente, estadunidenses. Mesmo assim, Jerônimo Monteiro, utilizando-se do seu talento como ficcionista, deu matizes nacionais ao herói e a seus inimigos, assim como a locais. No conto “O Crime da Represa Nova”, da coleção Dick Peter - a descrição do cenário lembra muito a represa de Santo Amaro. Ou seja, os nomes podiam ser estrangeiros, mas o significado e os locais, estritamente brasileiros.

Posteriormente, em 1950, a Editora Melhoramentos lançaria novos contos protagonizados por Dick e relançaria outros na coleção “Aventuras de Dick Peter”.

Apesar do forte apelo dos gêneros detetivesco e de aventura, o uso da ciência já estava presente nas aventuras de Dick Peter. Conforme observa Causo:

Dick Peter tinha algo de típico dos pulp heroes das décadas de 1930 e 1940, personagens como “o Sombra”, criação de Walter B. Gibson (1897 – 1985), e também um herói do rádio, ou DocSavage. São combatentes do crime que o fazem com grande auxílio da ciência, da tecnologia ou de poderes paranormais (CAUSO, 2003, p. 284, grifo nosso).

⁵⁸ Jayme Cortez (1986 – 1927), de origem portuguesa, é tido como um dos maiores quadrinistas do Brasil, tendo influenciado várias personalidades da área. Em 1984, durante a primeira edição do troféu Ângelo Agostini, recebeu o título de mestre. (BARALDI, 2011)

Como radialista, foi também um dos precursores do rádio-teatro com várias novelas: “O Homem de Aço” (1942), percorrendo sobre as aventuras de um robô; “Futebolino” (1942), personagem criado para a novela as “Balas Futebol”; e o programa de humor “Detetive Fia Pino” e seu ajudante Piúva, que se transformou em tiras de jornal. Produziu programas de auditório, musicais e de humor; foi programador das rádios “Excelsior”, “Cosmos” e “Panamericana”.

Na Rádio Tupi, estreou como animador em 1938, no programa de perguntas e respostas “Caixinha Mágica”, onde o personagem “Dr. Sabe-tudo” respondia a perguntas da audiência com auxílio dos ouvintes presentes no auditório sobre temas de conhecimentos gerais e ciência. Em 1950, escreveu o programa “Através do Folclore”, para a Rádio Excelsior e o programa “Retrato do Brasil”, que focalizava coisas e costumes de nossa terra. Também na Excelsior produziu o programa “Música e Romance”; e escreveu a novela “Cenas Brasileiras”, em 1952. Ainda na Excelsior produziu, em 1953, o programa “Curiosidades Científicas”. Na Rádio Nacional, produziu e dirigiu os programas diários “Isto Acontece” e “Bom Apetite”, além dos musicais “Traço-de-União” e “Cancioneiro do Brasil”, com Inezita Barroso (1925 – 2015).

Mesmo não sendo esse o objetivo da presente pesquisa, é bom mostrar que duas das principais características de JM enquanto autor de FC – a brasilidade e a ciência – estavam presentes em sua vida nas rádios. Escreveu programas sobre folclore, sobre costumes brasileiros e a respeito de ciência. No tocante ao jornalismo impresso, deu seus primeiros passos em 1928, como revisor em “O Estado de São Paulo”, ficando lá até o começo da década de quarenta do século XX. A partir de 1944, colaborou ativamente no jornal “A Folha de São Paulo”, como repórter, revisor e formatador de texto. Ainda nesta publicação, redigiu, desde 1958, a coluna “Panorama”⁵⁹, que continuou sendo publicada por Monteiro até sua morte, no ano de 1970. Depois de seu

⁵⁹ Pelo que se viu, a coluna “Panorama” objetivava divertir e informar o leitor, concomitantemente, por meio de: charges, quadrinhos, notas científicas, assuntos brasileiros, curiosidades, anedotas etc. Também apareciam pequenos blocos de texto ligados à Ficção Científica, assim como correspondência dos leitores referente ao tema. Esse tema será discutido com maior aprofundamento, no capítulo 2 e anexos.

falecimento, a coluna continuou, mas assinada por sua filha Theresinha Monteiro Deutsch.

Para fins desse trabalho, é importantíssimo ressaltar outra produção, a coluna “Admirável Mundo Novo”, publicada a partir de 1958 no jornal “A Tribuna de Santos”, também assinada por Jerônimo Monteiro, que, além de trazer textos de divulgação científica, apresentava artigos sobre Ficção Científica e contos do gênero. Após o falecimento de JM, sua filha também ficou responsável pela coluna.

1.4.3 Literatura Infantojuvenil

Mesmo antes da gênese do personagem Dick Peter, JM já se dedicava à produção de literatura infanto-juvenil, em livros como: “No país das fadas” (1930 – Ed. Melhoramentos), “O homem da perna só” (1943 - Ed. Anchieta), “Viagem ao país do sonho” (1949 - Ed. Melhoramentos), “Corumi, o menino selvagem” (1956 - Ed. Brasiliense), “O palácio subterrâneo das Antilhas” (1943 – Ed. Anchieta), “A ilha do mistério” (1943 – Ed. Anchieta), “Os nazis na ilha do mistério” (1943 – Ed. Ancheita) etc.. Nesses trabalhos, assim como em sua literatura de FC, realidade e fantasia misturavam-se, buscando levar a criança a uma espécie de universo encantado. Vê-se que há temas desenvolvidos que são comuns ao romance de aventura comum naquele período - tesouros enterrados, piratas, surpresas desconcertantes, mistérios, sustos, entre outros - porém, a preocupação com a brasilidade também aparece, por meio do folclore, assim como a necessidade de diálogo com a atual situação mundial, claramente vista nas obras que retratavam a Segunda Grande Guerra, a saber, a série infantil dos “Nazis”.

Em referência à sua obra infantil, é digno de nota o livro “Curumi, O Menino Selvagem”, (MONTEIRO, 1956) onde Jerônimo Monteiro discute a apropriação da cultura indígena feita pelos brancos na história do Brasil. Nesse trabalho, JM mostra o índio em seu aspecto histórico, como agente que sofreu na mão dos brancos conquistadores, perdendo suas terras e direitos. Traz,

para um público jovem e/ou infantil, a necessidade de se conscientizar em relação ao que ocorreu aos povos indígenas, metonimizados na figura de Curumi (BONIN e KIRCHOF, 2012).

Em 1948, por incumbência dos diretores do Jornal “A Gazeta”, JM viu-se com o encargo de relançar a “Gazetinha Juvenil” - suplemento de histórias em quadrinhos, principalmente tiras, do jornal “A Gazeta” - cuja redação dirigiu. A preocupação com as coisas do Brasil, o conhecimento e a diversão aparecem claramente na abertura que marca o reaparecimento da Gazeta Juvenil, assim como a preocupação com a formação do leitor, principalmente em seu aspecto intelectual e cívico:

A Gazeta Juvenil [...] traz aquele mesmo espírito que sempre a caracterizou no passado: instruir divertindo. Os nossos leitores observarão o esforço que estamos fazendo e faremos sempre para apresentar coisas nossas, de modo a avivar os sentimentos de pátria e nacionalidade um tanto esquecidos nestes nossos dias de vida intensamente internacional. Precisamos olhar também para o Brasil e para as nossas coisas. Precisamos, ao lado das historietas em quadrinhos que tanto atraem os jovens de hoje, e com razão, dedicar também atenção e espaço a outros assuntos que em verdade serão mais úteis para a formação intelectual do que aquelas historietas. [...] Queremos, ainda, citar os testes educativos mas que, apesar disso encerram grande dose de interesse. (MONTEIRO, 1948a)

E continua indicando, a partir dos nomes de algumas outras colunas do suplemento, a preocupação com os assuntos brasileiros e educacionais:

As nossas páginas “Lendas de Nossa Terra”, “Índios do Brasil”, “História do Brasil”, “O que se vê pelo mundo” e “O que convém saber” – são todas de alto interesse educacional e inteiramente realizadas em nossa redação – o que dá bem a medida do nosso esforço em prol de uma orientação que seja útil e interessante. (MONTEIRO, 1948a)

Também na Gazeta Juvenil, escreveu curto relato autobiográfico onde narra seus encontros no meio intelectual paulistano, no caso, com Monteiro

Lobato, segundo JM, já desejoso de morrer. Num primeiro momento, descreve Lobato, tanto fisicamente quanto em seu aspecto de *blagueur*:

Ele (Lobato) metido no pijama, por sobre o qual vestia um “robe-de-chambre” cinzento, estava sentado na sua poltrona, sob o grande abajur, perto do rádio. Seu rosto estava macilento, mas o sorriso com que Lobato sempre zombou dos homens e das coisas – brincava em seus lábios. [...] Lobato era, antes de tudo, um “blagueur”. Um terrível “blagueur”. Gente grande, com ele, era ali, na pura piada. Caçoava de tudo. Especialmente dos homens que se meteram a traçar os destinos do Brasil. Caçoava dos homens e ficava triste pelo Brasil. Pobre Brasil, que não tem culpa... (MONTEIRO, 1948b)

Depois, mostra que o criador do “Sítio do Pica-pau Amarelo” apreciava, pelo menos comercialmente, a literatura de Jerônimo Monteiro. Não fica claro no diálogo se a pergunta referente a enriquecer traz ironia direcionada à produção de JM:

— Então? Já enriqueceu com os seus

livros? E a minha resposta negativa:

— Mas isso é um crime! Você já devia estar rico! Riquíssimo!

— Pois é. Eu devia, mas não estou. (MONTEIRO, 1948b)

E finaliza o texto de forma ufanista, mostrando a importância de Lobato que, indubitavelmente, deveria segundo Monteiro, ser incluído entre os maiores do mundo. Fica clara a admiração que Jerônimo Monteiro tem pelo Brasil e suas coisas:

Agora, nada mais se pode fazer. Lobato morreu. O Brasil perdeu o seu maior homem e as crianças perderam o seu maior amigo. Mas a sua literatura ficou. Será futuramente, o modelo para toda a literatura infantil do mundo, porque ele criou algo maior, melhor, mais perfeito, mais saboroso do que todos os escritores infantis do mundo até agora. Andersen, Lewis Carol, Swift, Grimm... Todos, todos os que eram considerados grandes, desaparecem ante o vulto imenso de Lobato. O mundo inteiro reconhecerá isso um dia. Deixem passar apenas o tempo necessário. O maior homem do Brasil. Um dos maiores do mundo! Era o nosso Lobato! (MONTEIRO, 1948b)

Ainda na mesma **Gazeta Juvenil**, num exemplar da semana anterior à visita a Lobato, responde à carta do ficcionista Rubens Francisco Luchetti⁶⁰, relacionando ciência, literatura e imaginação. Após digressão referente a como seriam os hipotéticos habitantes da Lua, Monteiro mostra ao jovem ficcionista como utilizar o conhecimento científico:

O que você precisa ter em conta, quando os seus heróis se encontrarem sobre a Lua (se é que vão chegar lá), são as condições físicas do astro. Isto sim. Lembre-se de que a densidade da Lua é menor do que a da Terra. Que seu peso é cerca de seis vezes e meia menor do que a Terra, e por isso, um quilo pesará, na Lua seis vezes e meia a menos; [...] Outro aspecto interessante a observar é que uma das faces da Lua está eternamente voltada para a Terra e a outra nunca foi vista e talvez nunca o seja, por nós. Como “matéria atrai matéria na razão direta da massa e inversa do quadrado da distância”, e como a massa da Lua é 49 vezes menor do que a Terra (aquela história do peso, que já contamos) um homem na lua pode dar pulos de seis metros! Imagine só o que será isso! (MONTEIRO, 1948b)

E, dando outro passo, ensinava Lucchetti a aliar imaginação a este conhecimento, produzindo, ficção científica: “No mais, caro Lucchetti. Imaginação, Imaginação, Imaginação, Imaginação. Respeito às verdades científicas conhecidas e deixe a imaginação correr. É só o que lhe recomenda o amigo.” (MONTEIRO, 1948b)

Por fim, no que diz respeito à produção infanto-juvenil, quando do início da editora Abril, em 1950, foi convidado para dirigir a revista *O Pato Donald*, onde, além de primeiro editor, também seria secretário, revisor e tradutor. Foi o responsável pela criação dos nomes aportuguesados de alguns personagens Disney, entre eles: Tio Patinhas, Huguinho, Zezinho e Luizinho.

⁶⁰ Rubens Francisco Lucchetti, nascido em 1930, é conhecido ficcionista dos gêneros terror e policial, roteirista de quadrinhos, cinema e televisão, além de, possivelmente, um dos maiores autores *pulp* brasileiros: escreveu mais de 100 livros. Continua escrevendo até hoje, lançando novos livros. Para maiores informações ver: <http://www.rflucchetti.com.br/>.

1.4.4 Jerônimo Monteiro Antologista

Como se não bastasse a produção de literatura detetivesca e infanto-juvenil, JM também foi antologista. Publicou em 1959, pela editora Civilização Brasileira, a antologia “O Conto Fantástico”, oitavo volume da coleção “Panorama do Conto Brasileiro”, é a primeira antologia de literatura fantástica a trazer contos exclusivamente nacionais, entre eles: 1.“Assombramento – História do Sertão” (Afonso Arinos), 2.“Delírio” (Afonso Schmidt), 3.“Solferi” (Álvares de Azevedo), 4.“O Impenitente” (Aluísio Azevedo), 5.“O Telegrama de Artaxerxes” (Aníbal M. Machado), 6. “Um Esqueleto” (Machado de Assis), 7.“Os Donos da Caveira” (Ernâni Fornári), 8.“Sertório” (Galdino Fernandes Pinheiro), 9.“Noturno n.o 13” (Gastão Cruls), 10.“Confirmação” (Gonzaga Duque), 11.“Paulo” (Graciliano Ramos), 12.“O Duplo” (Coelho Neto), 13.“Os Olhos que Comiam Carne” (Humberto de Campos), 14.“O Baile do Judeu” (Inglês de Souza), 15.“O Sino da Soledade” (Josué Montello), 16.“Sua Excelência” (Lima Barreto), 17.“Maria Bambá” (Luiz Canabrava), 18.“De Além-túmulo” (Magalhães de Azeredo), 19.“O Soldado Jacob” (Medeiros e Albuquerque), 20.“A Gargalhada” (Orígenes Lessa), 21.“ O Lobisomem” (Raymundo Magalhães), 22.“Papai Noel e o Outro” (Ribeiro Couto), 23.“O Defunto” (Thomaz Lopes), 24.“ Os Curiangos” (Valdomiro Silveira), 25.“A Cadeira” (Veiga Miranda), 26.“A Rita do Vigário” (Viriato Corrêa).

A erudição de Jerônimo Monteiro concernente ao gênero - assim como a dificuldade de criar a antologia, em decorrência do pouco material brasileiro - podem ser vistas no prefácio. Para JM, apesar da riqueza do folclore brasileiro, permeado de lendas e causos, poucos escritores se dedicavam à especulação na forma literária:

Uma antologia de contos fantásticos brasileiros... Agora que esses contos aí estão, tudo ficou fácil. Mas, reuni-los... A verdade é que não tínhamos noção exata da escassez de contos desse gênero em nossa literatura. Quando surgiu a idéia da antologia, a impressão era de haver fartura de material, pois que se trata de gênero muito do agrado do povo esse que enfeixa as histórias fantásticas, de aparições, de mistérios, de almas penadas... Parecia-nos ter lido, através do

tempo, muita coisa assim. Diante das dificuldades encontradas, porém, verificamos que o que se lê em nossa terra, desse gênero, é literatura traduzida, especialmente do inglês. Os ingleses é que se pelam por casas mal-assombradas e os autores fornecem, por meio da literatura, o que não se encontra com frequência na realidade. Entre nós parece que se dá o contrário: há muitas lendas, superstições e assombrações por esse sertão, e há pouco quem se aproveite do tema para escrever. Só percebemos bem essa dificuldade quando estávamos em meio do trabalho e, então, já não podíamos recuar. (MONTEIRO, 1959a)

Porém, frente essa dificuldade, Jerônimo Monteiro não desanimou, mas chamou os autores ao desenvolvimento do gênero no Brasil: “Enquanto colhíamos o material para esta antologia, pensávamos que os autores nacionais podiam dedicar um pouco do seu tempo a este gênero, tão do gosto popular. Por que não o farão?” (MONTEIRO, 1959a). Além de escrever e ser responsável pela formação do *fandom*, Monteiro lutava pelo gênero, tentando trazer a este mais nomes do cânone literário brasileiro, assim como novos autores.

Ainda no mesmo ano, e pela mesma editora, lançou a antologia “Conto Trágico”, nono volume da supracitada coleção. Segue o arrolamento de contos e seus respectivos autores: “Curiango” – Affonso Schimidt, “Um homem bom” – Alberto Rangel, “Estaqueado” – Alcides Maia, “O açougue” – Brenno Accioly, “Meu sangue” – Coelho Netto, “Possessão” – Domício da Gama, “G.C.P.A”. – Gastão Cruis, “O caldo” – Humberto de Campos, “Acauã” – Inglês de Souza, “A hora e vez de Augusto Matraca” – João Guimarães Rosa, “Dentro da noite” – João do Rio, “Miss Elkins” – Léo Vaz, “Venha ver o por do Sol” – Lígia Fagundes Teles, “Clara dos Anjos” – Lima Barreto, “O hóspede” – Lúcio de Mendonça, “João Peba” – Luiz Canabrava, “A causa secreta” – Machado de Assis, “Uma escrava” – Magalhães de Azeredo, “” – Medeiros e Albuquerque, “Bugio moqueado” – Monteiro Lobato, “Gapuiador” – Peregrino Junior, “O primeiro amor de Antonio Maria” – Ribeiro Couto, “Comunhengue” – Valdomiro Silveira, “O presente de bodas” – Veiga Miranda, “A besta” – Viriato Correa. Na antologia, após tecer informações sobre o fantástico na literatura, ele se mostra

mais otimista em relação ao gênero no Brasil, traçando suas raízes ao clássico “Noites na Taverna” de Álvares de Azevedo:

E no Brasil não seria de todo destituído de verdade, se se dissesse que o gênero conto teve início, no século passado, com as histórias fantásticas de Álvares de Azevedo, nas Noites na Taverna. Daí por diante, a literatura fantástica incorporou-se à nossa ficção, dando a alguns dos nossos melhores escritores oportunidade de criarem verdadeiras obras-primas do gênero. E raros foram os prosadores nacionais que não excursionaram pelo fantástico, compondo uma ou mais histórias desse tipo. Monteiro Lobato, por exemplo, tão objetivo em suas preocupações de homem e de artista, escreveu não um conto, mas todo um romance fantástico, o seu único romance – O Choque. E também Gastão Cruis, em sua Amazônia Misteriosa, ou Menotti Del Picchia, em A Filha do Inca. (MONTEIRO, 1959b, p. 8)

1.4.5 Ficção Científica

Finalmente, entraremos na ficção de gênero mais trabalhada por Jerônimo, a ficção científica. Além disso, falaremos sobre sua presença no meio científico da época e sua importância na criação de uma comunidade de fãs (fandom) e produtores de FC.

Em 1932 escreveu o livro “O Irmão do Diabo”, que narra a aventura de um grupo de expedicionários numa tribo perdida – descendente de uma civilização antiga - na Amazônia; em 1973 esta obra seria republicada pelo Clube do Livro, com o título de “O Ouro de Manoa”. O tema das civilizações antigas, perdidas e misteriosas é retomado num de seus melhores textos, “A Cidade Perdida”, de 1948, cuja inspiração é claramente doyliana⁶¹ - não o Conan Doyle (1859 – 1930) do conhecido “Sherlock Holmes”, mas o de “Mundo

⁶¹Sir Arthur Conan Doyle (1853 – 1930), além de conhecido pela ficção detetivesca protagonizada por Sherlock Holmes, também escreveu Ficção Científica. Assim como Jerônimo Monteiro, também se interessava por misticismo, tendo escrito: *A História do Espiritismo* (1926) e *The Coming of the Fairies* (1922), além de outros. (SF-ENCYCLOPEDIA, 2011?)

Perdido” – e também oriunda dos trabalhos de H. Ridder Haggard⁶² (1856 – 1925).

1.4.5.1 Jerônimo Monteiro Místico e/ou Realista Fantástico⁶³?

Ao lermos “A Cidade Perdida”, de 1948, fica clara, em Jerônimo Monteiro, a característica de misturar ciência a conhecimentos pouco ortodoxos, sem considerar um superior ao outro, colocando-os em patamar de igualdade. A fim de ilustrar a afirmação, e dirimir a tensão entre narrador (enquanto constituinte estrutural da narrativa) a escritor na obra em questão, podemos acompanhar texto escrito pelo próprio Monteiro, no “Almanaque do Pensamento”⁶⁴, onde ele demonstra seu entendimento sobre a existência das coisas que a ciência de sua época ainda não seria capaz de explicar. Após realizar viagem para os territórios próximos ao Rio Amazonas, assim como andar de barco pelo próprio rio, ele se mostra descrente das explicações positivas dadas pela “ciência oficial”:

Tanto durante as leituras como durante as viagens que fiz ao vale amazônico – algumas perguntas se levantam, insistentes: Que terra é esta? Que homens são estes que a habitam desde séculos? Quem riscou nas pedras do sertão estes sinais que se chamam hoje “inscrições rupestres”? Em busca de resposta a essas perguntas, tenho devorado milhares de páginas impressas, viajado milhares de quilômetros. E a resposta que me acode, que parece plausível, me satisfaz – é uma resposta que a ciência oficial não reconhece. Porque há uma “ciência oficial”, assentada em dados estabelecidos, que repudia tudo o que possa vir subverter a cômoda ordem cimentada, segundo a qual se ensina, se escreve, se fazem discursos, se estabelecem programas. (MONTEIRO, 1966)

⁶² Autor britânico de “As Minas do Rei Salomão”.

⁶³ Utiliza-se aqui a expressão “Realismo Fantástico” no sentido preconizado por *Louis Pauwels* e *Jacques Bergier* em seu “Despertar dos Mágicos” (1966).

⁶⁴ Almanaque anual editado pela Editora Pensamento, desde 1912, traz assuntos místicos, entre eles: previsões astrológicas, numerologia, horóscopo chinês etc.

E prossegue, criticando a ciência institucionalizada por seus donos, visando muitas vezes objetivos políticos ou ideológicos. De acordo com Monteiro, apesar de muito falarmos, pouco sabemos:

A resistência dos “donos da ciência” é enorme. Para exemplificar, basta lembrar o que foi a luta de Darwin e seus seguidores a fim de convencer a ciência oficial de que a teoria da evolução, com sua lógica (aliás verificável), resolvia os problemas e dificuldades de compreensão da variedade das espécies. A luta durou muitos anos; a oposição foi tremenda; a repulsa impiedosa. Por quê? Porque era preciso derrubar velhos tabus; era preciso reformar velhas teorias; era preciso rever toda a História Natural. E por que fazer isso, se as bases estavam tão bem assentadas, tudo tão ajeitadinho? Por que mexer na velha panela: Só para estabelecer uma verdade que, afinal, era dispensável?

Outros exemplos poderiam ser aduzidos em outros ramos da Ciência – mas não há espaço. Basta-nos concluir, por esse meio que, apesar de toda nossa prosápia, não sabemos nada definitivo. (MONTEIRO, 1966)

E continua em seu belicoso discurso, criticando a ciência oficial, assim como a História e a Etnografia, a fim de defender dois pontos controversos: a existência do continente de Atlântida⁶⁵ e a origem do homem:

Tenho a impressão de que estamos diante de fato semelhante no que se refere a dois problemas de História e de Etnografia, muito importantes para o estabelecimento de bases mais sólidas: a existência da Atlântida e a origem do homem americano. [...] Querem, de qualquer modo, a qualquer custo, excluir o nosso continente da participação no aparecimento do homem. E enfileiram razões e provas, observações e teorias, esquecendo-se, talvez, de que essas mesmas razões, provas, observações e teorias, se tomadas em sentido inverso, funcionam de igual modo. O homem poderia ter surgido em nosso continente e aqui ter se desenvolvido, e poderia ter emigrado para o Oriente, para a Ásia, para a Europa, pelos mesmíssimos caminhos pelos quais, dizem, veio de lá para cá. (MONTEIRO, 1966)

⁶⁵ Pensando tratar-se de um iniciado (conhecedor dos mistérios ligados às sociedades esotéricas), a Sociedade Teosófica Brasileira, atual Sociedade Brasileira de Eubiose, entrou em contato com Monteiro, devido à riqueza de seus conhecimentos sobre a Atlântida. Para maiores informações, ver o adendo Necrológico.

Também apresenta razões para a defesa de sua tese, tanto históricas e geográficas, como lingüísticas e etnográficas; semelhanças lexicais e culturais também servem como confirmação. Finaliza criticando a ciência estabelecida e o pouco caso que essa apresenta com a América, sendo este o real motivo para que a origem geográfica do homem seja aceita como ponto pacífico:

O Brasil, principalmente na Bahia, no Piauí, em Sergipe, em partes do vale amazônico, apresenta pedras com milhares de inscrições rupestres. O interesse que a ciência oficial tem dado a essas inscrições é ridículo. Partem do princípio que aqui nunca houve povos de culturas apreciáveis; portanto, por que perder tempo com essas coisas? Qualquer risco, porém, que se encontre numa pedra, na Ásia, na África movimenta academias, instituições científicas, sábios e pesquisadores. As fabulosas ruínas das Sete Cidades na Paraíba; as ruínas, escavações e cerâmica da Ilha de Marajó – são coisas sem importância. A coincidência de signos rupestres brasileiros com inscrições encontradas na Ásia e na África são apenas coincidência. A semelhança de mitos e lendas dos índios brasileiros com mitos e lendas universais são coisas sem importância. O fato de muitas palavras das línguas de nossos índios serem semelhantes e com igual significado de palavras gregas, egípcias e outras, não parece ter importância alguma. (MONTEIRO, 1966)

Finaliza sua crítica à ciência estabelecida argumentando que ela é baseada em “verdades” assentes, que se confirmam por posteriores raciocínios categóricos. Infelizmente, na visão de Jerônimo Monteiro, parte da ciência brasileira não era séria:

Por quê? Porque se estabeleceu que o homem veio de lá para cá, e tudo o que possa indicar o contrário é ignorado. Nunca se fez no Brasil, trabalho de exploração arqueológica, nem mesmo etnográfica, ou linguística que mereça esse nome. Apenas uma coisinha aqui, um buraquinho ali, uma escavaçãozinha acolá – se acaso aparece alguma coisa... silêncio! (MONTEIRO, 1966)

Não obstante as invencionices, civilizações hipotéticas e/ou perdidas, misticismo e roteiro aventuroso, aparentemente “A Cidade Perdida”, de fato contribuiu para a arqueologia brasileira, haja vista que é citada em “Pré-História

Brasileira: Fatos e Lendas” (1971), de Renato Castelo Branco⁶⁶ (1914 -1995), que dedica seu trabalho a Jerônimo Monteiro.

Passando do “Realismo Fantástico” à mediunidade, Jerônimo Monteiro escreve “Três meses no Século 81”, lançado em 1947. No romance, um grupo de médiuns⁶⁷ reunido por Campos (o protagonista), em São Paulo, Capital, permite-lhe viajar mental e espiritualmente ao futuro. Ao acordar encarnado em Loi, um ser humano existente no século 81, Campos assiste, abismado, à nova Terra, cujo governo remove dos recém-nascidos a glândula responsável pelo amor. Inconformado, passa a liderar uma rebelião.

1.4.5.2 Fundação da Sociedade Interplanetária

Além da sua produção enquanto ficcionista, Jerônimo Monteiro também discutia e participava da ciência de seu tempo. Somado a seu interesse por Arqueologia, Etnografia, História, Linguística e Paleontologia (visto em “A Cidade Perdida”), ele participou, em 1953, da fundação da Sociedade Interplanetária Brasileira, instituição que, num exercício científico de futurologia,

⁶⁶ Foi advogado, escritor, publicitário e arqueólogo. Suas principais obras, no campo da Arqueologia, é “Pré-História do Brasil: Fatos e Lendas” (1971) (WIKIPEDIA, 2016?)

⁶⁷ De acordo com CAUSO (2003 p. 290–292): O que torna 3 meses no século 81 precioso é a maneira escolhida por Monteiro para viabilizar a visita ao futuro: não uma máquina do tempo nascida em uma sociedade ainda incapaz para a tecnologia, mas através de um voo do espírito, gerenciado por médiuns reunidos por Campos, na capital paulista (...) o que interessa, porém, é menos o modo com que Campos realiza a viagem para o futuro – místico e não científico / tecnológico – mas que ele de fato consegue, e uma vez lá, torna-se protagonista, e não observador de feitos alheios. O brasileiro se tornará um agente no futuro, não importa o quê, e a solução de Monteiro representa uma espécie de “jeitinho brasileiro” que dá conta da distância tecnológica do Brasil em relação a países modelares da FC estrangeira, ao mesmo tempo que não permite que essa consciência limite a capacidade da sociedade nacional de se tornar protagonista de sua própria experiência história; ou da ficção científica produzida em país de pouca ciência e tecnologia, ainda assim encantar pela sua engenhosidade e vigor narrativo, nutrida pelo espírito de aventura e maravilhamento, tão próprios da pulp fiction que o inspirou, e que nos chega como uma mistura encantadora do visionário e do nostálgico.

pretendia discutir as possíveis viagens a outros planetas. Vários cientistas, nacionais e estrangeiros, estavam presentes, entre eles José Reis⁶⁸, que narrou a fundação da sociedade:

Foi fundada em meados de fevereiro do corrente ano em São Paulo, a Sociedade Interplanetária Brasileira, associação que tem por finalidade reunir homens de ciência, escritores e pessoas direta ou indiretamente interessadas nas futuras viagens para outros planetas, com o objetivo de manter o mais a par de todo aquilo que seja feito, no mundo, no tocante às possibilidades de excursões pelo espaço sideral. (REIS, 1953)

Os fundadores reúnem-se na sede de campo, em Carapicuíba, “para debates de assuntos referentes ao futuro turismo inter-astros” (REIS, 1953). A sociedade, a fim de manter o protagonismo brasileiro no turismo espacial, “está entrosada com entidades congêneres de todo o mundo sendo, pois, no Brasil, a pioneira do “interplanetarismo” (REIS, 1953).

Para José Reis, a contribuição das sociedades interplanetárias para com a Divulgação Científica era muito grande. Não há dúvida que essas associações representam excelente oportunidade de divulgação científica. Mesmo que seus membros não entretenham ilusões quanto à possibilidade de atingir, com nossos foguetes, os mundos distantes, tantas são as ciências que contribuem para a solução, pelo menos teórica, dos problemas de voo interplanetário (medicina, metalurgia, física, química etc.) que o simples estudo rápido desses problemas pode familiarizar o homem comum com algumas conquistas das mais notáveis, da ciência. Este é, aliás, o interesse maior das associações interplanetárias, para não falar do puramente social, pela maior aproximação entre homens de várias profissões, de vários credos, de distintas tendências intelectuais. (REIS, 1953)

Sendo que a preocupação com a Divulgação Científica está claramente presente na segunda das quatro finalidades da Sociedade Interplanetária Brasileira, como pode ser visto na reprodução por José Reis de seu regimento:

⁶⁸ José Reis (1907 – 2002) foi um cientista e jornalista especializado em divulgação científica; também foi um dos fundadores da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).

2. realizar amplo programa de divulgação dos conhecimentos relacionados com esse problema, pondo em foco, de maneira muito particular, a colaboração das variasciencias para esse fim (objetivo dos mais elevados, numa epoca de tanta especialização, em que com facilidade se perde a noção de que a ciencia, na verdade, é uma só (REIS, 1953);.

Jerônimo Monteiro, como autor de “semidocumentários” (REIS, 1953) e enquanto membro fundador, “entrou para a Sociedade Interplanetaria Brasileira como ficcionista, achando que o escritor de semidocumentários (forma como ele se referia à FC), necessita manter contacto com a vanguarda da ciencia” (REIS, 1953). E diz José Reis, com clara intenção educativa e científica:

O interesse maior de entidades como a Associação Interplanetaria Brasileira está em desenvolver o estudo e a pesquisa em torno de variasciencias. Se o objetivo não é alcançado, os meios são palmilhados e isto, somente isto, traz uma serie infinda de vantagens. Homens de pensamento, homens de ciencia, escritores, tecnicos, engenheiros, evitando esforços em busca de uma solução para a viagem à lua, poderão resolver muitos problemas atinentes ao transporte a jactopropulsão, nos céus deste planeta.” Poder-se-ia dizer [...] se a expressão não fosse por demais surrada, que “quem não faz castelos no ar nunca os terá em terra... (REIS, 1953).

Aqui me permito um pequeno aparte, quem a vida mimetiza: a ciência ou a Arte? Além de a FC se basear na ciência, daí o seu nome, a fundação da Sociedade Interplanetária parece-me digna de constar num romance de ficção científica.

1.4.5.3 Geração GRD e após

Por intermédio das edições GRD (do importantíssimo editor Gumercindo Rocha Dorea⁶⁹), Jerônimo Monteiro lançava, em 1961, “Fuga para Parte Alguma”, oitavo volume da Antologia Brasileira de Ficção Científica, que marcou a evolução do gênero no país ao reunir pela primeira vez autores brasileiros consagrados como Antonio Olinto, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, o próprio Jerônimo Monteiro, Lúcia Benedetti e Rubens T. Scavone, e estreantes como Clóvis Garcia, André Carneiro e Zora Selja. “Fuga para parte alguma” desenvolve uma idéia usada em diversos filmes B: gigantescas formigas passam a se reproduzir incontrolavelmente, destruindo cidades e matando pessoas.

Figura 12 - Gumercindo Rocha Dorea (foto de 2001)

⁶⁹Nascido no ano de 1924, em Ilhéus (Bahia), Gumercindo Rocha Dorea foi o responsável pela grande propagação da literatura brasileira de ficção científica, por meio da conhecida geração GRD, nas décadas de 1960 e 1970(ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2020)

Em 1963, lançava “Os Visitantes do Espaço”, que tratava do tema da “invasão” alienígena. Oriundos do segundo satélite de Júpiter, Io, estranhos extraterrestres em forma de tubérculos com tentáculos pousam seus discos voadores em Goiás, na fronteira com o Mato Grosso; seu único objetivo é retirar um pouco de hidrogênio da nossa atmosfera, gás vital para eles. Para variar, os terráqueos não gostam da “visita” e partem para o ataque. Hugues, personagem responsável por realizar as intermediações entre terráqueos e extraterrenos, deixa clara sua opinião sobre os humanos, quando questionado se os visitantes de Io estariam interessados em conquistar a Terra:

vocês não pensam, noutra coisa? Não compreendem que possa haver outros interesses além dos de conquista e domínio? Eu creio bem que isto é um mal humano. O homem pensa continuamente em domínio, em conquista, em poder. E julga todos os outros seres pelos seus próprios padrões. É uma verdadeira obsessão! E se eu lhes dissesse que em Io não há nenhuma espécie de arma de guerra, vocês acreditariam? (MONTEIRO, 1963, p. 69)

E prossegue:

Não há remédio mesmo. O homem é incorrigível e teimoso. Eu disse aos Ionas que era melhor não se meterem com os humanos. Mas eles não acreditam que possa haver povos que pensem apenas em guerra e conquista e que não vivam em paz. Eles não compreendem, de modo algum, que se usem armas de destruição e que povos se assaltem uns aos outros como animais ferozes. Quando lhes descrevi as miseráveis condições em que vivem os humanos, em constante disputa, em constante perigo de guerra, sustentando exércitos armados, empregando o melhor de sua atividade e das rendas de seus países para a manutenção da máquina de guerra, eles não quiseram acreditar. [...] na Terra só há uma espécie inteligente, a espécie humana... E então, é que eles riram na minha cara! (MONTEIRO, 1963, p. 83)

Percebe-se, de forma clara e sem voltas, a opinião de Jerônimo Monteiro sobre o ser humano e seus defeitos, passíveis de causar guerra com um povo pacífico. É a tendência de julgar o outro com base nos próprios

comportamentos, incapacitando, dessa forma, a descoberta do outro. O engenheiro Hugues gargalha perante a pretensão humana de julgar os alienígenas conforme critérios oriundos do comportamento terrestre, ou seja, a impossibilidade humana para a alteridade:

[...] tinham os pobres homens importantes colocados sobre seus ombros a responsabilidade espantosa de proteger a Terra e a Humanidade; de livrá-la de todo o mal, de assegurar-lhes toda a felicidade, como vinha fazendo desde longos anos. Não atinavam que os perigos para os quais estavam alertas eram justamente aqueles mesmos que ameaçavam nossos próprios irmãos terrestres (MONTEIRO, 1963, p. 92).

Utilizando-se das repostas do engenheiro, o escritor dá voz às suas elocubrações sobre a raça humana em tom irônico, mostrando que à condição humana correspondem a mesquinharia, a beligerância, o ódio, o desrespeito ao outro e a intolerância, entre outros defeitos. O ser humano, perante outras raças, engatinha:

Amanhã os lonas irão embora e vocês ficarão com seus pequeninos interesses, seu desmedido orgulho, sua incomensurável mesquinhaz. [...] A Raça Humana é a mais egoísta e cruel de todas as que habitam o nosso Universo. Dia virá em que se corrigirá desses defeitos — mas muito terão que chorar e sofrer em sua própria carne por não aceitarem a evidência e fecharem os olhos deliberadamente aos grandes sentimentos (MONTEIRO, 1963, p. 101).

A presunção humana equivale ao pecado hereditário causador de todos os males terrestres, pois o ser humano não admite a existência de seres superiores, inclusive de Deus, pois se coloca como criador deste.

Por fim, um ano depois do decreto que instaurava o AI-5, em 1969, Monteiro lançava o livro “Tangentes da Realidade”, uma coletânea de oito contos sendo este seu último livro. Os contos tiveram os seguintes títulos: “Pedras Radiantes”, “Estação Espacial Alfa”, “O Copo de Cristal”, “Missão de Paz”, “O Elo Perdido”, “Um Braço na Quarta Dimensão”, “A Incrível História de Tomás de Saagunto” e “O Sonho”.

“Pedras Radiantes”, datado de 1964, inaugura a coletânea. Conta a história de José Prendick Campos, auto-denominado garimpeiro, e suas visitas a diversas joalherias, onde oferece vários diamantes por verdadeira bagatela. É notória a transformação do personagem Garcia que, enriquecido por meio de negócios imobiliários onde explorava os despossuídos, passava a agir honestamente e construir habitações populares. Em várias partes do mundo, o mesmo fenômeno sucedia. No final, fica clara a relação dos diamantes de Campos com tal reforma. Mais uma vez, Monteiro mostra, de forma crítica, e por meio de seus personagens, a incapacidade e má vontade do ser humano para resolver os problemas sociais; faz-se necessária a intervenção de uma força oriunda de outro local.

Em “Estação Espacial Alfa”, publicado na “Antologia Brasileira de Ficção Científica” (DOREA, 1961), tem como pano de fundo as relações entre corrida espacial e Guerra Fria. No conto, o cientista Lot é responsável por inspecionar a primeira nave a orbitar a Terra. Em determinado momento, os tripulantes observam a existência, fora da nave, de um objeto estranho e totalmente desconhecido, porém ao se aproximarem, observam se tratar de uma estação espacial russa. Devido a problemas na nave, os tripulantes vêem-se na necessidade de desembarcar, sendo educada e carinhosamente recebidos na estação russa. Apesar dessa calorosa recepção, as autoridades na Terra percebem o ocorrido como uma declaração de guerra. O final, que é de se esperar, traz novamente a crítica mordaz de Jerônimo Monteiro ao ser humano, e sua descrença no mesmo.

Escrito originalmente em maio de 1964, outro livro “O Copo de Cristal” relata, em meu entender, uma passagem autobiográfica da vida de Monteiro, de modo metafórico: o momento em que, por engano, ele foi preso pelas forças repressivas, no dia 31 de março, pouco antes do golpe militar. O estilo do narrador é altamente crítico, ácido e mordaz. O conto narra a história de um estranho artefato (o copo de cristal) capaz de revelar o futuro a seus observadores. Aqui, é o próprio gênero da ficção científica que serve como pano de fundo para o medo nuclear, sempre entremeado com descrições bucólicas da vida em Mongaguá e da difícil infância vivida pelo autor. Além da crítica ao ser humano, tão cara a JM, observa-se a crítica ao contexto de

repressão efetuada pela ditadura⁷⁰, feita metaforicamente por meio da ficção científica. O gênero, muitas vezes considerado como de simples divertimento, apresenta em “O Copo de Cristal” função claramente social.

“Missão de Paz”, de 1965, mostra a captação, por parte de um grupo de cientistas, de emissões espaciais que, após decodificadas, mostram ser provenientes de um disco voador alienígena que busca pouso em nosso planeta. Curiosamente, quem desembarca são apenas humanos abduzidos em épocas anteriores. Um dos discos, ao pousar, é recebido por forte artilharia terrestre, mas nada acontece ao OVNI (objeto voador não identificado). Os alienígenas mandam um raio que destrói todas as armas usadas no ataque e avisam aos humanos que se todo o arsenal terrestre não for destruído, os próprios extraterrenos o destruirão, causando com isso grande perda de vidas para os humanos. Pertencente ao subgênero clássico do contato, o texto traz, novamente, a forte crítica de Jerônimo Monteiro à humanidade, mostrando a necessidade de interferência exterior para que a pacificação terrestre ocorra.

Já presente na antologia “Além do Tempo e do Espaço” (V/A, 1965), o conto “O Elo Perdido”, foi republicado na antologia “Tangentes da Realidade”, em 1969. Nele, é narrada a história de um casal modelo que deseja ter um filho, porém, a criança passa a desenvolver aparência e comportamento bem

⁷⁰ De acordo com CAUSO, (2007) : Em “O Copo de Cristal” [...], Monteiro revela alguns aspectos centrais da sua produção, além de elementos que são distintivos da FC brasileira - a descrição de uma vida simples, um certo tom intimista, a crítica à imaturidade humana – e da FC da década de 1960 – o temor da guerra nuclear, especialmente. Aparecem ainda detalhes da vida do escritor: a infância tiranizada pelo rígido pai, a experiência de ser preso pelo regime militar, e a casa em Mongaguá, na qual se deram tantos almoços reunindo os fãs de ficção científica que formaram o “Primeiro Fandom” brasileiro, e até sua coluna no Jornal **Tribuna de Santos**. Monteiro foi um dos criadores da Associação Brasileira de Ficção Científica, em 1965, e esteve à testa do movimento de fãs até sua morte, em 1970” [...]... o que é testemunhado aqui (em “O Copo de Cristal”) reflete intensamente a experiência brasileira do momento: a crítica direta aos excessos do regime militar – o conto foi escrito em maio de 1964, um mês após a tomada do poder pelos militares, e sua existência contesta o senso comum de que os autores da década de 1960 se abstiveram de criticar o golpe de Estado - , que é inserido num movimento maior de violência e autodestruição total...”

estranhos. No meu ponto-de-vista, um bom exemplo do gênero ficção científica de horror.

A sexta narrativa de “Tangentes da Realidade”, “Um Braço na Quarta Dimensão”, de 1964, é uma narrativa matizada em crônica, e, diferentemente das outras presentes no livro, temos a figura do narrador personagem, o qual conta a história de um homem –preocupado em realizar trabalho de construção na sua residência em Mongaguá (cidade onde JM residiu por vários anos) que perdeu um dos braços de forma altamente inusitada (teleportando-se inconscientemente) e ligada a uma espécie de maldição familiar.

“A História de Tômas de Saagunto” é uma narrativa de horror. O protagonista, acompanhado pelo pai e alguns mineiros, encontra-se preso durante semanas numa mina que desmoronou: na escuridão total, encontram-se vários perigos e desafios.

Encerrando a coletânea, “O Sonho”, também em tom de crônica, pode ser visto como os hodiernos trabalhos pertencentes ao gênero de *dark fantasy*⁷¹. Nesta crônica, um grupo de amigos, das mais variadas crenças e costumes, reúne-se para discutir a natureza dos sonhos. Um dos personagens, em vez de opinar, narra uma experiência pessoal, envolvendo guerra e altas doses de militarismo.

Fica claro, ao observar o pequeno resumo dos contos reunidos em “Vertentes”, que o tema central do livro é a tragédia, sendo esta vista como condição humana criada pelos próprios terrestres. Essa crença distópica em relação ao futuro da humanidade é marcante em todos os trabalhos do autor dentro da ficção especulativa; no caso do Brasil, muitas vezes o passado é melhor que o presente e infinitamente superior ao futuro. A crença no progresso científico alia-se à crítica ao cronocentrismo.

Além de escrever livros e publicar a anteriormente citada coluna “Admirável Mundo Novo” – onde apoiava outros autores do gênero, Jerônimo

71 Mescla entre horror e fantasia que, na maior parte das vezes, traz ambientes fantásticos com elementos de terror. Essa mistura, atualmente, aparece muito nos trabalhos de fantasia urbana

Monteiro sempre se preocupou em divulgar e profissionalizar a FC. Escreveu contos nas seguintes publicações: “O Cruzeiro”, “Fonfon”, “A Cigarra”, “Eu Sei Tudo”, “Lady”, “Globo” e “Vida Doméstica”⁷². Na editora Globo, dirigiu a revista “*Magazine de Ficção Científica*”, iniciada em 1970, trazendo histórias primeiro publicadas em “The Magazine of Fantasy & Science Fiction” e um conto nacional por número, em contraste e dando um passo adiante a títulos como “Galáxia 2000” e “Cine-Lar Fantastic”, que apenas traduziam contos estrangeiros. Muitos nomes da geração GRD apareceram ao lado de alguns novatos. A revista chegou ao seu vigésimo número em novembro de 1971, quando fechou as portas por falta de resposta comercial. Na década de 1990, a “*Isaac Asimov Magazine*” (edição brasileira da *Asimov’s Science Fiction*) criou o “Prêmio Jerônimo Monteiro” em homenagem ao escritor.

Por tudo isso, em nosso entender, Jerônimo Monteiro pode ser considerado o criador e principal apoiador do fandom brasileiro referente à ficção científica. Em 1965 criou a primeira Associação de FC do país (durante a 1ª Convenção Brasileira de Ficção Científica, ocorrida em setembro daquele ano no auditório do grupo “Folhas”) que reunia nomes como André Carneiro, Rubens Teixeira Scavone, Clóvis Garcia, Vladimir Nader e Antonio Olinto. Mas, antes da ABFC (Associação Brasileira de Ficção Científica), existiu o “Clube Ciencificção”, também capitaneado por Jerônimo Monteiro, que realizava seus encontros na casa de Jerônimo em Mongaguá, no litoral norte.

Monteiro residiu em Mongaguá, entre os anos de 1961 e 1969. Sendo que em meados de 1969 passou a viver alternadamente entre Mongaguá e São Paulo. Adoeceu, no dia 6 de março de 1970, vivendo praticamente acamado dali por diante. Em decorrência de um aneurisma na aorta, faleceu em 1º de julho do mesmo ano⁷³.

⁷² Até o momento, da autoria de JM, encontrei contos românticos, pertencentes à chamada literatura cor de rosa, principalmente na revista *Lady*. Também textos de e sobre FC, não obstante sem assinatura ou sob pseudônimos. Não se sabe se tal procedimento era necessidade editorial ou procedimento utilizado por Jerônimo, impossibilitando correta atribuição de autoria.

⁷³ Ver, em anexos, o necrológio referente ao falecimento de JM. É muito interessante notar que, em vida, ele fora contatado por grupos místicos, devido a seus romances.

Jerônimo Monteiro foi uma espécie de ficcionista futurólogo de um devir romântico – buscador de um futuro imaginado onde a paz e a alegria estariam presentes na humanidade. Daí, sua dedicação à ficção científica: projetava no futuro ou nos alienígenas seus ideais e medos presentes.

No intróito de “3 Meses no Século 81”, sob o título de “Com Licença”, JM mostra sua crença numa ciência diferente da praticada, mais incluyente, dedicando o livro a indivíduos que “admitem a existência de uma porção de coisas além daqueles que os espíritos positivos e áridos julgam totais e concludentes” (MONTEIRO, 1963, p. 5). Justificando-se, ele ainda escreve que

seu objetivo foi divertir o autor enquanto criava, facilitando-lhe o trabalho de alijar o cérebro de uma porção de estrepes incômodos, como também divertir o leitor, abrindo ante sua imaginação uma cortina que por mais que se puxe teima em se conservar fechada. Neste mundo contraditório e mau em que vivemos existem raras oportunidades de se encontrar o maravilhoso frente a frente – e eis, pois, o meio: usemos o cérebro para suprir as deficiências da realidade. Hoje, mais do que nunca, o homem precisa de histórias encantadas (MONTEIRO, 1963, p. 4).

Percebe-se claramente, à guisa de parcial conclusão, a absorção, por parte de Jerônimo Monteiro, nos meios intelectuais de sua época, sejam eles científicos, literários, educacionais ou místicos, tendo contato com escritores e cientistas e, muitas vezes, nesses meios, em constante dialética, recebendo, transformando e propagando ideias, as quais seriam absorvidas e propaladas pelo incipiente fandom nacional, justificando a presença de um grupo de gênero literário essencialmente brasileiro, apesar do constante diálogo com as influências estrangeiras. Uma ficção científica onde o ser humano é dono de seu próprio destino - fadado, se persistir em suas tendências agressivas, destruidoras e desagregadoras, à tragédia, à intervenção ou à inexistência - é a produzida por Jerônimo Monteiro. E essa perplexidade perante a condição

humana, característica marcante da alta literatura, pode ser muito bem expressa pela literatura de gênero, que além de divertir, é capaz de instruir e chamar à reflexão, à discussão e à crítica social.

1.5 Exemplo de análise de conto (A Caixa-Preta da Hereditariedade)

As leis da hereditariedade talvez sejam ainda discutíveis, já que nada é definitivo na sabedoria humana. Há casos que elas não explicam completamente, como este.
(MONTEIRO, 1969, p.117)

Como discutido na passagem a respeito da aplicação das ideias de Bruno Latour, agora apresento análise principalmente baseada no conceito de caixa-preta. A presença da ciência e da brasilidade também será analisada.

O conto de Jerônimo Monteiro, “O Elo Perdido”, narra a história do casal Flávio e Berenice que, acompanhado pelo Dr. Bernstein, dá à luz a um menino diferente, Carlos, que apresenta os traços de um homem pré-histórico. A narrativa, transcorrida num período de doze anos, relata as dificuldades familiares para criar a criança, assim como o ódio paterno pelo filho, principalmente, devido ao fato de ele ser diferente. Permeado por discussões e termos científicos, o texto, além de apresentar matiz fortemente teratológico, dialoga com diferentes disciplinas, a Antropologia, a Embriologia, a Genética e a Paleontologia.

Apesar de não ser descrito de forma monstruosa ou assustadora, o aspecto físico de Carlos, ao nascer, é bem diferente:

Não se trata de nada pavoroso, como você talvez esteja imaginando, mas preciso dizer-lhe, antes que você o veja. Ao que parece, seu filho não completou a evolução normal, compreende? Está, ou antes, ficou atrasado, como se tivesse nascido antes do tempo. Nada de espantoso. (MONTEIRO, 1969, p. 113)

E a descrição prossegue:

É forte, musculoso, coberto de pelos finos e... [...] tem um rudimento de cauda. [...] Só isso. Pequenos indícios de evolução incompleta, como a pelagem avermelhada no corpo, o maxilar forte, proeminente... [...] e também testa fugida, arcadas superciliares espessas, unhas compactas [...] e pernas arqueadas e braços longos... (MONTEIRO, 1969, p.119)

O pai, ao ouvir as características do filho, e depois de vê-lo, fica horrorizado: “Meu filho é um monstro!” (MONTEIRO, 1969, p.119) [...] “Tem certa semelhança com um antropóide...” (MONTEIRO, 1969, p.120); e passa a, inconscientemente, animalizar o comportamento da criança, dando-lhe qualidades monstruosas. Assim como os terráqueos, em outros textos de Jerônimo Monteiro, preconceituosamente julgam os alienígenas em decorrência de seus aspectos físicos, Flávio, em total falta de empatia, julga o filho da mesma forma. A mãe, apesar de estranhar as características do filho, ama-o e lhe dá a atenção necessária a uma criança.

O Dr. Bernstein, preocupado com o comportamento de Flávio, explica-lhe cientificamente a formação do feto, e diz ao pai que, com o tempo, essas características podem mudar:

Você deve saber que o feto humano, até certo ponto da sua evolução, no útero materno, tem características não humanas. Há um momento em que tem guelras e a cauda é um de seus aspectos mais evidentes. Mas, antes do nascimento, tudo isso desaparece. A cauda é absorvida. E também não é o primeiro caso. Têm nascido outras crianças com cauda (MONTEIRO, 1969, p.119).

Porém, aos três meses de idade, Carlinhos continuava apresentando características simiescas, para desespero do pai:

Aos três meses, Carlinhos era um garoto excepcionalmente forte. Tinha o corpo coberto de pelagem ruiva e os braços um tanto mais compridos do que seria normal. Pernas levemente arqueadas, com pés grandes, chatos, de dedos muito móveis. A caixa torácica era extremamente desenvolvida. O rudimento

de cauda fora quase completamente reabsorvido, mas o cóccix apresentava uma calosidade anormal. Os demais sintomas de preponderância simiesca eram tênues. Cabeça pequena, testa curta e fugidia, arcadas superciliares salientes, olhos pequenos, profundos (MONTEIRO, 1969, p. 123)

Além disso, o comportamento social do filho também se tornou motivo de preocupação para a família:

Com o retraimento do menino sobrevieram diversas contrariedades, entre elas as causadas por outras crianças e suas mães. As crianças não gostavam da companhia de Carlinhos. Algumas se assustavam com a pegada de suas mãozinhas fortes, rijas. E outras mulheres não escondiam tão bem sua pena pelo garoto que Berenice não a percebesse. (MONTEIRO, 1969, p. 123)

Preocupado com isso, o casal decide mudar-se para uma casa isolada, onde o filho possa dar vazão à sua natureza “animal”. Devido ao físico diferente e à força desproporcional, a criança parte para um processo de desumanização, indo morar numa casa distante, em meio ao mato, onde pode correr nu e subir nas árvores, além de brincar com outros animais:

Era como Carlos vivia: pelos matos, como um bicho. Gostava de andar nu. Assim que se pegava longe de casa desembaraçava-se do macacão que costumava usar para maior comodidade, tirava as sandálias e ficava à vontade. O local de sua preferência, quando não andava correndo a descobrir coisas, era entre os galhos de uma enorme e frondosa figueira. Ali ficava horas esquecidas, imóvel, olhando. (MONTEIRO, 1969, p. 128)

Dr. Bernstein, ciente de que o casal não apresentava capacidade de lidar com uma criança diferente, observa que para conviver com o menino é necessária uma mentalidade científica e observadora, mostrando que, dessa forma, a ciência pode superar diferenças, causando entendimento entre os diferentes. O diferente deve ser estudado e compreendido, não jogado ao

longe e/ou desprezado, e à mente científica cabe esse papel. Mas, ao mesmo tempo, ele não entendia como o casal gerara uma criança tão diferente:

Bernstein se punha a pensar em como um casal tão harmonioso, tão normal (pelo menos aparentemente), tinha dado nascimento àquele anacronismo (grifo nosso). Por esse tempo ele não tinha ainda atinado com a causa, [...] Compreendia que seria necessária mentalidade científica, de observação e pesquisa pra se compreender o menino e não se podia esperar isso de pais nenhuns [...] Peões e suas mulheres começaram a murmurar que o filho do patrão não era gente: era bicho. (MONTEIRO, 1969, p. 128 e 129)

Tendo em vista seus conhecimentos embriológicos, Bernstein achava possível que Carlinhos fosse o elo perdido e, como visto na citação anterior, deveria ser estudado:

Cada um de nós resume a evolução da espécie, desde nossos mais longínquos antepassados. O embrião humano reproduz, durante a vida intra-uterina, quase todas as fases da evolução do homem, desde o ser unicelular que nadou nos oceanos paleozóicos, há 600 milhões de anos, até o advento do *homo sapiens* (MONTEIRO, 1969, p. 116)

A partir desses dois trechos citados anteriormente, vemos que a visão do narrador no tocante a ciência é cambiante: num momento, a ciência, por meio da explicação, é capaz de superar as diferenças; noutro, justamente a fim de compreender essas diferenças, o objeto de estudo científico passa a ser apenas isso, um objeto, sendo desumanizado, tornando-se o equivalente a um rato de laboratório, cujo único desiderato é comprovar teorias. Como é usual, Jerônimo Monteiro crê na ciência, mas é crítico em relação a seus procedimentos e usos.

Finalizando o conto, ao ser confundido com um animal, Carlinhos, enquanto permanecia sobre a figueira, é alvejado por um caçador; a fim de se defender, ataca o caçador e seu filho. Enquanto o atirador permanece inconsciente na mata, Carlos leva a criança a sua casa, a fim de que seja tratada dos ferimentos. Flávio, ao ver a criança desacordada e o filho coberto

de sangue, proíbe Carlinhos de sair de casa, considerando que este realmente é um animal e possa matar alguém. Como era de se esperar, Carlos se revolta e sai de casa. Flávio sai em seu encalço e acaba sendo assassinado, na perseguição, Carlinhos leva alguns tiros e também vem a falecer.

Percebe-se, claramente, no conto, a configuração da totalidade dos mecanismos que constituem a hereditariedade enquanto caixa-preta (*input*: fecundação $\rightarrow$ *output*: bebê). Não obstante, apesar da certeza no que concerne à decorrência da fecundação, o mecanismo gerará algo humano, mas não necessariamente comum. Monteiro, de forma alegórica, tenta mostrar que nem a ciência, metonimizada na figura de Bernstein, nem o vulgo, metonimizado nos pais ou em outras pessoas que percebem Carlinhos apenas como alguém (ou algo) diferente, conseguem explicar todos os motivos de as pessoas serem diferentes.

Além disso, a caixa-preta não se prende apenas aos aspectos biológicos. Podemos entender a casa no mato, longe da sociedade, como caixa-preta para o comportamento da criança elo-perdido. Afinal, se ela não estivesse isolada, teria passado a agir da forma que agia? Até que ponto a criação, aliada à biologia, não se configura numa grande caixa-preta, até os dias de hoje, transformando Carlinhos num ser híbrido não apenas na aparência? Essa dicotomia criação x genética parece-me bastante atual.

Paradoxalmente, apesar de ainda persistir algum desconhecimento sobre os mecanismos da hereditariedade, um exame pré-natal⁷⁴ possibilitaria ao casal decidir pelo interrompimento da gravidez: a caixa-preta continuaria fechada, porém seu resultado seria impedido. Novamente, a humanidade também pode ser pensada como uma caixa-preta (*input*: feto defeituoso e ou diferente $\rightarrow$ *output*: aborto). Conhecendo a descrença de Monteiro na humanidade, é quase certo que o casal optaria pelo aborto, porém, os

⁷⁴ É impossível afirmar se deliberadamente o autor deixou de lado a questão da possibilidade do exame pré-natal, considerou-a inexistente para fins do conto, ou, por meio da completa elisão ao assunto, quis denotar que o casal não tivesse interesse em tal exame. Considerando-se que o casal é religioso, essa terceira possibilidade se afigura como plausível.

processos mentais decorrentes da decisão, que sem dúvida passam pelo julgamento preconceituoso da diferença, não ficam totalmente claros.

É curioso como as especialidades científicas, também metonimizadas em cientistas que discutem o caso de Carlinhos, na ótica de Jerônimo Monteiro, não se veem como detentoras da razão. Em vez disso, para os cientistas, a totalidade das leis da hereditariedade constitui uma caixa preta. Diz o fisiologista, ao discutir a tese de Bernstein acerca do elo perdido:

- Tenho acompanhado o fenômeno, desde o seu nascimento, há doze anos. O fisiólogo olhava-o, incrédulo – Pensa que se trata do “elo perdido”? Do ser intermediário entre o antropóide e o homem? Mas, as teorias... – Que importam as teorias? Quantas teorias têm sido destruídas em todos os setores da ciência? É um fato que verifiquei pessoalmente. (MONTEIRO, 1969, p. 142)

As teorias são apenas isso: teorias. Algumas vezes construídas; outras destruídas; mas sempre trabalhando na construção do edifício do conhecimento. O geneticista prossegue na dúvida em relação à sua própria área:

A rigor, não me parece impossível. Pode tratar-se de recasso, mas também pode ser uma anomalia explicável por outros meios. Um fenômeno de mutação, por exemplo. Ninguém pode prever o que virá a resultar da ação da radiação sobre as células reprodutoras [...] A energia radiante pode provocar mutações nos genes, pode alterar o número de cromossomos na célula reprodutora... Afinal, os princípios da hereditariedade, que parecem estar solidamente estabelecidos, talvez não o estejam tanto assim que nos autorizem a negar peremptoriamente um caso como esse. Pode haver surpresas. [...] No caso presente, pode ser que o desenvolvimento se tenha detido num estágio remoto. Entre 800.000 e um milhão de anos. Não sei como a ciência poderia explicar isso (grifo nosso), mas... (MONTEIRO, 1969, p. 142)

Terminando o diálogo, o antropólogo parece aceitar a teoria de Bernstein:

– Por que não? – disse o antropólogo pensativo. – Afinal, as centenas de milhares de anos que nos separam do homem de Heidelberg ou do *sinantropus* são apenas um minuto comparados com os milhões de anos que separam estes da primeira forma de vida que surgiu nos mares quentes da Terra (MONTEIRO, 1969, p. 143)

Vemos na conversa anteriormente apresentada que, para JM, a ciência é constituída por uma grande quantidade de caixas-pretas, que dificilmente serão abertas em sua totalidade. E para contribuir com o hermetismo de algumas caixas, o dogmatismo religioso está presente:

- Os cientistas puderam examinar o cadáver do garoto. Concluíram que ele “podia ser o elo perdido”, a criatura que os paleontólogos e antropólogos em vão procuram em todos os depósitos de fósseis da terra. A criatura que completa a cadeia evolutiva que leva ao *homo sapiens*. Mas, também, isso, afinal, não provaria nada. Não se trata de um fóssil, mas de um ser vivo, de nossos dias, um anacronismo provocado, provavelmente, por mutação artificial – Fizeram exame dos órgãos? – perguntei. – Dos órgãos? Não. Sabe como são as pessoas religiosas... Alegaram que não queriam profanação do cadáver... Não pudemos ficar com ele. É uma pena que preconceitos destes prejudiquem a ciência. Mas que se vai fazer? (MONTEIRO, 1969, p. 146)

Jerônimo Monteiro, apesar de ser reconhecido por sociedades esotéricas e ter escrito para publicações astrológicas⁷⁵, via no dogmatismo religioso algo que atrapalha o desenvolvimento científico. Talvez, para ele, espiritualidade e religião fossem coisas completamente diferentes, sendo que, muitas vezes, o dogma, caro às religiões institucionalizadas, dificulta o progresso, enquanto a espiritualidade, aqui entendida como o possível desejo humano de conexão a uma hipotética natureza transcendente, ajude a progredir. Nem os dogmas nem a ciência foram capazes de ajudar o pai a aceitar o filho e dele cuidar, assim como o impossibilitaram de dar um fim

⁷⁵Ver Perfil e o anexo Necrológio

“científico” ao corpo; talvez a espiritualidade, a religiosidade, a filosofia ou o misticismo ajudassem.

CAPÍTULO II

2. A Coluna “Panorama”⁷⁶:

No capítulo anterior, apresentei pequeno histórico da FC brasileira, alguns elementos presentes na discussão sobre o gênero, ideias para discutir FC (caixa-preta de Bruno Latour), e, principalmente, perfil de Jerônimo Monteiro a partir da introdução de sua filha e outros documentos encontrados. Agora, antes da apresentação e análise dos romances e contos de JM, analisarei sua coluna “Panorama”. Tendo em vista que a o primeiro livro de FC de JM foi publicado em 1947 (3 Meses no Século 81”), e a coluna “Panorama” começou a ser publicada em 1958, ou seja, posteriormente aos romances, acho importante explicar o porquê desse salto cronológico na análise. Jerônimo Monteiro, como visto em seu perfil, começou bem cedo sua carreira nos jornais, trabalhando em diversos postos (revisor, diagramador, repórter e colunista); além disso, começando a análise pela coluna “Panorama”, posso perceber JM falando por si mesmo, dando suas próprias opiniões e ideias, sem o filtro do narrador que se impõe em suas obras de FC. A partir do levantamento dessas ideias na coluna “Panorama” (algumas já apresentadas no perfil), posso levantar mais elementos de análise para a obra de ficção especulativa de Jerônimo Monteiro, relacionando seus conteúdos.

O presente capítulo objetiva apresentar a coluna “Panorama”, redigida por Jerônimo Monteiro, de 1958 a 1970 (ano de sua morte), no caderno “Ilustrada”, do jornal “Folha de São Paulo”. Devido à impossibilidade de tempo⁷⁷, assim como ao escopo da pesquisa, não serão analisadas todas as colunas escritas pelo autor, mas as que, em meu entender, mais se adequam à ilação entre ciência e FC brasileiras na obra do ficcionista. Para tanto, parece-

⁷⁶ Jerônimo Monteiro também escreveu a coluna *Admirável Mundo Novo*, especializada em FC, no jornal “A Tribuna de Santos” (publicada de 1958 a 1970), mas, por razões de impossibilidade de deslocamento, a mesma não foi incluída na pesquisa.

⁷⁷ Superficialmente, pode-se falar em aproximadamente 800 colunas, considerando periodicidade semanal. Todavia, em alguns anos (1960, 1963, 1965 e 1969), a coluna aparece diariamente.

me importante delinear a metodologia para se trabalhar com morfologia jornalística e análise de conteúdo, assim como com jornalismo comparado⁷⁸.

As colunas foram levantadas no site do acervo da Folha de São Paulo⁷⁹, onde apesar da facilidade na pesquisa, muitas vezes os conteúdos se encontram pobremente digitalizados, dificultando em demasia a leitura. Num primeiro momento, localizei todas as colunas, levantando seus principais conteúdos e tabelando-os. Nessas primeiras tabelas, apresentei os conteúdos de C&T em todas as colunas, ano a ano, de acordo com a cronologia das colunas, ou seja, uma tabela para o ano de 1958, outra para, o ano de 1959, e assim sucessivamente, até 1970. Categorizei os conteúdos da coluna “Panorama” em científico, fantástico e de ficção científica.

Após a criação dessas tabelas iniciais, devido à grande quantidade de colunas, selecionei, para cada ano, uma “Panorama” representativa por mês, tentando, quando possível, chegar à quantidade de 12 colunas por ano; houve vezes em que o número de colunas foi menor, por não haver conteúdos ligados a C&T, FC ou fantástico. Mesmo assim, algumas dessas colunas com total ausência de temas pertinentes é apresentada ao leitor.

Relei as colunas selecionadas e, novamente, tablei⁸⁰ seus conteúdos numa espécie de tabela geral, observando também a paginação da “Panorama”, os conteúdos circundantes (colunas, matérias reportagens, entre outros) na página e na página ao lado, assim como conteúdos do mesmo ou de outros cadernos, em especial manchetes, quando relacionados aos temas estudados. Para redigir a apresentação análise que se segue, foi necessário continuamente reportar-me aos textos originais e à tabela geral.

⁷⁸ Pode-se pensar na comparação entre dois diferentes periódicos, no mesmo período, ou entre o mesmo periódico, em diferentes períodos, caso do capítulo.

⁷⁹ <https://acervo.folha.com.br/index.do>

⁸⁰ Ambas as tabelas estão em adendos. A tabela geral foi integralmente reproduzida. No tocante à tabela total, que representa todos os conteúdos ano a ano, apresentei apenas o ano de 1965, a fim de não enfarar o leitor e não encher a tese de tabelas.

2.1 A Ciência da Imprensa e o estudo de JM⁸¹:

O presente não objetiva análise exclusiva da coluna “Panorama”, mas sim buscar, na obra de Jerônimo Monteiro, ilações entre seus escritos e ciência. O estudo exclusivo da coluna “Panorama”- ou seja, de todo o conteúdo da coluna - propiciaria, por si só, extensa e interessante pesquisa sobre a faceta jornalística do escritor, mas foge de meu escopo: o foco da pesquisa é a FC de JM e suas relações (ver introdução).

Jacques Kayser (1900-1963), antigo diretor do Instituto Francês de Imprensa, deu início às pesquisas e teorias referentes ao estudo do Jornalismo Comparado, objetivando criar espécie de “imprensologia”, a ciência da imprensa. Em suas palavras:

“Esta ciência nascente se alimenta nas antigas bibliotecas especializadas, onde se avizinham livros de história. [...] Dentre os métodos de pesquisa que assim foram recentemente adotados, a dissecação dos jornais, sua análise crítica e comparativa, abrem largas e originais perspectivas para os pesquisadores, bem como para os especialistas e o grande público.” (KAYSER, 1953, p. 11, grifo nosso)

Percebendo os diversos trabalhos sobre imprensa já realizados por sociólogos, psicólogos, historiadores etc., Kayser desejava que a “imprensologia” servisse aos profissionais da própria imprensa, sendo sua grande preocupação conceber metodologia básica para os estudos de jornalismo comparado (KAYSER, 1964). Basicamente, podemos decompor essa metodologia em três quadros diferentes de análise: conteúdo, morfológica e análises especiais.

⁸¹ É impossível deixar de lado a importância de Gilberto Freyre no tocante ao uso sistemático da imprensa como fontes para o estudo do Brasil, trazendo os jornais para o rol de documentos a serem utilizados pelos historiadores; não obstante, o assunto já foi explorado em extensa bibliografia. Hoje em dia, o uso das fontes jornalísticas por historiadores, lingüistas, cientistas sociais etc. já é ponto comum. Sendo aceito o uso de tal fonte, buscou-se apenas ilustrar metodologia criada no meio jornalístico, a fim de utilizá-la num trabalho de pesquisa histórica.

O quadro morfológico preocupa-se em decompor o periódico de acordo com seus elementos (título, ilustrações, colunas etc.); observa a formatação da página, a localização de cada um de seus elementos em relação do todo da coluna, da página, do caderno e, por fim, do periódico, para, dessa forma, relacionar o elemento – na presente pesquisa, a coluna “Panorama” aos conteúdos circundantes na mesma página, ou em partes maiores do jornal: o caderno, o jornal em si. No caso da coluna “Panorama”, a análise morfológica a ser apresentada decompõe a própria coluna, mostrando a localização de cada um de seus integrantes (imagens, textos, cartas etc.), assim como a localização da coluna na página e no respectivo caderno, “Ilustrada” e, por fim, dentro do jornal “Folha de São Paulo”.

Quanto ao tema conteúdo, como o próprio nome indica, objetiva levantar os principais conteúdos, assuntos e temas da “Panorama”, relacionando-os ao teor ou significado da página, caderno e jornal. Ambos os aspectos, morfológico e de conteúdo, em nosso estudo, estão interligados, buscando-se relacionar os conteúdos das colunas às suas respectivas localizações dentro do jornal, e como dito, também aos cadernos e páginas onde ela se encontra. Dei maior ênfase à correlação entre a os conteúdos da coluna, da sua própria página e da página ao lado, pois formam bloco presente na leitura do jornal.

As análises especiais aparecerão quando a tentativa for perceber a origem das informações, a fim de perceber aspectos da biografia de Jerônimo Monteiro, ou da origem de seu pensamento e ficção. É possível perceber quais as suas fontes? Em caso positivo, será que elas variam conforme os acontecimentos, conforme a época da publicação? Além disso, também será apresentada certa disparidade entre os conteúdos da coluna “Panorama” e manchetes do jornal e do caderno “Ilustrada”.

2.1.1. Análise Morfológica e de Conteúdo

Anteriormente, foram expostos os dois métodos a serem utilizados para análise da coluna “Panorama” de Jerônimo Monteiro. Aqui, serão desenvolvidas as relações propostas acima, a fim de observar a correlação dos conteúdos da coluna entre si e com o restante do jornal.

José Marques de Melo⁸² (1943 – 2018), em seu “Estudos de Jornalismo Comparado” (1972), observa que

o jornal, como veículo de comunicação coletiva, apresenta três gêneros específicos de informação, no sentido de atender aos anseios e às exigências do público leitor. São: a) Notícias [...]; b) Propaganda [...]; c) Entretenimento [...]. (MELO, 1972, p. 91)

De acordo com ele, podemos entender notícias como informações atuais acerca dos mais variados setores do conhecimento, por exemplo: política, esportes, tecnologia, etc. Das notícias fazem parte os editoriais, reportagens, entrevistas, artigos, crônicas etc. Propaganda corresponde ao texto com teor persuasivo, visando vender algum objeto ou ideia. E entretenimento são as sessões dedicadas à diversão, ao ‘Passar-Tempo’, com histórias-em-quadrinhos, palavras-cruzadas, jogo dos sete erros etc. Basicamente, esses são os três tipos de conteúdos do jornalismo impresso.

Percebe-se que José Marques de Mello, para fins didáticos, não desvincula informação de ideologia e subjetividade ao incluir editoriais, crônicas e comentários no gênero noticioso. Ele condiciona o elemento persuasivo exclusivamente ao gênero propaganda, aparentemente ignorando que, muitas vezes o principal objetivo da notícia, editorial etc. é persuadir o leitor, principalmente, a seguir a linha editorial do periódico. Além disso, parece estranho que o gênero

⁸² José Marques de Melo foi professor universitário, jornalista, escritor e pesquisador brasileiro, é conhecido como um dos principais teóricos da comunicação no país. Redigiu diversos livros, versando sobre cultura popular, jornalismo comparado, gêneros do jornalismo etc. Escreveu para os jornais Folha de São Paulo, Zero Hora, O Estado de São Paulo, entre outros. (PORTAL INTERCOM, 2017?)

entretenimento busque apenas entreter: as histórias-em-quadrinhos não causam reflexão e não podem inclusive noticiar? Porém, sendo a coluna “Panorama” leve, de fácil leitura e preocupada com variedades, a classificação, nesse aspecto, parece-nos útil ao trabalho. Certamente, José Marques de Melo compreende que os gêneros não são excludentes.

Tendo em vista a classificação anterior, a coluna “Panorama” poderia ser incluída na categoria entretenimento, pois a mesma, como será visto adiante, apresenta principalmente conteúdo de variedades, curiosidades e charges. No que tange a análise de conteúdo, desejo perceber se os diversos conteúdos mostram alguma relação dentro da própria coluna: a) Há relação entre os conteúdos de ciência e variedades dentro da coluna?; b) E entre conteúdo científico e charges?; c) Os conteúdos da coluna relacionam-se com os conteúdos das páginas onde ela está contida?; d) Existe ligação entre os conteúdos da coluna e os conteúdos do jornal? Algumas das questões presentes na análise serão: qual a frequência dos temas científicos e fantásticos? Assuntos ligados à C&T apresentam diferente tratamento gráfico, quando comparados ao restante da coluna? Os assuntos são apresentados de forma equilibrada, ou há predomínio das variedades sobre a ciência?

Num jornal, prossegue Marques de Mello, “a morfologia pode ser definida através da comparação entre os elementos utilizados na sua composição gráfica, ou seja, títulos, ilustrações e textos (MELO, 1972, p. 100). Sem dúvida, a combinação desses elementos é muito importante, pois a apresentação gráfica do periódico é fundamental na atração do público. Sendo o próprio jornal produto de consumo, ele está claramente inserido nas leis de mercado, devendo sujeitar-se à concorrência, propaganda entre outros quesitos.

Marques de Mello continua:

Combinando o texto (núcleo de interesse do leitor) com os títulos, o jornal contemporâneo adquire uma forma dotada de atrativos visuais que chamam e/ou prendem a atenção do leitor, conduzindo-o à sua escolha entre as demais publicações disponíveis nas bancas. Por outro lado, verifica-se uma complementação dessa estrutura motivacional com a inserção de ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos), no sentido de

transmitir ao consumidor das informações uma sensação de realidade, fornecendo-lhe imagens vivas dos fatos, aproximando-o, portanto, dos acontecimentos (MELO, 1972, p. 100)

Dessa forma, a análise morfológica, no tocante à “Panorama”, será submetida às seguintes questões: a porcentagem de conteúdos científicos pode nos indicar algo, para além do puro quantitativismo? Qual a porcentagem de espaço ocupada pela “Panorama” na página? E a FC e a ciência na coluna, ocupam que porcentagem de espaço? É possível perceber uma constante distribuição da coluna na página, e dos conteúdos dentro dela?

No intuito de responder às questões anteriores, vi-me na necessidade de efetuar algumas medições. Para tanto, utilizei um filtro computacional equivalente a um papel milimetrado. Num primeiro momento, copiei a página do jornal, transformando-a num arquivo de imagem; sobre a página coloquei o filtro emulador de papel milimetrado e considerei o total da página como 100%. Em seguida, com o mesmo filtro, observei a área ocupada pela coluna “Panorama”, comparando o total desta com os 100% da página, o que me permitiu chegar à porcentagem ocupada pela coluna, sempre expressa em forma fracionária, onde, por exemplo, $1/8$ (12,5 % do total da página) indica a presença da coluna em relação ao total da página. Dessa forma, consegui perceber se a coluna, durante os anos, apresenta um tamanho fixo, ou se aumenta e diminui.

2.1.2 *Fait-Divers* e Antíteses⁸³

A relação interior de termos, muitas vezes antitética ou aparentemente confusa, às vezes se caracteriza como aspecto essencial de determinado texto jornalístico, seja ele de cunho noticioso ou não. Nesses casos, o tema em si, ou personagens, são secundários face essa relação. Esse artifício é altamente

⁸³Principalmente baseado em LAGE (1990).

usado por Jerônimo Monteiro, na coluna “Panorama”, principalmente ao contar anedotas e casos.

Fait-Divers, ou seja, textos jornalísticos que apresentam tal relação, costumam não estar em campos mais sérios, a saber: política, economia, esportes e outros. O termo surgiu como jargão (LAGE, 1990) entre jornalistas, mas passou ao campo conceitual do Jornalismo, sempre em referência a casos anedóticos, inexplicáveis e/ou excepcionais. Longe da apuração jornalística, os *fait-divers* preocupam-se, em primeiro, lugar com o insólito. Exemplos de *fait-divers*: discos-voadores, aparecimento de estranhos animais, descobertas incomuns da ciência, projetos tecnológicos estranhos, crimes bizarros etc. Comumente escritos em poucas linhas, o principal interesse dos *fait-divers* reside, diversas vezes, na antítese presente no fato, mas não no fato em si. Jerônimo Monteiro, já em 1958, no início da coluna “Panorama”, utiliza-se de um *fait-divers*, ao relatar a história de um pequeno fazendeiro:

O Sr. Giuseppe Siciliano, aldeão de Palmi, Itália, levou ao mercado um de seus bois para vendê-lo e fez um bom negócio: recebeu por ele 300000 liras. Voltou e foi direto no curral para cuidar do boi que ficara. Levantando e abaixando, a carteira caiu-lhe do bolso e ficou entre a forragem. Giuseppe não percebeu, mas o boi sim e, pensando que fosse um novo elemento de ração, comeu as 300000 liras, sem fazer cerimônia. (MONTEIRO, 1958b)

A estrutura desse tipo de textos traz uma especificidade marcante: eles interessam por si mesmos, independentemente de qualquer ligação com política, ciências, economia, esportes ou outros. Tanto faz onde ocorreu, qual o nome dos envolvidos. Na narração de eventos políticos, esportivos, econômicos, as notícias posteriores interessam por apresentarem a continuidade dos processos; por exemplo: para se entender corretamente uma matéria sobre política, é necessário saber o que aconteceu antes. Os *fait-divers* abolem completamente essa noção de continuidade, apresentando algo absurdo e/ou pitoresco. Muitas vezes, pode-se perceber no uso desse artifício a atualização de antíteses clássicas: “após passar quarenta anos em coma, homem sai do hospital e é atropelado”, reflete situações absurdas semelhantes

à de Moisés que, após passar quarenta anos no deserto, não chega à terra prometida.

2.2 Apresentação da Coluna Panorama

Graficamente a Coluna Panorama apresenta-se delineada por um *box* de finas linhas, assim, separada de outros conteúdos; em seu início, sempre há a abreviação do nome do autor (J. Monteiro). Em média, a coluna ocupa 1/5 do espaço impresso da página e, na maioria das vezes encontra-se em posição vertical, no canto superior esquerdo ou direito. Seus conteúdos dividem-se, graficamente, em pequenas notas – vezes com título, vezes sem – de conteúdo humorado, a respeito de variedades, assim como curiosidades internacionais, principalmente ligadas a comportamentos. Quando uma pequena nota merece destaque, é acompanhada de uma imagem ilustrativa. Os conteúdos de ciência e ficção científica, brasileira ou não, aparecem misturados entre diversas notas e, na maior parte das vezes, são tratados de forma engraçada e irônica, ou como curiosidade.

Na mesma página da coluna, encontrei principalmente conteúdos também de variedades: colunas sociais e de aconselhamento, horóscopo, modo feminina etc., além de passatempos tais como palavras-cruzadas, problemas enxadrísticos e, a partir de 1966, histórias em quadrinhos; pouco conteúdo científico aparece. Este, quando presente, ocorre principalmente na forma de artigos sobre nutrição, de médicos e/ou odontológicos, raramente assinados. Quando o conteúdo científico aparece, ele jamais se relaciona ao conteúdo científico da mesma página, ou da ao lado, ou do jornal; assim, a disparidade entre o conteúdo da “Panorama” e os conteúdos científicos externos a ela é gritante. (Esse ponto será exemplificado e explicitado no decorrer da análise)

2.2.1 Análise ano a ano

A partir de agora, apresento a descrição e análise das colunas “Panorama” de forma cronológica, ano a ano. Optei pela cronologia, em detrimento de uma análise temática, pois, por meio dela, será possível perceber as continuidades na coluna, tanto em aspectos morfológicos quanto de conteúdo e, além disso, também notar as relações entre a coluna com o perfil de Jerônimo Monteiro e sua obra de ficção científica. Essas relações não serão apresentadas aqui, mas sim no último capítulo da presente tese (Conclusão).

2.2.1.1 1958 – O Surgimento da Coluna “Panorama”

O ano de 1958 traz quatro colunas representativas, presentes no segundo caderno (“Folha Ilustrada”) do jornal “Folha da Noite”. Nesse ano e no seguinte (1959), percebo que a periodicidade da coluna foi errática, ela foi publicada poucas vezes. Todas as colunas “Panorama” do ano de 1958 ocupam sempre a mesma posição: o canto inferior esquerdo da pág. 7 do caderno “Folha Ilustrada”, a partir de pouco abaixo da linha central da página. A coluna, em todas as edições de 1958, ocupa aproximadamente 1/6 do total impresso.

A coluna de 12/09/1958 (MONTEIRO, 1958a) vem ladeada pelas colunas “Folha do Disco” e “Folha na TV”, além de estar próxima a uma propaganda política de Adhemar de Barros. A página ao lado traz as sessões “A Semana e os Livros” e “Conheça-se a Si Próprio”, além da propaganda da máquina de escrever FACIT. O único conteúdo científico, não assinado, refere-se à nutrição, e destaca a importância de uma boa alimentação. Em relação ao conteúdo, a Panorama, não traz nada de científico, mas uma pequena nota com imagem acerca dum filme de terror sueco, “Terror ao Sol da Meia Noite”. De forma irônica, dizendo que esse tipo de monstro faz rir, Jerônimo Monteiro

compara a criatura à do clássico “Monstro da Lagoa Negra⁸⁴”: uma criatura anfíbia humanóide que ataca os humanos, e foi motivo de riso para alguns espectadores devido à sua caracterização. Logo na abertura da coluna, já se percebe a relação de JM com a arte fantástica, pois além de citar um filme sueco de FC, faz referência a um clássico cinematográfico do gênero.

Figura 13 - Nota sobre monstro nos filmes suecos, presente na coluna “Panorama” de novembro de 1958.

⁸⁴ Monstro anfíbio que aparece pela primeira vez no filme “Creature of the Black Lagoon”, de 1954, dirigido por Jack Arnold.

Já em 17/10/1958, a “Panorama”, acompanhada mais uma vez pela coluna “A Semana e os Livros”, assim como por propagandas do pente inquebrável Flamengo, não trouxe nenhum conteúdo envolvendo ciência e/ou ficção especulativa, mas apresenta curiosa anedota sobre uma tenista que veste calcinha metalizada e descreve uma espécie de lobo cantor do oeste estadunidense, cuja “voz” alcança enorme variância tonal, a partir da qual é possível prever o estado do lobo e até condições climáticas. Na página ao lado, além da coluna dedicada à nutrição, novamente sem assinatura, também aparecem as colunas “Rádio”, “TV” e “Horóscopo”. Apesar da falta de temas científicos, de realismo fantástico ou de FC, apresento essa coluna, pois ela espelha a maior parte das colunas “Panorama”; onde muitas vezes não há conteúdo ligado à minha pesquisa.

Em 21/11/1958, a coluna aparece ladeada por matéria de interesse científico e para os entusiastas da literatura especulativa: “Animal de pelo estranho no alto do Himalaia faz reviver a lembrança do Abominável Homem das Neves”, a qual relata como descobertas zoológicas podem reacender o clamor por velhas lendas. Já a coluna em si, com o texto “O Sangue dos Burguinhões”, faz o caminho inverso, ao mostrar a explicação dada por um grupo de cientistas para o sazonal avermelhamento das águas do lago *Morat* (Suíça). Diz Jerônimo Monteiro que enquanto aos turistas era dito que esse enrubescimento decorria do sangue dos soldados de Carlos, o Temerário, os cientistas observaram o real causador da mudança tonal: algas microscópicas. Nesta coluna “Panorama”, encontramos uma correlação entre a coluna e a matéria adjacente; porém, como será visto adiante, essa ligação não persiste.

Figura 14 - Nota publicada na coluna "Panorama" de novembro, relacionando fantástico e ciência.

A última coluna do ano (MONTEIRO, 1958d) não traz nenhum conteúdo de interesse para a pesquisa, mas fica restrita a anedotas, charges e curiosidades mundiais, porém, na página ao lado, aparece a coluna de quadrinhos, onde merece destaque a tira *Flash Gordon*⁸⁵, por ser um clássico da FC. JM já tinha escrito dois romances de FC- “3 Meses no Século 81” (1947) e “A Cidade Perdida” (1948), e quiçá a presença da tira “*Flash Gordon*” demonstre a tentativa de criar um espaço no jornal dedicado ao tema. Na página ainda aparecem: “Nutrição”, “Horóscopo” e “Problemas Enxadrísticos”.

⁸⁵Tiras de quadrinhos publicadas a partir do ano de 1934 e inicialmente desenhadas por Alex Raymond (1909 – 1956). As tiras mostram a história do personagem Flash Gordon e seus amigos Dale Harden e Hans Zarkov, no planeta Mongo.

Figura 15 - Tira "Flash Gordon", publicada no caderno "Ilustrada", no dia 19/12/1958

Mesmo com o baixo número de colunas, já é possível perceber em JM o interesse no fantástico e a tentativa de explicá-lo racionalmente. É importante ressaltar que o espaço dedicado à coluna para o científico e o fantástico é pequeno, representado aproximadamente 10% da área das colunas. Nos próximos anos a serem analisados veremos que a proporção aumenta algumas vezes.

2.2.1.2 1959 – A Corrida Espacial

Em 1959, a coluna passou a receber a periodicidade que ficou sendo usual, às sextas-feiras. Todavia, como se viu, a “Panorama” surgiu no último quadrimestre de 1958; em 1959, ela foi publicada apenas no primeiro trimestre do ano. Sempre na página 2, passou a ocupar o canto superior esquerdo da página, apresentando aproximadamente 1/6 do total impresso.

A “Panorama” de 02/01/1959 (MONTEIRO, 1959a), cercada pelas colunas “Cinema”, “Horóscopo”, “Discos” e “Quadrinhos”, trouxe novamente teor fantástico, dessa vez com a pequena nota “Espetros na Igreja”, onde Jerônimo Monteiro discorre sobre um fotógrafo que capturou imagens espectrais na catedral de Westminster e, de acordo com ele, peritos afirmam a inexistência de golpes ou truques nas fotos. Esse é um aspecto freqüente na

“Panorama”, não se mostrar de onde as informações fantásticas foram tiradas. A página ao lado apresentou colunas sobre rádio e televisão, assim como propagandas variadas.

Em 27/02/1959 (MONTEIRO, 1959b), próxima a “Indicador Odontológico” (sessão do jornal dedicada à divulgação de anúncios de dentistas), a coluna assinada por JM, apresenta uma nota realmente diminuta (menos de 5% do espaço total da coluna) sobre a corrida espacial, onde mostra as duas fases do planejamento do engenheiro soviético Youri Klebzevith para o futuro próximo: “1ª – Foguete-satélite em torno da Lua; 2ª Laboratório sobre a própria Lua, teleguiado da própria Terra”. Apontamentos e notas sobre pesquisas soviéticas (chamadas de russas, por JM), aparecem com frequência e indicam que Jerônimo Monteiro se interessava em acompanhar os progressos tecnológicos soviéticos e informar seus leitores sobre o assunto. Porém, apesar de seu interesse pelo tema, ele não informa ao leitor a procedência da informação. Por diversas vezes penso, principalmente ao saber que Jerônimo Monteiro também era escritor do gênero fantástico, se as informações são verdadeiras, ou se apenas desejam incitar no leitor uma aproximação à ciência e ao fantástico.

Na última coluna de 1959 (MONTEIRO, 1959c), publicada em 20/3/1959, de modo engraçado, JM descreve padres vestidos em trajes espaciais, voando pelos Cosmos, assim que o primeiro homem pisar em outro planeta. Seriam os “missionários espaciais” cujo grande e derradeiro objetivo é “atender as necessidades espirituais dos viajantes interplanetários”. De acordo com Monteiro, essas informações foram passadas por uma personalidade do Vaticano (nome não informado) a um jornal londrino (nome também não informado). Apesar de, na mesma página, encontrarmos as já conhecidas colunas “Indicador Odontológico”, “Horóscopo” e “Cruzadismo Moderno”, na página ao lado se encontra a matéria “Aeroporto para Foguetes deverá ser o primeiro passo na Conquista do Espaço”, ou seja, uma matéria de conteúdo científico bem próxima à coluna de JM. A partir dessa correspondência temática (a “Panorama” fala sobre a conquista do espaço; a matéria localizada na página ao lado também), seria possível inferir uma correspondência entre a

2.2.1.3 1960 – Divulgação Científica, FC, Fantástico e Humanização do Cientista.

Nesse ano a coluna apresenta periodicidade abundante; além de ser publicada todas as sextas-feiras, ela também aparece em vários outros dias da semana, excetuando-se o mês de janeiro, quando não encontrei nenhuma. A “Panorama” também já não aparece em página certa, variando muito, sem razão aparente. O tamanho ocupado também deixa de ser o mesmo, mudando no decorrer do ano: varia de 1/4 a 1/6 do espaço impresso. Mantém-se a diagramação e o formato vertical. Os conteúdos com os quais a coluna divide espaço, seja na mesma página ou ao lado, alteram-se de forma aparentemente sem sentido.

Ocupando aproximadamente 1/6 do espaço impresso, a coluna “Panorama” selecionada para o mês de fevereiro (MONTEIRO, 1960a) situava-se no canto superior direito da página, dividindo espaço com “Lendas, Mitos e Crendices do Brasil”, “Cursos, Conferências, Galerias, Recitais” e, novamente, a coluna sobre Nutrição, mais uma vez sem assinatura. A página ao lado foi inteiramente preenchida por propaganda da “Eletro Radiobraz”, loja especializada em eletrodomésticos. No conteúdo, chama a atenção a nota “Pode-se criar um super-homem?”, onde JM, a partir de uma resposta de Jean Rostand⁸⁶ (1894-1977), discorre sobre a impossibilidade da transmissão genética de um super cérebro. Aqui, pela primeira vez, o texto recebe características que podemos identificar como de divulgação científica, inclusive no uso da terminologia: “[...] para que o progresso do órgão cerebral se tornasse hereditário, teria que resultar de uma modificação do aparelho cromossômico do óvulo ou, pelo menos, de uma modificação definitiva, irreversível, do citoplasma [...] (MONTEIRO, 1960a)”.

O mês de março (MONTEIRO, 1960b) manteve a porcentagem de texto do mês anterior, assim como a posição da coluna. Porém, a “Panorama” não

⁸⁶ Biólogo francês, especialmente interessado pelo surgimento da vida e pela popularização da Biologia. (WIKIPEDIA, 2016?)

dividiu espaço com nenhuma das colunas anteriormente citadas, mas sim com a coluna Teatro e “Duas Colunas para a Leitora”; a matéria “Bebem muito os Norte-americanos também acompanhava no mesmo espaço. Já a página ao lado trazia convite para as conferências de Paulo Duarte sobre a Pré-História do Brasil, no dia 5 de abril, além do festival Chopin e a coluna “Rádio e TV”. Em relação ao conteúdo, dessa vez não foi a ciência a protagonista, mas sim a arte em sua relação com o misticismo: a pintura superconsciente. Ironicamente tratada (o texto abre com a expressão “mais uma...”), a pintura superconsciente nasce de uma analogia entre o homem e o Cosmo ou, segundo os místicos, entre o macrocosmo e o microcosmo. Pouco abaixo, havia curtíssimo texto satirizando um médico da Filadélfia, auto-intitulado especialista em televisão.

No mês de abril, a contestação do estereótipo do cientista apareceu, substituindo a clássica imagem de frieza e falta de humanidade, pela de alguém altamente passional, capaz de grandes loucuras. A nota “Professor perde a Cabeça” (MONTEIRO, 1960c) relata o caso de um certo prof. George Mickey, presidente da Universidade de Baton Rouge (Luisiana), o qual “preso de tremendo furor sexual”, assassinou e desfigurou uma professora da mesma universidade. Enquanto na mesma página encontramos principalmente colunas relacionadas a rádio e televisão, a página ao lado fala principalmente sobre literatura.

Figura 17 - Nota "O Professor Perde a Cabeça" - Coluna "Panorama" de 17 de abril de 1960.

Em maio e junho, não encontrei nada que merecesse grande destaque ou comentário, mas duas singelas notas: a primeira falando sobre o êxodo rural e seu impacto no mundo futuro; e a segunda relacionando a descoberta de petróleo (MONTEIRO, 1960d) e o impacto nas áreas de águas termais de Vichy (MONTEIRO, 1960e). Em maio a coluna dividiu espaço com “Penteados Elegantes e Fáceis e Fazer” e com o capítulo do romance “Entre Duas Paixões”, de Charles Mergendahl. Em junho, na mesma página, chamou atenção uma chamada para o Curso de Astrobiologia sob o seguinte título: “Possível Hoje o Estudo da Composição e Estrutura das Estrelas e Planetas”.

Em 10/07/1960 (MONTEIRO, 1960f), agora ocupando o canto inferior esquerdo da página, com a proporção de 1/5 da área impressa, a coluna aumenta de tamanho. É acompanhada pelos seguintes temas: música popular e arte; e, na página ao lado, além das já conhecidas colunas “Indicador Médico”, “Cinema” e “Teatro”, há uma propaganda da AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz). No trecho selecionado, de forma mordaz, Jerônimo Monteiro volta a falar dos soviéticos. Dessa vez, aborda a peça teatral “Marcianos”, organizada pelo teatro juvenil de Moscou. Nela, dois estudantes encontram marcianos gigantes e vestidos de aço, que na verdade são atores assim vestidos para um filme de ficção científica. Numa curtíssima nota, JM mostra que o tema extraterrestre está presente inclusive no cotidiano escolar soviético, sendo até assunto de peças. Claramente, ao intitular o texto como “Marcianos em cena!”, o colunista faz gracejo entre a curiosidade do leitor, o teatro, a FC e a URSS, mas também mostra que a ufologia é um tema presente na União Soviética

Na “Panorama” de agosto (MONTEIRO, 1960g), agora ocupando 1/4 (o tamanho da coluna aumentou bastante, ocupando aproximadamente 25% da página) da área impressa no canto direito superior, é destacada uma curiosa história de superação: um rapaz surdo-mudo domina perfeitamente 14 idiomas, já tendo recebido diversas bolsas de estudo. O único conteúdo científico aparece na página ao lado, em matéria intitulada “Leite é o melhor alimento para o Homem”.

Em 29/09/1960, o tema marcianos é retomado por meio de comentário atribuído a um dr. William Howells⁸⁷, professor de Antropologia na universidade de Harvard. Para ele: “o marciano médio tem o aspecto de um centauro,... pode ser que consigamos fazer deles graciosos animais domésticos, mas também pode ser que eles façam isso conosco” (MONTEIRO, 1960h). JM mostra uma personalidade científica tratando de um tema da FC, porém, fica difícil detectar se o comentário é jocoso ou não, principalmente após ver a imagem que acompanha o texto. Também não se sabe, principalmente devido à falta de indicação de fontes, se tal comentário foi verídico, ou se JM buscava aproximar o fantástico da ciência. Além das quase sempre presentes sessões “Palavras-Cruzadas”, “Horóscopo”, “Música e Teatro”, também na página a coluna “Ciência” trata de alcoolismo.

Figura 18 – Nota e imagem da coluna “Panorama” de 29/09/1960

⁸⁷ William White Howells foi professor de Antropologia na universidade de Harvard e membro da Academia Nacional de Ciências (NSA). Suas pesquisas apontam para o fato de o ser humano moderno pertencer a uma única espécie. (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, 2019)

Para outubro de 1960 selecionei dois textos publicados em dois dias distintos: enquanto o primeiro trata do fantástico e de sua relação com o contexto paranóico da Guerra Fria, o segundo aborda a divulgação científica. O excerto de 02/10/1960 discorre sobre um escocês que afirma ter avistado o que ele chamou de “monstro marinho”:

As coisas andam pretas por todos os lados... Ameaças, mistérios, desordens: discos voadores, tempo maluco... Tex Gueddes, escocês, pescador de tubarões nas Ébridas, afirma ter visto um monstro marinho... Um zoólogo que estava com ele, dizem, autoridade no assunto, afirmou que era verdade. (MONTEIRO, 1960i)

Aqui como apresentado em seu perfil, Jerônimo Monteiro volta a mostrar a necessidade de interlocução entre a ciência e o fantástico, porém, em vez de dar razão ao improvável monstro, não confirma a sapiência do zoólogo, pondo até em dúvida sua autoridade no assunto: nem sequer cita o nome do cientista. Acompanhando a coluna, na página e ao lado, aparecem guias de cinema e teatro, assim como de bares, boates e restaurantes.

Figura 19 - Nota e imagem contidas na "Panorama" de 2/10/1969

Na segunda nota selecionada para o mês, ao tratar dos conceitos e números em atomística, JM escreve que “ler o livro o Átomo, de Fritz Kahn⁸⁸, é ler histórias de fada” (MONTEIRO, 1960j). Os números são tão grandes e astronômicos, assim como os conceitos, que chegam a ser fantásticos para o colunista, similares ao conteúdo encontrado na literatura de fadas, aqui pensada em seu aspecto maravilhoso, e não enquanto literatura infantil. Entendo que esse procedimento, diversas vezes repetido, faz com que a ciência utilizada para confirmar o fantástico, como visto no primeiro fragmento desse mês, dessa vez passe para o outro lado da equação: elementos do fantástico ajudam a confirmar o maravilhoso na ciência.

Pela primeira vez na coluna, em 10/11/1960, a Panorama trata da ficção científica brasileira. Jerônimo Monteiro observa que o gênero ainda precisa de um nome adequado no país e louva a iniciativa da editora GRD, que lançou uma coleção dedicada ao gênero, composta por autores nacionais e internacionais. Segundo o colunista, as tentativas de publicar FC no Brasil, antes dessa coleção, foram esparsas, não tendo existido, anteriormente, grupo editorial dedicado ao tema. Para JM, o lançamento merece louvor, pois, se refere ao gênero a que ele dá importância e cultiva fervorosamente. Na página onde está a coluna, assim como na página ao lado, não aparece nenhum assunto ligado a C&T e ou FC, somente as costumeiras colunas relacionadas a teatro e palavras cruzadas assim como a coluna Caça e Pesca, e anúncios turísticos.

Mostrando as novidades médico tecnológicas soviéticas, Jerônimo Monteiro trata, em 10/12/1960, de uma nova prótese soviética: no congresso de autômatos de Moscou, foi desenvolvido um braço mecânico comandado pelo pensamento e guiado por correntes neurológicas. Alimentando a dicotomia ocidente x oriente presente em períodos de Guerra Fria, JM mostra uma imagem tecnológica da URSS: os autômatos e órgãos mecânicos, tão caros à FC. Na mesma página, além das colunas “Rádio, TV e Teatro”, assim

⁸⁸ Fritz Kahn (1888 – 1968) foi um físico judeu alemão muito conhecido pelo seu uso de imagens que, em partes, foram responsáveis pelo surgimento dos modernos infográficos. Também foi reconhecido por seu trabalho em divulgação científica. (BORCK, 2007).

como “Horóscopo”; a matéria “Há 64 anos morria Nobel, inventor da Dinamite e Defensor Notável da Paz” acompanha a coluna.

A “Panorama” já delinea suas principais características, é uma coluna de variedades e curiosidades, no meio das quais alguns pontos de ciência e tecnologia estão imiscuídos, sendo tratados de forma maravilhosa e curiosa. Suas principais colunas ‘companheiras’, tanto na própria página quanto na ao lado, ainda não estavam totalmente definidas, mas apresentavam reduzido conteúdo científico. Aos poucos, iria se formando a parte do caderno Ilustrada dedicada a lazer e passatempos, mas até aquele momento, o que delineava essa característica foi a constante presença das sessões Horóscopo e Palavras-Cruzadas.

2.2.1.4 1961 – O humor de Jerônimo Monteiro

No ano de 1961 a coluna volta à periodicidade costumeira, sempre às sextas-feiras, mas ainda não encontra página fixa, sendo publicada em páginas variadas, sempre no caderno “Ilustrada”. Ela também não apresenta localização certa: estava ou nos cantos ou no centro lateral da página. A proporção da área impressa diminui, variando entre 1/6 e 1/8 do total da área impressa. Em termos de conteúdo, diferentemente do ano anterior, pouco aparecem C&T, assim como FC, fantástico ou literatura especulativa; esse aspecto, somado à difícil leitura de vários meses do acervo, dificultou a seleção de colunas.

A “Panorama” de 13/01/1961 foi ladeada pelas colunas “Música Popular”, “Cinema” e “Imagens de Roma”, e pela matéria “Há 136 anos era executado Frei Caneca”. Ao lado, apareceram “Caça e Pesca” e “Turismo”, além de propagandas de hotéis, empresas rodoviárias, turismo e pesca. No que tange ao conteúdo, a nota que mais se aproxima de um possível conteúdo de C&T é a ligada às primeiras invenções humanas. Nela, JM, comentou que, ao surgir sobre a terra, o homem deveria ser um animal desprezível, pois não

tinha forças para lutar contra o ambiente e as feras, faltava-lhe força, velocidade e agilidade. Entretanto, por meio do cérebro e da inteligência, conseguiu tudo de que precisava, adaptando o meio às suas necessidades de sobrevivência. A capacidade humana está totalmente baseada na inteligência e no uso da razão, assim, a ciência é inseparável do desenvolvimento humano desde seu surgimento (MONTEIRO, 1961a). Essa crença no potencial da ciência é constante na FC de Monteiro.

Em fevereiro de 1961, Jerônimo Monteiro Monteiro mostrou que a Ciência está chegando ao ponto imaginado pela Ficção Científica. No texto “A Aventura do Cosmos” (MONTEIRO, 1961b), ele escreveu acerca de projetos elaborados para o estabelecimento de colônias espaciais, que já foram imaginados pelos autores de FC; inclusive descreveu como a Terra seria vista a partir de uma dessas colônias. Aqui, a ficção científica apareceu como espécie de literatura pressaga, consciente das possibilidades que a ciência traz para o futuro e avanço do homem. Apesar de a FC de JM trazer cunho *soft*, ele sempre mostrou confiança no uso ético do saber científico. As colunas de lazer “Cruzadismo”, “Vida Literária”, “Caça e Pesca” e “Turismo” acompanharam a “Panorama”.

PANORAMA

A AVENTURA DO COSMOS

Os projetos já elaborados para o estabelecimento e colocação de "estações espaciais" são inúmeros. Alguns dos projetos fantásticos imaginados pelos autores de ficção científica, há projetos, serios, elaborados por autoridades em astronautica. É o caso da que vemos no clichê. Trata-se de uma estação espacial habitada, com capacidade para vinte homens e que funcionará como porto intermediário para 1001 interplanetário. Posta em órbita sobre o plano do Equador, a 35.800 quilômetros de distância da Terra, e deslocando-se do Oeste para Este, ela aparecerá fixa no céu. Observada dela, também, a Terra parecerá sempre imóvel e com grandeza aparente 40 vezes maior que a Lua.

J. MONTEIRO

AS NOTÍCIAS

• **CA E LÁ...** -- O jornal soviético "Comsolmoskaja Pravda" lançou uma consulta à opinião pública: "Como mudou seu nível de vida", com diversas perguntas. Dos muitos milhares de respostas conclui-se que, para se elevar devidamente o teor de vida do povo, é preciso: "1 -- Construir novas casas para residência; 2 -- aumentar os salários; 3 -- ampliar a rede de escolas primárias; 4 -- aumentar a produção de artigos de grande consumo".

• **VITIMA** -- Registrou-se em Denville, Virginia, EUA, a primeira vítima do voo espacial. Staan Smootli, tendo subido ao telhado de sua casa para observar a passagem do satélite "ECO", desequilibrou-se, rolou, caiu ao solo e fraturou diversas costelas.

COISAS & FATOS

Anthony Reuter, jovem químico inglês, 21 anos, natural de Londres, resolveu realizar um velho sonho, transferindo sua residência para Paris. No mês-

Figura 20 - "A Aventura do Cosmos", na coluna "Panorama" de 17/02/1961.

O mês de março mostra-se bastante ilegível no acervo da Folha, sendo difícil ir além das manchetes e imagens. Porém, além dos nomes das costumeiras colunas que acompanham ("Teatro", "Horóscopo", "Caça e Pesca", "Música Popular" entre outras.) seja na página ou ao lado, também é possível detectar uma nota de possível teor científico "Um Homem que tem dois corações" (MONTEIRO, 1961c). As colunas de abril encontram-se na mesma situação, sendo possível, infelizmente, apenas identificar a imagem de uma espécie de cúpula.

“Já foi inaugurada a parte soviética da ferrovia Transatlântica, que ligará Moscou a Pequim através do Sinkiang e da Mongólia” (MONTEIRO, 1961d), foi a pequena nota publicada por Jerônimo Monteiro, em maio de 1961. Novamente, ele tratou dos avanços tecnológicos soviéticos, mostrando o que nos esperava do outro lado da Guerra-Fria. “Caça e Pesca”, “Horóscopo”, “Rádio e TV”, “Cruzadismo” e propagandas turísticas eram as companheiras da “Panorama”. Claramente, a coluna estava localizada num espaço dedicado ao lazer, inclusive, os próprios textos que compõe a coluna, diminutos, possibilitam uma leitura rápida e descomprometida, própria para um intervalo ou momento de diversão.

A esperteza de alguns inventores e comerciantes frente ao terror tecnológico não escapou de JM. Em 02/06/1961 ele escreveu a respeito de uma firma americana que colocou à venda um aparelho de proteção contra a bomba A: um capacete de plástico que poderá ser devolvido caso não funcione (MONTEIRO, 1961e). Fica clara a ironia do colunista ao reproduzir a propaganda em tom noticioso: os comerciantes não estão preocupados com a salvação de seus clientes, mas com os ganhos oriundos da venda dos capacetes. As mesmas colunas de lazer e cultura acompanham a “Panorama”, dessa vez acrescidas por “Para a Leitora”, “Notas Sociais” e “Reportagem” (coluna social ilustrada).

Em julho, o humor persistia, dessa vez mostrando os conflitos entre educação, comércio e indústria, por meio de interessante charge sobre um professor sueco e seus alunos: o docente trava enorme luta contra o consumo de doces, a fim de evitar as cáries, propondo as seguintes medidas: “lei proibindo a importação de guloseimas,... estabelecimento de um racionamento de doces e bombons,... decretar que apenas os pais podem comprar doces e guloseimas e distribuí-las judiciosamente a seus filhos” (MONTEIRO, 1961f). O resultado é imediato: a indústria e o comércio de doces da Suécia – apenas preocupados com os lucros - estão apavorados. Na página, acompanhando a charge, apareceram colunas de música e artes plásticas, assim como propagandas de vinho e cheques de viagens. Ao lado, estavam as costumeiras colunas sociais, de rádio e TV e a sessão de Efemérides.

Novamente relatando as relações entre religião e tecnologia, em 11/08/1961, Jerônimo Monteiro escreveu sobre as religiões asiáticas. Um serviço público de helicópteros, a ser inaugurado, faria a ligação entre o sagrado Monte Fujiama e Tóquio, facilitando a vida dos seguidores xintoístas e budistas na ida a locais sagrados. Mais uma vez, com humor, JM observou que “é provável que aos deuses agradasse mais a forma antiga, que exigia sacrifício” (MONTEIRO, 1961g); ou seja, em determinadas situações talvez a tecnologia não agrade às divindades, elas preferem que seus seguidores se esforcem! De forma usual, nas proximidades aparecem as colunas “Horóscopo”, “Teatro”, “Cruzadismo Moderno”, “Efemérides” e “Rádio e TV”.

No mês de setembro (MONTEIRO, 1961h), o bom-humor e a ironia permaneceram, mas dessa vez introduzindo personagem e fato brasileiros. De acordo com Renato Seneca Fleury⁸⁹, a máquina de escrever foi inventada pelo padre paraibano João Francisco de Azevedo, em 1861; todavia, JM desfez a ideia, trazendo o considerado verdadeiro criador da máquina, o advogado italiano Giuseppe Ravizza, em 1855. A tentativa de exaltar o Brasil como criador de artefatos tecnológicos aparece e é desmistificada, colocando o país numa posição secundária no que diz respeito ao avanço. Mais uma vez, a coluna “Panorama” é acompanhada por colunas culturais e de lazer.

Em outubro, não encontrei nenhum texto de interesse, apenas variedades e curiosidades mundiais. Já em novembro (MONTEIRO, 1961i), o humor e a ironia permanecem, mostrando duas invenções envolvendo orelhas: a primeira, criada por psicólogos norte-americanos, assemelha-se a orelhas gigantes, que têm a função de ressaltar nos alunos a importância de ouvir e prestar atenção; a segunda, um capacete inibidor de sons, a ser usado contra o excesso de poluição sonora em Hamburgo. Aqui, utilizando-se da antítese entre o silêncio completo e a necessidade de som na condição e formação humanas, Jerônimo Monteiro mostrou os diferentes usos da tecnologia em países de dois continentes distintos. Além das circundantes e usuais colunas de lazer e cultura, também aparecem propagandas de enxovais.

⁸⁹Vencedor do 1º Prêmio Jabuti (1945), na categoria Literatura Infantil, com a obra “Proezas na Roça”

Nenhum conteúdo de interesse foi encontrado na “Panorama” no mês de dezembro, porém, na página ao lado, aparece a coluna “Ciência”, com a matéria: “Os efeitos das experiências russas com bombas nucleares”. Curiosamente, nas colunas “Panorama” do mês, JM nem sequer fez menção a qualquer assunto envolvendo energia atômica.

Figura 21 - Nota "Mais ou Menos Orelhas", publicada em 17/11/1961

O humor no trato de assuntos científicos e tecnológicos marcou a coluna, em 1961. A “Panorama” inseriu-se definitivamente como espaço de entretenimento e lazer. Assuntos científicos, quando apareceram no bloco formado pelas páginas, não encontraram na coluna. Aparentemente, há um descompasso entre as novidades científicas e as trazidas por Jerônimo Monteiro: essas, em vez de dar tratamento sério ao assunto, priorizavam o pitoresco, o curioso e o fantástico, mesmo quando oriundo da C&T.

2.2.1.5 1962 – Variedades e Descompasso com o Jornalismo Científico

Em 1962, a “Panorama” apresentou redução de tamanho, passando a ocupar, durante todo o ano, 1/8 da área impressa. Mesmo havendo preponderância da localização da coluna na página 4 do caderno Ilustrada, essa localização também variou, sendo errática: às vezes a coluna esteve localizada no meio da página, outras vezes no canto, e ainda outras vezes nas laterais. Assuntos ligados a cultura (teatro, cinema etc.) e lazer (caça e pesca, cruzadas, horóscopo, quadrinhos etc.) sempre apareceram nas proximidades da coluna, seja na própria página ou na ao lado. Quando existiu algum assunto científico nas proximidades da coluna, a “Panorama” mostrou total descompasso.

No que diz respeito ao conteúdo de C&T, o ano foi pouco expressivo; a coluna deu ênfase às variedades e anedotas, possibilitando uma pequena seleção. Foi possível notar o descompasso entre os assuntos da “Panorama” com as novidades científico tecnológicas já em janeiro (26/1/1962): a coluna, mesmo estando ao lado de uma imagem que interroga o uso da energia atômica no espaço, deu ênfase ao caso de um homem que se casou com gêmeas, sendo enganado e explorado.

Figura 22 - "Panorama" de 26/01/1962 em descompasso com matéria ao lado.

Não se pode perceber, por meio da análise das colunas e materiais circundantes, assim como do próprio jornal, se esse contraste temático é proposital, ou se a coluna é feita antes (escrita mensalmente e guardada para posterior publicação), ou ainda se a distribuição de conteúdos e a conseguinte diagramação não priorizaram o possível encontro entre a coluna “Panorama” e conteúdos científicos. Parece-me, entretanto, que de fato a “Panorama” pode ser inserida no campo principal das variedades, pois apresenta a ciência, principalmente, em seus componentes insólitos, engraçados, humanos e curiosos.

Após um salto bimestral, a coluna tratou ironicamente dos provérbios populares, mostrando que nem esses resistem aos avanços. Ao discorrer sobre o tema (MONTEIRO, 1962b), Jerônimo Monteiro, com grande senso de ironia, comentou que o adágio “Deus dá nozes a quem não tem dentes” está desatualizado, e deve ter sido criado antes das dentaduras postiças... HQs acompanham a coluna, além do roteiro de Rádio e Tv, e do anúncio do livro “Dilema de um Cirurgião”. Ao lado, as usuais colunas “Horóscopo” e “Palavras-Cruzadas”.

Em 16/6/1962 (MONTEIRO, 1962c), JM voltou a falar do progresso. Dessa vez retratou, comparando-a aos barcos motorizados, uma empresa de velas náuticas. Segundo o texto, a última vela lançada foi uma beleza, e contava com muitos fãs e entusiastas. Todavia, o colunista questionou: “Mas e quando não houver vento? (MONTEIRO, 1962c)” Ou seja, apesar da beleza, força e resistência das velas náuticas, assim como da velocidade que elas provocam, o progresso fará com que elas fiquem de lado. Talvez sirvam para a prática de esportes dependentes do clima, mas não para competições de velocidade.

No mês de agosto (MONTEIRO, 1962d), mais uma vez, percebi o desnível entre as notas da “Panorama” e os assuntos científicos do momento. A coluna trouxe principalmente variedades e anedotas, enquanto ao lado e na mesma página, apareceu a foto de um rádio-telescópio, assim como sua descrição e aspectos do funcionamento. A coluna “Ciência” estava localizada

Figura 24 - Charge "Futuro", presente na coluna "Panorama" de 22/09/1962

O humor também apareceu na coluna de dezembro (MONTEIRO, 1962g), mas dessa vez envolvendo a Medicina. JM descreveu um método de rejuvenescimento utilizado por um médico inglês: há cinco anos, ele cozinha os pacientes, durante vinte minutos, à temperatura de 60°C. O caráter divertido e de passatempo fica claro a partir do próprio conteúdo do texto, além das colunas que o acompanham, na própria página da coluna e na ao lado: “Bate-Papo”, “Caça e Pesca”, “Turismo”.

Ao menos em outubro (MONTEIRO, 1962f), encontrei alguma referência à ficção especulativa. No espaço intitulado “Este Estranho Mundo”, Monteiro citou L. Sprague de Camp (1907-2000) e sua obra “Da Atlântida ao Eldorado”, onde aspectos insólitos encontrados por João de Manderville em suas viagens à Ásia são mostrados: aves com duas cabeças, mares de cascalho etc. A citação feita por JM é lapidar para se perceber o rumo que a coluna “Panorama” tomará a partir dos próximos anos: o fantástico. Sprague de Camp é um autor norte-americano de ficção especulativa que dá grande ênfase ao Brasil (na série “Viagens Interplanetárias”, o país é a grande potência, pois domina a tecnologia para se viajar entre os planetas), mas a obra citada por Jerônimo Monteiro é de Realismo Fantástico e fala de um tema pelo qual ele

se interessava muito – a Atlântida, tendo inclusive escrito uma trilogia de FC a respeito⁹⁰, e redigido um texto afirmando a realidade do continente perdido (ver Capítulo 1).

A “Panorama”, apesar de fortemente marcada por conteúdo de variedades e anedotas, começou a se delinear num espaço que, em partes, relacionará ciência e realismo fantástico, como na FC de Jerônimo Monteiro. Quando tratada isoladamente a ciência tem, na coluna, a principal função de mostrar algo insólito ou curioso.

2.2.1.6 1963 – Pouquíssimo Conteúdo de Interesse

O ano em questão apresentou a “Panorama” ocupando aproximadamente entre 1/6 e 1/8 da área total impressa da página. Sua posição no caderno “Ilustrada” tornou-se fixa, sempre nas páginas 2 ou 3. A orientação vertical da coluna permaneceu, assim como em 1962; mas seu lugar na página mudou conforme a semana. No que diz respeito à distribuição de conteúdos, em sua proximidade, a “Panorama” permaneceu acompanhada, principalmente, por sessões e colunas de entretenimento, ou dedicadas ao tempo livre. Todavia, algumas vezes conteúdos de C&T apareceram por perto, mas não relacionados aos da coluna.

Em janeiro de 1963 (MONTEIRO, 1963a), o assunto escolhido por Jerônimo Monteiro foi o caráter profético da ficção científica, por meio dos presságios de Robert A. Heinlein (1907-1988)⁹¹:

Seu telefone pessoal será tão pequeno que você poderá levá-lo no bolso;... Será descoberta em Marte vida inteligente sob alguma forma;... Dois mil quilômetros por hora ao custo de dez centavos por minuto será coisa normal. As viagens curtas ser

⁹⁰Ver capítulo três.

⁹¹Autor norte-americano de Ficção Científica. É principalmente conhecido pelas obras “Tropas Estelares” (1959) e “Um Estranho numa Terra Estranha” (1961). Foi o primeiro autor de FC a aparecer na lista de *Best Sellers* do *New York Times*. (SF-ENCYCLOPEDIA, 2011)

farão em subterrâneos a altas velocidades (MONTEIRO, 1963a).

Ao trazer essas profecias, parece-me que Jerônimo Monteiro desejava mostrar a perplexidade que nos aguardava para os próximos tempos, de acordo com um conhecido autor de FC, em decorrência do avanço da tecnologia; assim, parece-me que o cronista observava na FC um caráter pressago. O tamanho do telefone, ao menos, Heinlein acertou!

Em fevereiro (MONTEIRO, 1963b), o humor retornou numa charge a respeito da carga elétrica da enguia; em agosto (MONTEIRO, 1963c), houve outra charge, mas dessa vez tratando de foguetes espaciais e contatismo. No exemplo da enguia se percebe claramente a intenção de ensinar de forma agradável, por meio do humor:

A CARGA ELETRICA da engua chega a 500/600 volts e sua intensidade é tal que chega a acender lampadas.

Figura 25 - Charge na coluna de 12/02/1963

Figura 26 - Charge na coluna de 29/09/1963

Num ano de tão pouco conteúdo científico e tecnológico na coluna Panorama, Jerônimo Monteiro trouxe alguns pontos de divulgação científica, no mês de abril, sempre relacionando a ciência ao maravilhoso e ao fantástico, falando sobre a imensidão do universo (MONTEIRO, 1963d) ou sobre o ano marciano (MONTEIRO, 1963e). O colunista cita Sir James Jeans⁹² (1877-1946)

⁹² Sir James Jeans foi um, astrônomo e matemático britânico que recebeu diversos prêmios. Sua principal descoberta foi o “comprimento de jeans”, o raio crítico de uma nuvem interestelar

e o brasileiro Jean Nicolini⁹³ (1922-1991). Ao publicar esses fragmentos, JM preocupou-se, claramente, em mostrar como a ciência também abre as portas para o fantástico e o maravilhoso. Como se observa no conceito de *Sense of Wonder*, o ser humano pode sentir-se maravilhado ao observar a imensidão dos Cosmos e seus planetas.

Figura 27 - Recorte da "Panorama" de 10/04/1963, mostrando variedades, anedotas e divulgação científica compartilhando o mesmo espaço.

no espaço. Na astronomia, também se preocupou com a divulgação dos conhecimentos de sua época, trabalho que lhe garantiu reconhecimento. (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, 2019).

⁹³ Astrônomo amador brasileiro, conhecido principalmente por suas observações das atividades solares. Escreveu o "Manual do Astrônomo Amador" e "Marte: O Planeta do Mistério". Em 1963, ganhou o prêmio George Bidault de L'isle, dado pela *Société Astronomique de France*. Em 1992, teve seu nome adicionado ao Observatório Astronômico Municipal de Campinas, o qual passou a se chamar Observatório Municipal Jean Nicolini. (REDE DE ASTRONOMIA OBSERVACIONAL, 2018?)

2.2.1.7 1964 – Diálogo com os Catastrofistas

1/8 de página foi a quantidade de espaço impresso ocupado pela “Panorama” no ano de 1964. A coluna deixou de ocupar sempre as mesmas páginas, variando constantemente. A posição continuou sempre vertical, num formato de Box, mas a distribuição no espaço da página varia conforme a edição. Os conteúdos paralelos foram os ligados à diversão e ao tempo livre, assim como cultura, destacando-se as colunas e sessões: “HQs”, “Jogo dos 7 Erros”, “Discos”, “Rádio e TV”, “Música”, “Palavras-Cruzadas”, “Horóscopo”, “Turismo”, “Passeios e Viagens”, “Para a Leitora”, entre outras. Apareceram as sessões “A Natureza é assim” (quadrinhos da Disney sobre comportamento animal) e “Enciclopédia Curiosa” (curiosidades em quadrinhos). Algumas vezes, a coluna “Saúde” esteve próxima à “Panorama”.

Figura 28 - "A Natureza é assim" publicada em 17/7/1964

Em 30/01/1964, Jerônimo Monteiro mostrou-nos o comportamento de animais criados em cativeiro, após fugirem. Mais uma vez, o tratamento foi irônico, pois o colunista afirmou que os lobos esperavam encontrar um bosque ao escaparem, mas, ao contrário, viram-se rodeados por uma selva de concreto e monstros estranhos. O destino dos lobos foi curioso: um morreu, outro voltou espontaneamente ao zoológico e o terceiro teve de ser capturado. Aparentemente desconexo, a nota traz um dos temas caros à FC, dessa vez apresentado por meio de animais enjaulados: o contato com um ambiente totalmente oposto ao esperado, a descoberta do novo e do fantástico e as consequentes reações perante eles.

A ligação entre ciência, política e astrologia apareceu na nota selecionada para fevereiro (MONTEIRO, 1964b). Citando o livro “De Onde Viemos, Para Onde Vamos”, de Heinrich Faust⁹⁴ (1912 – 1975), JM mostrou que dois astrônomos chineses foram condenados à morte por não terem reportado os fenômenos celestes ao imperador. Embora o imperador não estivesse interessado em astronomia, os fenômenos celestes traziam-lhe informações sobre os próximos períodos de crise. Sem as informações do céu, ele não conseguia planejar seu governo. As informações científicas, no trecho analisado, são essenciais, não pela sua veracidade em si, mas pela interpretação do mundo delas retirada, a informação astronômica serve para a confirmação astrológica. Em 23/05/1969, o mesmo livro foi novamente citado.

Ainda citando outros autores, Jerônimo Monteiro Monteiro trouxe uma nota sobre a história dos etruscos (MONTEIRO, 1964b), vista por Immanuel Velikovski⁹⁵ (1859-1979), no livro “Mundos em Colisão”. De acordo com Immanuel, a humanidade foi destruída e recriada diversas vezes, sendo ae

⁹⁴ Meteorologista alemão. Até o final da Segunda Grande Guerra, trabalhou no serviço meteorológico da Força Aérea. Publicou diversos livros de meteorologia e divulgação científica. (WIKIPEDIA, 2017?)

⁹⁵ Apesar de ser médico psiquiatra, Velikovski é principalmente conhecido por seus controversos trabalhos referentes à reinterpretação de fatos da História Antiga, para ele explicados por meio da aproximação com outros planetas. Apesar de serem rejeitadas pela academia, consideradas como pseudo-científicas, as ideias de Immanuel foram recebidas com grande entusiasmo popular e ainda apresentam adeptos. Seu mais conhecido trabalho é “Mundos Colidem”, também chamado de “Mundos em Colisão”. (THE VELIKOVSKY ENCYCLOPEDIA, 2008)

causa a aproximação dos planetas Vênus e Marte à órbita terrestre. A partir dessa nota, percebe-se claramente a posição de Monteiro, ao citar um catastrofista num espaço antes ocupado por livros de cientistas e divulgadores científicos. JM crê e confia na Ciência, vendo-a como essencial para o progresso, porém, não se fecha a outras formas de explicação, muitas vezes “alternativas” ou fantásticas. Anteriormente, essa mistura já apareceu de modo menos explícito, mas é uma de suas marcas, também presente nos trabalhos de FC, e irá se acentuar na coluna.

Ainda divulgando livros e autores, JM passou a escrever sobre seu amigo Monteiro Lobato (1882 – 1948), na coluna de 28/08/1964. Pintou o autor de “O Presidente Negro” da forma mais humana possível, dando-lhe grandes toques de sensibilidade, timidez e vaidade: Lobato não quer ser publicamente visto chorando ao ler os poemas amorosos de uma jovem, e replica que isso é para Guilherme de Almeida (1890 – 1969) ou Oswald de Andrade (1890 – 1954). Jerônimo Monteiro não humanizou somente o cientista, mas também os escritores, dando-lhes características quotidianas e normais.

A última coluna selecionada para o ano apresenta o bloco “Robôs Sanitários” (MONTEIRO, 1964e). Nele, ao discorrer sobre a maior presença da automação na vida humana, Jerônimo Monteiro descreveu dois processos estadunidenses puramente mecânicos, intimamente ligados à saúde: no primeiro, de oito em oito horas, um robô injeta substâncias anticancerígenas nas artérias que vão ao fígado do paciente; no segundo, outro robô examina olhos humanos e transmite suas conclusões a um centro de pesquisa. O desenvolvimento tecnológico, de acordo com a informação selecionada e apresentada por JM, ajuda na conservação da saúde humana. Assim, quando bem empregada, a tecnologia é amiga do homem.

Figura 29 - "Robôs Sanitários" na coluna "Panorama" de 13/11/1964.

2.2.1.8 1965 – Realismo Fantástico e Ficção Científica

No ano de 1965, a coluna Panorama ocupou, outra vez, entre 1/5 e 1/8 da parte impressa da página, não em lugar fixo, mas variado conforme a edição do jornal "Folha de São Paulo". No caderno "Ilustrada", a localização da coluna variou entre as páginas 2 e 8. A orientação continuou preponderantemente vertical, porém, em poucos momentos, passou à posição vertical. Além das costumeiras colunas e sessões que a acompanham, algumas vezes a coluna "Ciência" apareceu nas proximidades. A periodicidade, em 1965, não se restringiu às sextas-feiras: a "Panorama" foi publicada em diversos dias da semana.

Dando continuidade à citação de autores menos ortodoxos ou não aceitos pela comunidade científica, Jerônimo Monteiro, em 07/01/1965, cita o

livro “O Enigma da Atlântida”, de Alexandre Braghine⁹⁶: a transcrição refletia sobre a influência atlante, principalmente no reino de Ufá, onde a arquitetura não pôde ser classificada como nenhuma já conhecida. Além disso, JM afirmou que o assunto Atlântida está “*voltando ao cartaz*” (MONTEIRO, 1965a). JM, mais uma vez, abriu mão da explicação científica, dando espaço a um texto de pseudo-ciência. Como em seus trabalhos de ficção científica, JM dá vozes à ciência, mas também ao conhecimento controverso, e com ele muitas vezes se alinha.

Citado no ano passado, e também dentro das pseudo-ciências, Immanuel Velikovski foi novamente transcrito, em outra passagem do seu “Mundos em Colisão”. Na nota de JM, o texto selecionado, por meio de passagens do Primeiro Testamento e do *Popol-Vuh* (livro sagrado dos maias), busca explicar cataclismas da Antiguidade em decorrência da aproximação do Planeta Vênus, causador de alterações no campo eletro-magnético da Terra. Cada vez mais, a pseudo-ciência ganha destaque na “Panorama”, deixando claras as leituras e fontes de Jerônimo Monteiro.

Em 07/02/1965, Jerônimo Monteiro persistia transcrevendo trechos de livros na “Panorama” O livro escolhido para o mês foi “A Imensa Jornada”, de Loren Eiseley⁹⁷ (1907-1977), cujo fulcro são as divagações do autor sobre a vida inteligente fora da Terra:

Visto que atualmente falamos, escrevemos e sonhamos interminavelmente com foguetes, não é de surpreender que isso acarreta o anverso da medalha: o foguete, ou o seu equivalente, pode ter vindo a nós antes, de um ponto qualquer lá fora ... É tão profunda a convicção de que deve haver vida para além da treva, que pensamos no caso de aqueles habitantes serem mais adiantados que possam cruzar o espaço em qualquer instante [...] ficamos a refletir se por acaso as mensagens não vieram há muito, caindo no charco das

⁹⁶ Nenhuma informação biográfica foi encontrada. Porém pela leitura do livro “Enigma da Atlântida”, percebi que Braghine busca explicar as culturas da Antiguidade por meio da influência atlante. (ATLANTIPEDIA, 2004?)

⁹⁷ Antropólogo norte-americano. Foi professor de Antropologia e História da Ciência na Universidade da Pensilvânia. Seu primeiro livro, “A Imensa Jornada” (1957), atingiu grande audiência. (BRILL, 2005?)

florestas fumegantes, sob a forma de projétil luminoso tomado de assalto por répteis sibillantes, enquanto os delicados instrumentos paravam inconscientemente, sem nenhum relato (MONTEIRO, 1965b).

JM selecionou excerto dum antropólogo e historiador da ciência que cria na possibilidade da vida alienígena e, mais ainda, num contato dos alienígenas com nosso planeta, num futuro anterior ao homem. Será que esse contato deixou marcas na humanidade? Será algo a se repetir? Essas são algumas das indagações de Eiseley. Na passagem citada, mostrou-se clara a fusão entre temas científicos e do realismo fantástico.

A página ao lado traz matéria científica de José Reis (“O segundo, unidade de tempo, não mais depende da Astronomia); apesar da proximidade, a Panorama não dialoga com a matéria.

Em 01/04/1965, o colunista abordou a tentativa científica em explicar outros tipos de conhecimento, no caso o saber oracular da quiromancia. Nos EUA, foi feita pesquisa que reuniu dez mil impressões de palmas de mãos de recém nascidos, a fim de verificar correspondências entre as linhas palmares e doenças ou sinais de grande inteligência. Com o sugestivo título de “Será a Quiromancia uma Ciência?”, Jerônimo Monteiro buscou uma junção dos conhecimentos, onde a ciência tenta explicar os saberes tradicionais. Porém, para JM, muitas vezes o contrário também acontece.

Na coluna de maio (MONTEIRO, 1965d), as curiosidades decorrentes do avanço tecnológico voltaram a povoar a coluna. Com o objetivo de criar perplexidade nos leitores, JM descreveu uma fábrica holandesa de biscoitos, responsável pela fabricação e distribuição das guloseimas: um coordenador eletrônico é responsável por todo o processo de produção, e o único homem presente na empresa é o proprietário-chefe, que recebe todo o lucro. Com ironia e bom-humor, Jerônimo Monteiro mostra as vantagens da tecnologia e automatização para a produção fabril.

A partir de junho, a Panorama deixa de lado seu antigo formato vertical, passando a ocupar a 1/10 da da página. Embaixo dela, divididas em duas colunas, aparecem várias HQs. Entre as tiras, sempre aparecem a sessão de

“Horóscopo” ou a coluna “Ciência”, cujos conteúdos não se correlacionam com os da “Panorama”.

Figura 30 - Relação morfológica entre a coluna "Panorama" e tiras, a partir da metade de 1965. (Caderno "Ilustrada", Folha de São Paulo, 18/2/1965)

A crença no sobrenatural, mesmo na era dos foguetes e da bomba, foi o assunto selecionado para junho (MONTEIRO, 1965e), por JM. Com o sugestivo título de “Queridos Fantasmas”, o colunista descreveu uma “séria e rigorosa” pesquisa inglesa, que detectou, no ano de 1964, nada menos do que 898640 mil aparições ou manifestações fantasmagóricas. Fazendo sátira com um dos gêneros da literatura especulativa, o horror, JM concluiu que, por sorte, a maioria das aparições era inofensiva. No trecho escolhido, o forte é a ironia e a extravagância do tema estudado pelos cientistas. Mesmo se tratando de um tema bastante controverso, Jerônimo Monteiro não cita nenhuma de suas fontes, e ficamos sem saber se a pesquisa foi realmente séria e rigorosa, ou sequer se de fato existiu.

Jerônimo Monteiro continuou transcrevendo trechos de livros, porém, em julho (MONTEIRO, 1965f), o escolhido foi um autor de FC: George Harry Stine⁹⁸ (1928 – 1927). Stine, em seu livro “O Homem e a Fronteira do Espaço” (1962), não faz FC, mas dá informações sobre tentativas de chegada à Lua; ele destaca o caso onde dois balonistas tentam chegar ao planeta, não vão muito longe e quase morrem. Em vez de, em tempos de corrida espacial, selecionar um cientista, JM escolheu um hobbysta e autor de ficção científica Parece-me que o colunista não estava interessado em discorrer sobre como chegar à Lua ou sobre o planeta, mas desejava mostrar fatos pitorescos ocorridos durante o processo. Dessa forma, ele humaniza um processo apresentado como puramente científico e tecnológico, introduzindo aspectos históricos envolvendo a chegada do homem à Lua.

No mês de novembro (MONTEIRO 1965g), a FC foi novamente escolhida, e Jerônimo Monteiro divulgou o livro “Cidade” (1952), de Clifford D. Simak⁹⁹ (1904 – 1988). No romance, Simak imaginou um universo onde os

⁹⁸ Conhecido autor de ficção científica, é um dos responsáveis pela criação do modelismo de foguetes; escreveu o “Manual para Modelismo de Foguetes” (1965), espécie de guia para os interessados no hobby. O modelismo de foguetes não deve ser confundido com o astromodelismo (espécie de plastimodelismo que desenvolve réplicas de astronaves), mas sim modalidade independente, dedicada à construção de micro foguetes movidos a explosão. (SF-ENCYCLOPEDIA, 2011?)

⁹⁹ Escritor norte-americano de ficção científica, vencedor de três prêmios Hugo e um Nebula. Foi nomeado grande mestre pela Science Fiction Writers of America (SFWA) em 1977. (SF-ENCYCLOPEDIA, 2011?)

cachorros herdariam a Terra, e passariam a construir uma sociedade canina. Com grande tom irônico, JM comenta se tal civilização já não estava se apresentando, haja vista como alguns cães são tratados por seus donos; assim, Jerônimo Monteiro utiliza-se da ficção científica para ironizar alguns comportamentos de sua época.

Figura 31 - Foto irônica relacionando o livro “Cidade”, de Clifford D. Simack, com o comportamento canino na década de 1965. (“Panorama” 1/11/1965)

Os temas fantásticos e inexplicáveis retornaram em outubro, com o texto sobre “O Fantasma Gritador do Castelo Medieval de Santelmo” (MONTEIRO, 1965h). Nele, Jerônimo Monteiro comentou a existência de um fato não explicado pela ciência de sua época: os constantes lamentos e choros escutados no Castelo de Santelmo. Parece-me que, além de denotar a pouca capacidade ou interesse da ciência de sua época para resolver problemas aparentemente sobrenaturais, JM gostaria de que a ciência estudasse os chamados mistérios do além.

O mês de dezembro foi exemplar para eu entender o pensamento de Jerônimo Monteiro e sua adesão, ao mesmo tempo, às ideias científicas, pseudo-científicas, e oriundas do realismo fantástico. Na coluna de 09/12/1965, JM citou Sir William Cecil Dampier¹⁰⁰ (1867 – 1952), que, em seu “Pequena História da Ciência”, comenta sobre a teoria atômica e sua expressão poética em Lucrécio. Escreve JM:

“Realmente não há nada de novo sob o Sol. A História se repete e o que foi torna a ser até a consumação dos séculos – [...] e quantas coisas que pensamos serem próprias e exclusivas de nossa época conturbada, já eram velhas quando o Brasil foi descoberto”. (JERÔNIMO, 1965i)

Poder-se-ia pensar que o colunista queria afirmar a genialidade dos gregos, ou ainda mostrar a continuidade entre a ciência atual e a pregressa, não obstante, sua escolha para a coluna de 27/12/1965¹⁰¹ denota sua real perspectiva. O livro escolhido foi “O Despertar dos Mágicos” (1964), de Louis Pauwels e Jacques Bergier, cujo subtítulo é “Introdução ao Realismo Fantástico”. Esses autores propunham um novo método de trabalho, por eles chamado de Realismo Fantástico, principalmente baseado na ideia de paridade entre os conceitos científicos e esotéricos/iniciáticos, e na conseguinte compreensão de que as sociedades da antiguidade possuíam um conhecimento bem superior ao nosso, porém cifrado ou criptografado. No meu entender, em sua FC, Jerônimo Monteiro aderiu a essa corrente¹⁰², misturando o científico ao fantástico, utilizando métodos místicos para resolver problemas científicos. Ademais, a mistura de conteúdos, assim como de tipos de autores citados por JM, além da sua circulação por meios científicos e esotéricos¹⁰³, denotam essa aderência. Assim, a coluna “Panorama” do ano de 1965 é basilar

¹⁰⁰William C. Dampier foi um físico, agrônomo e historiador da ciência britânico; desenvolveu u método de extrair lactose da proteína do leite. É conhecido por três de seus trabalhos em História da Ciência: The Recent Development of Physical Science (1904), A History of Science (1929) e A Shorter History of Science (1945). (WIKIPEDIA, 2015?).

¹⁰¹Notadamente, uma das maiores afiliações de JM foi o Realismo Fantástico de Pauwels e Bergier.

¹⁰²Ver Capítulo 3.

¹⁰³Ver Capítulo 1.

para a compreensão da gênese pensamento de Jerônimo Monteiro e de sua obra.

2.2.1.9 1966 - Descompassos e Mais Descompassos

A coluna “Panorama” permaneceu sendo publicada em posição horizontal, ocupando aproximadamente 1/10 da área impressa da página. A periodicidade costumeira retornou: a partir de fevereiro, a coluna foi sempre publicada às sextas-feiras, na página 4. As colunas sociais, culturais e de lazer que acompanham migraram para a página ao lado, enquanto a Panorama passa a dividir seu conteúdo exclusivamente com tiras de HQs. Os conteúdos científicos ocupavam outros lugares do caderno, não formando bloco com a “Panorama”. A partir de agosto, o espaço final da coluna (cerca de 1/4) foi substituído pela sessão de palavras-cruzadas.

Figura 32 - Formatação da página que continha a "Panorama" em 07/01/1966.

Pouco expressivo em conteúdos científicos, fantásticos e ou relativos à ficção científica, o ano mostrou, mais uma vez, o descompasso entre a ciência da época e a coluna “Panorama”. Em junho, enquanto a “Folha de São Paulo” trouxe como sua segunda manchete de capa “O Homem Poderá Andar na Lua”, a coluna de JM (MONTEIRO, 1966a) discorreu sobre testes de álcool no sangue, mainás e as propriedades do vinho no sabor da carne suína. Em novembro, a capa do caderno “Ilustrada”, em primeira manchete, apresentou o criador da bomba nuclear chinesa; JM, por sua vez, seguiu outra vez na linha do Realismo Fantástico, transcrevendo trecho do livro “Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia”, de Alfred Stili¹⁰⁴, cujo principal assunto é a alquimia (MONTEIRO, 1966b). Enquanto a “Ilustrada” de dezembro apresentou matéria sobre “Novas Técnicas Espaciais”, Jerônimo Monteiro, dessa vez transcrevendo a alta literatura, apresentou excerto (MONTEIRO, 1962c) do “Manual de Zoologia Fantástica”, de Borges (1899 – 1986). Claramente, JM conhecia o contexto científico em que estava inserido, mas optou por não apresentá-lo na Panorama; ao contrário, preferiu mostrar a ciência em seu aspecto divertido ou fantástico. Dessa forma, cada vez mais a “Panorama” vai se consolidando como um espaço direcionado ao lazer, ou seja, um espaço pouco propício à discussão científica séria.

Mereceram destaque, em relação à C&T, apenas duas notas, apresentadas respectivamente em 25/02/1966 e 11/03/1966: a primeira, ligada ao contexto de Guerra-Fria, apresentava um sistema de alemão de alarme, em quatro estágios, para armas atômicas, biológicas ou químicas; a segunda tratava da criação de tendas de isolamento, em hospitais ingleses, para portadores de moléstias contagiosas. Apesar de a ciência não ter sido a ênfase do ano, Jerônimo Monteiro preocupou-se com novidades tecnológicas referentes à proteção em tempos de guerra-fria. Aparentemente, ele desejou mostrar a tecnologia sendo benéfica à humanidade, num contexto onde o contrário poderia facilmente ocorrer.

¹⁰⁴Nada encontrei sobre ele.

2.2.1.10 1967 – Mais Descompassos

Até outubro, a coluna manteve sua posição horizontal, porém, a partir de novembro, retomou a posição vertical, sempre ocupando 1/5 do total da área impressa da página. Foi sempre publicada às sextas-feiras, na página 4. Ela dividiu seu espaço com HQs (quase toda a página) e palavras-cruzadas. Na página ao lado, houve predominância de colunas e roteiros culturais.

Em 25/02/1967, a Panorama trouxe grande texto sobre os cultos à carga, que são amplamente discutidos no já citado “Despertar dos Mágicos” (1965). Esse tipo de culto se origina do contato de sociedades –principalmente da Melanésia - com grupos tecnologicamente mais avançados, e apresenta uma série de rituais onde são cultuadas mercadorias (carga) ocidentais. No livro de Pauwels e Bergier, o culto à carga funciona como exemplo da idolatria da ciência pelo ser humano que, mesmo não entendendo o conhecimento científico, transforma-o em espécie de vaca sagrada. O livro também se refere - e talvez de forma mais importante - ao modo como a contemporaneidade se apropria dos conhecimentos da Antiguidade, sem realmente entendê-los, pois não compreende as tecnologias de épocas pretéritas. Infelizmente, devido a problemas com a reprodução presentes no “Acervo da Folha”, foi impossível ler a nota, porém achei importante trazê-la para ilustrar a correspondência do pensamento de JM com o realismo fantástico.

Em abril, Jerônimo Monteiro apresentou uma curiosidade geográfica: o Vale da Morte (MONTEIRO, 1967b). Trata-se de uma depressão desértica que atinge a temperatura de 50°C. Já em maio (MONTEIRO, 1967c), a curiosidade foi concernente à robótica (uma maquinista robô) e à criação de um gorro anti-dor de cabeça. Infelizmente, os textos estão praticamente ilegíveis.

Os descompassos continuaram presentes na “Panorama” de 1967: em 08/09/1967 a coluna apresentou um bloco de texto sobre moda e comportamento femininos – intitulada “Minissaias, Pérolas e Joelhos”, enquanto o caderno “Folha Ilustrada”, na página anterior, publicou a matéria “Estrelas que Emitem Raios-x”. Em 15/12/1967 a capa da Folha de São Paulo

apresentava a manchete “Vida em laboratório criada por biólogos”, porém a coluna de Jerônimo Monteiro trazia um curioso e interessante texto sobre “mecanarte”, uma nova forma de arte que se utiliza de partes da mecânica dos automóveis.

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ANO XLVII SÃO PAULO, 6.ª-FEIRA, 15 DE DEZEMBRO DE 1967 N.º 14.061

Dirutor Presidente Octavio Faria de Oliveira *Adm. e Circ. Al. Renda de Linhares, 428*

Vida em laboratório criada por biólogos

Figura 33 - Manchete da "Folha de São Paulo" em 15/12/1967.

Panorama

Mecanarte

Leon Leflon, mecânico de automóveis estabelecido com oficina em Brooklyn, de tanto lidar com soldas, porcas e parafusos, começou a pensar um dia que talvez houvesse uma possibilidade de fazer com esses apetrechos e peças coisa mais interessante do que enfiar umas nas outras. E começou

a fazer tentativas. Pouco a pouco criou alguma coisa que é arte, nova, a “mecanarte”, realmente curiosa e expressiva. Na primeira foto vemos-lo lidando com um eletrodo, para unir peças e nas duas fotos seguintes dois belos exemplos do que se pode fazer com porcas, parafusos, molas e sensibilidade.

Figura 34 - Principal nota da coluna "Panorama" em 15/12/1967

2.2.1.11 1968 – A Ciência em seu Aspecto Divertido

A coluna, durante o ano de 1968, ocupou de 1/6 a 1/5 do espaço impresso na página e permaneceu na pág. 4. Retomou a posição horizontal, em *box*, sempre no canto direito superior. Na página da “Panorama”, as HQs restringiram-se ao lado esquerdo, sendo o restante da página ocupado, principalmente, pelas colunas “Horóscopo”, “Palavras-cruzadas” e “A Natureza é assim”. Na página ao lado, colunas sociais e culturais, assim como guias de programação foram os conteúdos recorrentes.

A coluna de 16/02/1968 voltou a tratar temas científicos de forma bem humorada. Nela, Jerônimo Monteiro discutiu a antiguidade das brigas entre marido e mulher, mostrando que - de acordo com longa pesquisa desenvolvida por psicólogos norte-americanos (novamente, nenhuma fonte) - as brigas causam artrite nas esposas e úlceras nos maridos. Paradoxalmente - e aí reside o humor - se não houver brigas, o marido apresenta artrite; a mulher, úlcera gástrica. Em março (MONTEIRO, 1968b), a nota foi relativa à saúde: fala de pesquisa desenvolvida na Universidade de Leyde, e publicada na “Revista Holandesa de Medicina”, a qual relaciona o consumo da pílula anticoncepcional com a aceleração do processo de envelhecimento. É uma das poucas vezes em que um tem científico surgiu sendo tratado de forma séria, incluindo o nome de uma revista médica.

Em maio (MONTEIRO, 1968c), a coluna apresentou curiosidades, uma médica e uma tecnológica, ambas com humor e mordacidade. Parece que o objetivo do colunista, ao relatar essas curiosidades, é mostrar como a C&T interfere no dia-a-dia, muitas vezes de forma curiosa, exótica ou engraçada. No que tange à tecnologia, Jerônimo Monteiro descreveu uma igreja em Sidney, onde, devido à falta de tempo da população, os fiéis podiam confessar-se nos próprios carros, dispondo de um *drive-in*, sem a necessidade de entrar no templo. Já em relação à medicina, a nota com o engraçado título de “espichamento”, contou a história de um moço que, ao entrar no curso preparatório para a marinha estadunidense, media 1,67m; os médicos, considerando a estatura muito pequena, resolveram iniciar um tratamento para

crescimento; o rapaz atingiu 2,02m. Infelizmente, ao terminar o curso, sua estatura era muito alta, e ele não pode ingressar. A nota do espichamento mostra, em JM, a construção de um *fait-divers* a partir de um tratamento médico.

Na coluna de 21/06/1968, Jerônimo Monteiro continuou engraçadamente com as curiosidades tecnológicas, apresentando um aparelho portátil desenvolvido pelo Instituto de Tecnologia de Chicago, o “cheirômetro”, capaz de identificar as pessoas por seu odor único pessoal e intransferível. Segundo o colunista, o aparelho “deve ter sido inspirado pelo diabo” (MONTEIRO, 1968d). Além da curiosidade, JM escreveu acerca de seus próprios trabalhos enquanto ficcionista, relatando uma anedota: numa apresentação teatral, em que um amigo do autor representava Dick Peter, um dos atores esqueceu a arma falsa, e tentou matar o protagonista com chutes.

O cotidiano do Zoológico de São Paulo foi pano de fundo para a anedota apresentada por JM, em setembro (MONTEIRO, 1968e). A telefonista da instituição, cansada de receber ligações de pessoas querendo falar com o Sr. Tigre, passou a receber telefonemas nos quais se procurava pelo Dr. Leão. Ela passou a bater o telefone. Porém, de fato o Dr. Leão existia, e era o novo biólogo do zôo. As instituições brasileiras também eram ironizadas por JM.

No mês seguinte, em nota intitulada “A Boa Relatividade” (MONTEIRO, 1968f), Jerônimo Monteiro introduziu a esposa de Albert Einstein (1879-1955): quando questionada se entendia as teorias do marido, ela responde que absolutamente não, porém, compreendia-o muito bem. É um exemplo anedota envolvendo um grande personagem científico, a fim de mostrar que mesmo entre as coisas mais sérias, sempre se deve encontrar o humor.

O matiz da “Panorama”, em 1968, foi o bom-humor ao tratar de assuntos e personagens científicos. O tom permaneceu, inclusive, na coluna de dezembro, que ironiza a maquiagem de filmes de terror e seu público:

Figura 35 - Nota publicada na coluna "Panorama" de 13/12/1968.

2.2.1.12 1969 – Jerônimo Monteiro, seus trabalhos de Ficção Científica e a Formação do Fandom Nacional

A dimensão da coluna (1/4 de página), localização na página e no caderno permaneceram iguais às do ano anterior. Os conteúdos também se distribuíram da mesma forma. Entretanto, a partir de agosto, a coluna deixou de publicar charges. Esparsamente, na página ao lado, apareceram alguns conteúdos ligados à saúde, medicina e veterinária.

O ano de 1969 foi marcado por notas de Jerônimo Monteiro referentes à sua própria produção. Em especial, pode-se destacar, na "Panorama" de 28/02/1969, a gênese de "Fuga para Parte Alguma". JM, em texto intitulado "Os Donos do Mundo" (MONTEIRO, 1969a), descreveu o estudo feito pelo

pesquisador J. K. Tovell¹⁰⁵ (entomologista suíço), onde, a partir da contagem do número de insetos em determinado pedaço de terreno, Tovell concluiu que haveria, no mundo, 900.000 bilhões de insetos, sendo a população humana, à época, de 3 bilhões. E Jerônimo Monteiro complementou:

Vocês podem usar a imaginação e ver o que aconteceria em determinadas situações: foi o que fizemos em nosso livro “Fuga Para Parte Alguma” “edição GRD”. Fomos levados irresistivelmente a uma conclusão trágica: os homens desapareceram da face da Terra. (MONTEIRO, 1969a)

Foi altamente interessante e prazeroso localizar a gênese da ideia central da obra “Fuga para Parte Alguma” (1961) numa pesquisa, citada na coluna “Panorama”. Isso contribuiu para a argumentação iniciada na análise do ano de 1965, de que as ideias do Realismo Fantástico e da Ciência coexistem em seus textos: enquanto “Fuga Para Parte Alguma” (1961) parte de uma pesquisa científica, “3 Meses no Século 81” (1947) tem uma premissa mediúnica, e “A Cidade Perdida” (1948) une a literatura científica à de realismo fantástico.¹⁰⁶

Ainda falando de seu próprio trabalho, JM, em abril, recomendou, aos leitores entusiastas de FC sua obra, a coletânea “Tangentes da Realidade” (1969), a ser lançada no início de maio. Jerônimo Monteiro descreveu-a como dotada de “contos de ficção científica e outros” (MONTEIRO, 1969b). Na mesma data, o colunista descreveu um almoço em casa de amigo, onde se encontrava “a rodinha da FC” Em junho, após a lançamento, Jerônimo Monteiro agradeceu:

a todos os amigos que compareceram ao lançamento de nosso livro << Tangentes da Realidade>>, na Livraria Teixeira, no dia 28 do mês passado. Foi muita gente, boa gente, gente amiga e tivemos momentos de grande emoção. (MONTEIRO, 1969c)

¹⁰⁵Foi enormemente difícil encontrar qualquer informação referente a J. K. Tovell. Só consegui encontrar sua especialidade.

¹⁰⁶Essa correlação será desenvolvida no próximo capítulo.

Parece que, após mostrar sua filiação no campo das ideias, a “Panorama” - claramente não em sua totalidade, mas ao menos em parte diminuta - passa a congregar leitores de Jerônimo Monteiro e de FC no estado de São Paulo. A coluna tornou-se um espaço onde se encontravam novidades e eventos ligados aos temas de ficção científica, aglutinados ao redor da pessoa de Jerônimo Monteiro e sua obra, configurando, assim o início processo de formação do fandom nacional.

O Fantástico não fica de lado no ano de 1969; Jerônimo Monteiro, em sua coluna, dedicou-se principalmente às artes divinatórias. Na “Panorama” de maio (MONTEIRO, 1969d), descreveu um oráculo formado por um prato de areia, onde o consulente imprime a mão; o vidente chacoalhava o prato sete vezes, e lia o futuro do cliente. Porém, foi em outubro (MONTEIRO, 1969e) que JM relacionou a vidência ao grande acontecimento do ano: a chegada do homem à Lua. Em vez de qualquer menção séria sobre o acontecimento, ele escreveu:

Bom mesmo é conhecer as predições depois. Nos primeiros dias desse ano, Dadi Balsara, especialista indiano em Ciências Ocultas, estabelecido em Paris, fez essas previsões: A missão lunar americana para julho será retardada e os russos serão os primeiros a chegar ao nosso satélite. Como se vê, Dadi entrou pelo cano, embora tivesse acertado há anos a morte de Kennedy (MONTEIRO, 1969e).

Esse texto parece sintetizar o estilo de Jerônimo Monteiro de forma curta e objetiva: ele vê, de forma muito bem-humorada, até irônica, as previsões sobre um acontecimento científico e tecnológico. Ciência, humor e fantástico se misturam, tanto em sua coluna quanto em sua ficção. Jerônimo Monteiro – ao ver os avanços e terrores causados pela ciência - entendia que esta devia ser tratada com seriedade, porém, em sua coluna, cujo grande objetivo era divertir, o tema sempre foi tratado com bom-humor e descontração, muitas vezes relacionado ao realismo fantástico.

Tendo isso em vista, mais uma vez apareceu o descompasso, agora entre a coluna e assuntos que interessam tanto à ciência quanto à FC. Muitas

vezes desconfiei se essa atitude não é proposital em JM. Em 26/12/1969, o caderno “Ilustrada” publicou a matéria “Livro Azul¹⁰⁷ Fechado: Não Existem Discos Voadores”. Na mesma data, a coluna “Panorama” não foi publicada... Porém, Jerônimo Monteiro - suponho que ele acompanhava o projeto “Blue Book” e seu iminente fim -, deu ênfase, em sua coluna da semana anterior, à moda canina. Parece-me um descompasso excessivo...

Figura 36 - Matéria da "Ilustrada" em 26/12/1969

¹⁰⁷ Projeto criado em 1952, e conduzido pelas Forças Aéreas dos Estados Unidos, que objetivava investigar objetos voadores não identificados (OVNIs). Seu grande escopo era determinar se os OVNI's ofereciam alguma ameaça à segurança nacional. Dos 12618 indícios recolhidos, apenas 701 foram considerados inexplicáveis, mas não há referências à hipótese extraterrestre. Muitos indícios foram considerados fraudes ou interpretações erradas de fenômenos naturais ou de observação de aeronaves. Em janeiro de 1970, o projeto foi completamente encerrado. (SIEGELBAUM, 2015).

Figura 37 - Destaque da coluna "Panorama" de 19/12/1969.

2.2.1.13 1970 – Consolidação do Fandom Inicial e Falecimento de Jerônimo Monteiro

Todos os aspectos morfológicos da coluna "Panorama" foram mantidos, em relação ao ano de 1969. Na página ao lado da coluna, apareceram poucos conteúdos científicos. A análise morfológica denotou período de estabilização da "Panorama" e - com base nos conteúdos levantados em 1969 e continuados em 1970 - a percepção da existência de um grupo de leitores interessados em ficção científica, no universo social ao redor da FC brasileira e, em especial, na figura de Jerônimo Monteiro. A formação desse grupo de interesse fica clara em 1970, com a quase totalidade do conteúdo selecionado sendo representada por correspondências entre JM e seus leitores.

Em janeiro (MONTEIRO, 1960a), o colunista reproduziu carta da leitora Ivonete. Ela disse já ter lido “3 Meses no Século 81” (1947) e pediu sua reedição, também quer começar a leitura de “A Cidade Perdida” (1948), e pergunta como adquirir “Tangentes da Realidade” (1969). Ainda no mesmo mês (MONTEIRO, 1960b), JM respondeu à carta da srta. Solange: esclareceu que avisará aos editores que seus livros não estão sendo encontrados nas livrarias de Franca e sugeriu à leitora que os peça pelo reembolso postal, pois assim os livros iriam autografados. No dia 30, mais uma vez em janeiro, deu o seguinte aviso:

dia 4 próximo, primeira quarta-feira de fevereiro, realizar-se-á o tradicional jantar da ABFC¹⁰⁸, na cantina Don Ciccillo, rua Fredrico Steidel. Como de costume, estão convidados os amigos e autores do gênero. Nota: o traje não é fantasia. Esta deve estar presente apenas no cérebro dos comensais (MONTEIRO, 1960c, grifo nosso).

Pelo tom muito bem-humorado da nota, percebe-se o clima reinante entre o incipiente fandom nacional. Ademais, o adjetivo “tradicional” denotou o encontro como evento já famoso entre o grupo de autores e seus respectivos leitores. Criava-se uma tradição da FC brasileira, tanto literária quanto social.

Embora a periodicidade de janeiro indique uma frequência quase diária da coluna e centrada na comunicação de Jerônimo Monteiro com seus leitores, a partir de fevereiro a Panorama começou a escassear, devido à saúde de JM. Ao responder à carta de um leitor, falou de sua situação: “Queira desculpar, meu amigo, pela demora na resposta de sua carta, mas andei doente e tudo ficou meio atrapalhado” (MONTEIRO, 1970d). Esse mesmo leitor deseja utilizar o material da coluna Panorama para um futuro livro, pedido acatado por JM. Infelizmente, não sei a qual tipo de material o leitor se referia, nem se pretendia produzir um livro de ficção-científica, variedades ou realismo fantástico.

¹⁰⁸ Associação Brasileira de Ficção Científica, fundada em 1965.

Não posso omitir a presença da Universidade de São Paulo (USP), na coluna de Jerônimo Monteiro. Docentes da universidade apareceram num caso anedótico, integralmente reproduzido:

Dra. Veronica Easton e seu marido Tede Easton, diretores do departamento de Medicina Nuclear da Universidade de São Paulo, estão de férias, percorrendo o Brasil. Outro dia, de Iguaçu, o dr. Tede mandou um cartão-postal ao Dr. Armando Gallo, o conhecido oftalmologista. Muito natural. São amigos. Mas o dr. Tede, encantado com as cataratas do Iguaçu, teve esta tirada realmente muito boa: - Venha, Dr. Gallo. Este é um ótimo lugar para o estabelecimento de uma clínica odontológica: só dá catarata. (MONTEIRO, 1970e)

Fica claro o bom-humor e a tentativa de mostrar a ciência fora das instituições, em seu aspecto mais humano e cotidiano. A humanização da figura do cientista é clara, despojando-o de sua seriedade, envolvendo-o num caso anedótico. Não sei se a anedota é verdadeira, mas a Dra. Verônica Easton realmente existiu. Ou seja, mesmo se a anedota for falsa, JM conhecia personalidades do meio científico brasileiro.

Em 01/07/1970, Jerônimo Monteiro falece em decorrência de um aneurisma na aorta. O incipiente fandom, no meu entender, não encontrou nova figura aglutinadora, nenhum substituto tão carismático e bem-humorado, além de indagador quanto aos limites do conhecimento científico institucional. Infelizmente, até hoje, a situação perdura.

2.3 Conclusões sobre a coluna “Panorama”

A análise da coluna “Panorama” (1958 – 1970), durante o período em que foi redigida por Jerônimo Monteiro, trouxe, para mim, nova compreensão

tanto sobre a coluna, quanto sobre JM e sua ficção especulativa. Percebi diversos aspectos que uma leitura menos atenta, ou sem foco, não possibilitariam. Sem dúvida, essa análise permitiu outro enfoque da ficção científica de JM.

Em primeiro lugar, acho importante comentar que a “Panorama”, mesmo trazendo alguns temas científicos, não se trata, de forma alguma, de uma coluna de divulgação científica, apesar de apresentá-la em alguns momentos. Trata-se, isso sim, de uma coluna de variedades, onde o assunto C&T, quando aparece, é tratado de forma bem humorada e pitoresca, totalmente distante da seriedade de um artigo científico ou mesmo da divulgação científica. No meu entendimento, essa forma de apresentar conteúdos científicos não mostra um colunista que tenta ironizar ou ridicularizar a ciência, mas sim um autor que, na coluna “Panorama”, está principalmente preocupado em divertir de forma leve e relaxada. Inclusive, os outros conteúdos da coluna, principalmente as charges e as anedotas, confirmam esse caráter leve, de passatempo. Por meio da análise morfológica, fui também capaz de perceber que a coluna se caracteriza como uma leitura dedicada ao lazer: ela quase sempre estava acompanhada por palavras-cruzadas, horóscopo, guias de rádio e televisão, sessões ligadas à caça e pesca, entre outras do mesmo teor.

O descompasso entre os conteúdos da coluna com outros conteúdos científicos - seja na página da própria coluna, na ao lado, no caderno “Ilustrada”, ou ainda no jornal “Folha de São Paulo” - corrobora o caráter divertido da coluna. Jerônimo Monteiro não queria fazer jornalismo científico, nem sequer acompanhá-lo; enquanto colunista seu objetivo foi divertir, mostrando aspectos curiosos e prosaicos da ciência.

Apesar de a ciência ser principalmente tratada dessa forma na coluna “Panorama”, foi a partir da análise e leitura desta que percebi e confirmei a inspiração científica de Jerônimo Monteiro para escrever um de seus trabalhos de ficção científica, “Fuga para Parte Alguma” (1961). Conforme visto na análise, o livro “Os Donos do Mundo” foi a principal inspiração de Jerônimo Monteiro. Essa ligação entre trabalho científico e ficção científica de JM, confirma, por enquanto parcialmente, a tese de que a ficção especulativa de

Jerônimo Monteiro se baseia na ciência. No capítulo seguinte, será apresentada a confirmação completa, pois JM se utilizou da ciência nacional para redigir “A Cidade Perdida” (1948).

Para mim, a preferência de Jerônimo Monteiro por temas fantásticos sempre ficou clara, pois já li seus livros algumas vezes. Entretanto, por meio da análise da “Panorama”, também pude perceber que ele, em algumas de suas obras, apropria-se das ideias fantásticas presentes na corrente auto-intitulada “Realismo Fantástico”. Dessa forma, até o fantástico presente em suas obras é construído com base em livros. Além disso, na literatura de JM, assim como na coluna “Panorama”, o fantástico aparece algumas vezes como contraponto ao conhecimento científico - outras vezes como complemento do mesmo - mostrando ao leitor que, em sua época, a ciência não dava conta de alguns fenômenos, e o colunista encontrava-se aberto para outras formas de explicação.

Por fim - e talvez esse seja o aspecto mais importante - a coluna permitiu-me compreender a inicial formação do fandom brasileiro, aglutinado - nesse primeiro momento - ao redor da figura de Jerônimo Monteiro que, além de ter fundado a “Associação Brasileira de Ficção Científica”, possibilitou, com a “Panorama”, um espaço de apresentação para autores, assim como de divulgação de atividades ligadas ao gênero. Provavelmente, se JM não tivesse falecido em 1970, o fandom nacional estaria bem mais organizado.

CAPÍTULO III

3. A Ficção Científica de Jerônimo Monteiro:

O presente capítulo tem por escopo analisar as obras de ficção científica de Jerônimo Monteiro, conforme a cronologia em que foram publicadas. Optei pela cronologia, em vez de separar as obras por tema, pois, assim como na análise da coluna “Panorama”, pareceu-me ser possível perceber se há mudanças ou semelhanças, com o passar do tempo. Em outras palavras, quero notar se novos temas foram propostos por JM, ou se o tratamento dado a temas antigos muda.

Na análise das obras, ative-me principalmente a três aspectos: presença da ciência, brasilidade e construção do fantástico. Por meio do estudo da presença científica nas obras de Jerônimo Monteiro, tentei perceber se existe relação entre o conhecimento científico – dando ênfase ao brasileiro – e os livros do autor, percebendo, dessa forma, se a ciência brasileira ou estrangeira interferiu nos textos do autor. Para isso, levantei trechos textuais e os examinei, quando da presença de conteúdos científicos. Mesmo se tratando de ficção científica *soft* – e JM escreve esse gênero – quis perceber, também, de que forma a ciência é vista nos textos do escritor, possibilitando, dessa forma, compreender a postura de um autor brasileiro de ficção científica perante um de seus apoios literários: a ciência. Assim, além de se buscar a ilação entre ciência e literatura nos livros de Jerônimo Monteiro, também objetivei entender, para JM, o significado e o alcance da ciência no Brasil e, dentro do universo de suas obras, a relação entre o conhecimento científico e outros conhecimentos.

Essa relação entre conhecimento científico e outros conhecimentos também foi abordada em outro tópico: a construção do fantástico. Além de tentar perceber como Jerônimo Monteiro construiu a ambiência fantástica em suas obras, procurei notar se há relação entre fantástico e ciência, e de que forma ela se dá. Tendo em vista, conforme apresentado nos capítulos anteriores, a ligação entre JM e o Realismo Fantástico, também objetivei, quando possível, encontrar paralelos entre o fantástico na FC de Jerônimo Monteiro e a corrente realista fantástica.

Por fim, quanto à brasilidade, procurei encontrar, nas obras de JM, a forma como o autor vê o Brasil em suas obras, ou que tratamento dá ao país. Como se verá adiante, esses três aspectos, na obra de JM, interpenetram-se com frequência. É muito difícil falar de ciência sem incorrer na brasilidade ou no fantástico; logo, esses aspectos funcionam, principalmente, como norteadores da análise, mas é em sua relação que se pode perceber algo realmente válido para a presente pesquisa.

O conceito latouriano de caixa-preta é utilizado, na análise de todos os textos selecionados, com o intuito de perceber como Jerônimo Monteiro utiliza a ciência em seus livros: ele a utiliza enquanto uma espécie de conhecimento fechado e pronto ou é contrário a essa caracterização? A ciência que o narrador descreve, assim como outros aspectos da obra, pode ser entendida como uma caixa-preta? Ou seja, algo dado como pronto e acabado, que exclui, inclusive, os processos sociais responsáveis por sua formação.

No que tange à apresentação do capítulo, optei por resumos comentados de cada uma das obras. Pareceu-me a melhor opção, pois, além de tornar mais fácil a leitura da tese, também me permitiu mostrar em que pontos do enredo um dos aspectos supracitados foi incluído, criando mais um ponto para análise.

3.1 “O Ouro de Manoa”:

Escrito originalmente, em 1937, sob o nome de “O Irmão do Diabo”, o livro foi republicado com novo nome, “O Ouro de Manoa”, pelo Clube do Livro, em 1973. Não se trata de um romance de ficção científica, porém de uma aventura fantástica, onde um grupo de expedicionários, procurando por ouro e riquezas, vai à região do Amazonas. No desenrolar do enredo, os personagens encontram uma estranha civilização e passam por diversas aventuras. É curiosa a mudança de nome, e não é possível saber se esta foi desejada ou feita pelo autor, pois o livro foi publicado em 1973, três anos depois de sua

morte, em 1970. Não obstante, essa modificação sugere que a leitura deve dar ênfase não ao personagem “irmão do diabo”, mas sim ao local “Manoa”¹⁰⁹.

Figura 38 - Capa do livro "O Ouro de Manoa", publicado em 1974 pelo "Clube do Livro"

Mesmo não se tratando de FC, incluí o livro nas obras analisadas, pois ele trata de um tema caro e recorrente a Monteiro, tanto em obras posteriores (“3 Meses no Século 81”, “A Cidade Perdida” e “Fuga para Parte Alguma”) quanto na coluna Panorama: os atlantes e sua existência contemporânea (tema caro ao Realismo Fantástico). Tendo em vista esse forte apelo do tema

¹⁰⁹Manoa refere-se ao mítico local do Eldorado, lenda iniciada em aproximadamente 1530. Passou por diversas localizações geográficas, inicialmente na Colômbia e na Venezuela e, depois, no Brasil, principalmente no atual estado de Roraima.

para o autor, achei importante incluir “Manoa” na lista de obras analisadas, a fim de, principalmente compreender como essa temática se comporta em outras obras e, principalmente, perceber se há alguma relação entre ciência, brasilidade e os atlantes.

Abrindo o romance, há uma nota explicativa de Nelson Palma Travassos¹¹⁰ (1903-1984), que talvez corrobore a ideia já apresentada por Therezinha Monteiro, e a enalteça, do grande autodidatismo de Jerônimo Monteiro:

Escritor nato, foi um autodidata. Todo portador de título vê, com restrições, a invasão do campo intelectual por aqueles que não cursaram universidades. [...] E os autodidatas pululam na primeira linha dos intelectuais. Nas letras pátrias um nome, apenas, bastaria para comprovação dessa assertiva – Machado de Assis. [...] O fato é que Jerônimo Monteiro foi um exemplo curioso no autodidatismo. (TRAVASSOS, 1973, pág. 7, grifo nosso)

Além desse ponto, também é interessante perceber como Therezinha inclui o próprio autor na forma de ouvinte dos fatos apresentados em “O Ouro de Manoa”:

Este livro, fruto da decisão de escrever em conjunto com um dos vários amigos que teve, Walter Baron, acabou sendo escrito só por Jerônimo. Baron era um homem estranho; desapareceu da vida dele como aparecera: de repente. Era um aventureiro, um andarilho. O máximo que fizeram juntos foi o “esqueleto” disperso do livro. Jerônimo escreveu-o e pôs o nome do amigo – que nunca mais tornou a ver – como autor. (THEREZINHA, 1973, pág. 12)

Talvez esse pequeno texto, caso não contenha verdade, tenha o objetivo de enaltecer a figura paterna, de mostrá-la sempre envolvida em mistérios e aventuras. De qualquer forma, no preâmbulo de “O Ouro de Manoa”, o próprio

¹¹⁰Jornalista, editor e escritor brasileiro. Em 1921, graduou-se em Direito, na Universidade São Francisco. Foi um dos fundadores da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais (1927). Em 1969, ganhou o prêmio Jabuti, na categoria Personalidade Literária do Ano. (WIKIPEDIA, 2017?)

Jerônimo Monteiro também corrobora a ideia de ele ter conhecido o protagonista. JM estava passando as férias em Barretos, na fazenda Buracão, lendo sob uma frondosa árvore, quando, a seu lado, apareceu Walter Baron (protagonista de “O Ouro de Manoa”) e, após um tempo de amizade, contou toda a história narrada no livro a Jerônimo Monteiro; este afirma que quem conhecer Walter e seu íntegro caráter, jamais duvidará da veracidade da narração. (MONTEIRO, 1973, pág. 16)

Além desse pequeno preâmbulo, não encontrei qualquer fonte que provasse tal encontro e duradouro contato, porém, acho possível tratar-se de um recurso ficcional, também utilizado pela filha de Monteiro, para dar maior verossimilhança à obra.

O romance, inteiro narrado em terceira pessoa, começa com o protagonista Walter Baron – um alemão residente no Brasil – andando a pé do Espírito Santo ao Rio de Janeiro, em busca de trabalho e aventura. Ele gosta de andar a pé, ao sabor do clima, para ver as coisas do mundo. Em seu caminho encontra três homens, os quais, após conferirem a grande capacidade de Baron como atirador, convidam-no a participar de uma expedição ao Alto Amazonas, a fim de angariar ouro e riquezas. Por enquanto, o que se vê é o encontro de personagens que se preparam para uma expedição, todavia, é interessante notar que os três contratantes de Walter são cientistas: dr. Paul Swenton (especialidade não indicada), dr. Queiroz (indianista notável) e dr. William Barth (especialidade também não indicada, organizador da expedição) (MONTEIRO, 1973, pág. 20), mas, apesar disso, não mostram nenhum interesse científico na expedição, apenas econômico. Até o indianista, que poderia estar tremendamente curioso e interessado pelos índios encontrados na expedição, apenas se preocupa com as riquezas. Talvez, por meio desse expediente, o narrador quisesse humanizar os cientistas, mostrando que seus interesses vão bem além das descobertas e conhecimento, mas são também preocupados com riquezas, usando sua expertise para melhorar de vida, como quaisquer pessoas. Também no que diz respeito à ciência brasileira, o narrador podia estar interessado em mostrar a pouca presença da mesma: excetuando-se o Dr. Queiroz, todos os outros personagens são estrangeiros; nem Walter Baron, o aventureiro do grupo, é brasileiro.

O grupo resolveu pegar um trem e, três semanas depois, chegou a Belém do Pará, onde esperou por um navio que o levará a Manaus. Em Belém, Walter fez amizade com Herman, e ambos, junto com o restante do grupo, embarcaram no navio. A viagem começa e o narrador nos apresenta a composição humana da expedição: um francês, dois americanos, três teuto-brasileiros, cinco alemães e sete brasileiros, num total de dezoito homens. Os brasileiros eram “quase todos valentes seringueiros, [...] homens acostumados àquele terrível clima amazônico e habituados com todas as intempéries e agruras da selva.” (MONTEIRO, 1973, pág. 24), ou seja, homens bravos e valentes, preparados para o clima e o terreno, mas não qualificados por qualquer característica ligada à inteligência e/ou intelecto; pertencem ao campo da ação, não da ciência. Na viagem de barco, o narrador dá grandes toques de brasilidade à narrativa, principalmente por meio da descrição das belezas e perigos da selva, sua fauna e flora. Também atesta a brasilidade a parada para comprar cavalos com um fazendeiro local e o constante encontro com cobras venenosas.

Porém, o grande aspecto do Brasil, além de toda a geografia trabalhada no livro, é o contato com os índios. Ainda na viagem de navio, os aventureiros encontram pelo caminho um índio, que, por meio do auxílio do dr. Queiroz em traduzir, oferece-se para ser guia à célebre cidade de Manoa, onde, além da existência de muito ouro, escondem-se os descendentes dos incas. Todo o grupo, em especial os cientistas, demonstra grande exclamação pelas riquezas, mas não apresenta o mínimo interesse pelos incas e sua descendência. Para eles, o que importa é a riqueza e o decorrente bem-estar ou posição social, não o conhecimento.

Assim que descem do barco, começam a andar por alguns dias. O narrador dá uma descrição do tipo de ambiente que enfrentam e do decorrente estado de espírito:

E os três dias que se seguiram nada tiveram de agradável. O avanço era lento e penoso. À frente, iam três camaradas, dos antigos seringueiros, manejando o facão e o machado, quando era preciso, para abrir caminho em pleno seio da selva. As grandes árvores, havia muitos anos, séculos talvez, não deixavam o Sol alcançar o solo. [...] O ar era pesado e quente.

[...] Mosquitos, mutucas e outros insetos incomodavam continuamente os expedicionários. [...] Grossos cipós desciam das árvores, entrecruzavam-se, enraizavam profundamente no chão, formando um emaranhado impossível de romper sem facões e, muitas vezes, sem machados. Os homens [...] tinham a impressão de estar dentro de um inferno. (MONTEIRO, 1973, p. 30)

No trecho supracitado, a descrição traz, ao leitor, o senso de maravilhoso perante a selva intocada pela civilização: local ainda não invadido pelo homem ocidental, capaz de maravilhar por seu exotismo, imensidão, flora excessiva e perigos. Conforme mostrado por Ginway (GINWAY, 2010) o trecho acima corrobora a ideia da Amazônia enquanto mito nacional, especificamente, do inferno verde, onde, para se chegar às belezas, é necessário cruzar um verdadeiro inferno geográfico, no qual todos os perigos e males abundam. O europeu não é talhado para esse tipo de saga, tanto que apenas seguem na frente os seringueiros (sete brasileiros da expedição). Porém, a pessoa verdadeiramente talhada para a travessia era o índio; ele, segundo Walter, apesar de estar completamente nu, “podia suportar com indiferença todos aqueles horrores da selva, [...], caminhava rapidamente, sem sentir cansaço”. (MONTEIRO, 1973, pág. 33). Apesar de ser uma expedição liderada por um cientista estrangeiro, ela só foi possível com a ajuda dos seringueiros e principalmente do índio, por indicar o caminho. Mesmo a ideia e planejamento da aventura sendo européia, a execução e operacionalidade da mesma só foi possível graças a brasileiros sem cultura científica, mas dotados de conhecimentos práticos e de sobrevivência na região. Talvez, aqui, o narrador queira apontar que, isoladamente, o conhecimento científico não existe, mas ele sempre necessita de sua contraparte operacional, muitas vezes necessária para a correta finalização do projeto.

As aventuras prosseguem, com direito a encontros com onças e ataques de índios. Os expedicionários, por fim, acabam fazendo amizade com os indígenas de uma aldeia e lá estabelecem uma espécie de posto para dar continuidade à busca por Manoa. É importante ressaltar que a tônica do livro até a página 70 (quase metade do livro) é a descrição das aventuras do grupo,

seja enfrentando a fauna - jacarés, cobras, onças etc. - e flora, a geografia e intempéries ou os índios. É numa dessas aventuras - quando Walter Baron usa granadas caseiras para matar diversos índios ao mesmo tempo - que ele ganha o apelido de “Anhaum” (irmão do diabo, em nheengatu ou tupi moderno), título original da obra, totalmente concentrado na formação do personagem intrépido e aventureiro.

Além da breve citação a Manoa, feita pelo índio, o fantástico ainda não aparece na obra. Todavia, a partir da página 71, de forma sutil e delicada, começa a tomar conta da narrativa, por meio da fauna. Enquanto andam, os expedicionários encontram gazelas¹¹¹, comem-nas e arrancam suas peles. O comportamento dos expedicionários em relação à gazela é de extrema perplexidade: “As peles de gazela foram ainda objeto de muita curiosidade, pois nenhum deles contava que tais animais existissem na América do Sul.” (MONTEIRO, 1973, pág. 73) Assim, de forma assaz pitoresca, por meio do deslocamento regional da fauna, do continente africano para a América do Sul, o fantástico é introduzido na narrativa: um animal que deveria estar na África, de acordo com os conhecimentos dos já viajados expedicionários, aparece na selva brasileira. O já citado mito da Amazônia enquanto inferno verde, agora acrescido por esse fantástico deslocamento, traz um aumento no senso de maravilhamento do leitor: que agora, além de apresentado à floresta em sua exuberância, também se maravilha com o fantástico em seu interior. Esse segundo elemento do fantástico pode ser visto em termos de caixa-preta: a) as gazelas vivem no continente africano: b) os expedicionários percebem a existência de gazelas no continente sul americano, em especial na selva amazônica; c) não há nenhuma explicação para o fato, o qual é dado como aceito pelos expedicionários apesar de fantástico. Assim a floresta amazônica é vista como inexplorada e fantástica, sendo os estudos a seu respeito incompletos e aceitos. A partir daí, toda e qualquer elocubração a respeito da floresta, mesmo fantástica, é válida¹¹² para o leitor, sendo que os novos

¹¹¹ Antílopes africanos de tamanho médio.

¹¹² Essa compreensão da ciência enquanto incompleta e seletiva aparece no Realismo Fantástico de Pauwells e Bergier. Porém, em vez da proposta de uma explicação lógica ou de uma sugestão de mudança no método científico, os autores propõem explicações fantásticas

saberes sobre o local partem de expedicionários com objetivos econômicos, em vez de científicos.

A atmosfera fantástica segue descrita num crescendo, enquanto os expedicionários prosseguem a pé ou a cavalo, encontram um índio portador de hanseníase, cuja descrição acrescenta horror ao clima fantástico: “Era um índio, mas o seu rosto estava horivelmente desfigurado pela lepra. No lugar do nariz, havia apenas um buraco medonho, por onde o osso começava a aparecer. Dos lábios e das faces, só havia vestígios.” (MONTEIRO, 1973, pág. 76). O índio, traduzido por Queiroz, avisa aos viajantes que eles não devem passar de onde estão, pois é a cidade de Nagkatumac¹¹³, onde os espíritos dos mortos e dos devorados moram. O nativo explica ter sido o local onde contraiu a lepra e afirma que nenhum homem branco jamais voltou de lá. Ele se esconde na selva e, como aviso final, fala que para chegar à cidade é necessário atravessar um terrível deserto feito pelos moradores de Nagkatumac.

Pelo visto anteriormente, a atmosfera fantástica e o conseguinte *Sense of Wonder* aumentam cada vez mais. O grupo de aventureiros, movido pela cobiça, em vez de seguir as orientações do indígena, prossegue na direção perigosa e se pergunta se nessa misteriosa cidade não estariam as riquezas deixadas pelos incas, em parte levadas pelos conquistadores espanhóis. Finalmente, após caminharem durante dias, quase sem água e provisões, a expedição encontra um grupo de casas de pedra feitas numa arquitetura desconhecida, e decide parar um pouco para descansar. Após o descanso, deparam-se com o deserto e uma longa travessia, a fim de desembocarem numa região pantanosa culminada no leito de um rio fechado por uma grande montanha. O narrador descreve as desventuras dos expedicionários em todo percurso, sendo essa, novamente, a tônica da narração.

para alguns problemas científicos, principalmente os relativos ao nível tecnológico das sociedades antigas.

¹¹³ Ao que tudo indica, cidade fictícia criada por Jerônimo Monteiro. Não encontrei nada a respeito do local.

Walter Baron, mostrado como o mais esperto e inteligente do grupo, descobre uma estrada subaquática feita de pedra, no rio. Com a água pela cintura, percorre-a, chegando a uma espécie de oásis onde os animais não temem o homem. Outros elementos fantásticos são adicionados; além da grande profusão de gazelas na região, também estão presentes:

[...] pássaros parecidos com o íbis e com a cegonha. Tinham pernas longas como as da cegonha, bicos recurvos como os do papagaio, olhos castanhos e, sob as asas, belas pernas rosadas e azuis. O dr. Barth já vira algumas parecidas, na África, mas o que o deixou perplexo foram as pernas azuis e rosadas, o bico curvado. Numa árvore, perto, viram um ninho gigantesco. (MONTEIRO, 1973, p 90-91)

A descrição de uma fauna fantástica, semelhante às aves encontradas no continente africano, aumenta ainda mais a sensação de maravilhoso no leitor, e é um dos aspectos da construção do fantástico no texto. Todavia, a falta de curiosidade científica, principalmente por parte dos três cientistas do grupo, chega a ser incoerente. Em nenhum momento o narrador chega a descrever interesse por parte dos cientistas, mas apenas uma curiosidade compartilhada pelo restante do grupo. Nenhum dos cientistas, em momento algum, preocupou-se em tentar explicar, nem da forma mais simples possível, a presença de tão estranha fauna na selva amazônica. Considerando as obras posteriores do autor, parece-me que se trata de ingenuidade presente numa primeira obra, mais preocupada com a aventura do que com o desenvolvimento dos personagens, do que uma tentativa de retratar o comportamento dos cientistas face coisas fantásticas.

Após muito andar, os expedicionários chegam a uma cidade marcada por três portentosas construções em formato de charuto. É importante descrever as mesmas, para que se compreenda a formação do ambiente fantástico na primeira obra de Jerônimo Monteiro por mim analisada:

Aqueles charutos-pirâmides eram a coisa mais monumental que ele jamais vira ou imaginara em toda a sua vida. Deviam ter uns cem metros de altura, se não tivessem mais. Estavam os três alinhados e, nas duas extremidades da linha formada por eles, havia uma torre estreita, terminando cada uma por

uma plataforma. Mais atrás das três pirâmides e dessas torres alinhavam-se, de encontro à parede de rocha e sobrepostas como enormes degraus de uma escada gigantesca, quatro fileiras de casas talhadas na pedra viva. O telhado de cada uma dessas fileiras de casas formava a rua da fileira de cima. (MONTEIRO, 1973, p. 95)

Os aventureiros entram em alguma das casas, e se deparam com um povo de pequena estatura, vestido em roupas feitas com placas de ouro. Todos os homens usam uma espécie de pequena barba pontiaguda.

Walter acaba sendo preso na cidade, e é amarrado à parede com correias de ouro presas a uma vestimenta do mesmo material. Após escapar, os cientistas afirmam que devem proceder com prudência para garantir o ouro; não devem assustar a população ou matá-la.

Pelo visto acima, mais uma vez, a caracterização dos cientistas aparece de forma ingênua: eles estão apenas preocupados com o ouro, mesmo frente a uma nova civilização, arquitetura desconhecida etc. Corroborar o fato a forma como os expedicionários resolveram chamar o povo encontrado: “resolveram dar um nome ao povo e, combinaram chamarem-no Atlantes, por ser uma raça completamente desconhecida e, provavelmente, muito antiga.” (MONTEIRO, 1973, p 112). O tema da Atlântida é tratado num único parágrafo curto.

Não consigo confirmar se essa fraca caracterização dos cientistas decorre dum desejo de mostrar o lado humano deles, desacreditar a ciência, ou da ingenuidade do autor. Porém, como expus anteriormente, por se tratar da obra inicial Jerônimo Monteiro, fico com a terceira opção. Na análise das obras posteriores é perceptível a clara mudança em relação ao tratamento dado à ciência, muito mais profundo e elaborado do que o apresentado em “Manoa”.

A narrativa prossegue descrevendo as aventuras dos expedicionários na cidade. Por fim, após uma série de problemas e cenas humorísticas (por não usarem barba, os expedicionários são confundidos com mulheres), o grupo consegue pegar bastante ouro e vai embora da cidade. Ao sair eles descobrem que não estão em Manoa, mas numa espécie de cidade anterior, pois Manoa

se encontra sobre as árvores, inacessível. Na complicada volta, todos, à exceção de Walter Baron, falecem; todo o ouro é perdido.

3.1.2 Algumas observações a respeito de “O Ouro de Manoa”

Por meio do resumo comentado e análises anteriores podemos levantar diversos aspectos da obra de Jerônimo Monteiro, trabalhados de forma contínua na conclusão dessa pesquisa

Em relação à ciência, a preocupação é quase nula. Em momento algum, conforme apresentado, o narrador dá explicação científica para qualquer um dos acontecimentos apresentados no livro, porém sempre os introduz de forma simplesmente fantástica ou desinteressada. Esse aspecto não me parece passível de crítica, haja vista, como dito no começo do item, não se tratar de obra de ficção científica, mas antes de um romance de aventura fantástica. Todavia, a construção dos personagens científicos é bastante problemática, limitando o papel da ciência na obra. Em vez de interessados nas descobertas (fauna exótica, novas civilizações etc.), os cientistas não demonstram nenhum interesse ou curiosidade, apenas buscam riquezas materiais; a única coisa que tem de científico é o nome (cientistas). Mesmo em se tratando de uma expedição cuja natureza é econômica, parece-me pouco provável que cientistas ficassem silenciosos e apáticos perante os conteúdos apresentados.

No que concerne à brasilidade, Jerônimo Monteiro se utiliza do aspecto principalmente nas descrições geográficas de onde a ação transcorre: cidades brasileiras, rios brasileiros, seringueiros, floresta amazônica e, principalmente, na reafirmação da Amazônia enquanto inferno verde a ser desbravado, mito nacional. Outro ponto aparente é a falta do protagonismo brasileiro no que diz respeito à iniciativa: apenas seringueiros, altamente preparados para trabalhos braçais, aparecem no grupo; os responsáveis e idealizadores são estrangeiros. Talvez essa seja a visão de JM referente ao papel do Brasil na ciência da época: fonte de trabalho braçal e de conhecimento (o conhecimento extraído da Amazônia, no caso do livro analisado), não produtor de conhecimento.

Já no que diz respeito à construção do fantástico, apesar da falta de qualquer presença científica, Jerônimo Monteiro começa pelo nacional, e vai acrescentando pontos fantásticos. É possível levantar vários estágios responsáveis por traçar a estratégia narrativa culminante na atmosfera fantástica: i) utilização da Amazônia enquanto mito nacional, principalmente no aspecto do inferno verde; ii) índio de aspecto aterrador que indica o caminho iii) fauna fantástica, por meio da transposição de elementos da fauna africana para o Brasil; iv) fauna fantástica (animais nunca vistos); v) estrada subaquática; vi) arquitetura colossal e exótica; vii) contato com outra cultura; viii) cidade inacessível sobre as árvores. A construção do *Sense of wonder*, em “O Ouro de Manoa”, é baseada no acréscimo desses itens ao longo da narrativa.

“O Ouro de Manoa”, embora não apresente elementos de ciência ou de FC, traz, de forma bem simplista, a preocupação de mostrar a presença científica numa expedição de caráter econômico. Os temas brasileiros são constantes, principalmente na forma de descrições dos locais onde a narrativa se passa. A brasilidade dá início à construção do fantástico na obra.

Mesmo não se tratando de ficção científica, podemos ver a Amazônia como espécie de caixa-preta. Não se sabe como a civilização descoberta chegou lá, nem como se desenvolveu. Nada explica a fauna exótica (gazelas e aves). Embora a ciência tente explicar a floresta, a mesma se constitui em grande território inexplorado, do qual pouco se sabe e muito se fala.

3.2 “3 Meses no Século 81”

Publicado em 1947, dez anos após “O Irmão do Diabo”, “3 Meses no Século 81” é um romance de ficção científica que lida com o tema clássico de viagem no tempo. Nele, Campos, jornalista residente em São Paulo, efetua viagem para o século 81, onde permanece por três meses, e lidera uma espécie de revolução contra a ordem vigente. O livro é narrado em duas partes distintas: a primeira, no século XX, depois da viagem; e a segunda, durante a viagem. Ambas as partes são narradas em terceira pessoa. Novamente, um

dos temas caros a JM, as civilizações misteriosas, aparece de forma destacada. Aos poucos, percebe-se que o tema da Atlântida é um dos principais na ficção científica de Jerônimo Monteiro.

Figura 39 - Capa de "3 Meses no Século 81" (Edição da Livraria do Globo, 1947)

Antes do romance propriamente dito, JM redige espécie de nota introdutória misturada com dedicatória, onde se lê:

Esta história vai dedicada às pessoas, hoje bem numerosas, que admitem a existência de uma porção de coisas além daquelas que os espíritos positivos e áridos julgam totais e concludentes. [...] Neste mundo contraditório e mau em/que vivemos existem raras oportunidades de se encontrar o maravilhoso frente a frente – e eis, pois, o meio: usemos o cérebro para suprir as deficiências da realidade. Hoje, mais do que nunca, o homem precisa de histórias encantadas.”
(MONTEIRO, 1947, p 9)

Destaquei esse pequeno excerto, pois ele mostra três características importantes na obra de Monteiro, uma delas já vista na leitura da Coluna Panorama: a) a descrença num conhecimento único e acabado, pronto, como muitas vezes apresentado pela ciência da época; b) a percepção de que o mundo é um lugar ruim e precisa ser melhorado (o livro foi publicado em 1947, dois anos após o fim da Segunda Grande Guerra); c) a necessidade do homem, face à dura realidade da vida, de se encontrar com o maravilhoso e o encantado. A partir desses três pontos, pode-se depreender o grande objetivo de Monteiro, tanto na literatura quanto na coluna Panorama: distrair o homem de uma vida dura e sofrida, ampliando seus horizontes, por meio da ciência, do fantástico, do maravilhoso e do encantado. A forma encontrada por ele para fazer isso, em boa parte de sua obra, foi a criação de textos de ficção científica.

3.2.1 Em 1946

O romance inicia com uma conversa entre Campos e seu amigo De Silva. Ambos dialogam sobre um pequeno bate-papo entre Campos e Wells, relativo à real possibilidade de viagem no tempo. O narrador, sem dúvida, faz referência, no personagem de Wells, à figura do ilustre escritor H. G. Wells (1866 – 1946), o qual, além de ser muito admirado por Monteiro (assinou como Ronnie Wells a série “Dick Peter”), escreveu, em 1895, “A Máquina do Tempo”, clássico da ficção científica. Na lembrança da conversa com Wells, o narrador nos apresenta a concepção do personagem sobre a possibilidade da viagem no tempo; ao ser indagado se pensou sobre a realidade da máquina do tempo, Wells replica que não, mas apenas agiu como todos os ficcionistas, partiu de um ponto para desenvolver uma ideia. Campos retruca, argumentando que o homem fez e construiu coisas maravilhosas e não se pode duvidar de seu progresso, e diz ser possível a viagem, mas não por meio de uma máquina, mas sim de outra forma:

Não num aparelho de qualquer espécie, senhor Wells. [...] Penso noutras forças, nas forças que o homem começa a descobrir em si mesmo e que talvez sejam as mais possantes.

[...] Refiro-me à energia psíquica. [...] Porque nós não somos apenas este corpo irremediavelmente preso a todas as imposições físicas que impactam e limitam. A matéria de que somos feitos se estende sob uma forma ainda não definida, não compreendida. (MONTEIRO, 1947, p 17)

Ao que Wells objeta:

Mas não se conseguiu ainda explicação alguma aceitável, nem sabemos como controlar essa força de que apenas podemos suspeitar. Por enquanto, todos os fenômenos do gênio se prestam a informações diversas, e até contraditórias. Richet¹¹⁴... [...] e de que maneira pensa que poderiam ser usadas as energias do espírito para viajar ao longo do tempo? (MONTEIRO, 1947, p 18)

Os dois excertos apresentados trazem pontos interessantes e bastante presentes na obra de Jerônimo Monteiro: o contato com outras obras de FC, o contato com a ciência, e o contato com os conhecimentos controversos (metapsíquica e espiritismo). O segundo excerto é lapidar, pois nos mostra a referência a um médico vencedor do Prêmio Nobel (Richet) discorrendo sobre metapsíquica. Esse fato enceta uma série de questões: o que é ciência para Jerônimo Monteiro? até que ponto os limites da ciência são válidos? quem é responsável por considerar o que é ciência e o que não é?¹¹⁵ Como a obra de

¹¹⁴Charles Robert Richet (1850 – 1935) foi um médico fisiologista francês. Em 1913, ganhou o prêmio Nobel de Medicina, em reconhecimento pelo seu trabalho em anafilaxia (reação alérgica rápida e muitas vezes fatal). Tinha grande interesse por fenômenos psíquicos, e se tornou, em 1905, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres. Cunhou o nome Metapsíquica para descrever esse campo de estudos. Em 1922, escreveu seu “Tratado de Metapsíquica”. Apesar da semelhança entre os temas abordados, não pode ser considerado seguidor ou continuador de Allan Kardec, ao qual dedica duas páginas das setecentas de sua obra, e o considera pertencente ao período espírico (1847 a 1872). Richet considera-se pertencente ao momento científico do Espiritismo, iniciado em 1872. (THE NOBEL PRIZE, 2019?)

¹¹⁵Embora Kardec afirme, em suas obras, que o Espiritismo deve ser entendido em seus três aspectos: filosófico, moral e científico; não se pretende, aqui, discutir se o espiritismo é ciência ou não, muito menos dar uma resposta a tal pergunta. O objetivo é mostrar que a questão, assim como a relação entre ciência e outros conhecimentos, é válida, especialmente no caso

Monteiro tem o claro objetivo de entreter e ampliar os horizontes do leitor, o narrador não tem o menor objetivo de responder a essas questões, mas de apresentá-las para reflexão dos interessados.

Após a conversa, Campos toma a firme resolução de tentar viajar no tempo de forma paranormal. Resolve utilizar-se de um grupo de médiuns capazes de lançá-lo ao futuro, em outro corpo, esperando encontrar um futuro bem melhor do que o apresentado por H. G. Wells em seu “A Máquina do Tempo”. Ele confia na natureza humana e na sua capacidade de mudar o mundo para melhor, deseja ver a mudança no futuro, com os próprios olhos, mas, para tanto, não se utiliza de métodos científicos e/ou tecnológicos, mas de meios oriundos da mediunidade e da metapsíquica.

Apesar de tudo indicar, por se tratar de um romance de Ficção Científica, não se pode afirmar que o romance se passa no século XX, em vez de numa realidade alternativa. Todavia, Campos demonstra ter conhecimento do nazismo e da segunda grande guerra, por meio do uso do termo *blitzkrieg*¹¹⁶ (MONTEIRO, 1947, p 129) e da sua data de retorno (MONTEIRO, 1947, p 32) e daí talvez advenha sua motivação para efetuar a viagem no tempo de forma metapsíquica, em vez de científica ou tecnológica: atordoado pelo mau uso da ciência e tecnologia na Segunda Grande Guerra, visto pelas experiências científicas nazistas, assim como pelo uso da bomba atômica, Campos resolve ir ao futuro, crente numa possível melhora da humanidade. Assim como o protagonista de “3 Meses no Século 81”, Monteiro viveu a Segunda Grande Guerra e viu seus horrores, mas, apesar de tudo, mostra confiança no futuro da humanidade e no progresso científico, por meio do personagem Campos.

Na sua empreitada para conseguir realizar a viagem ao futuro, Campos entra em contato com o mais famoso dos médiuns, o dr. Perth, o qual enumera todos os riscos possíveis à travessia. Outros médiuns são chamados para

da obra de Jerônimo Monteiro. No decorrer da tese, poucas vezes uso o termo “conhecimentos controversos”, para me referir ao tipo de conhecimento não considerado científico pela academia nos dias atuais. Tendo em vista minha atual vinculação à Academia, é impossível dissociar-me dela e relativizar determinados saberes.

¹¹⁶Tática militar que consiste em utilizar ataques surpresa, de forma rápida. Foi muito utilizada pelos nazistas na Segunda Grande Guerra.

ajudar na experiência e médicos são contratados para acompanhar a viagem e o estado do corpo durante a ausência do espírito de Campos, projetado ao século 81¹¹⁷, mais precisamente no ano 8000, durante três meses, devendo ele estar de volta em 4 de março de 1946. Preces aos espíritos de luz acompanham todo o procedimento, descrito como uma sessão de mesa branca, com médiuns de mãos dadas, e Campos se vê transportado, em espírito, após grande atordoamento, ao ano 8000. A narrativa utiliza a descrição de uma sessão espírita religiosa, com preces, para narrar o processo que permitiu a viagem de Campos. Apesar de Richet (espiritismo científico) ser citado por Wells, o protagonista prefere utilizar o espiritismo religioso para realizar a viagem. Talvez, o motivo, tendo ele sido testemunha dos horrores da Segunda Grande Guerra, seja jamais desvincular o progresso da moral religiosa.

De forma bem interessante, Jerônimo Monteiro começa a construir o fantástico em “3 Meses do Século 81” no tratamento de um tema clássico da ficção científica, não com o auxílio da ciência, mas sim da espiritualidade, em especial do espiritismo religioso, de vertente não identificada. Todo o tratamento dado ao tema é fantástico e religioso, não científico: há velas, orações e rituais, sempre utilizados para cumprir um objetivo claro da FC, a viagem ao tempo. Utilizando-se de um recurso fantástico para dar tratamento a um tema científico, JM mostra um aspecto de brasilidade no texto: a hipotética¹¹⁸ desconfiança na ciência brasileira para resolver alguns problemas e a substituição da ciência pelos conhecimentos espiritualistas. Afinal, por que

¹¹⁷ Monteiro cometeu um erro de datação, perceptível a partir da data de chegada de Campos. Os séculos terminam em 00 e começam em 01, assim o ano 8000 é o último do século 80, não o primeiro do século 81. Nesse particular, o título da obra, inclusive, está errado. (nota do autor)

¹¹⁸ É impossível afirmar se Jerônimo Monteiro realmente pensava dessa forma. Todavia, devido à confluência de fatores místicos, de conhecimentos controversos e de conhecimentos científicos, apresentada tanto na Coluna Panorama como nessa obra e na posterior (A Cidade Perdida), além da análise de seu texto apresentado no Almanaque do Pensamento (ver Perfil), a hipótese parece-me válida.

Campos procurou médiuns em vez de cientistas¹¹⁹? O que ele acha do conhecimento científico? Ou ainda, essa escolha mostra a dificuldade da ciência de então para resolver determinados problemas, os quais talvez poderiam ser resolvidos pelo misticismo e/ou espiritualidade.

A mediunidade, independentemente da crença de Monteiro ou de Campos, afigura-se como a grande caixa preta do texto, haja vista que em nenhum momento é explicada, mas dada como fato concreto, que funciona, e resolve questões. Poderia ter sido utilizado o espiritismo científico de Richet para explicar o funcionamento da mediunidade, ou ainda o espiritismo do Kardec de “O Livro dos Médiuns”, todavia, o selecionado foi o espiritismo do Kardec de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, ou seja, um espiritismo mais afeito às interpretações bíblicas feitas pelos espíritos, e sua decorrente moral. Para Jerônimo Monteiro, talvez, a ciência não dê conta de explicar a mediunidade.

3.2.2 No Século 80

Após uma viagem por trevas, onde se sente “caindo para cima” (MONTEIRO, 1947, p.34), Campos chega ao futuro, sentindo enorme dor na perna. Acorda cercado por três seres

Diferentes das criaturas humanas que estava acostumado a ver em toda a vida. A expressão do rosto era suave. A pele, de um rosado transparente, deixava ver as veias e artérias; os cabelos, louros, finos como sêda. As caixas torácicas se me afiguraram mais volumosas do que o normal [...] não duvidei de que fossem três homens, embora seus rostos fossem lisos, imberbes e delicados como o das mulheres. (MONTEIRO, 1947, p. 36)

¹¹⁹ O Brasil é a maior nação espírita do mundo. Muitas vezes, tratamentos espirituais são usados paralelamente a tratamentos médicos, ou os substituem. A mediunidade de cura é constantemente trabalhada nos mais diversos centros espíritas, onde pululam tratamentos não científicos: apometria, passes, reiki, cromoterapia etc. (nota do autor)

Assomado à sessão espírita descrita na parte anterior, o fantástico ganha mais volume no livro com a descrição dos seres humanos do fim do século 80. A quase ausência de melanina, percebida por meio da cutis extremamente clara, assim como a grande desproporcional caixa torácica, mostram, já nesse momento do texto, que no decorrer de mais de cinco mil anos o ser humano se modificara, e muito, fisicamente. Essa mudança choca Campos, que fica ainda mais chocado ao perceber que o corpo que ocupa é totalmente diferente do que seu espírito antes usava no século XX:

Tornei a olhar para as minhas mãos, emocionado. Eram longas, finas, delicadas, mas de articulação mais difícil do que antes (do que as anteriores, deveria dizer). Não tinham aquele sentido de tato tão apurado – e isso me pareceu horrível! Os meus dedos já não faziam, como antes, movimentos variados e fáceis. O pulso não tinha a mesma mobilidade. Tudo parecia emperrado... ou isso seria resultado do estado de choque em que ficara com o desastre? Desastre... desastre... Que desastre? (MONTEIRO, 1947, p. 39)

Entre percepções de si mesmo e dos outros “humanos” que o rodeiam, Campos também nota que os dentes foram substituídos por uma fina cartilagem, o crânio era substancialmente maior e os pés eram quase atrofiados, sendo apenas possível caminhar com o uso de uma espécie de patins. Ele se vê como um “desconhecido, num mundo desconhecido” (MONTEIRO, 1947, p. 39) e conclui exclamando: “*Eu não era eu!*” (MONTEIRO, 1947, p. 40, *itálico de Monteiro*); para ele, encontrava-se no meio de uma “raça atrofiada” (MONTEIRO, 1947, p. 44). Por fim, após observação, Campos descobre estar num hospital, devido a um grave acidente. Apesar de, inicialmente, o idioma falado lhe parecer estranho, ele percebe as semelhanças com o inglês de seu tempo, conseguindo assim se comunicar facilmente com os outros. Diagnosticado com amnésia aguda, falam-lhe que se chama Loi, é casado e tem um filho. Logo, daqui em diante, Campos será chamado de Loi.

Toda essa descrição anteriormente exposta contribui para o desenvolvimento do clima fantástico no livro. Todavia, além disso, acho importante ressaltar dois pontos: o encontro e a memória.

Em relação ao encontro, tema muito comum na FC, ele não acontece com seres de outro planeta, mas sim com seres do futuro, os quais são descritos de uma forma bem diferente à do ser humano da época em que o livro foi escrito. Além disso, o encontro também se dá na percepção do próprio corpo. No momento em que Loi (do ano 8000) sofre o acidente, ele vem a falecer, porém, o espírito de Campos, nesse exato instante, ocupa o corpo de Loi. No campo físico, após o acidente, Campos e Loi são a mesma pessoa; assim, o protagonista tem um encontro com o outro a partir de si próprio, do seu corpo. O texto projeta, assim, a presença do outro no eu, quando esse entra em contato com o outro, usando um tema clássico da FC, a viagem no tempo, para mostrar que tanto o eu quanto o outro se modificam quando em contato.

No que concerne à memória, Loi continua sendo Campos, haja vista que mesmo seu corpo tendo mudado, suas lembranças ainda são do século XX, não do século 80. Numa leitura desatenta, isso pode parecer óbvio, porém não se pode esquecer que ao mudar de ao adotar no novo corpo, Campos, (agora Loi), teria contato com os conteúdos cerebrais do Loi do ano 8000, e inexistiria qualquer tipo de amnésia. No entanto, como vimos, Loi só tem a memória do último evento, o acidente, todas as outras memórias do novo corpo não partem do cérebro de Loi, mas sim do espírito de Campos, o que corrobora, na narração, corrobora o raciocínio espírita referente às ideias inatas¹²⁰. A memória não é biológica, mas espiritual. Não só o espiritismo possibilitou a viagem no tempo, como também a explica. Apesar de a mediunidade ser descrita como uma caixa preta, conforme visto anteriormente, o Espiritismo seria umas das chaves para a compreensão da caixa preta em que também se configura a viagem no tempo, não a ciência. Loi descreve o que lhe aconteceu, explicando de acordo com o Espiritismo:

Eu me chamava Loi, e sofrera um acidente terrível no dia 4 de dezembro pela noite, cerca de dez horas. Sucedera algo inexplicável. Eu caíra por cima da grade protetora para pedestres, e um ônibus me passara sobre a perna, decepando-a pouco acima do joelho. Ficara como morto por mais de uma

¹²⁰ O ser humano, ao nascer, traria conhecimentos, ideias e posicionamentos oriundos de outras encarnações. Esse aspecto, em partes, justificaria a existência de gênios.

hora. Mas, como parecia reagir, recompuseram-me a perna, que, agora, estava perfeita. Compreendi, então, que se dera comigo o fenômeno da “transmigração”: Meu ‘espírito’, que na noite de 4 de dezembro, pelas dez horas, no ano de 1964, deixara o meu corpo, obedecendo aos esforços dos médiuns, apossara-se do corpo de Loi, no mesmo momento, no mesmo local, com uma diferença de seis mil anos, quando Loi morria sob as rodas do ônibus”. (MONTEIRO, 1947, p. 51)

Loi deixa o hospital e parte, com sua esposa e filho, para casa. Conversando, descobre ser dono de uma usina atômica (a única forma de energia utilizada no século 80) e fica atordoado. A família, chocada com sua grande amnésia, contrata Mui, um “professor de tudo” (MONTEIRO, 1947, p. 85), para ensinar a Loi como se readaptar ao mundo. Durante todo esse período, por meio da observação e explicações de Mui, Loi depara-se com uma sociedade altamente tecnológica e radicalmente diferente da do século XX: o trânsito parou de existir, pois as rodovias cruzam todos os continentes, de norte a sul, em retas, seguindo perfeita ordem; as viagens entre a Terra e o outro planeta são simples, rápidas e constantes; cordões de luz iluminam constantemente todo o mundo; as pessoas se alimentam por meio de injeções; tudo é construído com base num único material semelhante ao vidro, o selenite, encontrado em Marte; o controle populacional e o equilíbrio entre os sexos são mantidos com a utilização do “Sistema Bali de Reforço dos Cromossomos” (MONTEIRO, 1947, p. 114). Em decorrência desse enorme desenvolvimento tecnológico, a sociedade é igualitária, cada um tem o que precisa; as residências são todas iguais, porém o homem se vê impossibilitado de progredir, pois já nasce com emprego e situação social determinados, numa espécie de sistema de castas; não existem países, mas apenas o mundo.

Nenhum desses pontos tecnológicos é totalmente explicado, constituindo-se em grande parte nas caixas-pretas do século 80; porém, como veremos adiante, alguns pequenos pontos não o são.

Indubitavelmente, todo esse desenvolvimento tecnológico e as mudanças sociais dele oriundas ajudam a construir, no leitor, o *Sense of Wonder*. O leitor depara-se com um mundo totalmente diverso do de seu tempo

atual, onde nem as pessoas nem as relações sociais são como eram. O próprio sentir-se maravilhado de Campos contribui para o sentido de maravilhoso no leitor, pois ele pode se identificar com o protagonista, sendo que ambos têm a mesma nacionalidade.

Num primeiro momento, Loi mostra-se extasiado com as maravilhas do milênio futuro, porém, ao notar o desinteresse e apatia dos homens perante tudo, ele começa a se questionar e a fazer cada vez mais perguntas ao professor Mui. Em determinado momento, curioso acerca do passado da humanidade, Loi faz uma descoberta chocante: a humanidade acabou. Mui fala-lhe sobre isso:

Destruíram-se pela guerra. [...] Eles se guerreavam continuamente, durante séculos, e, decerto, inventavam cada vez melhores métodos de destruir. Tôda a sabedoria deles era dirigida para esse fim. Conseguiram, afinal, algum meio destruidor de extraordinária potência, e as populações foram dizimadas, as cidades inteiramente destruídas. [...] Depois, apareceram as pestes e as doenças sem fim, porque todos os meios de defesa sanitária estavam destruídos pela desordem. (MONTEIRO, 1947. p. 102, grifo nosso)

Loi, sem dúvida, fica chocado ao perceber que já não está num mundo humano, mas em algo que ele não sabe o que é. Monteiro, nesse seu livro, mostra desconfiança nos caminhos que a humanidade toma a partir da Segunda Grande Guerra, e escreve um livro onde a humanidade foi extinta, pois todo seu conhecimento, toda sua ciência, por melhor que fosse, era utilizada para fins bélicos. Percebe-se, em JM, não a descrença na ciência, em si, mas, como dito antes, em seu uso desvinculado de ética. Para ele, sem dúvida, a ciência tem de ser utilizada em uso benéfico do mundo.

Diante de tamanha perplexidade, Loi continua a perguntar então sobre a atual civilização, e Mui explica de onde ela vem:

Estamos com cerca de 5000 anos de história. O nosso calendário marca, agora, 4385 anos. Somos descendentes de um punhado de homens verdadeiramente extraordinários que viviam isolados num ponto qualquer ao sul da América, enquanto os demais povos lutavam e se destruíam em toda a

superfície do globo. Esse punhado de homens tinha uma história anterior, e, já, muitos séculos antes fizeram parte de um povo grandioso que se chamava Atlantes, e vivia nalgum lugar da mesma América. (MONTEIRO, 1947, p. 100 e 101) Eram fortes, sadios e sábios, porque durante séculos sem conta tinham vivido puramente. E iniciaram uma nova vida sobre os escombros da vida putrefata de outros tempos. (MONTEIRO, 1947, 1947)

E continua dando mais e explicações, mas dessa vez sobre a ligação entre atlantes e os humanos anteriores, principalmente no que tange ao grande avanço tecnológico: “Todas as formas de energia, todos os elementos de que dispomos, foram descobertos ou criados por nós, a partir do ano 1300 ou seja, nos últimos 3000 anos. Nada disto existia antes de nós...” (MONTEIRO, 1947, pág. 101)

Jerônimo Monteiro se utiliza, mais uma vez, de recursos do Realismo Fantástico: frente à enorme decadência moral dos homens, causada pelo uso sem ética da ciência e da tecnologia, foi necessária uma raça anterior, conforme a Teosofia, para salvar o Planeta, dando-lhe continuidade sob uma nova forma de governo. O homem simplesmente não foi capaz de resistir ao seu próprio fim: “o fim da civilização e da humanidade do meu tempo era lógico.” (MONTEIRO, 1947, p. 105), observa Loi, e reflete sobre a humanidade de seu tempo, o que mostra como JM pensava sobre os seres humanos:

Os meus contemporâneos agiam como verdadeiros alucinados. Em nome de sentimentos e de ideais que eles mesmos conspurcavam, entredevoravam-se como animais irracionais; como se não fosse todos homens constituídos à semelhanças uns dos, em busca dos mesmíssimos ideias de felicidade e prosperidade. Pensando bem, os meus contemporâneos tinham à mão todos os elementos para criar a paz – mas só criavam conflitos que terminavam em guerra. (MONTEIRO, 1947, p. 105-106)

Essa era a compreensão de Loi acerca da humanidade de seu tempo, e ele configura o egoísmo como a causa das guerras e da destruição da humanidade. Porém, para os atlantes, a verdadeira causa era o amor, pois ele, em sua forma humana, era totalmente vinculado ao consumo, ao dar algo para alguém, ao dar o amor aos seus e não a todos, impossibilitando, dessa forma, a igualdade e o amor universal. A fim de que os atlantes não sofressem dos mesmos males pelos quais os seres humanos de antes passaram, foram-lhe retiradas as glândulas responsáveis pelo amor.

Depois de saber disso, Loi perde a grande admiração pelo século 80, e observa que a população, pelo seu grande grau de desinteresse e apatia perante tudo, está longe de ser feliz, mas, na verdade, é massificada e socialmente dividida em decorrência de processos científicos, ou seja, os habitantes do mundo são planejados, segundo uma espécie de eugenia¹²¹ atlante. A visita de Loi a Marte confirma essa ideia, pois ele reconhece nos marcianos um povo feliz e espontâneo, apesar dos grandes problemas sociais.

Loi coloca todas essas questões a Mui, o professor de tudo. Ele percebe que o pensamento de Loi é perigoso, pois pode insuflar uma revolta contra a ordem vigente. Assim, leva-o à Academia de Ciências, onde Loi passará por uma cirurgia no cérebro, para curá-lo da amnésia e voltar a se reintegrar totalmente aos anos 8000. Mesmo numa sociedade de alto desenvolvimento tecnológico, a ciência, quando desvinculada de qualquer ética, pode ser utilizada para um projeto perigoso desde que justifique a ordem estabelecida, mesmo sendo ela causadora de infelicidade e apatia. Essa é uma das premissas de JM que aparece refletida no desenvolvimento da narrativa de “3 Meses no Século 81”.

Por fim, já na Academia, Loi entra em contato com um grupo de revoltosos que procuram reviver o sentimento, a partir do contato com os

¹²¹ Fica clara a ligação entre o livro de JM e a crítica à eugenia, ou à criação de uma raça científica e intelectualmente perfeita pelo aprimoramento genético, conforme propalada pelos nazistas. Para ler mais sobre as relações entre eugenia e ficção científica brasileira, sugiro o excelente “Higienismo na Ficção Científica Brasileira” (GIROLDO), com o qual concordo totalmente.

marcianos e sua civilização. Apaixona-se por uma atlante (Ilá) e lidera uma revolução para o retorno do amor e de uma vida menos técnica e mais natural. Os revoltosos vencem, mas Loi falece, atingido por um tiro. Campos acorda, três meses depois do início da experiência. De qualquer forma, mesmo se os revoltosos perdessem, a nova civilização atlante também estaria condenada ao fim, pois, devido ao excessivo desenvolvimento tecnológico aplicado aos organismos, os novos corpos ficaram fracos, tornando-se cada vez mais suscetíveis às doenças, cada geração durando menos que a anterior.

3.2.3 Observações acerca de “3 Meses no Século 81”

No romance “3 Meses no Século 81” (1947), Jerônimo Monteiro, mostra um grande salto qualitativo em relação a seu primeiro livro, “O Ouro de Manoa” (1937). Agora, todo o restante não serve apenas para pano de fundo na narração de uma aventura. Muito pelo contrário, o espaço onde transcorre a ação é muito bem desenvolvido, propiciando rico material para análise, assim como a relação entre a ciência e a aventura propriamente dita. Os elementos de Realismo Fantástico e espiritualidade também são explorados de forma conjunta, sendo uma espécie de saída para o uso sem ética da ciência e da tecnologia, não apenas para criar uma ambientação fantástica, como no romance anterior.

No que concerne à construção do fantástico na obra, JM utiliza, mais uma vez, elementos novos ordenados de forma crescente: começa pela criação de uma atmosfera fantástica, em 1946, com a descrição de uma experiência de viagem no tempo por meio de uma sessão espírita de cunho reiligioso. Depois, já no século 80, o narrador acrescenta a descrição dos atlantes, conforme vistos por um humano de milênios atrás, a descrição da tecnologia desenvolvida pelos atlantes e sua civilização. Resumidamente, um jornalista executa uma viagem no tempo, por meio de uma sessão espírita, onde toma contato com os atlantes: utilizando-se de um procedimento espírita, Campos viaja no tempo (tema clássico da FC), onde descobre que a

humanidade pretérita foi eliminada (outro tema clássico da FC) e substituída pela raça atlante (tema trabalhado pelo Realismo Fantástico e pela Teosofia, mas também clássico para a FC, enquanto contato com o outro), que, por meio de práticas eugenistas (reflexo do contexto), mantém controle sobre a população. A junção de todos elementos oriundos de todos esses campos cria o *Sense of Wonder*.

Em relação à brasilidade, o tratamento também é espantoso. Enquanto em “Manoa”, reduz-se principalmente à descrição da fauna e flora brasileiras, à pouca presença brasileira em expedições e ao mito nacional da Amazônia enquanto inferno verde, em “3 Meses no Século 81”, o Brasil ganha destaque, mesmo a maior parte da ação se passando nos anos 8000, onde os países deixaram de existir. O problema da viagem no tempo é resolvido por um brasileiro de forma espiritualista: isso indica protagonismo brasileiro no campo das viagens temporais, mas também se traduz como descrença na ciência, seja ela brasileira ou não, principalmente devido ao uso indevido desta; ou ainda percepção da incapacidade científica para resolver tal problema.

Mesmo a humanidade tendo sido destruída, a raça atlante sobreviveu no coração da América do Sul, o que talvez posso ser interpretado como Amazônia; assim, os responsáveis pela continuação do mundo estavam abrigados, ao menos, na América do Sul, e não na Europa ou América do Norte. Ainda mais importante para elucidar o protagonismo do Brasil: apesar de a humanidade ter acabado e sido substituída pela raça atlante, foi necessária a ação de um brasileiro do século XX para que a raça atlante continuasse existindo, no século 80. Se os atlantes continuassem desenvolvendo-se como estavam, seus corpos durariam cada vez menos, e o grupo seria extinto de qualquer forma, mas a intervenção de um brasileiro propiciou a manutenção do mundo.

Em todos os aspectos, a caixa-preta aparece enquanto fator constituinte da narrativa: a mediunidade é uma caixa preta, assim como a tecnologia atlante. Porém, de modo similar ao seu livro anterior e de forma metonímica, os territórios da América do Sul continuam uma grande caixa-preta: em “Manoa”,

nada explica a presença dos atlantes na Amazônia; já em “3 Meses”, sua presença escondida na América do Sul permanece sem explicação.

Embora o tratamento dado ao fantástico e à brasilidade tenha melhorado exponencialmente em “3 Meses no Século 81”, a preocupação com a ciência de fato é destacada. Embora o autor não dialogue, em momento algum, com a ciência de sua época, ele se preocupa em mostrar sua opinião referente ao tema. A partir da leitura e análise, fica claro que, para Jerônimo Monteiro, a ciência e a tecnologia, quando desvinculadas de qualquer ética, podem ser catastróficas para o ser humano causando inclusive sua destruição, ou dando suporte a sistemas totalitários e hegemônicos. Ademais, muitas vezes, mesmo que seu grau de adiantamento seja alto, a ciência não dá conta de resolver alguns problemas, principalmente os de cunho mais metafísico, como a viagem no tempo. Após finalizar a leitura da obra, fica no ar a seguinte questão: de que vale todo o desenvolvimento científico, se os seres humanos permanecem infelizes? Para JM, o uso da C&T e a ética são indissociáveis.

3.3 “A Cidade Perdida”

Publicado no ano de 1948, um ano depois de “3 Meses no Século 81”, “A Cidade Perdida” é o livro de Jerônimo Monteiro que trabalha diretamente com um tema do Realismo Fantástico, em especial, a arqueologia fantástica. Nele, uma dupla de amigos, Jeremias e Salvio, vão até o Amazonas, com o intuito de provar que o surgimento do homem se deu em território brasileiro. Como os dois romances anteriormente analisados, “Cidade Perdida” apresenta alta dose de aventura. Não obstante, o destaque está no tratamento científico dado ao tema: a narrativa conversa nominalmente com diversos cientistas, brasileiros ou estrangeiros. Novamente, o tema dos atlantes está presente, e o livro é narrado em terceira pessoa.

Figura 40 - Capa do romance "A Cidade Perdida", em edição da "Coleção Terramarear"

Seguindo a estratégia mostrada em livros anteriores. “Cidade Perdida” começa com um diálogo entre o autor e o leitor, chamado de nota explicativa:

Tanto Salvio como eu estamos certos de que entre os ocasionais leitores deste livro há de se encontrar algum atlante. É a esse provável leitor que vão especialmente dedicadas estas linhas. Nada devem rezear os atlantes que habitam ainda o coração do Brasil. O que se revela de seu segredo neste livro será tomado pelo leitor comum como desbragada fantasia. Ninguém vai acreditar no que está escrito lá pelas últimas páginas, de tão inverossímil que parece, embora seja a perfeita expressão da verdade. Por isso, a nossa indiscrição não causará nenhum transtorno e nem instigará indesejáveis visitas a Atlantis-a-Eterna. Sabemos que nenhuma visita conseguiria se aproximar além do ponto permitido pelos guardas dos postos avançados. Sem a permissão do Grande Sacerdote, jamais conseguiriam chegar até onde chegamos. (MONTEIRO, 1948, p. 10)

Dessa forma, o narrador, além de causar maior verossimilhança à narrativa, por meio de uma indicação do próprio leitor, já adianta um dos temas caros a Monteiro: os atlantes; e se mostra despreocupado, pois sabe que ninguém acreditará na verdade do que está escrito. É preciso, nesse momento, observar que os atlantes já estiveram nos dois livros analisados em itens anteriores, “O Ouro de Manoa” e “3 Meses no Século 81”. Enquanto em “Manoa”, eles foram apresentados de forma ingênua, em “3 Meses”, são responsáveis pela manutenção do planeta Terra, após o fim da humanidade. Já no romance “A Cidade Perdida”, aparece uma explicação para a permanência dos atlantes no Amazonas. Conforme visto no Necrológio de Jerônimo Monteiro¹²², ele foi contatado, após a publicação de “A Cidade Perdida”, por sociedade esotéricas desejosas de saber se ele realmente esteve nos locais descritos no livro, pois suas descrições confirmam as crenças desses grupos esotéricos. Além do mais, o narrador dá as coordenadas geográficas do local. Tudo isso mostra claramente a penetração social da obra de Jerônimo Monteiro, principalmente em alguns círculos religiosos ou esotéricos.

Além disso, no meu entender, também mostra mais uma das fontes em que JM bebia. Já vimos, por meio da análise dos livros apresentados anteriormente, assim como da coluna “Panorama”, seu interesse em ciência, Realismo Fantástico e Espiritismo. A partir da análise de “A Cidade Proibida”, também fica claro que a literatura teosófica é uma das fontes de Jerônimo Monteiro.

3.3.1- Antes da Viagem:

A narrativa começa com Salvio (iniciado de uma religião oculta) acordando seu amigo Jeremias, às cinco da manhã, para avisar que no dia seguinte eles partem em viagem, a fim de encontrar a prova de que o atual território brasileiro é o nascedouro da humanidade. Para tanto iriam atrás do

¹²²Ver anexos.

“Templo do Sol”. Jeremias tenta dissuadir o amigo da ideia, aparentemente boba, porém Salvio replica:

Há um Templo do Sol situado entre os rios Xingu e Tapajós, entre os paralelos 5 e 10 e quase sobre o meridiano 55 Oeste de Greenwich. [...] Os exploradores têm apenas percorrido alguns dos grandes rios do interior do Brasil, sem jamais penetrar muito longe pelas margens. E entre o Tapajós e o Xingu há um mundo, onde caberiam folgadoamente vários Estados europeus. Nenhum explorador percorreu essa imensa extensão de terra. (MONTEIRO, 1948, p. 13)

Além de dar a localização do “Templo do Sol”, Salvio contesta as informações dos exploradores de até então. Porém, a argumentação vai bem além disso: ele cita o documento “Nova Gazeta da Terra do Brasil”¹²³, onde é afirmado que os índios vestiam

braceletes, peitorais, cintos e vários apetrechos, a maioria em oricalco, [...] logo após a descoberta do Brasil, foram vistos alguns aborígenes com enfeites desse gênero, segundo afirma Clemente Branderburger¹²⁴ na sua “Nova Gazeta da Terra do Brasil”, em 1515. (MONTEIRO, 1948, p. 14)

A citação anterior mostra um expediente estilístico usado por Monteiro a fim de mostrar que seu romance se trata realmente de ficção, não de uma história real. A “Nova Gazeta da Terra do Brasil” é de autoria desconhecida, mas o narrador atribui sua autoria a Clemente Branderburger (1879 – 1947), secretário do Museu Paulista entre 1911 e 1912, e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a partir de 1919. Jerônimo Monteiro, dessa forma, para justificar uma ideia do Realismo Fantástico, numa obra de ficção, habilmente introduz um documento caro à História do Brasil e um

¹²³ Epístola, escrita em alemão, possivelmente no ano de 1514, a um comerciante da Antuérpia. O documento fala sobre uma expedição comercial portuguesa, ocorrida em 1514, que chegou até o Rio da Prata. São abordadas as características da terra, os bens comerciados e os costumes dos índios. Fac-símile: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/25189> ; Interessante estudo sobre a gazeta: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/107193> . <http://www.etnolinguistica.org/biblio:schuller-1915-nova>

¹²⁴ <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/CGMBranderburger.html>

membro do IHGB, ou seja, ele mitifica uma fonte, anacronizando-a. Para alguns, anacronismo é a marca do Realismo Fantástico¹²⁵, e talvez se possa perceber, nessa passagem, uma crítica de JM ao movimento, e a alguns exageros cometidos por grupos esotéricos. De qualquer forma, fica claro que Jerônimo Monteiro tinha conhecimento tanto da “Nova Gazeta da Terra do Brasil”, quanto da existência do historiador Clemente Branderburger, do IHGB; esse aspecto adiciona a historiografia e os documentos pertinentes à História do Brasil às fontes do autor.

A brasilidade aparece, claramente, nessa citação a documentos e historiadores brasileiros. As descrições urbanas, tomadas pelo sabor da época, também enfatizam esse ponto. Após a conversa com Salvio, Jeremias resolve visitar seu amigo Mateus, e o narrador descreve aspectos do percurso na cidade de São Paulo à época:

O dia estava lindo, e a lembrança de ir até à cidade não era má. Na praça do Patriarca era convidativa a escadaria da galeria subterrânea. E, quando eu chegava em baixo, coincidia estar chegando, também, o ônibus de Santo Amaro. Ia partir vazio. Pulei dentro dele. Parece aventura andar num ônibus vazio em São Paulo. As poças de água lamacenta eram lindas na sua tranqüilidade de expectativa. O matagal que marginava a estrada, intrincado e sujo, era ridícula sugestão das matas virgens que me acenavam de longe. Apanhei morangos silvestres que me souberam maravilhosamente bem, e olhei admirado os joás cor de fogo que enfeitavam o verde escuro da folhagem. Quando apareceu a ponte que atravessa o rio, a casa de Mateus estava perto. A sebe que a rodeia é baixa. As janelas estão todas abertas, o que indica que ninguém mais dorme lá dentro. Dois garotos, sujos, brincam no monte de areia que sobrou da construção. O rio Pinheiros foi desviado do seu antigo curso. Agora, o braço, meio estagnado, move-se lentamente demais para merecer o nome de rio, e está preso entre profundos barrancos. Na água serena e turva há grande quantidade de acarás, e o acará torradinho é muito gostoso. (MONTEIRO, 1948, p. 17 -18)

¹²⁵Em “O Despertar dos Mágicos”, há várias interpretações referentes ao uso de máquinas extremamente desenvolvidas em civilizações antigas.

Essas descrições não só apresentam a cidade de São Paulo, como também dividem todo o romance em dois espaços de ação: o primeiro, onde ocorre a conversa entre os amigos, a antiga São Paulo; e o segundo, a região do Amazonas, onde acontece a busca pela verdadeira origem do homem. Outro aspecto, agora relacionando ciência às descrições na ficção científica de Jerônimo Monteiro, é o uso de termos científicos na descrição. Bem adiante na obra, o narrador descreve uma orquídea da seguinte forma:

Subimos durante todo o dia, e pernoitamos em plena montanha, numa caverna escavada pela erosão. Dentro dela cresciam grandes touceiras de avencas, samambaias e fetos de estranhas formas. Num tronco, que se inclinava para fora, crescendo à procura do sol — enorme tronco rugoso e mole — crescia um formidável exemplar de orquídea, de espécie certamente não classificada ainda. A forma geral lembrava o *Dendrobium*, mas a inflorescência não saía dos gomos dos pseudobulbos, e sim, do ápice dos mesmos, como nas *cattleyas*. As flores tinham aproximadamente o formato das labiadas, com labeluns que eram mais semelhantes aos dos *oncidiums Rogersii*. A coloração era estranha: pétalas roxo-negro e labelum azul. Por esse tempo, a minha paixão pelas orquídeas já havia passado; mesmo assim, senti profunda emoção ao contemplar aquele exemplar verdadeiramente extraordinário e que, decerto, deixaria louco qualquer orquidicultor consciente. (MONTEIRO, 1948, p. 138)

Assim como em “O Ouro de Manoa”, a descrição do fantástico apresenta elementos de flora desconhecida, porém, em “A Cidade Perdida” há a incorporação de termos científicos. Ou seja, o narrador se utiliza de termos científicos para explicar algo fantástico, criando a sensação de verossimilhança. Esse tipo de descrição causa um estranhamento no leitor: para ele compreender a descrição fantástica, é necessário conhecer termos científicos. Porém, na totalidade do livro, assim como em “3 Meses no Século 81”, o oposto ocorre: o fantástico é utilizado para explicar a ciência.

Após essa digressão - necessária para explicar as peculiaridades da descrição e como elas auxiliam na construção do fantástico na obra de Jerônimo Monteiro - volto à cronologia do livro. Após a visita a Mateus, Jeremias lembra-se de uma longa conversa que teve com Salvio, sendo que

esse diálogo sempre obedece a seguinte estrutura: Jeremias, por meio de argumentos retirados da ciência, inclusive citando cientistas, tenta demover Salvio da ideia de viajar em busca da origem brasileira do ser humano; Salvio, por sua vez, rebate os argumentos de Jeremias, também se utilizando da ciência (em especial da história geológica da Terra), a fim de justificar sua viagem. Essa discussão, sempre estruturada da forma anteriormente citada, ocupa metade do segundo capítulo e a totalidade do terceiro. A fim de não enfarçar o leitor¹²⁶, não colocarei citações de todos os diálogos, mas antes apresentarei os cientistas envolvidos: Le Plongeon¹²⁷ (1826 – 1908), Peter Lund¹²⁸ (1801-1880), Anibal Matos¹²⁹ (1886 – 1969), Morton¹³⁰ (1905 – 1972), Ameghino¹³¹ (1854 – 1911),

¹²⁶Se houver interesse, o leitor pode ler, em anexos, o capítulo três na íntegra.

¹²⁷Augustus La Plongeon foi um fotógrafo e arqueólogo franco-americano, cujos principais estudos estavam ligados às civilizações pré-colombianas, em especial, à civilização maia. Apesar de seus estudos conterem aspectos controversos e muitas vezes discutidos e desacreditados, suas fotos retratando ruínas são consideradas um legado. (ADEPT EXPEDITIONS, 2009?)

¹²⁸Naturalista dinamarquês considerado um dos pais da arqueologia e da antropologia no Brasil. Fez escavações no Rio das Velhas, em Minas Gerais. Escreveu vários livros, principalmente sobre o período Pleistoceno no Brasil. (WIKIPEDIA, 2012?)

¹²⁹Aníbal Matos foi um historiador, poeta e pintor brasileiro. Tinha grande interesse em arqueologia, e participou de escavações - onde coletou material fóssil – nas regiões da Serra do Cipó e da Lapinha. Entre outras, escreveu as seguintes obras: “O Sábio Dr. Lund” e a “Pré-História Americana” (1933), “Arte Colonial Brasileira” (1936), “Monumentos Históricos, Artísticos e Religiosos de Minas Gerais” (1935), “História da Arte Brasileira” (1937), “Das Origens da Arte Brasileira” (1937), “Pré-História Brasileira” (1938), “Peter Wilhelm Lund no Brasil” (1941), “Arqueologia de Belo Horizonte” (1947), “O Homem das Cavernas em Minas Gerais” (1961). (WIKIPEDIA, 2011?)

¹³⁰Botânico estadunidense que se destacou no estudo das pteridófitas. É conhecido, principalmente, pelas obras “*Studies of Fern Types*” (1973) e “A Revision of the Argentine Species of Solanum” (1976). (WIKIPEDIA, 2010?)

¹³¹Autodidata argentino e um dos primeiros nomes internacionais da ciência argentina. Dedicou-se, principalmente, à geologia, à antropologia e à paleontologia. Em 1886 tornou-se vice-diretor do *Museo de La Plata*, onde ficou responsável pela seção de paleontologia. Escreveu, entre outros, “*Contribución al conocimiento de los mamíferos fósiles de la República Argentina*” (1889). (BRITANICA, 2019)

¹³²Aleš Hrdlička foi um antropologista tcheco. Defendia a hipótese da origem centro-européia do homem. (JOURNAL OF PHYSICAL ANTHROPOLOGY, 2007)

Hrdlicka¹³² (1869 – 1943), Champollion¹³³ (1790 – 1832), Angyone Costa¹³⁴ (?), Ladislau Neto¹³⁵ (1838 – 1894), Quatrefages¹³⁶ (1810 – 1892), Alfredo Brandão¹³⁷ (1874 – 1944).

No capítulo 3, além da citação a diversos cientistas, abunda terminologia científica das seguintes áreas: geologia, antropologia, paleontologia, arqueologia e botânica. Vários sítios arqueológicos são nominalmente citados, assim como cavernas e outros locais onde há inscrições rupestres. Jerônimo Monteiro claramente percebeu que tal capítulo poderia ser cansativo ao leitor, pois o introduziu da seguinte forma:

Este capítulo trata ainda de arqueologia e opiniões científicas. O leitor poderá pulá-lo, se quiser, passando logo ao 4, onde começa a ação. Mas, como é um capítulo curto, se puder lê-lo, melhor. Sempre se esclarecem algumas coisas nele. (MONTEIRO, 1948, p. 30)

Tendo em vista a quantidade de cientistas citados no capítulo 3, é notadamente perceptível a preocupação de Jerônimo Monteiro com a discussão científica acerca do surgimento do homem e sua localização. A discussão entre os dois personagens – Jeremais e Savio – é uma metáfora para apresentar o estado da discussão científica nas áreas de antropologia paleontológica e arqueologia, de acordo com as leituras e conhecimentos de JM. Todavia, se ele mostra grande interesse pelo assunto, por que introduz o capítulo três de forma que ele não precisa ser lido? No meu entender, Jerônimo Monteiro conhece seu público. Antes de “3 Meses no Século 81” (1947), JM dedicou-se principalmente à ficção de aventura, por meio da série *Dick Peter*; porém, em 1947, estréia nos romances de FC. Um público acostumado a

¹³³ Jean-François Champollion é considerado o “pai da egiptologia”, tendo escrito diversos trabalhos acerca da cultura e língua do Egito antigo; foi o principal responsável por decifrar os hieróglifos egípcios. No ano de 1831, tornou-se titular de arqueologia no *Collège de France*.

¹³⁴ Arqueólogo brasileiro. Autor de “Introdução à Archeologia Brasileira” (1934), “Archeologia Gera” (1936) “Migrações e Cultura Indígena” (1939), “Indiologia” (1943), entre outros.

¹³⁵ Ladislau Neto foi um botânico brasileiro. Em 1876, foi efetivado no cargo de diretor do “Museu Nacional do Rio de Janeiro; no mesmo ano, fundou a “Revista do Museu”.

¹³⁶ Foi um naturalista francês, crítico às teorias de Darwin, mas não contrário ao evolucionismo.

¹³⁷ Alfredo Loureiro Brandão foi um médico-militar e historiador alagoano. Sua obra mais conhecida é “Viçosa de Alagoas” (1914).

romances de aventura, interessado principalmente na ação e o no desenrolar dos acontecimentos, não iria, de uma hora para outra, tornar-se interessado em conhecimentos científicos, nem conseguir compreendê-los. Assim, mesmo escrevendo FC, Jerônimo Monteiro explica a seu público leitor que esta prescinde da explicação científica (caso da FC *soft*, conforme exposto no capítulo 1), podendo ser lida facilmente, pelo gosto da aventura ou do fantástico, sem conhecimento científico.

3.3.2 A Viagem:

A dupla de amigos parte em viagem. Num primeiro momento, pegam um trem até Anápolis. Nesse momento do romance, o narrador inclui outro elemento de brasilidade, ao se referir às ferrovias e trens brasileiros, criticando-as e concordando com Monteiro Lobato:

A trepidação, ininterrupta, abala os nervos. A poeira irrita os olhos e a garganta. A imundície, que se acumula por todos os cantos, e a fedentina enjoam. A economia não deixou espaços entre os bancos, para se estender as pernas. A madeira é rude como o diabo, e vai esfolando a espinha. Um verdadeiro inferno. E a gente, de todo o coração, concorda com Monteiro Lobato: 'O único melhoramento que falta nas estradas de ferro nacionais é canalizar a fumaça da locomotiva para dentro dos carros de segunda classe.'" (MONTEIRO, 1948, p. 36)

Chegando à cidade de Anápolis, eles se encontram com Quincas, que os acompanhará durante toda a viagem. Explicam-lhe o objetivo da empreitada: ir ao centro do Brasil, procurar vestígios de uma civilização antiga. Quincas mostra-se animado com a ideia, e sugere aos amigos uma visita ao coronel Marcondes, pois este tem grande interesse pelo assunto, e pode mostrar alguns objetos de interesse. Na fazenda do coronel, o trio encontra alguns objetos das antigas civilizações, guardados pelo coronel: um vaso trazido das margens do rio Araguaia, onde há a representação de um homem com traços asiáticos; e

uma grande placa de barro cozido, moldada em forma de bandeja em cruz. O centro da cruz era liso e bem no meio via-se um cubo, talvez altar, com a letra “S” perto. Nos quatro braços, arredondados, eram evidentes degraus de arquibancadas. A um canto havia uma porta de entrada, à qual se chegava por escadaria. (MONTEIRO, 1948, p. 38)

O Coronel Marcondes também dá um presente a Salvio: um “muirakitã” talhado em pedra verde, representando um homem nu, de pé, com os braços erguidos. Agora, o fantástico aparece na forma de artefatos antigos, oriundos do território brasileiro. O narrador, por meio da discussão científica anteriormente exposta, e agora, com a apresentação desses curiosos artefatos, vai criando um senso de expectativa nos leitores, fazendo-os imaginar o que espera pelo grupo de aventureiros ao atingirem seu destino.

Durante a viagem, os amigos sempre conversam. Um dos pontos interessantes levantados nesses diálogos, ligado à presente pesquisa, é a falta de educação científica do povo brasileiro, principalmente no que se refere à arqueologia. Salvio fala sobre o tema:

o nosso povo não tem educação suficiente para se interessar pelo assunto e para avaliar qualquer encontro fortuito. Um lavrador que em qualquer canto da Europa encontre um pedaço de louça de forma estranha sabe logo a quem se dirigir, sabe que convém guardá-lo para comunicar o fato a alguma instituição científica. Se for o caso, logo depois se fazem escavações no local. Mas, aqui... ninguém se incomoda com essas ninharias... e nem mesmo com coisas mais importantes. [...] Sofremos de “doutoria” aguda. Aqui todo mundo é autoridade, todos sabem demais e são superiores. Se algum trabalhador encontrar no campo uma preciosidade arqueológica, em 99 por cento dos casos meterá a enxada e destruirá tudo. Mas, se por espírito curioso resolver conservar o achado, consultará o primeiro “doutor” que encontrar — o delegado, o prefeito ou qualquer outro. Este, por sua vez, sentado sobre a Sabedoria, dará uma olhada, fará um trejeito, e exclamará: “Bobagem! Isso é uma pedra comum. (MONTEIRO, 1948, p. 48 – 49)

Por meio da fala de Savio, percebe-se a opinião de JM no que diz respeito à educação científica do brasileiro: ela é falha. A população não sabe lidar com o assunto e, quando mostra qualquer curiosidade, as classes consideradas mais altas, os “doutores” – aqui entendidos como autoridades constituídas em campos não científicos - desencorajam o interesse no assunto, desacreditando-o, ou mostrando-o como uma banalidade qualquer. A desconfiança de Monteiro em relação à ciência brasileira não diz respeito apenas às instituições científicas, mas também ao povo.

Tendo isso em vista, no Brasil, muitas vezes o indivíduo, em vez de procurar respostas no conhecimento científico, parte para as ciências ocultas. Jeremias é um exemplo disso, pois acha as respostas de Sávio bem mais esclarecedoras do que os argumentos dados pelos cientistas no capítulo 3. Em suas reflexões, ele percebe que essa ciência oculta guarda segredos durante gerações, e seria depositária de segredos que a ciência teima em deixar de lado ou não analisar:

“Ciência Oculta” [...] Haveria, em verdade, uma seita científico religiosa cujos membros, através dos tempos, desprezando o padrão comum de vida, desprezando os apetites e prazeres vulgares, se haviam dedicado ao estudo das misteriosas forças que residem dentro e em redor de nós para chegarem a resultados positivos que a ciência exotérica teima em ignorar e que haviam criado símbolos para se exprimir de tal modo que só os iniciados, em qualquer tempo, os possam entender. (MONTEIRO, 1948, p. 53)

O trecho é essencial, pois descreve basicamente o funcionamento das sociedades iniciáticas, conforme pensado por elas mesmas: um grupo de seres humanos, moralmente desenvolvidos, preserva um conhecimento tradicional, em muito superior ao conhecimento científico, e o transmite por meio de símbolos aos novos membros, os iniciados. Essa definição é extremamente trabalhada no Realismo Fantástico, onde autores como Charles Fort e Bergier indicam a estrutura da sociedade secreta como forma ideal de governo, haja vista que o conhecimento só seria transmitido a pessoas de elevada moral, incapazes de fazer mau uso dessa sabedoria tradicional. Nesse ponto, sem

sombra de dúvida, é possível, mais uma vez, conectar JM ao Realismo Fantástico: para ele, a aplicação da ciência não deve, em hipótese nenhuma, ser desvinculada da moral, ou, em se tratando do caráter atemporal presente no conhecimento das sociedades iniciáticas, da ética.

Até chegarem ao local, a narrativa toma basicamente a forma de um romance de aventuras: os três personagens seguem pelo Brasil, encontrando problemas e curiosidades locais, além de pistas de que estão mais próximos da região. Essa é a tônica do livro, ocupando a maior parte das páginas e, para sua compreensão, como bem observado por Jerônimo Monteiro, a leitura do capítulo três é dispensável.

O grupo atinge as embocaduras do Santa Cruz, e lá se depara com outro elemento fantástico: um anfiteatro, idêntico à placa de barro ofertada pelo coronel Marcondes. “Era um semi-círculo, vasto anfiteatro que, embora arruinado pelo tempo, parecia preparado para receber grande assembléia. [...] Numerosos assentos estavam escavados no anfiteatro de rocha!” (MONTEIRO, 1948, p. 76). Após longa análise, os três amigos concluem que a construção só poderia ter sido feita por membros de uma grande civilização, bem diferente dos indígenas do Brasil. Dentro do anfiteatro, encontram uma placa com a seguinte inscrição: CRONOS, DE ATLANTIS. De acordo com Savio, Crono foi rei da Atlântida, mil séculos antes. A construção do ambiente fantástico ganha um ponto já presente nos dois romances anteriores, a presença de civilização atlante no povo brasileiro. O *Sense of Wonder* ganha espaço ainda maior na percepção do leitor, pois o grupo, direcionado a encontrar as origens do homem no Brasil, depara-se com resquícios da lendária civilização atlante. O narrador constrói uma curiosa dúvida: haveria ligação entre a origem brasileira do homem e a raça atlante? Nas aventuras que seguem, o grupo encontra um grupo de índios loiros, o que aumenta o aspecto fantástico da narrativa.

Depois do encontro, os aventureiros entram numa caverna, onde se deparam com uma porta de rocha, ladeada por dois altos-relevos descrevendo homens de barba. Tendo em vista que os indígenas são imberbes, o grupo que conclui que se trata de uma representação dos atlantes. Salvio, nesse momento começa a gritar uma série de nomes de autores: Braghine, Jean

Carrère, Ernesto Morales e Capdevila. Todos esses autores são reais e escreveram obras ligadas ao ocultismo e à Atlântida: Braghine redigiu “O Enigma de Atlântida”; Jean Carrère auxiliou o célebre ocultista Papus em suas obras; Morales (argentino) escreveu o livro “Atlântida”; Capdevila também pesquisou o mesmo tema¹³⁸. Essa profusão de autores ligados ao Realismo Fantástico deixa clara a ligação de Jerônimo Monteiro com esse movimento, e mostra suas fontes para trabalhar com a Atlântida. Em “A Cidade Proibida” o fantástico não é construído somente a partir da imaginação de JM, mas este introduz elementos originários de diversos autores ligados à corrente realista fantástica.

Oportunamente, o grupo deixa a caverna e continua prosseguindo. No caminho eles encontram um homem muito alto, de barba, idêntico ao representado no alto-relevo, que leva o grupo até o posto avançado dos atlantes. Lá, Salvio conversa com um dos líderes do posto:

um homem inteligente, e que está bem a par de tudo o que se passa no “nosso mundo”. Tem agentes nas cidades brasileiras mais próximas, e sabe de tudo, inclusive os pormenores da guerra que se desenrola entre a Alemanha, Itália, Japão e o resto do mundo. (MONTEIRO, 1948, p. 183)

Outro elemento fantástico é apresentado. Além de os atlantes estarem escondidos no meio da floresta, há representantes seus por todo o mundo, a fim de conhecer os acontecimentos mundiais e perceber como a humanidade se comporta. Por sua vez, por enquanto os atlantes apenas esperam, aguardando o acontecimento de alguma calamidade que coloque o mundo em perigo, para assim se manifestarem. Tendo observado os acontecimentos mundiais, em especial a Segunda Grande Guerra, crêem que a humanidade caminha num sentido perigoso, e esperam intervir para salvar o mundo. Afinal, eles são “a primeira raça civilizada do mundo” (MONTEIRO, 1948, p. 189)

O líder do posto explica o que está acontecendo à civilização humana:

¹³⁸ Até o momento, não consegui informações biográficas sobre nenhum desses escritores.

Os homens aprenderam a ser homens com os atlantes, e isso foi há muitas centenas de séculos e foi neste mesmo lugar... Depois, os homens progrediram e se encheram de orgulho, julgaram-se deuses e esqueceram dos simples Mandamentos da Felicidade. Estão regredindo, certos de que continuam a progredir. Mas a civilização de onde vieram, morrerá. E daqui se espalhará, outra vez, a semente do Bem, da Esperança e da Vida... (MONTEIRO, 1948, p. 180)

Ele ainda prossegue, no que diz respeito à humanidade, argumentando sobre o grande perigo que paira sobre ela: as novas armas de destruição, cada vez mais potentes e perigosas. O homem estaria dominado pelo instinto de guerra, deixando de lado os verdadeiros ideais. Todo esse diálogo entre Savio e o chefe do posto avançado denotam a grande preocupação de Jerônimo Monteiro com o uso das tecnologias bélicas. Assim como os atlantes, JM também viu os males causados pela bomba nuclear.

Já familiarizados com os atlantes, os três amigos são convidados ao grande Templo do Sol, que eles buscavam desde o início. Lá, recebem a explicação para sua dúvida. De acordo com o supremo sacerdote do templo, o Brasil é “a pátria de origem do primeiro homem [...] a terra mais antiga do mundo” (MONTEIRO, 1948, p. 205). Aqui é importante ressaltar a ideia teosófica de raça e humanidade, a fim de entender como ela aparece na obra: o mundo se constitui em rondas, sendo cada ronda (ciclo de desenvolvimento planetário) ocupada por uma raça em especial. O ser humano equivale à quarta raça (ária), sendo precedido pela raça atlante, dizimada em decorrência do mau uso de seu desenvolvimento tecnológico e mágico (JINARAJADASA, 2010).

Outro atlante lhe pergunta qual o motivo para sua dúvida a respeito da origem do homem. Savio diz estar interessado em resolver os problemas da História. O atlante, porém, mostra as verdadeiras intenções da busca: “[...] a verdade é secundária, e só se respeita quando coincide com os desejos. O que vocês procuram são sinais de superioridade em relação a outros povos.” (MONTEIRO, 1947, p. 218). Dessa forma, de acordo com a visão do atlante, nem Savio, membro de um grupo esotérico, estaria imune aos perigos da

humanidade, cujo único interesse é demonstrar superioridade em relação a outros grupos, atitude que sempre culmina em guerra e destruição. Pelo que a totalidade de sua obra indica, essa também é a visão de Jerônimo Monteiro.

Já em seu fim, o texto descreve o ritual atlante de adoração ao Sol, adicionando mais um elemento fantástico à trama. Os aventureiros voltam a São Paulo, maravilhados com o que viram e suas descobertas.

3.3.3 Considerações sobre “A Cidade Perdida”:

O romance “A cidade perdida”, publicado em 1948, pela editora “Melhoramentos”, traz ricos elementos para analisarmos a presença da brasilidade e da ciência em Jerônimo Monteiro, pois ambas são presentes em toda a obra. No que concerne à brasilidade, em termos descritivos, ela parte da descrição de alguns pontos da cidade de São Paulo até a chegada na região do Amazonas, onde se localiza o Templo Solar e estão os sobreviventes da civilização atlante. A obra anterior “3 Meses no Século 81”, não apresenta nenhuma descrição urbana da São Paulo do século XX, enquanto a apresentação visual do século 80 é fantástica, baseada na percepção de JM de uma sociedade com alto grau de desenvolvimento tecnológico. Além desse aspecto descritivo que permeia toda a obra, sendo até cansativo, o nacionalismo brasileiro surge justificado de forma fantástica: o atual território brasileiro é o local do nascimento do homem, de acordo com os atlantes. Porém, discretamente embutida, há uma crítica ao nacionalismo: de que interessa o Brasil ter abrigado o primeiro homem se tal descoberta só servirá para colocar os brasileiros numa situação superior a outros povos? Tendo em base esse questionamento, Jerônimo Monteiro talvez intente em mostrar a quase impossibilidade de se desvincular o conhecimento de algum interesse paralelo.

O aspecto da ciência, no livro, relaciona-se diretamente à brasilidade. No capítulo três, quando da longa conversa entre Salvio e Jeremias, o narrador faz alusão a diversos cientistas, entre eles, quatro brasileiros: Anibal Matos (1886 –

1969), Anyone Costa (?), Ladislau Neto (1838 – 1894) e Alfredo Brandão (1874 – 1944). Por conseguinte, pode-se afirmar, com base no próprio texto, que Jerônimo Monteiro, em “A Cidade Perdida”, utiliza-se da ciência brasileira (não só), como fonte clara e explícita para sua obra. Não obstante, apesar da citação a autores científicos e de um capítulo inteiro dedicado a discussões científicas, não se pode classificar o romance como ficção científica *hard*, mas *soft*, haja vista que as principais ciências abordadas são sociais – arqueologia e antropologia física – e, principalmente, a solução para o problema da origem do homem não é científica, mas sim fantástica ou esotérica. De qualquer forma, devido à preocupação com a ciência real, pode ser considerado o livro mais *hard*, dentro da obra de Monteiro.

O fantástico – além das cansativas descrições da arquitetura e rituais atlantes – é construído em cima de uma resposta esotérica ao conhecimento científico. Além dos cientistas citados, o narrador também introduz uma série de autores do Realismo Fantástico e do Esoterismo, baseando-se em suas ideias para a formação do ambiente fantástico no romance. Todo o desenvolvimento do fantástico livro, assim como o próprio enredo, dá-se pela resposta esotérica – onde autores são citados e ideias aproveitadas – a uma discussão científica sobre o surgimento do homem – onde cientistas e seus argumentos também são citados.

Mais uma vez, como nos dois livros anteriores, a grande caixa-preta é o território brasileiro, metonimizado na região do Amazonas. Não se explica por que os atlantes lá permaneceram, em outras regiões. O discurso científico, de acordo com o personagem Salvio - não responde ao problema da origem do homem, sendo essencial a utilização de saberes oriundos dos conhecimentos controversos.

3.4 “Fuga para Parte Alguma” e “Os Visitantes do Espaço”

O romance “Fuga para Parte Alguma” foi publicado em 1961, doze anos¹³⁹ após a publicação de “A Cidade Perdida”, sendo seguido, no ano de 1963, por “Os Visitantes do Espaço. Juntei-os num único capítulo, pois, em minha leitura, não apresentam nenhum novo elemento digno de análise aprofundada. São dois exemplos de *FC soft*: o primeiro traz alguns elementos de divulgação científica e crítica à ciência; o segundo trata do contato alienígena, mas a ênfase é a aventura, não o contato ou a percepção de alteridade. Os diálogos com a ciência ou com o Realismo Fantástico são praticamente nulos. Todavia, ambos os romances apresentam temas caros a Jerônimo Monteiro, a saber, os perigos da tecnologia e a beligerância humana.

3.4.1 “Fuga para Parte Alguma”:

A fim de falar sobre “Fuga para Parte Alguma”, é necessário estabelecer uma cronologia a partir dos dois livros anteriores de JM. Muito séculos atrás (o narrador não especifica quando), conforme apresentado em “A Cidade Perdida”, os atlantes, imbuídos da missão de salvar o mundo, ocupam a parte amazônica do território brasileiro. Em 1946, Campos, por meio de um experimento mediúnico, chega ao século 80, quando a humanidade foi exterminada por seu mau uso da tecnologia e os atlantes salvaram o mundo. Ocupando o corpo do atlante Loi, Campos participa de uma revolução para salvar os atlantes de um sistema eugênico de dominação e controle biológico, devolvendo aos atlantes uma vida mais natural. Séculos depois¹⁴⁰, quando os atlantes passaram em perfeita paz e harmonia, e o desenvolvimento científico

¹³⁹Não encontrei nenhuma explicação que justifique esse hiato de Jerônimo Monteiro.

¹⁴⁰Em “Fuga para Parte Alguma”, Jerônimo Monteiro continua com o mesmo erro de datação apresentado em “3 Meses no Século 81”. Diz o narrador: “Muitos séculos haviam decorrido desde o século LXXXI” (MONTEIRO, 1961, p. 18). Porém, o correto seria século LXXX.

aparentemente acompanhava o desenvolvimento moral (MONTEIRO, 1961 p. 81-82), formigas gigantes começam a atacar toda a população, dizimando-a. Esse ataque das formigas gigantes é o tema central de “Fuga para Parte Alguma”, e essa percepção de que todos os personagens da trama são atlantes é essencial para compreender a conclusão da tese, assim como para localizar a narrativa. Percebe-se, assim, que Jerônimo Monteiro criou uma série própria de Ficção Científica, centrada na raça atlante, por mim chamada de “Trilogia Atlante”, e um universo ficcional, onde os atlantes inicialmente ocupam apenas parte do território brasileiro, passando, depois do fim dos seres humanos, a ocupar todo o planeta Terra. Mesmo não sendo o primeiro cultor do gênero FC no Brasil¹⁴¹, ao que me consta, JM foi o primeiro a criar uma trilogia brasileira dentro do gênero. A “Trilogia Atlante” contém aspectos da ciência brasileira, conforme visto no item anterior (3.3).

O aspecto fantástico, em “Fuga Para parte Alguma”, é constituído principalmente por descrições das formigas e da destruição mundial causada por elas, criando um clima apocalíptico. As formigas são descritas como o inimigo perigoso e amedrontador:

Sua enorme cabeça provida de mandíbulas serrilhadas; seus olhos lenticulares; suas antenas articuladas peludas; suas fortíssimas pernas providas de pêlos e espinhos; seu pequeno abdômem entumecido — tudo naquele monstruoso inseto infundia horror, nojo e também, talvez, um sentimento iniludível de força invencível. (MONTEIRO, 1961, p. 13)

¹⁴¹Conforme visto no capítulo 1.

Figura 41 - Capa do livro "Fuga para Parte Alguma" (1961, "Edições GRD")

Mas o narrador também se preocupa em explicar as mudanças biológicas ocorridas nas formigas, utilizando-se de termos científicos:

Biologicamente algo de fundamental acontecera às formigas. Progredindo numa linha de evolução que as transformara de seres com pequenos cérebros residuais dispostos em nódulos ao longo da corda nervosa que lhes percorria o corpo — em seres em que o gânglio nervoso anterior se fundira, para formar um respeitável cérebro verdadeiro, com a contribuição de toda a matéria nervosa unida em massa única. Os pequenos cérebros residuais haviam desaparecido completamente dando lugar ao cérebro único. (MONTEIRO, 1961, p 19-20)

No livro, de um modo geral, a ciência apresenta-se distante da sociedade. Todo conhecimento científico é produzido num único continente, a

Oceania, e a “Academia de Ciências”, grande instituição responsável pelo assunto, está especificamente no espaço antes ocupado pela Austrália, último lugar a ser completamente destruído, devido a suas características insulares. A narrativa apresenta a ciência como distante de toda a população; as pesquisas ligadas às formigas são apenas feitas em laboratórios, nenhum cientista vai a campo, observar como as formigas atuam realmente agem, apenas trabalham no laboratório. Com isso, talvez Jerônimo Monteiro queira mostrar a ineficácia de uma ciência totalmente presa ao laboratório, preocupada apenas com experimentos laboratoriais. Essa ciência jamais resolveria um problema real de grande magnitude.

Conforme se avança na leitura do texto, percebe-se que o responsável pelo crescimento e voracidade das formigas, possivelmente, foi uma espécie de tratamento dado à agricultura, criado pela Academia de Ciências. Durante toda a narrativa, a população mundial espera que a Academia apresente uma solução para o problema, mas essa nunca aparece e os atlantes são destruídos. Muito provavelmente, JM crê que a ciência totalmente encerrada na torre de marfim do laboratório não dá conta de problemas reais. A ciência institucionalizada, em “Fuga para Parte Alguma”, apresenta-se como grande caixa-preta, fechada em sua totalidade para a população, que se vê incapaz de lidar com o problema e sucumbe. O distanciamento entre ciência e sociedade é gritante: a ciência cria um método de tratamento agrícola, mas não se preocupa com suas implicações. Geograficamente isolada e fechada em seus laboratórios, longe de qualquer contato externo, a sociedade, de fato, não sabe o que a ciência faz, mas se aproveita, quando possível, de seus resultados.

3.4.2 “Os Visitantes do Espaço”:

“Fuga para Parte Alguma”, apesar de não dialogar com a ciência, nem com o Realismo Fantástico, nem com a brasilidade, possivelmente apresenta a opinião de Jerônimo Monteiro acerca de uma ciência totalmente desvinculada da sociedade, assim como dos usos da tecnologia sem o estudo de seus possíveis impactos, ou seja, mesmo que metaforicamente, o livro traduz a preocupação do autor com os aspectos sociais da ciência. “Os Visitantes do Espaço”, por sua vez, mesmo tratando do contato entre alienígenas e humanos, não mostra nenhuma preocupação com a ciência, excetuando-se uma rápida descrição do sistema solar. Trata-se de um livro de ficção científica totalmente soft, sem dúvida alguma o mais soft de Jerônimo Monteiro. Poder-se-ia pensar que JM começou a tratar a FC apenas como gênero dedicado ao entretenimento, porém os contos publicados na antologia “Tangentes da Realidade”, assunto do próximo item, mostram que essa visão é equivocada. Talvez, em “Os Visitantes do Espaço”, seu principal objetivo fosse divertir o leitor, ou fazer uma paródia do gênero.

Figura 42 - Capa de "Os Visitantes do Espaço", publicado em 1963 pela "Edart".

A narrativa discorre sobre a chegada dos lonas (alienígenas oriundos de Io, satélite de Júpiter), ao planeta Terra, especificamente no estado de Goiás, dentro do território brasileiro. Os lonas são pacíficos e buscam retirar hidrogênio da atmosfera terrestre, pois dele dependem para sobreviver. Eles observam que esse procedimento em nada prejudicará os humanos; estes, porém, duvidam das intenções dos lonas e quase começam uma guerra.

Apesar de inexistir qualquer desenvolvimento científico no texto, tanto o fantástico quanto a brasilidade são trabalhados. A construção do fantástico se dá de forma bem simples, seguindo a estrutura do romance anterior, ou seja, o uso de descrições. Os alienígenas são descritos como semelhantes a enormes rabanetes bem vermelhos, sem boca, nariz ou olhos; já os discos voadores são enormes pratos prateados. A descrição pode ser fantástica, mas beira o ridículo.

O único ponto que realmente merece destaque: além de o ambiente onde a ação transcorre ser totalmente nacional - desde o pouso do disco voador até o retorno dos alienígenas para Io - os extraterrestres deixam, como presente ao povo brasileiro, dois discos voadores, para futuros estudos. Talvez, para Jerônimo Monteiro, essa seja a única forma de o Brasil se desenvolver no âmbito da C&T.

3.5 “Tangentes da Realidade “

Publicado um ano antes do falecimento de Jerônimo Monteiro, o livro “Tangentes da Realidade” traz oito contos do autor, todos escritos na década de 1960. Dos oito contos, apenas um foi excluído da análise – “A Incrível História de Tômás de Saagunto” – por ser pertencente ao gênero horror, e não trazer nenhum elemento para a análise a que me propus.

Os sete contos restantes são exemplos de ficção científica *soft*, não só pela falta de respaldo científico (excetuando-se o anteriormente analisado “O Elo Perdido”), mas também pela recorrência constante às relações humanas

decorrentes da C&T (parece-me o foco da obra). O conto “As Pedras Radiantes”¹⁴² relaciona artefatos, possivelmente alienígenas, ao futuro da condição humana, mostrando a crença inequívoca de Jerônimo Monteiro acerca da beligerância humana. “Estação Espacial Alfa” narra as confusões humanas, em terra, a partir do encontro de duas nacionalidades antagônicas no espaço: estadunidenses e soviéticos. “Missão de Paz” mostra uma tentativa séria de lidar com o tema da invasão alienígena, bem diferente da apresentada no romance “Visitantes do Espaço”, e apresenta a necessária interferência dos alienígenas no processo de pacificação do Planeta Terra. Por fim, “Um Braço na Quarta Dimensão” e “O Sonho” são dois contos fantásticos – o “Sonho” beira o bizarro e o absurdo – mas foram incluídos na análise por apresentarem fortes aspectos de brasilidade.

Figura 43 - Capa de "Tangentes da Realidade" (1969)

¹⁴²Esse conto mereceu atenção especial na análise, pois nele se vê claramente a utilização da caixa-preta proposta por Bruno Latour na análise.

3.5.1 As Pedras Radiantes: O Garimpeiro do Espaço e sua Caixa-Preta

No conto “As Pedras Radiantes”, o alienígena - chamado de José Prendick Campos - é descrito como um ser

seco, requeimado, a cabeça grande demais para o corpo. Miúdo, mas não fraco, estava-se vendo. Seus movimentos eram fáceis, elásticos. Os olhos, salientes, brilhavam de maneira inquietante. A mão que estendera o cartão era grande, muito queimada e dava a impressão de força invulgar (MONTEIRO, 1969, p. 14)

Ele tem a capacidade de aparecer e desaparecer a seu bel-prazer, e se apresenta por meio de um cartão de visitas feito com uma espécie de polímero aparentemente desconhecido. Após se introduzir aos joalheiros, tentava vender seus “diamantes” por uma bagatela: “Absolutamente de graça! – e em seus olhos lampejou um clarão de júbilo. – O melhor negócio que fiz em minha vida... e lido com isto há mais de anos!” (MONTEIRO, 1969, p. 12), exclama um dos compradores.

Após vender diversos diamantes ao redor do mundo e, devido a compradores desconfiados com o preço ridiculamente abaixo do praticado pelo mercado, ser preso, o alienígena desaparece: Aparentemente, ele desistira de continuar negociando suas preciosas gemas. A polícia, também, deixara de se preocupar com ele, certa de que, amedrontado, resolvera mudar de praça (MONTEIRO, 1969, p. 21-22). Todavia, os gananciosos joalheiros, aos poucos, começam a revender as pedras, agora transformadas em jóias:

Os que tinham comprado seus diamantes não eram poucos: em todas as grandes cidades do mundo ele surgira misteriosamente, vendera lotes de diamantes aos joalheiros mais importantes e, depois, sumira sem deixar vestígios. Todos os joalheiros tinham aceitado o negócio em sigilo, escondendo-o uns dos outros, certos do fabuloso lucro que lhes proporcionaria. [...] Assim, pouco a pouco, os joalheiros foram lançando-as ao mercado, quase todas transformadas em jóias. (MONTEIRO, 1969, p. 22)

Ou seja, apesar do receio de o negócio ser escuso, os joalheiros, movidos pela ganância, passaram a vender jóias feitas com as pedras radiantes. O medo só existia enquanto o alienígena estava por perto, circulando, sendo capaz de delatar os compradores. Essa crítica a conduta humana, paralisada perante a desonestidade somente devido ao medo ou à força, é parte da descrença do ficcionista no ser humano.

Até aqui, o conto é altamente singelo, mostrando as peripécias do extraterrestre ao vender suas pedras, não obstante, por intermédio do narrador, fica claro o motivo de tal barganha: “A verdade é que esses diamantes assim estranhamente introduzidos no mercado mundial o tinham sido em obediência a um plano e deviam representar importante papel na civilização humana”. (MONTEIRO, 1969, p. 22) O narrador não participante (o conto é narrado em terceira pessoa), sabe muito além do que os compradores de diamantes. Seria ele um alienígena? Ou um simpatizante dos planos dos mesmos? Independentemente do que possamos inferir, podemos estar certos de que ele tem uma opinião negativa a respeito dos terráqueos:

A Via Láctea girava lentamente, arrastando, num de seus braços, entre miríades de estrelas, o Sol que, por sua vez, arrastava seu cortejo de planetas, entre os quais a minúscula, insignificante Terra, coberta de uns animaizinhos petulantes, atrevidos que, entre outras ideias absurdas, professavam a de serem os mais nobres seres da Criação. (MONTEIRO, 1969, p. 30)

E o narrador prossegue, mostrando a verdadeira utilidade dos diamantes no processo de modificação da ordem social:

Servem apenas à ostentação e à satisfação da vaidade e os pobres, coitados... Se ainda tivessem alguma utilidade, além de cortar vidro (e nesse caso são ferramentas de vidraceiro) – pode ser que muitos pobres se matassem de trabalho para comprá-los, como fazem para possuir aparelhos de televisão ou geladeiras. Mas, sendo como são, só mesmo os ricos os compram. E que são os ricos? São os donos da bola. São os que mandam, em todo o mundo. (MONTEIRO, 1969, p. 30)

Ou seja, essas pedras preciosas, na verdade artefatos alienígenas, úteis somente a ostentadores despreocupados com a qualidade de vida da humanidade em geral, têm o claro objetivo de influenciar na história humana (história de petulantes e orgulhosos animaizinhos), impedindo a livre ação de seus atores. O narrador, num esforço metonímico de explicar as pedras e seu funcionamento sobre a sociedade, conta o caso da família Garcia que, após adquirir jóias com os artefatos engastados, passa a vender suas posses e a investir seu capital em programas sociais:

Até nós elaboramos um plano de construção de casas populares no Amazonas, no Pará e pelo nordeste. Associamo-nos a mais seis companhias. Vamos construir, inicialmente, 200.000 residências modestas. E o plano tem uma segunda parte, e uma terceira... (MONTEIRO, 1969, p. 29)

Os fatos ocorridos com a família Garcia ilustram o que está por trás das pedras, o plano alienígena: modificar, por meio do uso de um artefato, o egoísmo humano, pelo menos no que diz respeito à posse de bens materiais e serviços sociais. O artefato pode ser visto como uma espécie de caixa-preta (*input*: humanidade deteriorada devido à preocupação excessiva com o acúmulo de bens materiais $\rightarrow$ *output*: humanidade melhorada, preocupada com o bem estar social de todos e a correta distribuição de bens), afinal, não sabemos como o artefato funciona.

Claramente, o narrador desconfia da capacidade humana para resolver os próprios problemas, e concorda com o uso do artefato para a modificação da história terráquea. Será que ele conseguiria abrir a caixa? E os alienígenas, seriam capazes?

Como ocorre com milhões ou bilhões de leigos, o que eles sabem sobre ciência e tecnologia provém apenas de sua vulgarização. Os fatos e artefatos que esta produz caem sobre suas cabeças como um fado externo tão estranho desumano e imprevisível quanto o *Fatum* dos antigos romanos. (MONTEIRO, 1969, p. 30)

No que diz respeito ao universo de Jerônimo Monteiro, a citação anterior se encaixa perfeitamente: a humanidade simplesmente muda, sem sequer saber da caixa-preta, muito menos como abri-la. A mudança ocorre, mas, se não soubéssemos da interferência alienígena, poderíamos chegar a descobrir quem ou o que foi o causador dessa mudança? No conto, vê-se claramente que o ser humano, por ganância e ignorância, é incapaz de ser agente causador da mudança social.

Por fim, numa espécie de tempo e espaço paralelos, o garimpeiro encontra-se com outro alienígena a que o narrador chama de “a entidade”. Num diálogo entre ambos, o garimpeiro faz o seguinte comentário acerca dos seres humanos:

Não podíamos deixar que esses pobres seres acabassem por se destruir devido à ganância, à cobiça. Faltava-lhes algo na bioquímica estrutural. Nós é que erramos, ao lançar à Terra a semente da vida. Fizemo-lo cedo demais, não havia condições para o desenvolvimento do cristalino radiante. Ficaram com a glândula pineal atrofiada e inútil¹⁴³. Não tinha no organismo qualquer outra glândula de equilíbrio ético. Daí o entregarem-se às paixões mais degradantes. Daí a sua indiferença pelo sofrimento do próximo, desde que ele, o próprio, estivesse satisfeito. Como podiam compreender que não há próximo, que cada ser é uma partícula do todo e que o todo só pode ser feliz se cada partícula for feliz? Não o podiam compreender, porque lhes faltava o órgão dessa compreensão. É como se não lhe tivéssemos dado o órgão da visão e depois ficássemos espantados por serem cegos. (MONTEIRO, 1969, p. 30)

Ao que a entidade replica: “—Coitados! Afinal, eles não sabem o que são”. (MONTEIRO, 1969, p. 30)

A ideia do planeta Terra como laboratório fica extremamente clara, haja vista que os alienígenas eram responsáveis por seu povoamento, o ser humano seria uma experiência que deu errado, devido à falta do desenvolvimento de uma parte do corpo.

¹⁴³ De acordo com ensinamentos espiritualistas, a glândula pineal é responsável pela sintonização com planos mais elevados de consciência ou existência, sendo responsável, em partes, pelo desenvolvimento moral do ser humano.

Finalmente, podemos perceber que a ideia de caixa preta não se aplica somente ao artefato em si, mas também a própria humanidade, a qual, em momento algum, desconhece como foi criada, e sequer sabe como muda. Subentende-se que a humanidade não conseguirá abrir a própria caixa em que está contida. Ou, talvez, nem queira. Porém, se os alienígenas abrissem a caixa preta da humanidade, seriam realmente capazes de entender como o homem funciona? Ou será que entendem o ser humano apenas como uma experiência genética que não correu bem e fugiu ao controle? Seria a história fundamentada num erro biológico? Se entendermos a obra como aberta, fica difícil dar uma resposta totalmente acertada às questões propostas. Embora o autor aparente descrença na humanidade, parece-lhe que o fatalismo biológico não é o causador do problema, mas antes a falta de compromisso moral.

Assim como em seus romances anteriores, JM mistura ciência e Realismo Fantástico, mas agora com o claro objetivo de discutir a condição humana, calcada na ignorância acerca de si mesma. Apenas a interferência externa pode salvá-la de si mesma, e do mundo que criou.

3.5.2 Estação Espacial Alfa

Originalmente escrito em 1964, o conto “Estação Espacial Alfa” mostra, paralelamente, o que acontece na Terra e no espaço, após o lançamento de um satélite americano, e do encontro desse satélite com outro, mas de nacionalidade soviética. Indubitavelmente, o texto traz reflexos do contexto de guerra-fria, porém, devido ao tema, a brasilidade é deixada de lado. A C&T servem, principalmente, para discutir as relações humanas no supracitado contexto e mostrar que, apesar dos avanços tecnológicos ocorridos durante a corrida espacial, o homem permanece beligerante, tendo sua moral pouco evoluído.

Logo no início do conto, o narrador mostra que vai tratar de um fato altamente idealizado pelos leitores de ficção científica:

Só se falava no grande acontecimento. A imaginação exaltada dos leitores de ficção científica viajava desordenadamente por estranhos mundos apenas sonhados. [...] A colocação em órbita de um verdadeiro satélite¹⁴⁴ artificial, habitável, engenho estranho e fascinante com três quilômetros de diâmetro, campo de pouso para astronaves [...], acomodação para 500 passageiros. (MONTEIRO, 1969, p. 33)

A partir daí, o “satélite” é lançado, sendo liderado pelo capitão Lot. As inúmeras descrições da imensidão do cosmo, indubitavelmente, trazem ao leitor o *Sense of Wonder*, no sentido próprio da ficção científica, ou seja, do homem em contato com a imensidão do universo.

Paulatinamente, os diversos tripulantes, cada vez mais extasiados com a visão do Cosmos, percebem algo estranho nas proximidades. Inicialmente, pensaram tratar-se de um disco voador (MONTEIRO, 1969, p. 50), mas depois percebem que, na realidade, é outra estação espacial: “Alguém nos imita ou, melhor, alguém nos antecedeu. É uma estação espacial [...] Só podem ser russos. [...] E se eles dominarem o mundo?” (MONTEIRO, 1969, p. 52) Fica clara aqui, mesmo no espaço, a preocupação com a Guerra Fria. Alguns dos tripulantes ficam verdadeiramente assustados, ao perceber que os soviéticos têm uma estação espacial completa, e lançada há mais tempo. Porém, Lot, o capitão, tenta demover a tripulação de tais pensamentos: “Os interesses da ciência e do progresso humano devem estar acima do nosso egoísmo estreito e do orgulho regional. Não devemos, nem podemos prejudicar. [...] não há outros. Há apenas homens” (MONTEIRO, 1969, p. 52)

O trecho citado mostra qual deveria ser, na concepção de Jerônimo Monteiro, o verdadeiro interesse da C&T, a humanidade, não um claro grupo de interesse, percebido no comportamento da tripulação. A ideia de ciência no conto aproxima-se muito à de Bruno Latour, ao sugerir que a ciência não é

¹⁴⁴O primeiro satélite artificial foi lançado em órbita no dia 4 de outubro de 1957; na verdade, o narrador refere-se a uma estação espacial. A Salyut 1 foi a primeira estação espacial (1971); porém a tentativa bem sucedida de visitar a estação ocorreu com a Soyuz 11, que se acoplou à Salyut 1 em 7 de junho de 1971. Os 3 tripulantes mantiveram-se no espaço pelo período de 22 dias.

isenta, muito contrário, ela serve a um grupo de interesses. JM, por sua vez, almeja que a ciência sirva ao homem, não a grupos isolados ou sistemas políticos.

Os tripulantes de ambas as naves trocam palavras cordiais e se descobre que a estação espacial soviética está com sérios problemas. Lot resolve ajudá-los. Nesse ponto, a tripulação entra em polvorosa, pois pensa se tratar de uma armadilha. Resolvem entrar em contato com a Terra, a fim de dirimir quaisquer dúvidas. Na Terra, as mensagens corroboram o clima de medo enfrentado pela tripulação. A comunicação com a Terra é perdida, e Lot resolve ajudar a outra estação espacial. Após um período de tempo, a comunicação volta e a tripulação descobre que a humanidade foi dizimada, por meio de uma guerra nuclear. Os dois países envolvidos jamais entraram em acordo, e se perderam em acusações e ideias conspiratórias, enquanto o que realmente ocorria era a ajuda de uma nave a outra.

As duas imensas estações uniram-se, afinal, no espaço, para constituir um só trampolim onde o homem se prepararia para voltar um dia à sua terra natal. Nada mais resta sobre a Terra do mundo furioso e insensato que o homem forjou com o ódio e a cobiça. Os homens conseguiram, afinal, destruir-se e, como em todas as guerras que alimentaram, fizeram-no levados pela insânia, pela teimosia pelo orgulho, em nome de sentimentos, direitos e deveres deformados por meia dúzia de indivíduos que foram capazes de se elevar ao poder supremo em diversas nações. [...] Temos que aprender a lição e desejar, realmente, conscienciosamente, construir um mundo 'melhor'... se o pudermos fazer algum dia. Aqui ficaremos, esperando... pelo novo Gênesis" (MONTEIRO, 1969, p. 63-64)

O pensamento de JM, no tocante ao futuro da humanidade, aparece explicitamente no fim do conto. O ser humano é incapaz de vencer seus ideais guerreiros, egoístas e cobiçosos, mesmo num mundo onde já é possível construir e utilizar estações espaciais. O descompasso entre desenvolvimento tecnológico e moral é gritante. A antítese entre espaço e planeta Terra introduz pontos interessantes ao trabalho: na Terra, enquanto serviam a interesses de determinadas nações, os cientistas viam-se obrigados a adotar as posturas dessas nações; no espaço, porém, eles deixam essas posturas nacionais de

lado e agem como verdadeiros cientistas (na concepção de Jerônimo Monteiro), passando a se preocupar com o bem de seu semelhante. JM percebe a impossibilidade de uma ciência livre de ideologias num mundo dividido em interesses nacionais ou de blocos, onde, a C&T, servindo a blocos cujos interesses são claramente antagônicos, culminaria numa humanidade exterminada por si mesma. Enquanto no espaço, longe dos problemas terrestres, a ciência poderia se desenvolver mirando seus reais objetivos, o conhecimento e o bem da humanidade. Sem a superação dos enfrentamentos e interesses grupais ou nacionais, o desenvolvimento da ciência chega a ser perigoso, aumentando a força belicosa de determinado grupo, servindo à guerra, em vez de servir ao ser humano, ou a si mesma.

3.5.3 O Copo de Cristal

O terceiro conto da coletânea “Tangentes da Realidade” tem a narrativa desenvolvida na cidade de Mongaguá, onde Jerônimo Monteiro residiu – entre idas e vindas a São Paulo, na sua época de vida, e evoca elementos de brasilidade a partir da descrição do litoral sul do estado de São Paulo. Porém, esse não é o único aspecto de brasilidade: a conjuntura política brasileira também é mostrada, pois Miguel – o protagonista do conto – foi preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), devido a uma denúncia falsa. A partir desse acontecimento, prenúncio do futuro da humanidade no conto, Miguel começa a se entreter com um dos brinquedos de sua infância, um copo de cristal, sem a base, encontrado num dos terrenos baldios de Mongaguá, próximo à sua residência: “um pequeno terreno baldio, à margem do rio Tamanduateí, entre as ruas João Teodoro e São Caetano” (MONTEIRO, 1969, p. 68). E Miguel se lembra de sua residência na infância:

Quanto tinham vindo para Mongaguá sua casa fora a primeira e por muito tempo se conservara a única nas redondezas. A solidão era agradável. Pássaros de numerosas espécies andavam por ali. Ao entardecer, sabiás cantavam nas árvores próximas. Uma vez ou outra bandos de periquitos passavam, voando alto e gritando, rumo à terra tão próxima. Socós

desciam em seu vôo pesado, quando as grande chuvas deixavam lagoas no terreno. (MONTEIRO, 1969, p. 72)

O narrador descreve aspectos da cidade de Mongaguá na infância de Miguel: os seres humanos convivendo com a fauna local, a relação entre a chuva e o terreno, a proximidade entre terrenos baldios e residências e, em especial, o isolamento residencial. Nessa residência isolada em Mongaguá, Miguel retoma seu contato com o antigo copo de cristal de sua infância.

Ainda na infância, na conzinha da casa, Miguel descobrira que, quando emborcado, o copo de cristal emitia forte luz azul e, dentro dele, apareciam leves sombras aprisionadas. Depois do incidente com o DOPS, o protagonista lembra-se do artefato e procede a novas observações. Mais uma vez, a luz azulada e as sombras aparecem. Como em “As Pedras Radiantes”, toda a ação da narrativa parte de um artefato; porém, em “O Copo de Cristal”, o objeto não muda a concepção e ação das pessoas, em vez disso, chama-as à ação, por meio do que se vê dentro do copo. Toda a construção do fantástico no conto se dá por intermédio do copo, sua descrição, os conteúdos, vistos nele, e areação que esses conteúdos causam a seus espectadores. Aqui e em “Pedras Radiantes”, ao contrário de toda a literatura de ficção científica de JM, onde a construção do fantástico se dá por meio da descrição do ambiente, o fantástico se dá por meio do aparecimento de um artefato.

Notando o estranho comportamento de Miguel, que passa as noites a observar o estranho copo, sua esposa (Car) junta-se a ele e começa a fazer a mesma coisa, pois percebeu a estranha luz azulada. Porém, enquanto Miguel vê apenas a luminosidade, Car vê “um exército avançando por terreno imenso” (MONTEIRO, 1969, p. 80); do outro lado, mais homens se aproximam:

Os dois exércitos, afinal, se encontraram, numa confusão tremenda. [...] Eles se destroem como animais selvagens! Retalham-se com espadas, perfuram-se com as lanças. Fazem-se em pedaços. Jorra sangue em abundância. Os que correm pisam nos que estão estorcendo no chão. Devem estar gritando... [...] O chão está forrado de cadáveres ensangüentados, quase todos sem cabeça. Foram degolados. O sangue escorre ainda. (MONTEIRO, 1969, p. 82)

O copo não transmite imagens fixas, mas uma espécie de filme, imagens em continuidade; aparentemente, não há som. Além disso, os conteúdos apresentados pelo copo não são idênticos para todos: Miguel vê apenas uma luz azulada; já Car, sua esposa, observa um pequeno filme de guerra, extremamente sanguinário.

O casal passa os dias seguintes conversando sobre o copo, e se questionam sobre as imagens apresentadas. “Que exércitos seriam aqueles? Que gente era aquela que assim lutava selvagemmente?” (MONTEIRO, 1969, p. 83). A única conclusão a que chegam é que o filme apresenta pessoas de uma época passada, haja vista que hoje não se luta com lanças e espadas. “A guerra, agora, é um negócio organizado. Destrói-se, mata-se, de maneira científica” (MONTEIRO, 1969, p. 83)

Poder-se-ia pensar que o narrador, ao se utilizar do adjetivo “científica”, estivesse argumentando que a guerra atual (na época da escrita do conto) não era feita às loucas, sem método, agredindo todo e qualquer inimigo que aparecesse. Não obstante - tendo visto a análise das obras anteriores, onde sempre a humanidade é destruída ou corre esse risco – parece-me que o uso do adjetivo está ligado à ciência, pois a tecnologia colabora ativamente com a guerra. Talvez, para JM, a guerra em si já seja uma ciência, ou haja espécie de “ciência da guerra”. Mais uma vez, a ciência aparece plena de seu componente ideológico.

Novamente, o casal passa a observar o interior do copo, e Car vê:

[...] grandes ruínas. Não podem ser cidades antigas. [...] Cabeças enormes! Uma mulher com quatro seios, não, seis! [...] aquele homem... Tem quatro braços [...] Correm todos para cima deles... estão estraçalhando o cachorro! Estão... comendo! [...] É outro grupo de pessoas [...] Deformadas, maltrapilhas, esqueléticas. (MONTEIRO, 1969, p. 85)

O interior do copo mostra a imagem fantástica e aterradora de seres humanos deformados, comendo um cão. A construção do fantástico se dá pelo

que se vê no copo e a atmosfera de horror decorre da observação de seu conteúdo. Toda a construção da atmosfera decorre de um único objeto.

Car prossegue vendo o filme no interior do copo e, numa tabuleta, vê a seguinte frase: “Drink Coca-cola” (MONTEIRO, 1969, p. 87) e a partir daí conclui que “o que estamos vendo são cenas do futuro. É o que espera o homem... Ruínas, volta à barbárie... criaturas deformadas pela radiação atômica... Fome, miséria...” (MONTEIRO, 1969, p. 87). Essa conclusão da personagem é um dos pontos mais curiosos do conto, porque, em nenhum momento, o narrador afirma que se trata realmente disso, é apenas a constatação de Car, e não somos obrigados a concordar com ela. O filme pode retratar uma realidade alternativa, ou ainda, ficção pura. Porém, tendo em mente a ficção especulativa de Jerônimo Monteiro, tendo a concordar com a leitura de Car acerca do conteúdo exposto pelo copo, pois JM, como se vê em toda a sua obra, tende a considerar que o fim da humanidade se dá por meio do uso da tecnologia desvinculada da moral, a serviço de alguma ideologia, o que caracterizaria a deformidade causada pela radiação atômica.

Não obstante, embora o tema da radiação seja apresentado no conto, não consigo categorizá-lo como de ficção científica, mesmo soft; para mim, ele pertence ao gênero da literatura fantástica. O copo de cristal pode ser perfeitamente entendido em termos de caixa-preta (*input* -> observação do copo; *output* -> hipotético filme sobre a humanidade após a guerra nuclear). É importantíssimo notar como o contexto de publicação da obra, que equivale ao contexto dos leitores quando do lançamento do livro, faz com que certas conclusões sejam tomadas, impossibilitando uma leitura mais aberta do conto.

Além disso, na totalidade ficção especulativa de JM, o copo é o que mais se identifica com a ideia latouriana de caixa-preta. Além das possibilidades de *input* e *output*, não sabemos quem produziu o copo, nem de onde ele veio: pode ter sido feito por um alienígena, por um mago, ou ainda, por qualquer outro homem. Sua origem e composição são um completo mistério, nada se sabe a respeito dele, mas mesmo assim ele é utilizado. Nada se sabe e nem se saberá, pois, ao fim da história, o narrador descreve um incêndio no local onde o artefato permanecia, e o copo desaparece para sempre.

3.5.4 Missão de Paz

O conto *Missão de Paz*, originalmente escrito na cidade de Mongaguá, em 1964, retrata a chegada de extraterrestres a Terra, numa missão de desarmamento mundial. O texto é de FC *soft*, pois não se preocupa, em momento algum, com qualquer aspecto científico: os alienígenas são inseridos na narrativa e apresentam sua missão, porém, o que realmente importa é a reação humana a esses seres vindos do espaço. Ou seja, o texto é *soft* em todos os sentidos: da falta de explicação científica ao foco nas relações e reações humanas.

O “Departamento de Sinais UFO” (MONTEIRO, 1969, p. 93) capta sinais radiofônicos não terrestres; a transmissão diz o seguinte: “Desceremos próximamente. Aguardem novas comunicações”. Os jornais, rapidamente, transformam a novidade em manchete, publicando-a em caixa alta:

“TRIPULANTES DE DISCOS VOADORES COMUNICAM-SE COM A TERRA! POR MEIO DE EMISSÃO RADIOFÔNICA AVISAM QUE DESCERÃO DENTRO DE ALGUNS DIAS!” (MONTEIRO, 1969, p. 95)

A atmosfera fantástica, em nível mundial, é criada a partir de uma manchete de jornal. Toda a população fica em pânico ou extasiada frente à notícia. Porém,

Daí para diante, jornais, revistas, rádio, televisão – todos os meios de informação e divulgação ficaram a serviço da espetacular novidade: os discos voadores preparavam-se para descer! E, como era de se esperar, jornalistas imaginosos, pseudocientistas afobados, certos escritores, discursadores de grupinhos- apossaram-se do tema e trataram-no sob todas as formas, especialmente as mais inverossímeis, absurdas e assustadoras, já que se tinha semeado longamente, por todos os meios, a ideia de que seres de outros mundos, quando viessem à Terra, seria para conquistá-la e dominar a humanidade. (MONTEIRO, 1969, p. 95)

Dessa forma, o Pânico toma ainda mais conta da população. Porém, os alienígenas, mandam outra mensagem, tentando acalmar os terráqueos:

“Desceremos dentro de 30 dias. Preparem o espírito. Somos visitantes de paz. Não queremos ser recebidos com hostilidade. Temos meio de neutralizar qualquer violência que se faça contra nós” (MONTEIRO, 1969, p. 96). Toda a criação do clima fantástico, inicialmente, dá-se por meio da imprensa, constante transmissora de conteúdos alarmistas referentes à chegada dos discos voadores; dessa forma, os personagens já vivem numa ambientação fantástica e de medo antes mesmo do contato.

Outro ponto importante aparece no trecho supracitado. O narrador fala em “pseudocientistas afobados”, mas em momento algum mostra cientistas preocupados com o possível contato. Sabendo da apreciação de JM pelo Realismo Fantástico, que apesar de ser crítico à ciência está longe de ser uma corrente científica, o que será que ele entendia por pseudociência? Por que, em momento algum, a narrativa descreve cientistas tentando explicar o contato? Para mim, no que tange à segunda questão, fica clara a preocupação de Jerônimo Monteiro com a reação humana frente o contato alienígena; talvez, para ele, as explicações científicas venham em segundo plano.

O narrador cria um corte no texto, introduzindo elementos de brasilidade: Valéria, nunca antes citada, vai visitar a mãe em Iguape, descrita como “[...] uma cidade encantadora, primitiva, pitoresca, estacionada há alguns séculos entre o Oceano Atlântico e o Rio Ribeira de Iguape” (MONTEIRO, 1969, p. 89). Em Iguape, após a visita e acompanhada pela família, Valéria vai a um sítio, onde todo o grupo vê o disco voador:

imensa torta de ferro brunido, pairava a dois metros do solo [...] Sizenando, Benedito e as mulheres foram tomados de pânico. Persignaram-se, disseram esconjuros [...] O disco se pôs a descer, lentamente, vibrando. Então, tias e primos largaram em doida, correria para o lado da casa. Valéria, porém, ali ficou, firme, embora temerosa (MONTEIRO, 1969, p. 98-99)

Os trechos supracitados apresentam a brasilidade a partir de uma perspectiva de personagens litorâneos, que, na cronologia textual, são os primeiros a ver o disco voador. Para afugentar o medo e a falta de conhecimento conectada ao tema, os personagens usam credences religiosas.

Assim, o narrador apresenta a religiosidade popular como uma configuração da brasilidade.

Da nave que Valéria observava, desce um homem , “um senhor de meia idade, mais gordo que magro, meio calvo, estatura média, rosto roliço e corado – a última das criaturas que se esperaria ver sair de um veículo do espaço” (MONTEIRO, 1969, p.99). Valéria faz uma série de perguntas e o “senhor calvo e roliço” explica que é humano brasileiro (Valéria pensava ser russo¹⁴⁵) e que os alienígenas capturaram um indivíduo de cada país, a fim de melhor conhecerem seus hábitos.

A ação volta para a cidade grande (o narrador não especifica qual), onde um disco voador pousa e, mesmo avisando sobre suas intenções pacíficas, é recebido por fortes tiros. Por fim, o disco, voltando a voar, pede que sejam tomadas as seguintes medidas: “evacuar todos os locais do mundo em que haja bombas atômicas” (MONTEIRO, 1969, p. 105). Os seres humanos não fazem isso; os alienígenas voltam e destroem todo o armamento atômico mundial. Humanos que estavam nesse lugares morrem, pois os líderes não evacuaram as áreas. Os alienígenas deixam a seguinte mensagem:

Nossa missão de paz foi cumprida. Agora os seres humanos poderão prosseguir em suas tarefas, sem a ameaça constante das guerras, sem à sujeição eterna à força. Todos os recursos financeiros e científicos dos homens poderão, daqui em diante, ser dedicados aos trabalhos da paz, ao progresso, à felicidade. Viemos à Terra em nome dos planetas habitados da nossa galáxia, para realizar esta obra, já que era a Terra o único planeta cujos habitantes se autodestruíam [...] Só aqui se fabricavam armas, só aqui havia guerras. (MONTEIRO, 1969, p. 110)

Fica clara a crença de Jerônimo Monteiro que, por si só, o homem entraria numa guerra nuclear, causando sua própria destruição. Porém, para

¹⁴⁵Desde os primeiros avistamentos dos foo-fighters (esferas alaranjadas e cheias de luz vistas por pilotos, a partir da Segunda Grande Guerra), foi aventada a hipótese de serem considerados armas soviéticas. A personagem Valéria afirma a crença nessa hipótese, devido à aparência humana da pessoa que desce da nave. (SUENAGA)

ele, faz-se necessária uma intervenção de outras inteligências – alienígenas, no texto – para que o homem não destruísse a si mesmo. Ao que tudo indica, a bomba de Hiroshima realmente impressionou o autor, afinal, esse é seu único texto onde aparece claramente a questão do desarmamento nuclear. Mais uma vez, JM pensa no absurdo real de uma ciência a serviço da guerra, ou de um único grupo. Todavia, como afirma o próprio texto, devem ser dedicados aos trabalhos da paz, ao progresso, à felicidade.

3.5.5 – O Fantástico e o Fantástico Absurdo: “Um Braço na Quarta Dimensão” e “O Sonho”

Como dito anteriormente, na introdução ao item 5, os contos e “Um Braço na Quarta Dimensão” e “O Sonho”, não são por mim considerados como ficção científica. Não obstante, eles apresentam elementos de brasilidade e algumas passagens ligadas à ciência que, no meu entender, justificam sua inclusão nessa tese. Além disso, ambos tratam de um tema bastante insólito: amputações fantásticas. Primeiramente, apresentarei um breve resumo dos contos, não um resumo acompanhado de análise, como nos itens anteriores; depois levantarei aspectos de brasilidade e outros ligados à ciência. Em relação ao fantástico, os inusitados resumos darão conta.

O conto “Um Braço na Quarta Dimensão” traz como personagem o “Seu Zé”, uma espécie de pedreiro que, quando submetido a forte nervosismo, teleporta-se, porém raramente volta ao lugar de origem. Ele perde seu braço ao se teleportar de volta: o membro fica preso numa parede. Em “O Sonho”, algumas pessoas ao redor de uma mesa tentam explicar a natureza do sonho, porém, o relato de um senhor muito medroso e perneta – Seu Almeida - está além de qualquer explicação: ao acordar de um sonho passado na Segunda Grande Guerra, onde tomar um tiro na perna, o senhor acorda sem a perna; ela simplesmente desapareceu.

Em termos de brasilidade, vemos que Jerônimo Monteiro não apenas descreve paisagens ou fauna e flora brasileira, mas passa a descrever a formação do caiçara:

Agora já não vou tanto ao mar. À medida que a gente vai se tornando caiçara deixa de ter aquele interesse citadino pelo banho de mar. [...] para a gente que mora à beira da praia, já a atração do banho de mar não é tão grande. As ondas estão ali mesmo. A qualquer momento pode-se mergulhar nelas, é só querer. (MONTEIRO, 1969, p. 149)

No conto “O Sonho”, ele também deixa de lado as descrições de paisagem, mas se preocupa em mostrar hábitos brasileiros, dos habitantes do litoral sul paulista, especificamente, o hábito de tomar caipirinha enquanto se conversa: “Quando apareceu a nova rodada de caipirinha e de calabresa frita” (MONTEIRO, 1969, p. 196)

“O Sonho” aponta para diversas explicações possíveis para em que se constitui o sonhar, todas elas dadas por participantes da conversa regada a caipirinha, a típica conversa de boteco num ambiente doméstico. O personagem espírita diz que o sonho quase sempre se trata de uma premonição; outro conviva tenta uma explanação científica, e aponta que o sonhar é o resultado inconsciente de algumas células cerebrais; por fim, o terceiro comensal, dando explicações parapsicológicas, observa que o sonho pode ser a recepção de um aviso enviado por alguém, e compara o cérebro a um aparelho de rádio. Não obstante, após o relato de Seu Almeida, nenhuma explicação funciona. Nem a ciência, nem a parapsicologia, nem o espiritismo resolvem o problema sobre a natureza onírica. Jerônimo Monteiro, ao redigir esse conto, possivelmente quis, supostamente, mostrar que, quaisquer que sejam os avanços humanos em quaisquer áreas, sempre haverá algo inexplicável, algo que nunca se deixará explicar. Quiçá, para ele, essa seja uma das belezas da vida, conforme vimos na introdução de “3 Meses no Século 81”.

Em “Um Braço na Quarta Dimensão”, a ciência aparece num desejo do personagem-narrador: levar Seu Zé a um cientista brasileiro – chamado de

André Carneiro –para que ele estudasse o caso de Seu Zé. O narrador pensa consigo mesmo:

“Eu já lera muito sobre os fenômenos parapsíquicos, supranormais. Sabia que não é nenhuma bobagem. Tanto que em Utrecht, Holanda, funciona o instituto de Parapsicologia, fundado pelo prof. Tenhaeff¹⁴⁶, catedrático da Universidade daquela cidade, e sua cátedra é, exatamente, dessa matéria: parapsicologia. (MONTEIRO, 1969, p. 160)

O excerto supracitado chama a atenção em dois sentidos. O narrador personagem chama o parapsicólogo de André Carneiro¹⁴⁷, fazendo clara referência ao escritor brasileiro homônimo de ficção científica, considerado como um dos melhores, possivelmente o melhor, pelo fandom nacional. Além disso, o personagem-narrador refere-se à Parapsicologia, mas não de forma vaga, ele cita, inclusive, a cidade de Utrecht, cujo Congresso Internacional de Parapsicologia, em 1953, inseriu a Parapsicologia no rol das ciências. Assim, a parapsicologia é mais uma fonte para Jerônimo Monteiro, além da ciência, do Realismo Fantástico e do Espiritismo.

3.6 Conclusões sobre a Ficção Científica de Jerônimo Monteiro.

A análise dos livros de FC de Jerônimo Monteiro propiciou-me uma série de elementos passíveis de incrementar a discussão acerca do autor, assim como lançou maiores luzes a respeito de suas preferências temáticas, percepção da ciência, compreensão da brasilidade e do fantástico. A escolha por uma apresentação cronológica também se mostrou profícua, haja vista ter

¹⁴⁶ Wilhelm Tenhaeff (1894 – 1981), doutor em Psicologia, estabeleceu, com sua nomeação, a cadeira de Parapsicologia, na Universidade de Utrecht. Com ele, pela primeira vez, a Parapsicologia passou a ser estudada nos meios acadêmicos, enquanto campo do saber.

¹⁴⁷

possibilitado a percepção das mudanças temáticas em JM, assim como ter permitido sua compreensão da ciência.

Inicialmente, é importante dizer que todos os temas centrais do autor, desde o romance “O Ouro de Manoa” (1974), são caixas pretas: a região do Amazonas é uma caixa preta em “O Ouro de Manoa” (1974), “3 Meses no Século 81” (1947), “A Cidade Perdida”, (1948) e “Fuga para Parte Alguma” (1961); ainda em “Fuga para Parte Alguma”, o crescimento das formigas também pode ser visto como caixa-preta; em “Visitantes do Espaço” (1963), a anatomia alienígena e a tecnologia dos discos voadores também se constituem em caixas-pretas. Nos contos presentes em “Tangentes da Realidade” (1969), há diversas caixas pretas: artefatos alienígenas (“Pedras Radiantes” e “O Copo de Cristal”), estações espaciais (“Estação Espacial Alpha”), genética e embriologia (“O Elo Perdido”), teleporte (“Um Braço na Quarta Dimensão”) e o sonho (conto homônimo). Com isso, quero dizer que o autor, ao apresentar tais temas, não os explica nem caracteriza ou explicita sua formação¹⁴⁸, e esse aspecto é constante na totalidade da FC de Jerônimo Monteiro. Posso citar, como exemplo, a viagem ao futuro realizada por Campos em “3 Meses no Século 81”: o narrador mostra que a travessia foi efetuada por meio de mediunidade, mas não explica como a mediunidade possibilitou a viagem. Isso acontece nos outros trabalhos do autor: em nenhum dos volumes da trilogia atlante¹⁴⁹, nem em “O Ouro de Manoa”, sabe-se como os atlantes estão presentes na região amazônica; em “Visitantes do Espaço”, não se sabe como os alienígenas (ionas) chegaram ao planeta Terra; nos contos de “Tangentes da Realidade”, não se tem um conhecimento completo da genética, não se sabe como o teleporte e o sonho funcionam etc.

Assim, os dois temas principais de Jerônimo Monteiro - a região amazônica e os atlantes – são duas caixas pretas que se interligam nos quatro primeiros livros aqui analisados. Essa ligação, muitas vezes, busca atender a um hipotético nacionalismo do autor, que vê o território amazônico como

¹⁴⁸ Esse aspecto será retomado em maior profundidade na conclusão geral, a fim de problematizar a distinção entre FC *soft* e *hard*, com base no conceito de caixa-preta.

¹⁴⁹ “3 Meses no Século 81”, “A Cidade Perdida” e “Fuga para Parte Alguma”.

ocupado pelos últimos atlantes e considera o território brasileiro como região onde se originou o homem.

A brasilidade é trabalhada em todas as obras do autor, principalmente por meio da descrição de paisagens brasileiras e pela preocupação com o protagonismo brasileiro em campos científicos, expresso de forma metonímica na viagem de Campos “3 Meses no Século 81”, ao século 80. Porém, em minha opinião, o principal ponto de brasilidade na obra de Jerônimo Monteiro é o tratamento dado à ciência na obra “A Cidade Perdida”: o autor, claramente, utiliza-se de cientistas e intelectuais brasileiros em sua obra. Todo o terceiro capítulo mostra a discussão, entre os dois protagonistas, para justificar a viagem até a região amazônica; essa conversa se constitui na apresentação de ideias da ciência – apresentada pelos respectivos nomes de cientistas – pelos personagens. Assim, além da descrição geográfica, da fauna e da flora - assim como da presença de hábitos brasileiros na narrativa (principalmente em “O Copo de Cristal”, “Um Braço na Quarta Dimensão” e “O Sonho” – Jerônimo Monteiro apresenta, exclusivamente em “A Cidade Perdida”, elementos e personagens da ciência brasileira.

Contudo, os outros textos analisados não trazem essa preocupação em citar cientistas e seus trabalhos; antes refletem a posição do autor perante a ciência e suas implicações sociais. Pela análise vista no presente capítulo, pode-se considerar como altamente possíveis algumas posições de Jerônimo Monteiro em relação à C&T:

- a) Nem todos os problemas podem ser resolvidos pela ciência: “3 Meses no Século 81” (o conhecimento espírita efetua a viagem no tempo, não o científico); “A Cidade Perdida” (a ciência não dá conta de explicar a região amazônica, a solução é dada pelo Realismo Fantástico); “O Elo Perdido” (a genética ainda não explica uma série de coisas).
- b) Dissociado da ética ou da moral, o conhecimento científico e tecnológico pode ser desastroso: “3 Meses no Século 81” (a humanidade sucumbe); “Fuga para Parte Alguma” (“a humanidade sucumbe outra vez); “O Copo de Cristal” (no futuro, a humanidade sucumbirá); “Estação Espacial Alpha” (o planeta terra é destruído).

- c) A ciência, quando isolada da sociedade, tem pouca ou nenhuma serventia: “Fuga para Parte Alguma” (a “Academia de Ciências”, isolada no continente australiano, é incapaz de resolver o problema das formigas).
- d) A ciência deve estar aberta a outros tipos de conhecimento, em vez de ficar fechada em si mesma: “3 Meses no Século 81” (metapsíquica); “A Cidade Perdida” (Realismo Fantástico); “O Sonho” (parapsicologia).

Esse último item (d) é constante em toda a obra analisada de Jerônimo Monteiro - inclusive na coluna “Panorama” - onde os elementos de ciência coexistem com os do Realismo Fantástico, conforme visto no presente capítulo. Dessa forma, a construção do fantástico em JM, não é um processo puramente imaginativo, mas, além disso, o autor bebe nas fontes literárias do Realismo Fantástico, propondo interessante diálogo entre estas e o conhecimento científico.

CONCLUSÃO

Conclusão

O trabalho de pesquisa foi extremamente válido, pois possibilitou compreender a ficção científica de Jerônimo Monteiro em diversos aspectos: temas principais, desenvolvimento e mudanças de seu trabalho, relações entre suas obras e a ciência e o fantástico, a gênese de algumas de suas ideias e, inclusive, alguns aspectos da formação do fandom brasileiro.

Estudar Jerônimo Monteiro e sua obra foi uma escolha altamente positiva, pois, além de eu gostar do escritor (como visto em “Introdução”) e reconhecer a importância de sua obra, também o vejo, principalmente por meio da leitura e análise da coluna “Panorama”, como uma espécie de aglutinador da ficção científica de sua época. Ele organizava eventos ligados à FC, em 1965 fundou a Sociedade Brasileira de Ficção Científica (SBFC), e mantinha regulares encontros com leitores e outros autores do gênero. A “Panorama”, principalmente a partir de 1965 (ou seja, um ano após a fundação da SBFC), tornou-se veículo para JM falar sobre FC, além de um espaço onde os leitores poderiam se informar sobre o autor, suas obras, o gênero propriamente dito e – talvez esse seja o ponto mais importante – encontrar eventos onde podiam se encontrar (leitores e autores), dessa forma configurando o inicial fandom da FC no Brasil. Pelo que se depreendeu da leitura e análise da coluna “Panorama”, a carreira de Jerônimo Monteiro, enquanto colunista e autor de FC ia muito bem: os leitores trocavam correspondência com ele e perguntavam sobre suas obras, particularmente se seriam reeditadas e como as adquirir. Porém, infelizmente, em 1970 – um ano depois da publicação de sua antologia de contos “Tangentes da Realidade” (1969) – antes de se aposentar, Jerônimo Monteiro veio a falecer.

Não obstante as poucas fontes concernentes à biografia de JM – muitas vezes impeditivas de maior esclarecimento cronológico sobre a vida do autor – a confecção do perfil biográfico-literário (capítulo 1), apresentou uma série de elementos que mostram características caras à Jerônimo Monteiro, tanto em sua obra de ficção científica quanto na coluna “Panorama”: a mistura entre ciência e imaginação ou fantasia, o incentivo aos autores nacionais de literatura

fantástica, a presença do autor em ambientes científicos e esotéricos, além de sua convivência com Monteiro Lobato.

Todos esses pontos biográficos aparecem na documentação utilizada para o perfil. Em 1948, um ano após publicar “A Cidade Perdida”, Jerônimo Monteiro mostrou a importância de reunir ciência e imaginação numa FC de qualidade, ao responder à carta do jovem Rubens Francisco Lucchetti (1930), na Gazeta Juvenil (MONTEIRO, 1948a). E a recomendação de JM a Lucchetti é justamente o que se viu em “3 Meses no Século 81” (1946) e “A Cidade Perdida”(1947), ou seja, respeitar o conhecimento científico e, de resto, deixar a imaginação correr, assim misturando imaginação e ciência. Essa é a tônica da ficção científica de Jerônimo Monteiro, presente na totalidade de suas obras.

Prenunciando a criação de SBFC (1965), Jerônimo Monteiro, no ano de 1959, pede aos autores brasileiros que se dediquem mais ao gênero fantástico, conforme se viu em sua Introdução à antologia “Conto Fantástico” (1959). JM percebe que os temas fantásticos são pertinentes ao gosto brasileiro, e não entende a pouca dedicação dos autores nacionais à literatura especulativa. Essa foi um constante batalha em sua vida, a luta pelo reconhecimento da literatura de gênero e sua popularização, sempre ligada à apreciação nacional. Jerônimo Monteiro não só escreveu ficção científica e a divulgou por meio das colunas “Panorama” e “Admirável Mundo Novo”, mas, além disso – e nunca é demais repetir – organizou o fandom nacional por meio de reuniões e sociedades.

Os excertos documentais apresentados no perfil biográfico literário também mostraram os ambientes por onde JM circulava e, provavelmente, de onde tirava algumas de suas ideias. Em 1953 – na década de 1950, Jerônimo Monteiro não publicou nenhum romance – JM participou da fundação da Sociedade Interplanetária que, apesar de científica, pretendia estudar um tema clássico à ficção científica: a viagem a outros planetas e as possibilidades turísticas decorrentes. Enquanto ficcionista, Jerônimo Monteiro cria que os autores de FC deviam sempre estar em contato com a vanguarda da ciência (MONTEIRO, 1953a).

Porém, Jerônimo Monteiro não só freqüentava ambientes científicos ou literários, como também visitava espaços esotéricos, inclusive publicando em seus veículos. No ano de 1966, JM escreveu, no “Almanaque do Pensamento” – publicado pela “Editora Pensamento”, ligada ao “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento” (CECP) – um texto onde, além de criticar a ciência oficial e estabelecida - defendia as hipóteses da origem americana do homem e da existência do continente de “Atlântida” (MONTEIRO, 1966a). Não se pode esquecer que, 17 anos antes, em 1948, Jerônimo Monteiro publicara o romance “A Cidade Perdida”, onde os protagonistas, por meio de uma discussão científica onde são citados cientistas brasileiros e estrangeiros, confirmam as hipóteses anteriormente expostas.

Essa confluência entre o científico e o esotérico, ou o científico e o fantástico, é constante na obra de FC de JM, e também na coluna “Panorama”, a qual, aliada à brasilidade, é, no meu entender, a principal assinatura de Jerônimo Monteiro, uma das grandes permanências a ser observada em sua literatura e coluna.

Aliás, o contato com a “Panorama”, permitiu-me tomar contato com Jerônimo Monteiro colunista, que eu pouco conhecia. Assim, pude conhecer diversas e novas facetas do autor, sendo o humor ao tratar de temas científicos ou de ficção científica o mais marcante. Em 1958 – primeiro ano de publicação da coluna – JM já apresentou o fantástico, ao falar das águas vermelhas do lago Morat e apresentar um hominídeo himalaio semelhante ao abominável homem das naves. No ano de 1959, o tema principal nas poucas colunas encontradas é a corrida espacial, principalmente no aspecto da oposição entre norte-americanos e soviéticos, porém, os textos aparecem de forma bem humorada e curiosa. Em 1960, por sua vez, a coluna “Panorama” começa, no campo temático, a tomar suas características permanentes: são apresentados temas científicos e de Realismo Fantástico, além disso, há uma nota que mostra o lado humano do cientista, ao mostrar que esse também pode se render às paixões, tornando-se inclusive um homicida passionai. Pela primeira vez na coluna, JM deu tratamento fantástico a um tema científico: para ele, entender a estrutura do átomo assemelha-se a um conto de fadas.

O ano de 1962 foi marcado, na coluna, pelos descompassos entre o conteúdo da coluna e os conteúdos científicos do jornal. Esse aspecto também marcou os anos de 1966 e 1967, e apareceu em todos os outros anos de publicação da coluna, mas de forma inferior aos três anos aqui citados. Tendo isso em vista, é mister realizar alguns comentários sobre a coluna: em nenhum momento, a “Panorama” foi uma coluna de divulgação científica, nem o pretendeu ser. Conforme se percebe pelas relações entre análise de conteúdo e morfológica, o espaço dedicado, na coluna, a textos sobre ciência e ficção científica flutuou entre 10% e 25 %, inexistindo diversas vezes, ou seja, os conteúdos científicos e de ficção científicas eram poucos. É preciso notar que, em primeiro lugar, a “Panorama” era uma coluna de variedades, e os assuntos científicos e tecnológicos, quando presentes, são tratados de forma principalmente engraçada e divertida, objetivando divertir o leitor. A análise morfológica corrobora esse aspecto, haja vista que a coluna “Panorama” sempre esteve acompanhada por sessões ligadas ao lazer e aos divertimentos, entre elas: “Horóscopo”, “Histórias em Quadrinhos”, roteiros de rádio e televisão etc. Assim, o descompasso entre os conteúdos da “Panorama” e os conteúdos científicos apresentados no jornal – seja na página da coluna, na ao lado, no caderno, ou ainda em todo o jornal – mostra claramente a intenção de Jerônimo Monteiro ao redigir a coluna: seu principal objetivo era divertir o leitor, e, quando trabalhava conteúdos científicos, fazia-o de forma divertida, bem-humorada e engraçada, muitas vezes relacionando conteúdos científicos e fantásticos.

Em 1961 – ano em que JM publicou “Fuga para Parte Alguma” – a coluna foi marcada pelo humor excessivo do autor e pela crença nas capacidades da inteligência humana; no ano de 1963 (Jerônimo Monteiro publicou “Visitantes do Espaço”) não encontrei nenhum material importante para a análise.

O contato com os catastrofistas foi o destaque de 1964. Nas colunas do ano em questão, Jerônimo Monteiro claramente fez questão de mostrar algumas opiniões antagônicas ao conhecimento científico, citando literalmente diversos autores, em especial Immanuel Velikovski (1859 – 1979), principalmente conhecido por seu livro “Mundos em Colisão”. Assim, JM mostra

sua abertura a interpretações diferentes das dadas pela ciência oficial. Esse aspecto também aparece claramente em sua obra literária, como visto nos anteriores “3 Meses no Século 81” (1947) e no posterior “Tangentes da Realidade” (1969).

Em 1965 (mesmo ano da fundação da ABFC), Jerônimo Monteiro, principalmente no aspecto temático, dá à “Panorama” os conteúdos que seriam tratados (sempre observando a proporção de 10% a 20%) até sua morte (1970). No ano, os assuntos enfatizados foram ciência, ficção científica e realismo fantástico: em janeiro, JM reproduziu um escrito de Alexandre Braghine sobre a Atlântida; em março, citou as elocubrações do antropólogo Loren Eiseley acerca da possibilidade de vida alienígena inteligente; em abril, mostrou uma pesquisava estadunidense que objetivava descobrir a veracidade da quiromancia; em julho, transcreveu trechos do autor de ficção científica George Harry Stine; em novembro, citou outro autor de FC, Clifford D. Simak; finalmente, em dezembro, cita literalmente o livro “O Despertar dos Mágicos” (PAUWELS e BERGIER, 1964), uma das bases da corrente realista fantástica, propositora da confluência entre conhecimentos científicos da época e saberes iniciáticos da Antiguidade. Tendo tudo isso em vista, na minha perspectiva, o ano de 1965 é fulcral para uma correta compreensão do pensamento de Jerônimo Monteiro, pois a coluna “Panorama” mostra um dos aspectos centrais da obra literária do autor: a fusão entre os conhecimentos científicos e esotéricos, ou oriundos do Realismo Fantástico.

Enquanto no ano de 1968 a prioridade do autor foi dar um tratamento divertido e bem humorado a temas científicos, mostrando principalmente o lado pitoresco da ciência, em 1969 – ano da publicação de “Tangentes da Realidade”- ele passou a abordar, principalmente, seus trabalhos de FC: convida os leitores a lançamentos, conversa com eles por meio de correspondência e recomenda-lhes suas obras. A coluna “Panorama” de 1969 foi importantíssima para o presente estudo, pois confirma a primeira hipótese, apresentada na Introdução da pesquisa: JM utilizou-se de um estudo científico realizado pelo pesquisador estadunidense J. K. Tovell – “Os Donos do Mundo”, para escrever seu romance de 1961, “Fuga para Parte Alguma”. Assim,

claramente, a pesquisa científica internacional aparece na ficção científica de Jerônimo Monteiro, confirmando parcialmente uma das hipóteses.

Em 1970, a coluna assinada por Jerônimo Monteiro teve sua publicação interrompida, pois o autor faleceu. Justamente no ano da morte de JM, a coluna mostra o início da consolidação do fandom. Não obstante, a carreira de Jerônimo Monteiro também se interrompeu justamente no momento em que ele mais anunciava reuniões da ABFC e falava com seus leitores. Se continuasse vivo, provavelmente, teria publicado mais livros e continuaria escrevendo a coluna “Panorama”, sempre com o claro objetivo de divulgar a ficção científica.

Porém, a análise da coluna “Panorama” não se esgotou apenas nos pontos arrolados, ela também possibilitou a elucidação de pontos da terceira hipótese¹⁵⁰. Pude perceber, pela leitura atenta e análise da coluna (em especial dos anos de 1964 e 1965), que muitas vezes Jerônimo Monteiro se apropriou de conceitos, temas e ideias oriundas do catastrofismo e do Realismo Fantástico, principalmente no romance “A Cidade Perdida” (1948). Assim, o fantástico na literatura de Jerônimo Monteiro não foi construído tendo como fundamentação única a imaginação do autor, mas também se baseou em textos de diversas correntes. A síntese entre a ciência e o fantástico é outra constante no trabalho de JM, e aparece na totalidade da obra literária analisada.

E foi justamente na obra literária de Jerônimo Monteiro que encontrei a maior expressão do elemento mostrado anteriormente: a confluência dos conhecimentos científicos e controversos (oriundos do Espiritismo, do Realismo Fantástico e da Teosofia). Esses pontos foram encontrados, em especial, em seus dois primeiros romances de ficção científica – “3 Meses no Século 81” (1947) e “A Cidade Perdida” (1948) - e na antologia “Tangentes da Realidade” (1969). No que tange às duas primeiras obras citadas, percebe-se que são anteriores à “Panorama”, porém já traziam em seu bojo a confluência entre o científico e o fantástico e, tendo em vista o tratamento dado ao fantástico nos dois primeiros livros, percebe-se, já no início de sua carreira enquanto autor de

¹⁵⁰Ver Introdução.

FC, certa aderência aos conhecimentos controversos. Nos romances da década de 1960 (“Fuga para Parte Alguma” – 1961; e “Visitantes do Espaço - 1963), essa aproximação de saberes não é tão grande, pois se trata de romances de ficção científica bem *soft*, onde, no meu entender, a principal preocupação de Jerônimo Monteiro foi entreter o leitor. Embora a década de 1960 seja a última para JM – ele faleceu em 1970 – e neste período seus romances sejam mais leves, a confluência entre a ciência e o fantástico ou controverso aparece transferida para a coluna “Panorama” e em todos os contos da coletânea “Tangentes da Realidade” (1969), assim como no texto presente no “Almanaque do Pensamento” (1966). Dessa forma, a predisposição para juntar duas formas de conhecimento aparentemente antagônicas é constante em Jerônimo Monteiro. Em relação à década de 1950, pode-se dizer que esta permaneceu enigmática para a compreensão da vida do escritor e cronista, haja vista que o único documento referente à época diz respeito à entrada de JM para a “Sociedade Interplanetária”, assim como os três primeiros anos da coluna “Panorama”. Contudo, pela observação de alguns pontos levantados no perfil biográfico-literário (capítulo 1) – os quais não são totalmente confiáveis, conforme já observado – presumo que, na década de 1950 – Jerônimo Monteiro dedicou-se principalmente a atividades de cunho editorial, na editora “Abril”.

Embora a coluna “Panorama” não apresente quase nenhum elemento de brasilidade – excetuando-se conteúdo anedótico semelhante à piada envolvendo professores da USP (1970) – os livros de Jerônimo Monteiro por mim analisados sempre trazem esse aspecto. Já primeira obra que analisei – “O Ouro de Manoa” (1974), reedição com novo título de “O Irmão do Diabo” (1937) – a brasilidade é constante, principalmente, por meio da descrição das paisagens e da fauna e flora brasileiras. O narrador de “Ouro de Manoa” também faz referência aos seringueiros brasileiros e a índios, sendo ambos responsáveis pela quase totalidade da parte braçal da expedição.

Em seus romances seguintes – “3 Meses no Século 81” (1947) e “A Cidade Perdida” (1948) – a brasilidade vai muito além da descrição. No romance de 1947, o narrador descreve uma sessão espírita brasileira, responsável pelo protagonismo brasileiro no campo da viagem no tempo,

afinal, Campos viajou ao futuro por meio de um trabalho mediúnico. Mas o papel de liderança brasileira não se encontra apenas nesse aspecto: um paulistano de muito tempo atrás, em pleno século 80, salva a raça atlante de seu provável extermínio. Assim, Jerônimo mostra os seguintes pontos de brasilidade e, diria até, de nacionalismo: a) o brasileiro, por sua criatividade ou conhecimentos do oculto (ou talvez pelo reconhecimento da deficiência da C&T brasileiras), consegue superar as potências no que diz respeito à viagem no tempo; b) tendo em vista a adoção da leitura que considera a ineficiência da C&T brasileiras, mesmo imbuído desse percalço, o brasileiro consegue modificar o futuro, mesmo que bem distante; c) por sua criatividade, o brasileiro é capaz de modificar o futuro. Com esses três pontos em vista, fica clara a visão de Jerônimo Monteiro sobre a capacidade do povo brasileiro, independentemente dos avanços da C&T.

Já em “A Cidade Perdida” (1948), o nacionalismo ufanista toma duas formas, novamente buscando confirmar o grande papel reservado ao brasileiro. Por meio das conversas entre Jeremias e Salvio - principalmente as contidas no terceiro capítulo do romance – percebe-se que a aventura começou em decorrência da leitura, concordância e/ou discordância com cientistas brasileiros, especificamente antropólogos, arqueólogos e paleontólogos (esse diálogo confirma completamente a primeira hipótese, vista em Introdução). A partir dessa discussão entre os protagonistas, ambos partem para a região amazônica, onde confirmam que o surgimento do homem se deu no atual território brasileiro. Além das constantes descrições geográficas do território brasileiro, inclusive da cidade de São Paulo, Jerônimo Monteiro monta sua visão do povo brasileiro: dono de um grande passado (o berço da humanidade), o brasileiro está apto para realizar a viagem no tempo e salvar o planeta Terra (“3 Meses no Século 81”).

Em “Visitantes do Espaço” (1963), a brasilidade é mais uma vez tratada quase que apenas no aspecto descritivo, porém, o narrador faz questão de afirmar que os extraterrestres (lonas) deixaram de presente ao povo brasileiro dois de seus discos voadores. Talvez esse ponto traga uma percepção da ciência brasileira por parte de Jerônimo Monteiro: ela só melhorará com ajuda vinda de fora (“Visitantes do Espaço”) e, apesar de nosso passado glorioso (“A

Cidade Perdida”), conseguiremos grandes avanços, como a viagem no tempo, por meios não científicos (“3 Meses no Século 81”), e salvaremos o planeta num futuro distante (“3 Meses no Século 81”), porém, a humanidade está fadada à extinção (“Fuga Para Parte Alguma”). Ou seja: independentemente da profundidade de sua ciência e tecnologia (essa muitas vezes advinda de outras partes), o povo brasileiro tem um passado glorioso e influirá decisivamente no futuro da humanidade, que sucumbirá perante o uso de uma ciência sem ética e distante da sociedade.

Tendo isso em vista, e não deixando de lado a importantíssima ilação entre o científico e o fantástico, a leitura da ficção científica de Jerônimo Monteiro, permitiu-me levantar alguns pontos presentes em toda a sua ficção, responsáveis em sua grande parte por mostrar a visão do autor concernente à ciência e seus limites:

- À época, a ciência não é capaz de resolver todos os problemas: o espiritismo possibilita a viagem no tempo, não a ciência (“3 Meses no Século 81”); o conhecimento científico, seja ele brasileira ou estrangeiro, não permite, isoladamente, a compreensão do povoamento da região amazônica e o verdadeiro entendimento da origem do homem, sendo necessário o auxílio do Realismo Fantástico e da Teosofia (“A Cidade Perdida”); a genética ainda é falha na explicação de certas mutações (“O Elo Perdido”);
- A ciência e a tecnologia sempre devem estar ligadas a uma ética ou moral superior, ou são perigosas para o homem. (“3 Meses no Século 81”, “Fuga para Parte Alguma”, “Estação Espacial Alpha” e “O Copo de Cristal”). Esse ponto confirma a segunda hipótese (ver Introdução), onde é exposto que, para Jerônimo Monteiro, o papel social da ciência é primordial: a ciência deve ser feita para servir o homem, não o contrário;
- Se praticada de forma externa à sociedade, ou isolada, a ciência tem pouquíssima serventia, como visto principalmente em “Fuga para Parte Alguma”;
- O conhecimento científico não deve se restringir a si próprio, mas também dialogar com conhecimentos oriundos de outras áreas, inclusive espiritualistas ou esotéricas: esse item resume a síntese que Jerônimo

Monteiro efetua, tanto em suas obras literárias, quanto na coluna “Panorama”. Em minha leitura, esse item é a característica principal de JM, e está ininterruptamente presente em todo o material analisado, inclusive em sua biografia.

Finalmente, apresento novamente uma discussão envolvendo o conceito latouriano de caixa-preta. Como se viu anteriormente, na conclusão do capítulo 3, muitos objetos e espaços, na ficção científica de Jerônimo Monteiro, constituem-se em caixas pretas. Contudo, essa constatação de pouco serve, talvez apenas introduza um novo conceito, oriundo dos estudos de C&T, às pesquisas referentes à ficção científica. O interessante, de fato, é perceber como esse conceito se comporta nos dois tipos de FC: a *soft* e a *hard*.

Jerônimo Monteiro sempre escreveu ficção científica *soft*, ou seja, principalmente preocupada com questões políticas ou de relacionamento humano, e cuja base são as ciências sociais ou *soft sciences*. Ainda assim, sua obra é repleta de caixas-pretas. Embora não seja possível estudar a inexistência de caixas pretas em JM, principalmente devido ao tipo de FC que ele escreve, é interessantíssimo refletir sobre como essas categoria se comporta na ficção científica *hard*, principalmente em novos estudos ou pesquisas ligadas ao tema da ficção científica. Por exemplo, se o romance “*White Devils*”¹⁵¹ (MCAULEY, 2004) fosse analisado, nenhum de seus elementos poderia ser lido como uma caixa-preta, haja vista que o narrador explica tudo cientificamente. De acordo com Latour (2000), os discursos científicos podem ser vistos como uma caixa-preta¹⁵², porém, em minha aplicação do conceito, percebo que na ficção científica *hard*, ou seja, a que é explicitamente calcada em conhecimentos científicos, inexistem caixas-pretas, embora elas estejam sempre presentes na FC *soft*, que prescinde do

¹⁵¹Citei esse romance de FC *hard*, pois o conheço bem e entrevejo a aplicação do ideia de caixa-preta em sua análise. O romance é altamente *hard*, pois uma das grandes preocupações do autor é explicar a diferença entre o DNA genômico e mitocondrial e extrapolar ideias da biotecnologia a partir dessa distinção. Para mim, a leitura foi extremamente complexa.

¹⁵²Ver Capítulo 1.

conhecimento científico. Para mim, essa relação é bastante curiosa, e possibilita uma nova visão sobre a aplicabilidade dos conceitos latourianos no estudo da ficção científica.

Seria demasiado interessante, numa leitura analítica de qualquer autor de ficção científica, perceber os diversos graus de abertura das caixas-pretas ficcionais e, dessa forma, periodizar a produção do escritor. No caso de Jerônimo Monteiro, apesar de toda a sua ficção científica ser *soft*, é possível perceber uma única e pequena abertura, a utilização de autores científicos brasileiros e estrangeiros, em “A Cidade Perdida” (1948), justamente o segundo romance de FC de JM; depois, as caixas permanecem sempre fechadas. Com essa observação em mente, não posso deixar de imaginar como seria a análise de um autor brasileiro de uma obra brasileira de ficção científica *hard*, como a “Trilogia Padrões de Contato” (2018), do escritor brasileiro Jorge Luiz Calife.

Nesse momento em que a ficção científica se afirma mais uma vez como gênero de grande presença - tanto na literatura quanto em séries e no cinema, além de jogos digitais e de RPG – estudar a obra de Jerônimo Monteiro pareceu-me de grande importância, pois possibilitou melhor compreensão acerca um momento da história da ficção científica brasileira. Notadamente, os fãs e entusiastas do gênero têm o desejo de conhecer mais detalhadamente os principais autores nacionais do gênero e suas obras, a fim de melhor conhecerem o gênero e perceber que a ficção científica brasileira já possui uma tradição: em partes, essa tradição deveu-se à figura de Jerônimo Monteiro – sempre dedicado à escrita e, principalmente, à divulgação do gênero. Não obstante a importância de suas obras, é impossível deixar de perceber o esforço de JM em promover o gênero, por meio da fundação da Associação Brasileira de Ficção Científica, em 1965, dos jantares e reuniões mencionados na coluna “Panorama” e pelo contato com os leitores por meio dessa coluna. Se a carreira de Jerônimo Monteiro não tivesse sido interrompida de forma brusca por seu falecimento – no ano de 1970, quando ele contava com 61 anos e articulava a coluna “Panorama” como espaço para discussão do gênero ficção científica – creio que ele continuaria escrevendo e divulgando o gênero.

Não considero Jerônimo Monteiro o melhor escritor brasileiro de ficção científica, principalmente devido ao seu estilo literário. Porém, não posso deixar de vê-lo como um dos precursores da ficção científica no Brasil, em especial por ser o primeiro a se dedicar quase que totalmente à literatura de gênero no país, e lutar por sua maior divulgação. Indubitavelmente, sua obra deixa-nos um interessante posicionamento literário perante a ciência, seus limites e alcance, mas também mostra o interesse na construção de um conhecimento científico mais dialógico, sempre amparado por outros saberes.

A obra de Jerônimo Monteiro ainda deixa campo a inúmeras outras pesquisas. O romance “A Cidade Perdida”, talvez o melhor trabalho do autor, possibilita diversos estudos, principalmente para os interessados na relação entre história alternativa e pré-história brasileira. A coluna “Admirável Mundo Novo” não foi estudada e, certamente, complementaria vários pontos aqui apresentados, além de introduzir outros novos.

Por fim, o que me parece mais marcante na obra de Jerônimo Monteiro (e fiz questão de frisar esse aspecto diversas vezes), é a constante relação entre o conhecimento científico e outros saberes, a qual muitas vezes se por meio de uma dialética cuja síntese é apresentada na obra do autor. Essa marca autoral poderia ser estudada em muito maior profundidade, por meio da leitura de todas as obras de realistas fantásticas citadas por JM e futura comparação com os conteúdos de seus romances ou contos. Eis aí minha sugestão para futuros trabalhos!

REFERÊNCIAS

A) Obras de Jerônimo Monteiro:

Livros:

MONTEIRO, Jerônimo. **A Cidade Perdida**. São Paulo: Nacional, 1948.

_____. **Fuga Para Parte Alguma**. Salvador: GRD, 1961.

_____. **O Irmão do Diabo**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. **O Ouro de Manoa**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

_____. **Tangentes da Realidade**. São Paulo: 4 Artes, 1969.

_____. **Três Meses no Século 81**. Rio de Janeiro: Globo, 1947

_____. **Os Visitantes do Espaço**. São Paulo: Edart, 1963.

Colunas “Panorama”:

MONTEIRO, J. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p. 7, 12 de julho de 1958a.

_____. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p. 7, 17 de outubro de 1958b.

_____. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p. 7, 21 de novembro de 1958c.

_____. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p. 7, 12 de dezembro de 1958d.

_____. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p.2, 2 de janeiro de 1959a.

- _____. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p.2, 27 de fevereiro de 1959b.
- _____. Panorama. **Folha da Noite**. São Paulo, p.2, 20 de março de 1959c.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 1 de fevereiro de 1960a.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 15 de março de 1960b.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 17 de abril de 1960c.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 20 de maio de 1960d.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 8 de junho de 1960e.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.7, 10 de julho de 1960f.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 10 de agosto de 1960g.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 29 de setembro de 1960h.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.8, 2 de outubro de 1960i.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 18 de outubro de 1960j.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 7 de outubro de 1960k.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.10, 4 de outubro de 1960l.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.7, 13 de janeiro de 1961a.
- _____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.7, 17 de fevereiro de 1961b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.8, 10 de março de 1961c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.7, 12 de maio de 1961d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 2 de junho de 1961e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 28 de julho de 1961f.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 11 de agosto de 1961g.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 1º de setembro de 1961h.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 17 de novembro de 1961i.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 26 de janeiro de 1962a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 14 de abril de 1962b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 16 de junho de 1962c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 10 de agosto de 1962d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 22 de setembro de 1962e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.7, 12 de outubro de 1962f.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 7 de dezembro de 1962g.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.2, 9 de janeiro de 1963a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.2, 12 de fevereiro de 1963b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 29 de agosto de 1963c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 10 de abril de 1963d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 23 de abril de 1963e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 30 de janeiro de 1964a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 13 de fevereiro de 1964b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 17 de julho de 1964c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 28 de agosto de 1964d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 25 de novembro de 1964e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 7 de janeiro de 1965a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.1, 7 de fevereiro de 1965b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 1º de abril de 1965c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 21 de maio de 1965d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 18 de junho de 1965e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 30 de julho de 1965f.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.2, 1º de novembro de 1965g.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 13 de outubro de 1965h.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 9 de dezembro de 1965i.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.3, 27 de dezembro de 1965j.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 17 de junho de 1966a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 25 de novembro de 1966b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 30 de dezembro de 1966c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 25 de fevereiro de 1966d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 11 de março de 1966e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5, 25 de fevereiro de 1967a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 1º de abril de 1967b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 30 de maio de 1967c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 8 de setembro de 1967d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 15 de dezembro de 1967e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 16 de fevereiro de 1968a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 29 de março de 1968b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 3 de maio de 1968c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 21 de junho de 1968d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 13 de setembro de 1968e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.6, 4 de outubro de 1968f.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 28 de fevereiro de 1969a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 18 de abril de 1969b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 13 de junho de 1969c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 9 de maio de 1969d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 10 de outubro de 1969e.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 19 de dezembro de 1969f.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 15 de janeiro de 1970a.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 16 de janeiro de 1970b.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 30 de janeiro de 1970c.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 15 de maio de 1970d.

_____. Panorama. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.4, 5 de fevereiro de 1970e.

Outros escritos de Jerônimo Monteiro:

MONTEIRO, J. Editorial. **GAZETA**. São Paulo, p. C1, 11 de março de 1948a.

_____. Monteiro Lobato. **GAZETA**. São Paulo, p. C3, 12 de agosto de 1948b.

_____. O Brasil e a Atlântida. **Almanaque do Pensamento**. São Paulo, Pensamento: 1966.

B) Obras Consultadas:

ALLEN, L. David. **No Mundo da Ficção Científica**. São Paulo: Summus, 1974.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. **Físicos, Mésons e Política – A Dinâmica da Ciência na Sociedade**. Rio de Janeiro, São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **O Cruzeiro e a Construção de um Mito na Ciência**. Rio de Janeiro: Perspicimlimum, v. 8, n 11, 1994. [p 107 – 137]

ASHLEY, Mike. **The Illustrated Book of Science Fiction Lists**. London: Virgin Books, 1982.

ASIMOV, ISAC. **No Mundo da Ficção Científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

ASSIS, Jesus de Paula. **Exploradores do futuro – H. G. Wells**. São Paulo: Duetto editora.

BARRON, Neil (Ed.). **Anatomy of Wonder: A Critical Guide to Science Fiction**. New Providence: R.R. Booker, 2004.

BERGUIER e PAUWELS. **O Despertar dos Mágicos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965, 462 p.

BONIN e KIRCHOF. **Entre o bom selvagem e o canibal: representações de índio na literatura infantil brasileira em meados do século XX**.
(<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5064>) (visto em 4/6/2016)

BRONOWSKI, Jacob. **O Olho Visionário – Ensaio sobre Arte, Literatura e Ciências**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

CALIFE, J. L. **Trilogia Padrões de Contato**. São Paulo: Devir, 2018.

CARDOSO e BRIGNOLLI. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

CARONE, Edgard. **A República Velha**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.

CARNEIRO, André. **Introdução ao Estudo da Science Fiction**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Imprensa Oficial do Estado, 1967.

CLARESON, Thomas. **The Emergence of Science Fiction**: The Beggining Through 1915” in BARRON: Anatomy of Wonder 4. (p. 5)

CLUTE, John. **Science Fiction**. The Illustrated Encyclopedia. London: Dorling Kindersley, 1995;

CUNHA, Fausto. **A ficção científica no Brasil**: um planeta quase desabitado, *in*: ALLEN, L. David. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus editorial, 1974.

DUVERGER, Maurice. **A Imprensa como Objeto de Estudo da Ciência Política**. In “A Imprensa como Objeto de Estudo das Ciências Sociais”. São Paulo: ECA / USP, 1970 (Curso de Jornalismo Comparado 4)

FALCON, Francisco. **História das Idéias** *in* FLAMARION CARDOSO, CIRO; VAINFAS, RONALDO: **Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (pp. 91 – 126)

FERNANDES, Ana Maria. **A Construção da Ciência no Brasil e a SBPC**. Brasília: UNB, 1989.

FIKER, Raul. **Ficção Científica**: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época. Porto Alegre: L&PM Editores, Coleção Universidade Livre, 1985.

FINOTI, Ivan. **De Volta para o Futuro**. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, p. 1. (2 de janeiro de 1999)

FLAMARION CARDOSO, CIRO; VAINFAS, RONALDO. “**História e Análise de Textos**” in **Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (pp.375 – 400)

CARDOSO e BRIGNOLLI. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

GINWAY, M. Elizabeth. **Ficção Científica Brasileira – Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro**. São Paulo: Devir, 2005.

_____. **Visão Alienígena: Ensaios sobre Ficção Científica Brasileira**. São Paulo: Devir, 2010.

_____. **The Amazon in Brazilian Speculative Fiction: Utopia and Trauma**. In Revista Alambique, volume 3 (2015), 1º número. (visto em 12/5/2016): <http://scholarcommons.usf.edu/alambique/vol3/iss1/3/>

GIROLDO, Ramiro. **Alteridade à Margem: Estudo de as Noites Marcianas**, de Fausto Cunha. São Paulo: Tese de doutorado para o programa de Literatura Brasileira, FFLCH / USP, 2012.

GODOY OTERO, Leo. **Introdução a Uma História da Ficção Científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.

HAHN, Fábio André. **História Intelectual: Uma Nova Perspectiva**. (<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=37>) (visto em 27/5/2016)

HAMPEJS, Zdenek. **Linguagem da Imprensa Brasileira Contemporânea**. São Paulo: ECA / USP, 1970.

KAYSER, Jacques. **Une Semaine das Le Monde** (Étude Comparée de 17 Grands Quotidiens pendant 7 jours). Paris: UNESCO, 1953

KAYSER, Jacques. **El Periódico** – Estudios de Morfologia, de Metodologia y de Prensa Comparada. Quito: CIESPAL, 1964. 2 ed.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1990.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LE GOOF, Jacques (org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LUCKHURST, Bruno. **Bruno Latour's Scientifiction: Networks, Assemblages, and Tangled Objects**. In Science Fiction Studies #98, vol 33, março/2006 (<http://www.depauw.edu/sfs/backissues/98/luckhurst.html>) (visto em 5/5/2016)

MAGALHÃES: O que é Fanzine. São Paulo; Brasiliense, 1998.

MARTINS, Alice Fátima. **Saudades do Futuro: Ficção Científica no cinema e o imaginário Social sobre o devir**. Brasília: Editora da UNB, 2013.

MATANGRANO e TAVARES. **Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo**. São Paulo: Arte & Letra, 2018.

MCAULEY, P. **White Devils**. London: Simon and Schuster, 2004.

MELO, José Marques de. **Análise morfológica e de conteúdo de 10 jornais paulistanos**. São Paulo: Escola de Comunicações Culturais, 1968.

MELO, José Marques de. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.

MOISÉS, Massaud. **Guia Prático de Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MORAN, Violette. **Aplicação de um Método de Análise da Imprensa**. São Paulo: ECA, 1970. (Curso de Jornalismo Comparado 9)

Moskowitz, Sam. **Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom**. New York: Hyperion Books, 1974.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

REIS, J. A Sociedade Interplanetária. **Folha da Noite**. São Paulo, p. 10, 27 de abril de 1953.

ROAS, David. **A Ameaça do Fantástico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

ROBERTS, Adam. **A Verdadeira História da Ficção Científica: Do preconceito à conquista das Massas**. São Paulo: Seoman, 2018.

RODRIGUES, José Honório. **A Perspectiva História e a História Contemporânea in História, Corpo do Tempo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Teoria da História do Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, s/d .

SCHROEDER, Gilberto. **Ficção Científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da Comunidade Científica no Brasil**. RJ: FINEP, 1979, 466 p.

SEBE BOM MEIHY, José Carlos. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002, 4 ed, 250 p.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1998.

SIMÕES RENSI, Leila Teresinha. **A Obra Infanto-juvenil de Jerônimo Monteiro: Modelo para Consumo**. São Paulo: dissertação apresentada na UNICAMP, 1988.

SKORUPA, Francisco. **Viagem às Letras do Futuro: Extratos de Bordo da Ficção Científica Brasileira: 1947 – 1975**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A Ficção do Tempo**. Análise da Narrativa de Science Fiction. Petrópolis: Vozes, 1973.

SOUZA CAUSO, Roberto de. **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____. **Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica**. São Paulo: Devir, 2007.

_____. **Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica: Fronteiras**. São Paulo: Devir, 2009.

Stiles, Anne. **Popular Fiction and Brain Science in the Late Nineteenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SUPIA, Alfredo. **Cartografias para a Ficção Científica Mundial: cinema e literatura**. São Paulo: Alameda, 2017.

TAVARES, Bráulio. **O que é Ficção Científica**. São Paulo: Brasiliense. 1986 (Coleção Primeiros Passos, volume 169)

_____. **O Rasgão no Real: Metalinguagem e Simulacros na Narrativa de Ficção Científica**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

_____. **Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 1992. (Coleção Debates 98)

ULLMAN, Dana. **Homeopatia** - Medicina para o Século XXI. São Paulo: Cultrix, 1988.

VIEIRA, Cássio L. **Pequeno Manual de Divulgação Científica.** São Paulo: CCS / USP, 1998.

WEBER, Max. **A Ciência como Vocação in Ciência e Política – Duas Vocações.** São Paulo: Cultrix, s/d. [pp 17 – 54]

WESTFAHL, Gary (ed.). **The Greenwood Encyclopedia of Science Fiction and Fantasy: Themes, Works, and Wonders.** Westport: Greenwood Press, 2005

WELDERS, Jutta (Ed.). **To Seek Out New Worlds: Exploring Links Between Science Fiction and World Politics.** New York: Palgrave Macmillan, 2003.

Wihe, J. V. **Science and Pseudoscience: A Primer in Critical Thinking.** In Encyclopedia of Pseudoscience, pp. 195-203. California: Skeptics Society, 2002.

WOLFE, Gary K.: **Critical Terms for Science Fiction and Fantasy: A Glossary and Guide to Scholarship.** New York: Greenwood Press, 1986.

ZALUAR, A. E. **O Doutor Benignus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

ZIMAN, John: **O Conhecimento Confiável: uma Exploração dos Fundamentos para a Crença na Ciência.** Campinas: Papirus, 1996.

C) Sites e documentos eletrônicos:

ADEPT EXPEDITIONS. **Augustus Le Plongeon**. [S. l.] [2009?] Disponível em: < <https://adeptexpeditions.com/augustus-le-plongeon/>>. Acesso em : 11 jan. 2017

ATLANTIPEDIA. **ATLANTIPEDIA**. [S. l.] [2004?]. Disponível em: < <http://atlantipedia.ie/samples/>> Acesso em: 13 dez. 2016.

BARALDI, Marcio. **Jayme Cortez, o Mestre dos Mestres Brasileiro**. [S. l.] [2011] Disponível em: < <https://www.bigorna.net/index.php?secao=osimortais&id=1300496012>> Acesso em: 3 fev. 2015.

BIBLIOTECA PLEYADES. **Vymanika Shastra Rediscovered**. [S. l.] [2001] Disponível em: < <https://www.bibliotecapleyades.net/vimanas/vimanas.htm#menu>> Acesso em: 27 ago. 2018.

BORCK, Cornelius. **Communicating the Moderns Body**. Montreal: McGill University [2007] Disponível em: < <https://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/viewFile/1876/1959>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

BRILL, Naomi. **Biography**. Nebraska: Loren Eiseley Society. [2005?] Disponível em: <https://www.eiseley.org/biography.php> Acesso em: 14 fev. 2017.

CECP. **Quem Somos**. São Paulo [2015]. Disponível em: < <http://cecpensamento.com.br/quem-somos/>> Acesso em: 11 jan. 2015.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Gumerindo Rocha Dorea**. São Paulo: Itaú Cultural [2020]. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa502009/gumerindo-rocha-dorea>> Acesso em: 20 mar. 2020.

ENCICLOPAEDIA BRITTANICA. **Florentino Ameghino**. [S. l.] [2019] Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Florentino-Ameghino>> Acesso em: 16 set. 2019.

ENCICLOPAEDIA BRITTANICA. **William W. Howells**. [S. l.] [2019] Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/William-W-Howells>> Acesso em: 11 nov. 2019.

ENCICLOPAEDIA BRITTANICA. **Sir James Jeans**. [S. l.] [2019] Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/James-Jeans>> Acesso em: 9 nov. 2019.

FIORAVANTI, Carlos. **Doutor Benignus e os Extraterrestres**. Revista Pesquisa Fapesp, São Paulo, 2016, edição 250, dezembro de 2016. Disponível em: < <https://revistapesquisa.fapesp.br/2016/12/16/doutor-benignus-e-os-extraterrestres/>> Acesso: 10 mai. 2017.

GUTIEREZ, Grégory. **Le discours du réalisme fantastique: la revue Planète**. Paris [2015?] Disponível em: < <http://greguti.free.fr/litt/gutierrez-planete.PDF>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

JOURNAL OF PHYSICAL ANTHROPOLOGY. **The Ales Hrdlicka Prize**. EUA. [2007] Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20071023202342/http://www.physanth.org/annmeet/prizes/hrdlicka.html>> Acesso em: 14 jun. 2017.

PORTAL INTERCOM. **José Marques de Melo**. [S. I.] [2017?] Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/memoria/depoimentos/jose-marques-de-melo/perfil>> Acesso em: 22 ago. 2017.

PROJTRAD. **Perry Rhodan**. [S. I.] [2016?]. Disponível em: <http://www.projtrad.org/index.php?option=com_content&view=category&id=14&Itemid=603> Acesso em: 5 abr. 2017.

RAEL.ORG. **Perguntas Frequentes**. Rio de Janeiro [2016?]. Disponível em: <<https://pt.rael.org/faq>> Acesso em: 18 mar. 2018.

REDE DE ASTRONOMIA OBSERVACIONAL. **Jean Nicolini**. [S. I.] [2018?] Disponível em: <<http://www.rea-brasil.org/solar/jn.htm>> Acesso em: 14 jun. 2018.

SILVA, Luís Filipe. **Glórias e Agruras de uma Coleção de Ficção Científica: a “Argonauta” vista pelos testemunhos de personalidades lusófonas do gênero**. [S. I.] [2016?]. Disponível em: <<http://colecaoargonauta.blogspot.com/p/glorias-e-agruras-de-uma-colecao-de-fc.html>> Acesso em: 12 nov. 2018.

SF-ENCYCLOPEDIA. **Campbell, John W, Jr**. [S. I.] [2016?]. Disponível em <http://sf-encyclopedia.com/entry/campbell_john_w_jr> Acesso em: 02 jul. 2014.

SF-ENCYCLOPEDIA. **Carneiro, André**. [S. I.] [2013?]. Disponível em <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/carneiro_andre> Acesso em: 11 jun. 2016.

SF-ENCYCLOPEDIA. **Doyle, Arthur Conan**. [S. I.] [2011?]. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/doyle_arthur_conan> Acesso em: 19 fev. 2017.

SF-ENCYCLOPEDIA. **Gernsback, Hugo**. [S. I.] [2011?]. Disponível em <http://sf-encyclopedia.com/entry/gernsback_hugo> Acesso em: 11 jun. 2015.

SF-ENCYCLOPEDIA. **Heinlein, Robert A**. [S. I.] [2011?] Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/heinlein_robert_a> Acesso em: 2 mai. 2016.

SF-ENCYCLOPEDIA. **New Weird**. [S. I.] [2017?] Disponível em <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/new_weird> Acesso em: 27 fev. 2017.

SF-ENCYCLOPEDIA. **Simak, Clifford D**. [S. I.] [2011?] Disponível em <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/simak_clifford_d> Acesso em: 6 mai. 2015.

SIEGELBAUM, Debbie. **Documentos revelam duas décadas de buscas por OVNIS nos EUA**. BBC News Brasil. [2015]. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150124_eua_ovni_hb Acesso em: 27 dez. 2016.

THE NOBEL PRIZE. **Charles Richet Biographical**. [S. l.] [2019?] Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/medicine/1913/richet/biographical/> . Acesso em: 20 mar. 2020.

THE VELIKOVSKY ENCYCLOPEDIA. **Immanuel Velikovsky**. [S. l.] [2008] Disponível em: < <https://www.velikovsky.info/> > Acesso em: 3 jul. 2015.

WIKIPEDIA. **Aníbal Matos**. [S. l.] [2011?] Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%ADbal_Mattos > Acesso em: 3 jan. 2018

WIKIPEDIA. **Conrad Vernom Monrton**. [S. l.] [2010?] Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Conrad_Vernon_Morton > Acesso em 4 jan. 2018.

WIKIPEDIA. **Heinrich Faust (Meteorologe)**. [S. l.] [2017?] Disponível em: < [https://de.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Faust_\(Meteorologe\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Faust_(Meteorologe)) > Acesso em: 1 mar. 2017.

WIKIPEDIA. **Jean Rostand**. [S. l.] [2016?] Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Rostand > Acesso em: 14 fev. 2016.

WIKIPEDIA. **Leo Szilard**. [S. l.] [2015?]. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Leo_Szilard > Acesso em: 7 set. 2017

WIKIPEDIA. **Nelson Palma Travassos**. [S. l.] [2017?] Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Palma_Travassos > Acesso em: 20 jun. 2017.

WIKIPEDIA. **PETER Wilhelm Lund**. [S. l.] [2012?] Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Wilhelm_Lund > Acesso em: 13 ago. 2017.

WIKIPEDIA. **Renato Castelo Branco**. [S. l.] [2016?]. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Renato_Castelo_Branco > Acesso em: 29 jul. 2016.

WIKIPEDIA. **Rubens Teixeira Scavone**. [S. l.] [2015?]. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubens_Teixeira_Scavone > Acesso em: 20 jan. 2015.

WIKIPEDIA. **William Cecil Dampier**. [S. l.] [2015?] Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/William_Cecil_Dampier > Acesso em: 8 mar. 2015.

WORLDCON. **Worldcon History**. [S. l.] [2000?] Disponível em: < <http://www.worldcon.org/worldcon-history/> > Acesso em: 1 abr. 2016

APÊNDICES

A) Teses e Dissertações defendidas na USP:

ADOUE, Silvia Beatriz et CATANI, Afrânio Mendes (orientador): *Cinema de ficção científica e alfabetização cinematográfica: duas experiências – estudo comparativo entre Brasil e Argentina.* São Paulo: PROLAM, 2002. 110 p. Dissertação de mestrado.

ASSIS, Jesus de Paula et MIRANDA, Orlando Pinto (orientador): *Antiutopias: experimentos imaginários em sociologia.* São Paulo: FFLCH, 1995. 229 p. Tese de doutorado.

BARBOSA, Jorge Luiz et CARLOS, Ana Fani A. (orientadora): *As paisagens crepusculares da ficção científica: a elegia das utopias urbanas do pós-modernismo.* São Paulo: FFLCH, 2002. 245 p. Tese de doutorado.

BERTOLOTTO, Rodrigo Marcelo Viña et CEVASCO, Maria Elisa Burgos da Silva (orientadora): *Utopias pós-modernas: uma leitura da trilogia marciana de Kim Stanley Robinson.* São Paulo: FFLCH, 2009. 106 p. Dissertação de mestrado.

CONCEIÇÃO FILHA, Virgínia Fabiano da et ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento (orientadora): *Jornada nas Estrelas: audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve - a cultura tecnológica e o aparecimento de novas utopias.* São Paulo: FFLCH, 1997. 149 p. Dissertação de mestrado.

CUZZIOL, Marcelo Fernandes et AVIGHI, Carlos Marcos (orientador): *200.000 léguas interativas: a edição da literatura de ficção científica no meio digital.* São Paulo: Eca, 2002. 161 p. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Fábio et CASTILHO, Kathia (orientadora): *A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura.* São Paulo: ECA, 2006. 107 p. Dissertação de mestrado.

FURLANETTO, Elton Luiz Aliandro et SOARES, Marcos César de Paula (orientador): *Reificação e utopia na ficção científica norte-americana da Guerra Fria*. São Paulo: FFLCH, 2010. 200p. Dissertação de mestrado.

GUIRAU, Marcelo Cizaurre et SOARES, Marcos César de Paula (orientador): *Figurações da Indefinição: a epistemologia travada de Matrix*. São Paulo: FFLCH, 2007. Dissertação de mestrado.

NOBOA, Igor Carastan et SILVA, Marcos Antônio da (orientador): *Filmes do fim do mundo: ficção científica e Guerra Fria (1951 / 1964)*. São Paulo: FFLCH, 2010. Dissertação de mestrado.

NORONHA, Márcio Pizarro et VIDAL, Lux Boelitz (orientador): *Um estudo do corpo humano enquanto objeto estético de fronteira: o embrião-feto-bebê em suas formas figurativas*. São Paulo: FFLCH, 1999. Tese de doutorado.

PIASSI, Luiz Paulo de Carvalho et PIETROCOLA, Maurício (orientador): *Contatos: a ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural*. São Paulo: FE, 2007. 462 p. Tese de doutorado.

PIETRARIOIA, Fabio Lacerda Soares et MOTTER, Maria Lourdes (orientadora): *Rádio, ficção e realidade: Repensando a “Guerra dos Mundos” de Orson Welles*. São Paulo: ECA, 2004. 245 p.

TOLEDO, Rubens Eduardo Monteiro de et GUIDI, Mário Arturo Alberto (orientador): *Cinematografia de ficção científica e cibercultura*. São Paulo: ECA, 2005. 163 p. Tese de doutorado.

VEDOVATO, Maurício et LYRA, Maria Bernardette Cunha (orientadora): *O duplo e o simulacro em Blade Runner e em Matrix*. São Paulo: ECA, 2002. 147p. Dissertação de mestrado.

Teses e Dissertações defendidas na UNICAMP:

BALDESSIN, Marcell Giglioli Stoppa et BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas (orientador): *A ficção científica como derivação da utopia : a inteligência artificial.* Campinas: IEL, 2006. Dissertação de Mestrado.

FAUZA, Michel Jalil et SABINSON, Eric Mitchell (orientador): *R.U.R. (Rossum's Universal Robots) e a genese do robo na literatura moderna.* Campinas: IEL, 2008. Dissertação de Mestrado.

LEONARDO, Edivaldo Marcondes et SPERBER, Suzi Frankl (orientadora): *A ficção científica no Brasil nas décadas de 60 e 70 e Fausto Cunha.* Campinas: IEL, 2007. Dissertação de Mestrado.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira et Ramos, José Mario Ortiz (orientador): *Limite de alerta! Ficção científica em atmosfera rarefeita : uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood.* Campinas: IA, 2007. Tese de doutorado.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira et NAGIB, Lucia (orientadora): *A metropole replicante de metropolis a Blade Runner.* Campinas: IA, 2002. Dissertação de Mestrado.

APÊNDICE B - Exemplo de tabela onde se levantou todo o conteúdo da coluna “Panorama” no ano de 1960:

Panorama – 1960		
Data	Página	Conteúdo
Janeiro		
Nada Consta.		

Fevereiro		
Data	Página	Conteúdo
01/02	5 (2ª edição)	“Pode-se criar um super-homem? (Cérebro hereditário)
03/02	4	Tranquilizantes no Pentágono; Aurora da Humanidade (irônico)
05/02	7	Casas hermeticamente fechadas no futuro; Charge com robô (imagem)
11/02	3	Novo tipo de pneumático; Relógio de pulso elétrico; A dor e a cor dos olhos.
16/02	4	Borracha elétrica para máquina de escrever (Imagem); Ciência e Religião (título de uma revista editada pela Academia das Ciências da URSS, com texto de J. Bernal, membro da Real Sociedade de Londres.)
17/02	4	Coleção de borboletas deixada de herança por pesquisador a museu. Primeiro vôo com motor humano (imagem).
18/02	3	Casa das aves do Parque Zoológico de San Paolo e difícil reprodução de aves; Balança robô (imagem); Mein Kampf.
21/02	5	Variedades.
23/02	4	Charge com robô (imagem).
24/02	4	Bomba atômica por país (texto espirituoso).

25/02	8	Influência da cor.
26/02	5	Variedades.
28/02	5	Quase sem perceber um homem surdo inventa o fonógrafo (Thomas Edison) (Imagem). (Na mesma página, anúncio de livro sobre discos voadores.)

Março		
Data	Página	Conteúdo
06/03	5	Variedades.
08/03	4	Baixos e altos. (Ponto mais baixo da superfície terrestre)
09/03	4	Variedades.
10/03	8	Mal da TV (dor muscular causada pela televisão); Megatério (Imagem)
15/03	4	Pintura superconsciente (analogia entre o homem e o Cosmo); Comentário do prof. H. R. Dean sobre o câncer (ambos os textos são irônicos.)
16/03	4	Rádios de Moscou comunicam-se diretamente com seus pontos. Variedades.
19/03	3	Variedades.
20/03	7	Expedição em busca da existência do Yeti.
23/03	4	Radar para cegos; vitamina do espinafre.
24/03	3	Alma Penada. (quase ilegível)
27/03	5	Variedades.
Abril		
01/04	4	Variedades.
02/04	4	Diógenes do séc. XX (imagem); Charge com astronautas (imagem)
03/04	5	Galinhas botam duas vezes ao dia, por meio de luzes artificiais.
10/04	5	Variedades.
17/04	5	Biólogo assassino nos EUA. Anúncios de livros:

		“La Astronautica” e “A Espécie Humana”.
19/04	4	Estranho objeto cilíndrico caiu do céu, na Itália.
20/04	4	Variedades.

Maio		
Data	Página	Conteúdo
10/05	4	Variedades.
11/05	4	Variedades.
20/05	3	Monteiro Lobato não usaria a farda da academia.
22/05	7	Peixe reduz colesterol do sangue. (Vejam só)
29/05	7	Custo de foguetes. (Coluna próxima à matéria “Planeja-se construir uma cidade na Lua”).
31/05	4	Variedades. (Próxima à matéria “Duvidoso que Germes de outros planetas contaminem a terra”)

Junho		
Data	Página	Conteúdo
08/06	4	Espessura do fio de cabelo. Tatuagem higiênica. (Próxima à matéria “Curso de Astrobiologia”)
10/06	3	Cartomante no RJ. Correspondência.
12/06	7	Variedades.
15/06	4	Variedades.
29/06	4	Variedades.

Julho		
Data	Página	Conteúdo
02/07	4	Variedades.
03/07	5	Quanto mais longe melhor! (Piada com astrônomo)
05/07	4	52 anos de insônia (imagem).
07/07	4	Variedades.
09/07	4	Variedades.

10/07	7	Teatro juvenil moscovita sobre marcianos. De acordo com determinado professor, no ano 2000, homens já não possuirão dedos dos pés. Franceses e a medicina.
13/07	4	O Homem, esse atrevido (cientista consegue reativar funções de células animais e humanas congeladas há um ano). Charge em hospital (piada).
14/07	4	Outra previsão apocalíptica que falhou.
15/07	7	Anticoagulantes para ratos.
17/07	5	Mistérios da Vida (viagem à Lua; difícil leitura).
21/07	4	Aeromotocicleta (imagem)
22/07	7	Substância química que espanta tubarões. Esfera Sonora (imagem).
23/07	4	Variedades.
24/07	8	Escova dental elétrica.
26/07	4	Relógio eletrônico. Máquina que vira páginas (imagem).
28/07	4	Variedades.
29/07	7	Monumento ao Sputnik. Chá contra radiações. Piada com dentista.

Agosto		
Data	Página	Conteúdo
04/08	4	Variedades.
07/08	8	Mecanização na Europa.
10/08	4	Maior telescópio do mundo na URSS.
20/08	4	Vidente vê que dará tudo errado (Tudo Negro). Piada envolvendo solitária.
24/08	4	Charge com médico (imagem)
28/08	6	Brasilíadas (Anedota envolvendo Martins Fontes)
31/08	4	Seguro contra acidentes ocorridos em viagens

		interplanetárias.
--	--	-------------------

Setembro		
Data	Página	Conteúdo
01/09	4	Contra o fogo (Centro de Pesquisas Médicas da Inglaterra);
02/09	7	Amor de Medicina (piada);
03/09	4	Trem pendular na França (imagem).
04/09	8	Variedades.
06/09	4	Piada com médicos em manicômio. (Próximo à matéria “Mapas para escolha de locais de pouso na Lua”).
07/09	4	Variedades.
08/09	4	Óculos com rádio nos EUA.
09/09	7	Brasilíadas (Carlos de Laet).
10/09	4	Variedades.
13/09	4	Brasilíadas (Benjamin Constant).
14/09	4	Despertadores e foguetes (Oberth (mestre de Von Braun) sobre foguetes soviéticos). Piada com médico.
15/09	4	Transistores revolucionaram o rádio (imagem).
16/09	7	Variedades.
17/09	2	Charge com UFO (imagem). Piada com psiquiatra.
20/09	4	Marte e a Terra (Anedota sobre vida em Marte).
21/09	4	Piada com seres de discos voadores.
22/09	4	Aí vêm os vampiros (morcegos; ilustração); Robôs nos trens de Moscou; Piada com médicos.
23/09	7	Em Marcha para o Espaço (filme para preparar o espírito de futuros astronautas soviéticos); Piada com radiologia (imagem).
24/09	4	Variedades.
25/09	7	Piada com médico (imagem)

27/09	4	Variedades.
28/09	4	Toca-discos de bolso (imagem).
29/09	4	Ruídos causam infartos (dr. Warner); Como seriam os marcianos (antropólogo dr. William Howelles – Harvard IMPORTANTE ; imagem).
30/09	7	Variedades.

Outubro		
Data	Página	Conteúdo
01/10	4	Variedades.
02/10	8	Sociedade da Terra Chata; seita do irmão Emman. Monstro marinho(IMPORTANTE) (imagem) visto por zoólogo. José Rodrigues da Costa Dória (Brasiliadas)
04/10	4	Variedades.
05/10	4	Museu Atômico no Tennessee (Imagem);
06/10	4	Variedades.
07/10	7	Avicultura e música.
08/10	4	Perigo da risada (anedota médica).
09/10	7	Vinho contra o colesterol (Universidade da Califórnia)
11/10	4	Técnico da faculdade de Biologia da universidade de Moscou grava, em disco, canto de todas as aves da cidade.
12/10	4	“A Vida de Marte” (Americanos constroem dispositivo que sobrevoará a superfície do planeta, filmando; imagem);
13/10	4	“Lar e astronáutica” (anedota real com rocket scientist); Piada com médicos.
14/10	7	Submarino a pedais (imagem);
15/10	4	“Para o Futuro”: Exposição em Paris sobre o jardim de amanhã.

16/10	7	“O Foguete Vermelho”: mentira sobre foguete atômico soviético que vai à Lua;
18/10	4	“O Átomo”: sobre o livro de Fritz Kahn (semelhança com contos de fadas);
19/10	4	Cenouras têm mais ferro que espinafre.
20/10	4	Variedades.
21/10	7	Variedades.
22/10	4	“O Amigo Urso”: anedota real com o cientista dr. Kroft (Alemanha), que usou ursos para fins experimentais.” Entre dois fogos”: trecho do livro “O Átomo” (Fritz Kahn).
23/10	8	A vaidade rende (crítica à vaidade);
25/10	4	Variedades.
26/10	4	Variedades.
27/10	4	Cardíacos nos EUA;
28/10	7	Autotelefonos. Piada com dentista. Charge com arqueólogos (imagem).
29/10	4	Só morrendo, mesmo (anedota envolvendo médico).
30/10	8	Variedades.

Novembro		
Data	Página	Conteúdo
01/11	4	Cabelos (estudo de dermatologista inglês). Umas e outras (Anedota envolvendo médicos franceses, Richet etc., da Academia de França).
02/11	4	Primeira mulher britânica a ir à Lua. Umas e outras (cirurgião americano Gushing). Associações de bruxas na Inglaterra.
03/11	4	Epopéia Moderna (Fritz Kahn, livro “O Átomo”). Comigo ninguém pode (anedota com

		farmacêutico). Coisas picantes (Lock Ness).
04/11	7	“Ficção Científica” (Divulga a GRD, assim como livros e autores; praticamente ilegível).
05/11	4	“História de uma vida” (Caso envolvendo psiquiatra e gângster). “Viagens ao Espaço” (Cientista do Pentágono nota que nenhum homem poderá passar mais de 130 dias no espaço). “Impiedade” (neurologista, praticamente ilegível).
06/11	7	Dispositivo ultrassônico para ratos. Enxerto no tímpano. (Próximo a anúncio de livraria espírita.)
08/11	4	Variedades.
09/11	4	Variedades.
10/11	4	Variedades.
11/11	7	Robô tenista (foto);
12/11	4	“Civilização” (primeiro abrigo antiatômico da Alemanha”. Giroscópio destinado a foguetes federais (imagem);
13/11	7	Bicicletas de bolso na Alemanha. Piada sobre vidente.
15/11	4	Variedades.
16/11	4	Variedades.
17/11	4	Variedades.
18/11	7	“Gasolina nele”: Incêndio no departamento de Física (anedota real). Congresso de vegetarianismo.
19/11	4	“Males dos Olhos” (Ilegível).
20/11	8	“Conselhos aos fumantes”(Imagem). O doente e o remédio (anedota com médico).
22/11	4	“A mania dos radinhos” (proibição de rádios portáteis em França). Relógios de pulso fotográficos. Mosquitos e o DDT. “Morreu por causa das estrelas” (trocadilho).
23/11	4	“Comidas Novas” (caminhamos para o mundo

		preconizado pelos autores de FC).
24/11	4	Variedades.
25/11	7	“O Mal se multiplica”.
26/11	4	Charge com médico (imagem). “Batatas fritas fazem mal” (imagem)
27/11	6	“À Procura de Adão”
29/11	4	“O Tempo não é o que pensamos (Imagem. Praticamente ilegível)
30/11	4	Variedades.

Dezembro		
Data	Página	Conteúdo
01/12	4	“Música anestésica” (Imagem). “Gelo teimoso”. “Pra que tanto orgulho”. Neuropsiquiatria (anedota envolvendo prof. Mandino)
02/12	7	“Exames” (anedota envolvendo prof. Sebastião).
03/12	4	Variedades.
04/12	6	“A família do Monstro” (Lock Ness; imagem; cientistas acompanham).
06/12	4	“VAde Retro, Satanás” (exorcismo na Polônia; imagem).
07/12	4	“Máquina de Pintar” (Imagem, ironia). Exames (quase ilegível). “Espaçonautas” (librianos serão os primeiros na Lua). Charge com laboratório (imagem; difícil leitura).
08/12	4	Variedades.
09/12	7	“Miniatura de Coração”.
10/12	4	“Prótese Milagrosa” (Moscou). Próximo à matéria sobre 64 anos do falecimento de Nobel.
11/12	6	Definição de psicanalista (ironia).
13/12	4	“O alcoolismo e o celibato” (pesquisa feita na

		França; imagem).
14/12	4	“Automatização” (imagem). “Gasolina não: Sol” (Imagem).
15/12	4	“Volta à Idade da Pedra” (Imagens).
16/12	7	“O Vinho não faz mal”.
17/12	4	“O Mestre e o Aluno” (sobre prof. De Paleontologia).
18/12	6	“Fantasia e Realidade” (Ilegível). “Ranger de dentes”.
20/12	4	“Helicóptero de bolso”. “Pelos” (estatística);
21/12	4	Variedades.
22/12	4	“Estudante” (anedota envolvendo professor de medicina).
23/12	7	“Velho Brasil” (Grande Antiguidade dos Índios Brasileiros; livro “Os Filhos do Sol”).
24/12	4	“Relaxamento” (JM experimentou).
25/12	6	Variedades (ilegível).
27/12	4	“A Vida em Nosso Dias” (Erich Fromm). “Espíritos” (Contração da madeira).
28/12	4	Variedades.
29/12	4	Variedades.
30/12	7	Variedades.
31/12	4	Testamento tatuado. “Historieta Fantástica” (Conversa entre átomos. Ironia sobre os perigos da energia nuclear. Ironia.)

Apêndice C - Tabela que originou o capítulo 2, feita a partir da seleção de conteúdo das tabelas referentes ao período 1958 – 1970:

12/09/1958	<p>Folha da Noite- pág. 14; Canto Inferior Esquerdo; Aproximadamente 1/6 da Página.</p> <p>Conteúdo: Variedades, Piadas e “Oh! O Monstro”</p>	<p>Na Mesma Página: Folha do Disco, Folha na TV, propaganda do Adhemar</p> <p>Página ao Lado: Nutrição, Sinônimo da Vida; A Semana e os Livros; Conheça-se a Si Próprio, Propaganda de Máquina de escrever FACIT e das pastilhas Vick.</p>
17/10/1958	<p>Folha da Noite – Pág. 7; Canto Inferior Esquerdo. Aproximadamente 1/6 da Página.</p> <p>Conteúdo: Variedades (tenista usa calcinha de material metálico, boi come o dinheiro do dono) e Lobo.</p>	<p>Na Mesma Página: propaganda do pente inquebrável Flamengo e do Teledrama 3 Leões. Folha Musical. A Semana e os Livros. Crônica do Dia.</p> <p>Página ao Lado: Horóscopo, Folha de Cinema, Rádio Noite e Dia, Nutrição. “Chocou um ovo de pato na axila”</p>
21/11/1958	<p>Folha da Noite – Pág. 7. Canto Superior Esquerdo da Página. Aproximadamente 1/6 da página.</p> <p>Conteúdo: “O Sangue dos Burguinhons”. Ciência x tradição?; Variedades.</p>	<p>Na mesma página: “Animal de pelo estranho no alto do Himalaia faz reviver a lembrança do Abominável Homem das Neves”; Faleceu com Quase 90 anos de Idade a irmã de Pirandello.</p> <p>Página ao lado: “Nutrição, Sinônimo de Vida”, Horóscopo e “Natação Ajuda a Reabilitar Deficientes</p>

		Físicos”
19/12/1958	<p>Folha da Noite – Ilustrada – pág. 7. Canto Superior esquerdo da página.</p> <p>Conteúdos: Miss Nigéria, De Gaule no museu de cera, e “Para as Mulheres Implicantes” (Fait Divers?)</p>	<p>Ao lado, na mesma página: propaganda de grande venda de Natal (casas Fausto) e da cerveja Malzbier; “conheça a Si próprio, Força do Hábito).</p> <p>Na página ao lado: Coluna de Quadrinhos (Aventura e Fantasia, onde há Flash Gordon; A Saúde em Primeiro Lugar, Problemas Enxadrísticos e Indicador Odontológico. Aproximadamente 1/6 da página.</p>

02/01/1959	<p>Folha da Noite – Caderno Ilustrada – Pág. 2 – Canto Superior Direito da Página – Aproximadamente 1/6 da Página.</p> <p>Conteúdo: Piadas, Variedades (Pelo no Peito) e Espetros na Igreja.</p>	<p>Ao lado na mesma página: Cinema, Horóscopo, Discos e Força do Hábito (HQ).</p> <p>Página ao Lado: Reportagem (Social), Sociais, Teatro, Televisão e Rádio.</p>
27/02/1959	<p>Folha da Noite – Caderno Ilustrada – Pág. 2 - Canto Superior Direito da Página – 1/6</p> <p>Conteúdo: Variedades, charge e “Conquista do Espaço”.</p>	<p>Ao Lado: “Indicador Odontológico” e a “Força do Hábito” e “Manuscritos de G. B. Shaw”. Propagandas Viagem econômica À Europa.</p> <p>Página ao Lado: Televisão, Horóscopo,</p>

		Rádio e “Uma Tradição da Marinha Italiana: A Frota de Salvamento e Recuperação”
20/3/1959	Folha da Noite - Caderno Ilustrada - Pág. 2 – Canto Superior Direito da Página – 1/6 Conteúdo: “Missionários do Céu”, Variedades, Charges e anedotas.	Na Página: Horóscopo, Cruzadismo Moderno, A Força do Hábito, Conheça-se a Si Próprio, Indicador Odontológico, “Continua a Polêmica sobre a fita Il Magistrato de Luigi Zampa. Página ao Lado: Rádio, Aeroporto para Foguetes deverá ser o primeiro passo na Conquista do Espaço; Uma menina desvendou o mistério que intrigava a polícia vienense.
04/1959: Aparentemente, a “Folha da Noite passou por modificações, pois não se encontrou a coluna Panorama, além de o jornal estar muito menor”		
Idem		
Idem		
Idem		
Idem		
Idem		
Idem		
Idem		
Idem 25/12/1959	Matéria ligada à Ficção Científica.	

01/1960	Nada consta	
01/02/1960 Quarta-feira	Ilustrada – Pág. 5 – Canto Superior Direito –	Pág.: Lendas Mitos e Crenças do Brasil,

	1/6 Conteúdo: Ane­dotas, charges, curiosidades e variedades. Imagem: cérebro hereditário	“Cursos, Conferências, Galerias, Recitais”, Nutrição Sinônimo de Vida (Coluna), “Inesita Barroso vai levar ao Uruguai o nosso Folclore”, Gente de Cinema. Ao lado: Propaganda: Eletro Radiobraz
15/03/1960 Quarta-feira	Ilustrada – Pág. 4 – Canto Superior Direito – 1/6 Conteúdo: Ane­dotas, charges, curiosidades e variedades. Imagem: pintura superconsciente	Pág: Teatro, “Alguns Socialistas ingleses querem sacrificar Gaitskell”, Duas Colunas para a Leitora, “Bebem muito os norte-americanos” Lado: Conferências de Paulo Duarte sobre a Pré-História: 5 de abril, Festival Chopin, Rádio e TV, Propaganda: Viação Cometa.
17/04/1960 Segunda-feira	Ilustrada – Pág. 5 – Canto Superior Direito – 1/6 Conteúdo: Ane­dotas, charges, curiosidades e variedades. Imagem: professor assassino	Pág: Rádio e TV, “A Primeira Obra Teatral de Françoise Sagan”, Nas Livrarias (Anúncios de livros) Lado: Fatos e Autores, Opiniões, Livros Novos, Correio do Rio, Vida Literária
20/05/1960 Sábado	Ilustrada – Pág. 3 – Canto Superior Direito – 1/6 Conteúdo: Ane­dotas, charges, curiosidades e	Pág.: Penteados Elegantes e Fáceis de Fazer (Coluna Feminina), Imagem de Londres, Entre duas Paixões (Romance de

	<p>variedades.</p> <p>Imagem: Estatística Rural</p>	<p>Charles Mergendahl, capítulo I), “Especialista dá conselhos aos fumantes para reduzir o risco de câncer pulmonar)</p> <p>Ao Lado: Reportagem (coluna social), Efemérides, Notas Sociais, Cartas à Redação, Paisagem e Memória, Crônica (Exigências – Rubem Braga)</p>
08/06/1960 Quinta-feira	<p>Ilustrada – Pág. 4g – Canto Superior Direito – 1/6</p> <p>Conteúdo: Aneotas, charges, curiosidades e variedades.</p> <p>Imagem: Petroleo</p>	<p>Pág.: Imagem de Paris, “Entre Duas Paixões” – capítulo VII, Curso de Astrobiologia (Possível Hoje o Estudo da Composição e Estrutura das Estrelas e Planetas), Conferências – Cursos – Recitais, Palavras-Cruzadas.</p> <p>Ao lado: HQs (toda coluna esquerda, Arsene Lupin, Flash Gordon), Vida Literária, Ciência (microterremotos)</p>
10/07/1960 Segunda-feira	<p>Pág. 7 – Canto esquerdo inferior – 1/5</p> <p>Conteúdo: Aneotas, charges, curiosidades e variedades.</p> <p>Imagem: marcianos</p>	<p>Pág.: Música Popular, Artes Plásticas, Propaganda Kolynos (+ de um ¼ da página, canto direito inferior)</p> <p>Ao lado: Cinema (“O Cinema de Mr. Hlot), Teatro, Palavras Cruzadas, Indicador Médico, Propaganda</p>

		(AMORC),
10/08/1960 Quinta-feira	Pág. 04 – Canto Direito Superior – ¼ Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades e variedades. Imagem: Mudo	Pág.: Imagem de Paris, Duas Colunas para a Leitora, Promoção “Você quer visitar Brasília gratuitamente?”, Vida Literária. Ao lado: Artes Plásticas, “A Vida é assim”, Teatro, Rádio e TV, Ciência (Leite é o melhor alimento para o homem). Propagandas: Pente inquebrável, Roupas Truflex.
29/09/1960 Sexta-feira	Pág. 04 – Canto Direito Superior – ¼ Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades e variedades. Imagem: marciano	Pág.: Imagem de Londres, Música e Disco, Horóscopo, Palavras-cruzadas, Teatro. Ao lado: Música Popular, A Saúde em Primeiro Lugar (alcoólatra), Para a Leitora, Ciência: Nutrição, Propaganda: Gomes da Costa.
02/10/1960 Segunda-feira	Pág. 8 – Canto Inferior esquerdo – 1/6 Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades e variedades. Imagem: monstro	Pág.: “jovem intelectual uruguaio desfaz o mito da ferocidade dos Motilones”, Teatro. Lado: Cinema em Todo Mundo, Anúncios de Teatro, “Bares – Boites – Restaurantes”
18/10/1960 Quarta-feira	Pág. 04 – Canto Direito Superior – 1/5 Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades e	Pág.: Imagem de Tóquio, Ciência (Sistema de Comunicação com Satélites para o Exército

	<p>variedades.</p> <p>Imagem: Átomo</p>	<p>dos EUA), A Saúde em Primeiro Lugar (Verrugas nas Solas dos Pés), Horóscopo, Narcísio Negro (Romance em Capítulos)</p> <p>Lado: Música Popular, Teatro, Rádio e TV, Morreu aos 23 anos o cantor da saudade "Casimiro de Abreu". Propaganda: I Love Lucy (TV Tupi – Canal 4)</p>
04/11/1960 Sábado	<p>Pág. 07 – Canto Direito Superior – 1/6</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades e variedades.</p> <p>Imagem: FC.</p>	<p>Pág.: Imagem de Roma, Teatro, "Fumam-se Cigarros com Vermes em todo o mundo, Cruzadismo Moderno. Cursos – Conferências – Recitais.</p> <p>Lado: Propagandas Turismo e Pesca, inclusive chamando para ver Eder Jofre lutar nos EUA; Turismo, Caça e Pesca.</p>
10/12/1960 Domingo	<p>Pág. 4 – Canto Direito Superior – 1/6</p> <p>Pág. 07 – Canto Direito Superior – 1/6</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades e variedades.</p> <p>Imagem: prótese</p>	<p>Pág.: Rádio e TV – Teatro – Artes Plásticas – Horóscopo – "Há 64 anos morria Nobel, inventor da Dinamite e Defensor Notável da Paz.</p> <p>Lado: Cinema em Todo Mundo, HQs (toda a metade direita)</p>

13/01/1961	Folha de São Paulo –	Página: Música Popular,
------------	----------------------	-------------------------

	<p>Caderno Ilustrada – Página 7 – Canto Superior Direito – Aproximadamente 1/6.</p> <p>Conteúdo: Anedotas, Notícias, “As Primeiras Invenções Humanas”, Charge (Retirado de Livro)</p>	<p>Teatro, A Doce Vida, Há 136 anos era executado Frei Caneca; Imagens de Roma, Fim de ano em Roma</p> <p>Ao Lado: Caça e Pesca (Destruído da Fauna Fluvial, Cachoeiras de Emas), Pássaros Brasileiros, As Viagens pela Rodovia Panamericana revolucionário o Hemisfério Ocidental. Propagandas de Hotéis e Empresas Rodoviárias, Turismo e Pesca.</p>
17/02/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – Página 7 – Canto Superior Direito – Aproximadamente 1/6.</p> <p>Conteúdo: Base Lunar, As Notícias, Casos e Anedotas.</p>	<p>Página: Cruzismo Moderno, Vida Literária, Teatro, Imagens de Roma.</p> <p>Ao Lado: Caça e Pesca, Realizações Humanas também atraem turistas, Propagandas de Hotéis, Rodoviárias, Turismo etc.</p>
10/3/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – Pág. 7 – Canto Superior Direito, 1/6</p> <p>Conteúdo: Um Homem tem 2 corações”. As Notícias, Anedotas.</p>	<p>Página: Teatro, Horóscopo, Imagens de Roma, Música Popular.</p> <p>Ao Lado: Caça e Pesca, Horários da Estação Rodoviária de São Paulo.</p>
21/4/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – Pág. 8 – Canto Superior Direito, 1/6</p>	<p>Página: Imagens de Roma, Horóscopo, Vida Literária, Rádio e TV, Música Popular. Curso de Pré-História Geral (O</p>

	<p>Conteúdo: Cúpula de foguetes?, Coisas, Você Sonhou, Notícias e Charges.</p>	<p>Australopiteco andava de Pé e tinha as Mãos Livres.)</p> <p>Ao Lado: Vacinações, Anúncios Médicos, A Saúde em Primeiro Lugar, Ciência (Tubarões são Atraídos por Trajes de Banho Vistosos), Álcool e Psique.</p>
12/5/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – Pág. 7 – Canto Superior Direito – 1/7</p> <p>Conteúdo: Você Sonhou, Cavalo Eletrodopado (Charge com comentário sobre cavalo na Argentina), As Notícias: Transasiática, Curiosidades, Charges, Anedotas.</p>	<p>Página: Imagem de Roma, Horóscopo, Rádio e TV, Teatro, Música Popular e Cruzadismo Moderno.</p> <p>Ao Lado: Torre de Controle, Caça e Pesca. Propagandas de Hotéis e Pesca.</p>
02/06/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – pág. 3 - Segunda Dupla de Colunas, superior à esquerda- 1/8</p> <p>Conteúdo: notícias (capacete contra a bomba A), variedades e charge.</p>	<p>Página: Notícias (Perdeu-se pelo orgulho Tchombe e De Gaulle é um homem realmente providencial, Teatro, Rádio e TV, Cruzadismo Moderno, Horóscopo e Vida Literária.</p> <p>Ao Lado: Reportagem (Nome de Coluna Social), O Problema de Cuba, Artes Plásticas, Efemérides, Notas Sociais, Para a Leitora, Música Erudita e Música Popular.</p>
28/07/1961	Folha de São Paulo –	Página: Música Erudita,

	<p>Caderno Ilustrada – pág. 3 – canto esquerdo superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Fatos e Coisas (O professor mais; charge misturada), Guerra aos Pássaros Inimigos dos Aviões, Aneodotas e Charges.</p>	<p>Artes Plásticas, Música Popular, Conferências-Cursos. Propaganda: Cheques de Viajantes e Vinho Precioso.</p> <p>Ao Lado: Reportagem (Coluna Social), Rádio e TV, Efemérides, Independência do Peru: Obra de cooperação Interamericana, Notas Sociais. Propaganda das Lojas Marie Claire.</p>
11/08/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – pág. 3 – segunda dupla de colunas superior à esquerda – 1/8</p> <p>Conteúdo: Fatos e Coisas (importante), anedotas, curiosidades e charges.</p>	<p>Página: Teatro, Cruzadismo Moderno, Música Erudita, Vida Literária, Horóscopos. Propaganda da caneta Sheaffers.</p> <p>Ao Lado: Reportagem (Coluna Social), Artes Plásticas, Efemérides, Notas Sociais, Rádio e TV, Música Popular.</p>
01/09/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – pág. 3 – colunas cinco e seis, superior esquerdo – 1/8.</p> <p>Conteúdo: Fatos e Coisas, Aneodotas, Charges. Máquina de Escrever.</p>	<p>Página: Horóscopo, Música Erudita, Artes Plásticas, Música Popular, Cruzadismo Moerno, Raio e TV. Propagandas: Caçambas, Livros, e curso de caligrafia.</p> <p>Ao Lado: Reportagem, Vida Literária, Teatro, Efemérides, Notas Sociais, Para a Leitora.</p>
13/10/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada. Pág. 3 – colunas 3 e 4 esquerdo superior – 1/8</p>	<p>Página: Artes Plásticas, Música Popular, últimos lançamentos da Ibrasa e propaganda das roupas</p>

	<p>Conteúdo: Fatos e Coisas, Drops (textos de duas linhas falando sobre alguma curiosidade mundial), Charges e Anedotas. (SEM ARQUIVO DE IMAGEM)</p>	<p>gold point na loja Cássio Muniz, pça. Da república.</p> <p>Ao Lado: Reportagem (Coluna Social), Vida Literária, Música Erudita, Efemérides, Para a Leitora, Cruzadismo Moderno, Notas Sociais.</p>
17/11/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – pág. 3 – colunas 3 e 4 superior. 1/8</p> <p>Conteúdo: Ouvidos (imagem), Anedotas e Charges.</p>	<p>Página: Reportagem (Coluna Social), Vida Literária, Para a Leitora, Efemérides, Cruzadismo Moderno e Notas Sociais. Propagandas: Móveis e Enxovias Ornatex.</p> <p>Ao lado: Teatro, Música Erudita, Artes Plásticas e Música Popular. Propaganda: Serviços Técnicos de Manutenção Burroughs.</p>
29/12/1961	<p>Folha de São Paulo – Caderno Ilustrada – pág. 5 – colunas 1 e 2 superior esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: Fatos e Coisas, Anedotas, Charges, Ilegível.</p>	<p>Página: Música Popular, Causas da Esterilidade, A Saúde em Primeiro Lugar, pBibliografia Médica, Ciência (Os efeitos das experiências russas com bombas nucleares), Orientador Médico (guia de médicos das mais diversas especialidades)</p> <p>Ao Lado: Cinema no Mundo, Cinenotícias, Quadrinhos (Flash Gordon e Agente Secreto X9), Imagem de Roma.</p>

26/01/1962	<p>Folha de São Paulo – Ilustrada – pág. 3 – 2 colunas superior esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: “Mulheres Perigosas” (Imagem), variedades, charges e anedotas.</p>	<p>Página: Música Erudita, Bibliografia Médica, Ciência: “Reproduzido por um Computador o Processo do Pensamento Humano”, Saúde em Primeiro Lugar: “Incidência do Câncer Estomacal”. Indicador Médico.</p> <p>Ao lado: Reportagem, Pafúncio e Marocas (HQ), Artes Plásticas, Para a Leitora, Efemérides, Notas Sociais, Rádio e TV, Finalismo e Gratuidade (Tristão de Atayde)</p>
16/02/1962	<p>Ilustrada – Pág. 6 - 2 colunas superior direita – 1/8</p> <p>Conteúdo: Umas e outras (vício da juventude americana cheirando cola), Amizade entre Galo e Foca, Anedotas e Charge. (Imagem da página dupla)</p>	<p>Página: Viagens e Passeios, Turismo, Caça e Pesca, Teatro.</p> <p>Ao Lado: Coluna do EUA (O Aeromodelismo Torna-se o passatempo ianque nº 1), A Tortura de Animais nos laboratórios livra o homem de envenenamentos; Ligação Telefônica Ultra-rápida; Textos sobre a febre reumática; Partículas Raras foram identificadas.</p> <p>Propaganda: Mercado de Imóveis e Anúncios Diversos, Curso de Electrônica.</p>
09/03/1962	Ilustrada- Pág. 4 – duas colunas superior direito – 1/8	<p>Página: Viagens e Passeio, Caça e Pesca, Codornas Domésticas,</p>

	<p>Conteúdo: Fatos e coisas, Variedades, Charges e Piadas.</p> <p>(Sem imagem)</p>	<p>Música Popular.</p> <p>Ao Lado: Rádio e TV, Teatro, Imagem de Tóquio, HQ: Prof. Tan-tan, Flash Gordon, Johnny Hazard.</p> <p>Propaganda: Vitaminados Nestlé.</p>
14/04/1962	<p>Ilustrada – pág 4 – duas colunas superior esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: Drops, variedades, charges e anedotas.</p> <p>Imagem: provérbio com dentadura.</p>	<p>Página: Música Popular, HQ (Prof. Tan-tan, Fflash Gordon, Kid Dynamite, Johnny Hazard), Imagem da Espanha, Rádio e TV, Dilema de um Cirurgião (anúncio de livro).</p> <p>Ao lado: Artes Plásticas, Palavras-Cruzadas, Horóscopo, Música Erudita, Conferências e Cursos.</p>
25/05/1962	<p>Ilustrada – pág. 4 – duas colunas esquerdo superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Praticamente ilegível, porém, percebem-se as colunas Fatos e Coisas, anedotas e charges.</p> <p>Caderno: Assuntos Diversos.</p>	<p>Página: Para a Leitora, Imagem de Roma, HQ (Prof. Tan-tan, Fflash Gordon, Kid Dynamite, Johnny Hazard), Propaganda: Nestlé Galak.</p> <p>Ao Lado: Horóscopo, Vida Literária, Bibliografia Médica, Saúde(Imunidade à Tuberculose com Nova Substância), Ciência (Doenças Causadas pelos Pesticidas e Indicador Médico. Propaganda: Dietil.</p>
16/06/1962	<p>Ilustrada – pág. 4 – colunas 4 e 6 superior</p>	<p>Página: Cursos e Conferências,</p>

	<p>esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: Duelo à Americana, Cachorro com Rodas, Anedotas e Charges VelaxMotores (imagem)</p>	<p>Propaganda da Rádio Bandeirantes (Chile x Iugoslávia), Música, Teatro Rádio e TV.</p> <p>Ao Lado: Artes Plásticas, Charge, Horóscopo, “Italiano que Agrediu Milionária foi Preso”, Palavras Cruzadas, Propaganda da Rádio Bandeirantes (“A mais popular emissora paulista”), Divirta-se aprendendo (livro de passatempos matemáticos), Propaganda O Mundo de Nossos Dias (Anuário da Folha – 1962): “conhecimentos que lhe permitirão posição de destaque em todos os lugares”.</p>
06/07/1962	<p>Ilustrada – pág. 4 – colunas 1 e 2 superior esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: Fatos e Coisas, Miudezas, Golfinho e Reis Camundongos. (Ilegível) (Sem imagem)</p>	<p>Página: Saúde (Fibrinolíticos em Caso de Enfarte, Vacina Salk ou Vacina Sabin – Dr. Vicente Amato Neto), Bibliografia Médica, Ciência (Experiências Científicas atraem jovens europeus), Indicador Médico, Propaganda: Sinustrat.</p> <p>Ao lado: Viagens e Passeio, Caça e Pesca, Cruzadismo Moderno, Música. Propagandas: Turismo</p>
10/08/1962	<p>Ilustrada - pág. 5 – 2 colunas esquerda</p>	<p>Página: Para a leitora, Novas Perspectivas no</p>

	<p>superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Fatos e Coisas, Ilhas Flutuantes, Charges e Anedotas.</p> <p>Imagem: coluna ao lado de radiotelescópio.</p>	<p>Combate ao Câncer; Saúde: Consciência Coletiva na Fluoretação da Água. Ciência: Máquina ajuda engenheiros a desenvolver aparelhos, Indicador Médico, Propaganda: Penteados Hair Style.</p> <p>Ao lado: Viagens e Passeios, Caça e Pesca, Artes Plásticas, Vida Literária e Horóscopo.</p>
22/09/1962	<p>Ilustrada – colunas 1 e 2 esquerdo superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Chega de Toucinho, Os Nossos Bichos, Bichos de Ontem, Variedades, Anedotas, Charge Futuro (Imagem).</p>	<p>Página: Para a leitora, Teatro, Cursos e Conferências, Propaganda Política: PTB e PST; Propaganda: O Mundo de Nossos Dias (Anuário Folha, 1962).</p> <p>Ao Lado: Psicólogo Famoso na Publicidade vai trabalhar em Londres, Ciência: Fases da Lua afetam as Chuvas e Nevadas, Prós e Contras nos Métodos Audiovisuais; Saúde: Perda da Função das Glândulas Paratireóides. Anúncios Médicos (Sem o nome indicador médico)</p>
12/10/1962	<p>Ilustrada: pág. 7 – duas últimas colunas superior direito. 1/8</p> <p>Conteúdo: OS homens e</p>	<p>Página: Terapêutica das Micoses, Indicador Médico, Bibliografia Médica, Ciência: Haveria Formas de Vida</p>

	os homens, Os Casos Estranhos (Ilegível), Esse Estranho Mundo (imagem), Aneotas e charges.	nas Manchas Quentes de Marte; Saúde: Corpos Estranhos na Traquéia e no Esôfago; Para a Leitora. Lado: Esportes, Aberto o Concílio: Papa prega a Unificação Cristã, Política, Número dos Candidatos.
23-11-1962	Ilustrada – pág 4 – duas colunas inferior direito. 1/8 Conteúdo: Umas e outras, Ficaremos Salgados (imagem), Aneotas, charges e variedades.	Página: Ciência (Adoção Talvez Crie Problema Psíquico, O Mecânico Espacial terá de trabalhar com Novas Ferramentas); Saúde: Tratamento de Agromegalia com emprego de cíclotron; Para a Leitora; Indicador Médico. Propaganda: Seu êxito Pessoal. Ao Lado: Teatro, Rádio e TV, Turismo (Caconde estância turística), Propaganda: Casa dos Pneus (Estoque de Pneus Agrícolas)
07/12/1962	Ilustrada – pág. 3 – colunas 5 e 6, quase direito superior. 1/8 Conteúdo: Umas e Outras, Aneotas, Charges, variedades. Gente Cozida (Imagens)	Página: Bate-Papo (Nova coluna), Caça e Pesca, Turismo (Atibaia), Cursos e Conferências. Propaganda: 3º Salão do Automóvel, Breda Turismo Lado: Reportagem (Coluna Social), O Sentido do Espetáculo, Quem quer fazer um

		curso na Universidade Católica de Paris, Efemérides, Para a Leitora, Notas Sociais. Propaganda Jantar Dançante Jockey Club.
--	--	---

09/01/1963 Quarta-feira	Pág. 02 – Colunas 4 e 5, Linhas 1 a 7 – 1/7 Conteúdo: Aneotas, charges, curiosidade e variedades. Imagem: profeciasheinlein	Pág.: Reportagem, Efemérides, Para a Leitora, Notas Sociais, Cursos. Ao Lado: Bate-papo, Música, Imagem de Paris, teatro.
12/02/1963 Terça-feira	Pág. 02 – Colunas 4 e 5, Linhas 1 a 7 – 1/7 Conteúdo: Aneotas, charges, curiosidade e variedades. Imagem: enguia	Página: Reportagem, Efemérides, Notas Sociais. Lado: capa com manchetes do dia.
02/03/1963 Sábado	Pág. 02 – Colunas 4 e 5, Linhas 1 a 7 – 1/7 Conteúdo: Aneotas, charges, curiosidade e variedades. Imagem: rei sumeriano	Capa da Ilustrada: O desarmamento Atômico é artigo de fé para o otimismo dos profanos. Pág: Reportagem, Livros e Autores, Efemérides, Medicina Psicossomática, Para a Leitora e Notas Sociais. Lado: Saúde, Ciência: Ensino Científico na China Comunista, Prolongar vida tem Vantagens, mas também desvantagens. Indicador Médico e Hospitais.

10/04/1963 Quarta-feira	Pág. 02 – Colunas 7 e 8 – Linhas 1 a 7 – 1/6 Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidade e variedades. Imagem: Descrição da quantidade de estrelas.	Pág: Reportagem (coluna), Livros e autores, Imagem de Tóquio, Efemérides. Lado: Bate-Papo, Rádio e TV, Hoje na TV, Para a Leitora, Teatro, Cursos, Palavras- Cruzadas. Propaganda: Show do Chico Anísio no Teatro Record.
23/04/1963 Terça-feira	Pág. 02 – Colunas 5 e 6 – Linhas 4 a 10 – 1/6 Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidade e variedades. Imagem: Ano Marciano.	Página: Reportagem (Coluna, “A arte de Espoliar”, Efemérides, Para a Leitora. Propaganda: Faqueiros em Prata Meridional. Ao Lado: Teatro, Livros e Autores, Horóscopo, Saúde, Recadinhos.
29/08/1963 Quinta-feira	Pág. 3 – Colunas 1 e 2, Linhas 1 a 6 – 1/8 Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidade e variedades. Imagem: Charge foguete	Página: Livros e autores (Leonardo Arroyo), Palavras-Cruzadas, Saúde, Horóscopo, Recadinhos. Propaganda: Antarctica. Ao Lado: Reportagem (coluna), Três Grandes Gestos (Tristão de Ataíde), “Cansado de Louvar o Papa, Efemérides, Notas Sociais.
09/12/1963 Segunda-feira	Ver Coluna Lendas, Mistérios e Crendices do Brasil. Pág. 3r	
30/01/1964	Ilustrada – pág. 5 – colunas 4 e 5 (centro da	Página: HQ (Tan-tan, Flash Gordon), Jogo dos

	<p>página) superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Umas e Outras, Anedotas, Charges, Variedades, Liberdade (imagem)</p>	<p>7 Erros, Aumento de tarifas telefônicas, Jogo dos 7 Erros, Propaganda da Lacta (dobro da Coluna Panorama.</p> <p>Lado: Discos, Música, TV –Rádio –Show – À Noite, por aí – Flagrantes, Hoje na TV, Cinema</p>
13/02/1964	<p>Ilustrada – pág 5. – colunas 7/8 superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Dos Jornais, Anedotas, Charges e Variedades. Coisas da China (imagem).</p>	<p>Página: HQ (Flash Gordon e Prof. Tan-tan), Jogo dos Erros, Artes Plásticas, Duas propagandas de remédios para hemorróidas (F –Diva e Composto 2)</p> <p>Lado: Lupe em a Adúltera, Show e Noite, Tv e Rádio, Teatro, Em Todas as Frentes, Cinema, Disco, Música.</p>
13/03/1964	<p>Ilustrada – pág. 5- colunas 7 e 8 superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Sem imagem, apenas anedotas, charges e variedades.</p>	<p>Página: Quadrinhos (Flash Gordon, Tan-tan), Jogo dos Erros, Cruzadismo Moderno, Livros e Autores. Propaganda das fotocópias Fotoptica.</p> <p>Lado: Em Todas as Frentes, TV e Rádio, Show e Noite, Discos, No Cinema, Hoje na TV, Música, No Teatro, Charges.</p>
03/04/1964	<p>Ilustrada – pág. 6 – colunas 1 e 2 inferior direito – 1/8</p>	<p>Página: Livros e Autores, Ciência (Droga Diurética Previne a Insuficiência Renal),</p>

	<p>Conteúdo: Anedotas, Charges e Variedades.</p>	<p>Horóscopo, Indicador Médico, Saúde (Transplantes de Rins ainda são Precários), Cartazes de Cinema.</p> <p>Ao Lado: “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, “Maciste contra os Mouros”, “Caçadores de Mulheres, Programação de Cinema e Teatro, Propaganda: Ofertas Sensação (Roupas e Acessórios Femininos) e Loja Sensação (artigos para o dia-a-dia)</p>
22/05/1964	<p>Pág. 3 – Colunas 1 e 2 superior esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charges, variedades. Texto: “O Mistério da Vida”, do livro de onde viemos para onde vamos (melhoramentos, 1963, Hemrich Faust. (Sem imagem)</p>	<p>Página: Para a leitora, Livros e autores, A Natureza é Assim (Walt Disney). Propaganda: Grande Leilão de Imóveis, Painéis Brindex e propaganda da própria Folha.</p> <p>Lado: Reportagem, O Silêncio do Povo, Efemérides, “A Epilepsia é doença mais frequente do que se acredita”, Horóscopo, Palavras Cruzadas. Propaganda: Clube Piratininga e programa de TV “Papai Sabe Nada” (Record)</p>
05/06/1964	<p>Pág. 9 – colunas 1 e dois superior esquerdo – 1/8</p> <p>Conteúdo: Recrudescimento de gêmeos e</p>	<p>Página: Para a Leitora, Propagandas de Filmes dos Canais 2 e 5 e das oficinas autorizadas Willys. Nota Sobre Teleguiado Portátil.</p>

	trigêmeos(imagem, descompasso com nota ao lado). Ane­dotas, charges e variedades.	Ao Lado: Viagens e Passeios (Turismo), Propagandas: Realtur, Swissair, Eves. (ocupam maior espaço do que as matérias.
17/07/1964	Pág. 3 – colunas 3 e 4 superior – 1/8 Conteúdo: Ane­dotas, Charges e Variedades. Imagem:Idades do Mundo.	Página: Livros e autores (Gonçalves Dias), Saúde: A Tensão Causa Doença Cardíaca, A Natureza é Assim (Walt Disney). Propaganda: Shell, Loteria Federal. Lado: Show e Noite, Cinema, TV e Rádio, Teatro, Música, Discos, Hoje na TV (Programação)
28/08/1964	Pág. 6 – colunas 1 e 2 superior – 1/8 Conteúdo: Ane­dotas, charges, curiosidades e variedades. Lobato e Ideia Luminosa (imagem)	Página: Horóscopo, “A Igreja Católica Serviu-se sempre da Verdadeira Arte”, Indicador Médico, Cartazes de Cinema. Lado: Programação Cinema e Teatro, Cartazes de Cinema.
04/09/1964	Pág. 2 – colunas 1 e 2 superior – 1/8 Conteúdo: Ane­dotas, Curiosidades, charges, notas. (Sem imagem)	Página: Coluna Reportagem, Notas Sociais, Efemérides, A Natureza é Assim, “A Lua: da Poesia à Realidade (W. K. Mayo) Lado: Horóscopo, Ciência (Aperfeiçoando Processo de Armazenar Conhecimentos), Saúde (Exames para Prevenção de Ataques Cardíacos), Para a leitora, Propaganda:

		Willys (oficina)
30/10/1964	<p>Pág 3- colunas 1 e 2 centro – 1/8</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades, notas, “Pelos Caminhos do Mundo” (curiosidades internacionais).</p>	<p>Página: Enciclopédia Curiosa, Saúde: Ranger de Dentes é Indício de Sonho, Horóscopo. Livros e autores, Propaganda: Renner.</p> <p>Lado: Reportagem (Coluna), Efemérides, Notas Sociais, Música, Ilusões de Ótica criarão dificuldades para astronautas, Propaganda: Triny Lopez na Record.</p>
13/11/1964	<p>Pág. 2 – colunas 4 e 5 superior - <1/8, pois propaganda ocupa parte da coluna (Desfile de Moda Hugo Castelana na Sociedade Harmonia de Tênis)</p> <p>Conteúdo: “Robôs Sanitários”(Imagem), anedotas, charges, curiosidades e notas.</p>	<p>Página: Reportagem (Coluna), Livros e Autores, “Controle de Natalidade”, Efemérides, Notas Sociais, Propaganda: baile no Tênis Clube Paulista, Desfile Ugo Castellana</p> <p>Lado: Enciclopédia Curiosa, Horóscopo, Artes Plásticas, Música e Exposições. Propaganda: Pagar conta telefônica com cheque em diversos bancos.</p>
25/12/1964	<p>Pág. 3 – colunas 1 e 2 superior – 1/8</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades, notas. Coluna “O Que Dizem”. “Fita de Luz (imagem).</p>	<p>Página: Enciclopédia Curiosa, Palavras Cruzadas, Livros e Autores, Ciência (Cientistas russos sugerem que vírus causa esclerose), Música, Indicador Médico. Mensagens de Feliz Natal.</p>

		<p>Lado: Reportagem, Ovos de Galinha e Toxoplasmose, Efemérides, Horóscopo, Saúde (Anemia Perniciosa), Exposições, Notas Sociais. Propagandas: Banco Segurança S. A., Expresso Ring, Escritório Carvalhaes.</p>
--	--	---

07/01/1965 Quinta-feira	<p>Pág. 6 – Colunas 3 e 4, linhas 1 a 6 – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem:</p>	<p>Página: A Natureza é Assim, Indicador Odontológico, Artes Plásticas, Curso de Hotelaria, HQs (toda metade direita)</p> <p>Ao lado: HQs (toda metade esquerda), Folha da Secretaria, Curso de Secretaria Executiva.</p>
07/02/1965 Domingo	<p>Pág. 01 – Colunas 7 e 8, linhas 1 a 8 – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: livro aliens</p>	<p>Página: No Mundo da Ciência (O segundo, unidade de tempo – não mais depende da Astronomia, de José Reis), Galeria dos Prêmios Nobel, Perfil: Alex Quaison-Sackey, Coluna do Padre Peyton: Prece – Carta Espiritual a Deus.</p> <p>Ao lado: Propaganda do Festival da Criança nas Lojas Clipper.</p>
09/03/1965 Terça-feira	<p>Pág. 03 – Colunas 3 e 4 – Linhas de 1 a 6</p>	<p>Página: Livros e Autores (Semana de Lobato), Música, Histórias de</p>

	<p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: Nada, contrastar com Lobato.</p>	<p>Insetos (70 a 80% dos animais da terra são insetos), Saúde (Educadoras Sanitárias)</p> <p>Lado: Reportagem, Efemérides, Ciência: "Polo Sul é mais Seco que Saara", A Natureza é Assim, Propaganda Lojas Clark (Calçados)</p>
01/04/1965 Quinta-feira	<p>Pág. 05 – Colunas 3 e 4, Linhas 1 a 7 – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: quiromancia</p>	<p>Página: Coração e Saúde, Saúde (Alcoolismo), Livros e Autores, Cursos e Conferências, Propaganda: UD (Feira)</p> <p>Ao Lado: Hoje na TV, Teatro, Discos, Cinema</p>
21/05/1965 Sexta-feira	<p>Pág. 03 – colunas 1 e 2, linhas 1 a 6 – 1/8</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: robótica</p>	<p>Página: Palavras Cruzadas, Livros e Autores, Música, Indicador Médico, Propaganda: anúncios na Folha:</p> <p>Ao Lado: Reportagem, A Natureza é Assim, Horóscopo, Efemérides, Saúde, Notas Sociais.</p>
18/06/1965 Sexta-feira	<p>Pág. 05 – Todas as colunas, linhas 1 e 2 – 1/8</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: fantasmas</p>	<p>Página: Coluna sobre os quadrinhos, entre eles, horóscopo.</p> <p>Ao Lado: Teatro, Discos Populares, Cine Notícias, Hoje na TV, Propagandas de Anúncios na Folha.</p>
30/07/1965 Sexta-feira	<p>Pág. 05 – Todas as colunas, linhas 1 e 2 – 1/8</p>	<p>Página: Coluna sobre os quadrinhos, entre eles, horóscopo.</p>

	<p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: Conquista do Espaço</p>	<p>Ao Lado: Teatro, Discos Populares, Cine Notícias, Hoje na TV, Propagandas de Anúncios na Folha.</p>
01/08/1965 Domingo	<p>Pág. 06 – Todas as colunas, linhas 1 e 2 – 1/8</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: terra tremeu (livro)</p>	<p>Página: Coluna sobre os quadrinhos, entre eles, horóscopo.</p> <p>Ao lado: Meia página superior Filatelia, Artes Plásticas, Propaganda: Produtos alimentícios Royal.</p>
09/09/1965 Quinta-Feira	<p>Pág. 05 – Todas as colunas, linhas 1 e 2 – 1/8</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: coracaovivo</p>	<p>Página: Coluna sobre os quadrinhos, entre eles, horóscopo, Coluna Ciência: “Massagem Cardíaca Externa”.</p> <p>Lado: TV – Rádio – Show (Página Inteira)</p>
13/10/1965 Quarta-feira	<p>Pág. 05 – Todas as colunas, linhas 1 e 2 – 1/8</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p> <p>Imagem: fantasma castelo</p>	<p>Página: Coluna sobre os quadrinhos, entre eles, propaganda da Telefunkem</p> <p>Lado: TV – Rádio – Show (Página Inteira)</p>
01/11/1965 Segunda-feira	<p>Pág. 02 – colunas 4 e 5, linhas 1 a 7 – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas.</p>	<p>Página: Reportagem, Teste, Ciência (Mundo produz mais crianças que alimentos), Notas Sociais, Efemérides, Horóscopo, Saúde (Sensibilidade à Dor).</p>

	Imagem: Livro Cães	Ao Lado: IV Operário Bandeirante.
09/12/1965 Terça-feira	Pág. 05 – Colunas 1 a 8, Linhas 1 e 2 – 1/6 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas. Imagem:	Página: HQs dividem a página abaixo da coluna, entre elas, coluna Ciência: Vida na Lua sem depender da Terra. (Observar Hq do prof. Tan-tan) Ao Lado: TV – Rádio – Show.
27/12/1965 Segunda-feira	Pág. 3 – Colunas 1 e 2 – Linhas 1 a 7 – 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades e notas. Imagem: Despertar dos Mágicos	Página: Horóscopo (acima da coluna), Ciência (Possível previsão do Tempo com duas semanas de antecedência), Saúde: Disciplina, Propaganda: Ultralar.

07/01/1966	Pág. 5 – formato horizontal – 8 colunas superiores – 1/12 Conteúdo: Anedotas, Charges, Curiosidades, notas. Obs.: A coluna ocupa o espaço onde faltam quadrinhos.	Página: HQs (Tan-tan, Flash Gordon, Brick Bradford (astronauta ?), Mat Diloín, Davy Jones. Lado: Teatro, TV, Cinema, Discos Populares, Música, Hoje na TV. Propaganda: Colchões, Artigos de Couro, Sugestões Marcopolo para Férias de Verão.
25/02/1966	Pág. 5 – formato horizontal – duas primeiras linhas, todas as colunas – 1/6 Conteúdo: Aparecimento da subcoluna “Mundo,	Página: Hqs Lado: Discos Populares, Cinema, Música, Teatro, Hoje na TV. Propaganda (Renova assinatura da Folha por meio de

	<p>mundo, vasto mundo...”; Anedotas, Charges, Curiosidades, notas, variedades. “Sereias Alemãs” (Imagem)</p>	cheque em banco)
11/03/1966	<p>Pág. 5 – linhas 1 e 2 todas as colunas – 1/5</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charges, curiosidades, notas, Textos: “tenda de Isolamento” e “máquina do barulho”, José Mauro de Vasconcelos.</p>	<p>Página: HQs</p> <p>Lado: Música, Teatro, Cinema, Discos Populares, Hoje na TV (programação). Propaganda pagar a assinatura da Folha no Banco.</p>
22/04/1966	<p>Pág. 04 - – linhas 1 e 2 todas as colunas – 1/5</p> <p>Conteúdo: “Mundo, mundo, vasto mundo...”, Anedotas, charges, curiosidades e variedades.</p> <p>(Imagem)</p>	<p>Pág.: HQs.</p> <p>Lado: Dança, Cinema Música, Discos Populares, TV –Rádio – Show, Programação de TV. Propaganda: Lacta e Fritz Dobert.</p>
06/05/1966	<p>Pág. 04 – linhas 1 e 2 todas as colunas – 1/5</p> <p>Conteúdo: “Mundo, mundo, vasto mundo...”, Anedotas, charges, curiosidades e variedades.</p> <p>(Sem imagem)</p>	<p>Página: HQs</p> <p>Lado: TV – Rádio – Show, Música, Cinema, Discos Populares, Hoje na TV (Programação), propagandas: Fritz Dobert e Cigarro Continental.</p>
17/6/1966 (Capa: O Homem Poderá andar na Lua)	<p>Pág. 04 – linhas 1 e 2 todas as colunas – 1/5</p> <p>Conteúdo: Anedotas, Charges, curiosidades e variedades. (Duas imagens)</p>	<p>Página: HQs</p> <p>Lado: Teatro, Discos Populares, Cinema, TV – Rádio – Show, Hoje na TV (programação). Propagandas de linhas aéreas.</p>
29/7/1966	Pág. 04 – linhas 1 e 2	Página: Hqs

	<p>todas as colunas – 1/5</p> <p>Conteúdo: Anedotas, Charges, curiosidades e variedades.</p> <p>(Sem imagem)</p>	<p>Conteúdo: Teatro, Discos Populares, Cinema, TV – Rádio – Show, Hoje na TV (programação). Propagandas de linhas aéreas. Propaganda Cigarro Luiz XV.</p>
05/08/1966	<p>Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1,2 e 3 – Aproximadamente 1/5</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charge, curiosidades e variedades.</p> <p>Imagem “As Catedrais podem ser Feitas de Estranhos Materiais”.</p>	<p>Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs.</p> <p>Lado: TV, Música, Cinema, Hoje na TV.</p> <p>Propaganda: Uísque Becosa.</p>
30/09/1966	<p>Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades. Textos marcantes: Homem de 160 anos, astronautas e automobilistas, superstições.</p> <p>(Imagem)</p>	<p>Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs.</p> <p>Lado: Hoje seu Roteiro, Teatro, Vida de atrizes.</p> <p>Propaganda da Varig para viagens ao litoral norte.</p>
14/10/1966	<p>Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5</p> <p>Conteúdo: Anedotas, charge, curiosidades, variedades.</p> <p>Superstições vira subcoluna.</p> <p>(sem imagem)</p>	<p>Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs.</p> <p>Lado: Música, Teatro, Cinema, Hoje na TV (Programação), “Bomba A é tema para Soviéticos”</p>
25/11/1966	<p>Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3,</p>	<p>Página: Palavras</p>

	colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades.	Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Música, Teatro, Cinema, Hoje na TV (Programação),
30/12/1966	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades. Texto: “As Lendas” (cita Borges, Manual de Zoologia Fantástica). Contrastar com a capa do caderno “Ilustrada”	Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Juca Chaves, música, cinema, teatro. Propaganda: Livro de Cabeceira do Homem e da Mulher.

14/01/1967	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades. (Sem Imagem)	Página: : Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Roberto Carlos vai abrir telenovela, Cinema, Um Fotógrafo vê Godard, Hoje, seu Roteiro, Vamos ao Teatro.
25/02/1967 – Sábado	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades. Imagem: Culto Cargo	Página: : Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Carnaval, Cinema.
18/03/1967 – Sábado	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades,	Página: : Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Música (Simonal, Concerto em Igreja),

	variedades. (Imagem: Berço da Civilização)	Cinema – Hoje, Seu Roteiro – Hoje na Televisão – Cursos na Folha, Dança.
01/04/1967 – Sábado	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades (Imagem: Vale da Morte)	Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Cinema, Cursos na Folha, Hoje na Televisão, Propaganda de Teatro.
30/05/1967 – Terça-feira	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Maquinista robô.	Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Lado: Concerto na Igreja de São Francisco, Cinema, Teatro, Hoje na Televisão. Propaganda: Produtos Philco nas Lojas Assumpção.
23/06/1967	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. (Sem imagem)	Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Ao Lado: Lanuguração do CAMJA vai ser hoje, Berlim inicia seu Festival, “Psicanalistas vão debater Marat Sade”, Hoje, seu roteiro – III Feira da Eletro eletrônica no Ibirapuera.
14/07/1967	Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.	Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs. Ao lado: Vergueiro, Um Livro – Vencedores do I Concurso Nacional de Piano vão receber

	<p>“Senhor de 125 anos afirma que quer casar com mulher que tenha menos de 50”</p> <p>(Imagem: Charge)</p>	<p>prêmio hoje – O Belas Artes abre as Portas – Orquestra Kuentz - Hoje Seu Roteiro – Hoje na Televisão. Propagandas: Livraria Forense e Novela o Tempo e o Vento na TV Excelsior.</p>
04/08/1967	<p>Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>(Imagem: Moda.)</p>	<p>Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs.</p> <p>Ao Lado: Filarmônica com Yara Bernette – Hoje, seu roteiro – Ray Gilbert Weio contratar artistas – A Resposta de Vandré – Medalha para Guiomar Novais – Hoje na Televisão – Propagandas de Teatro (boxes).</p>
08/09/1967	<p>Pág. 04 – linhas 1, 2 e 3, colunas 1 a 6 – Aproximadamente 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>“Minissaias, pérolas e joelhos” (texto sobre moda feminina e comportamento), contrapor à imagem da página anterior.</p> <p>Página anterior: Estrelas que emitem raio-x - imagem</p>	<p>Página: Palavras Cruzadas (ao lado), HQs.</p> <p>Ao Lado: Grand Prix, Educação – Bial está chegando a Hora – Festival – Filarmônica apresenta Vespéral da Juventude – Hoje, seu Roteiro – Hoje na Televisão.</p>
20/10/1967	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito, 1/5</p>	<p>Página: Quadrinhos (some Flash Gordon, entra Matt Dillin)), meia</p>

	<p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: “estradas Vikings, helicópteros soviéticos”</p>	<p>página à esquerda, Banco deu golpe de 50 milhões de dólares (à esquerda), Horóscopo (logo abaixo).</p> <p>Ao Lado: Emissoras são contra Licitações de Anúncios, Efemérides, Prova Juvenil de Piano hoje – Vamos ao Teatro (Propagandas), Caixa Econômica Federal e Instituto Brasileiro d Café (comunicados)</p>
24/11/1967	<p>Pág. 04 – canto superior direito – 1/5 página</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>“Imagem: Máquina que Ressuscita”</p>	<p>Página: HQs (4 colunas à esquerda), A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas e Horóscopo.</p> <p>Ao Lado: Estudos da Personalidade pelos Borrões de Tinta, Sucesso em Enxerto de Fígado, Efemérides, Propagandas: Teatro e Circo, Relógio Suíço Roamer.</p>
15/12/1967	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Volta da subcoluna Superstições</p> <p>(Imagem: Mecanarte)</p>	<p>Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: “Fantasmas e Assombrações XXVII – O retrato que saiu da Tela”, Propagandas (ocupam mais de meia página: Kodak, ações de café solúvel (Dominium), Aparelhos de Surdez,</p>

		Companhia Cervejaria Paulista, Livraria Pioneira (Rua Maria Antônia)
--	--	---

05/01/1968	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Salão do Atomóvel e Variedades.</p>	<p>Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: Especial Signo de Escorpião, “Espelho de Matéria Plástica”, Assembléia Geral Ordinária Edifício It-a-Ubá, Leilão Reis, Banco da Indústria e do Comércio do Brasil S/A (Balanço), Facilidades ao renovar a assinatura da Folha.</p>
16/02/1968	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Úlcera e artrite</p>	<p>Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: Classificados de imóveis, carros etc. Empregos. Cursos: Técnica Radiológica.</p>
29/03/1968	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p>	<p>Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: Clubinho (bar noturno na Bento</p>

	Imagem: Anticoncepcional	Freitas), tem novo presidente, “Príncipes Invisíveis Governariam a Terra” (Santuários no Himalaia, Teosofia, Governo Secreto do Mundo), Propaganda: meia página vertical show Dercy Gonçalves.
19/04/1968	Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/5 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: sem imagem	Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos). Ao lado: Classificados de imóveis, carros e telefones. Empregos.
03/05/1968	Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/6 (a coluna diminui) Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Espichamento, confissão tecnológica.	Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos). Ao Lado: Esportes: Turfe, Futebol, Esportes Amadores e Basquete (meia página, lado direito)
21/06/1968	Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/6 Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Cheirômetro, Dick Peter	Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos). Ao Lado: Esportes: Futebol, Basquete, Esportes Amadores.
19/07/1968	Pág. 04 – quase um	Página: HQs todo o lado

	<p>canto da página – canto superior direito – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Poliglota Autodidata referência a si mesmo.</p>	<p>esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: Esportes: Futebol, Boxe, Automobilismo, Esportes Amadores.</p>
30/08/1968	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Moda feminina</p>	<p>Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: Esportes: Turfe e Futebol</p>
13/09/1968	<p>Pág. 04 – quase um canto da página – canto superior direito – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: “Homens e Bichos”</p>	<p>Capa da Ilustrada: “Estigmas do Padre Pio ainda sem Explicação”</p> <p>Página: HQs todo o lado esquerdo, A Natureza é Assim, Palavras Cruzadas (ao lado), Horóscopo (aparecem imagens dos signos).</p> <p>Ao Lado: Esportes: Atletismo, Futebol e Esportes Amadores.</p>
04/10/1968	<p>Pág. 6 – Mais da Metade Vertical – Canto Superior Direito – quase 1/3 da página</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges,</p>	<p>Página: HQs (todo o lado esquerdo), Coluna “Arte de Amar”: Cartas sobre problemas amorosos (Wanda Rosa)</p>

	curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagens: guerra nigeriana e esposa de einstein	Ao Lado: Cinema (Metade superior Vertical da página), Horóscopo, Palavras Cruzadas, Indicador Médico.
22/11/1968	Pág. 4 – metade vertical direita superior – 1/5 da página. Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Centenários	Página: HQs toda metade vertical esquerda, Propaganda (Abaixo da coluna Panorama): filme “Cão dos Baskervilles”, com Peter Cushing, às 21;30 de domingo, na TV Excelsior. Ao Lado: Inscrições para o Festival de música Erudita, Estímulo ao Cinema, Feira de Flores abre Amanhã. Propaganda: Imóveis
13/12/1968	Pág. 4 – Um quarto superior esquerdo – ¼ da pág. Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: maquiagem de monstros.	Página: Quadrinhos totalidade do lado esquerdo; Horóscopo, Palavras Cruzadas. Ao Lado: Classificado, Achados e Perdidos, Empregos. Concursos abertos na faculdade de Mogi até o dia 31.
03/01/1969	Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼ Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações	Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Morre o Criador de Dumbo (Vladimir William Peter Tyla)

	<p>dos textos.</p> <p>Imagens: Piada com médico, estudos de envelhecimento.</p>	<p>Ao Lado: Classificados, Avisos.</p>
28/02/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagens: Insetos donos do Mundo (Fuga para Parte Alguma), Feitiçaria hoje, Pesquisa sobre Mentiras.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos” que traz casos engraçados e curiosos (despedido porque falava demais). Propaganda: HQ Tintin.</p> <p>Ao Lado: Vacina contra a Rubéola – Prêmio de Escultura – Música (violinista venezuelano) – Classificados: Imóveis iversos – Negócios de Ocasão.</p>
14/03/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Chamada para a coluna de amanhã: aparece algumas vezes no ano.</p> <p>Imagem: Nariz e antigas esculturas.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos” que traz casos engraçados e curiosos (despedido porque falava demais). Propaganda: HQ Tintin.</p> <p>Ao Lado: Caderno de Turismo (Uruguai e Caxias do Sul), Propaganda: Japan Air Lines</p>
18/04/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades,</p>	<p>Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p>

	<p>variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: FC (Tangentes)</p>	<p>Ao Lado: Classificados: Terrenos, automóveis e empregos.</p>
09/05/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: horóscopo canino, artes divinatórias e mini canhões.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao Lado: “Câncer não Ataca os Calvos”, Indicador Médico, Classificado Imóveis, Propaganda: filme Caminhos Secretos em Moverama na TV Excelsior.</p>
13/06/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Voltadas Superstições, Tangentes.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao Lado: Classificados empregos e automóveis.</p>
04/07/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Aves, Ovos e Imitação.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lados esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao lado: Cinema, Música, TV-SHOW, Teatro, TV – Programas.</p>

<p>30/08/1969 (Sábado)</p>	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: As Amazonas, Julio Verne, Continua com a história do Ovo.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao Lado: Avisos Públicos, Matéria sobre Jornal Japonês, Robô que sangra e diz ai, Automóvel sem motorista, Caravela com Ouro.</p>
<p>20/09/1969 (Sábado)</p>	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Coluna Dicionário Canino, p. ex.: Cãopositor: um cachorro que sabe compor novos latidos.</p> <p>Imagem: Beleza Científica.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Lado: Página dedicada à veterinária. Regulamentação da profissão de médico veterinário, Por que cresce o número de mulheres nas escolas veterinárias?, O que podem fazer 3 mil veterinários quando os bovinos são 9 milhões?</p>
<p>10/10/1969</p>	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Videntes, Arqueologia e autodidatismo.</p>	<p>Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao Lado: Informações Gerais (tempo, decisões do STF e do STR), Classificados.</p>

21/11/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Pulseira de Palavras em Hospital da Nova Zelândia. Universidade do Mar (Instituto de Pesquisas da Marinha)</p>	<p>Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao Lado: Necrologia, Presidente da FUNAI refuta acusações de antropólogo sueco.</p>
19/12/1969	<p>Pág. 4 – quarto superior esquerdo da página – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Cachorro (mostrar total descompasso).</p>	<p>Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”.</p> <p>Ao Lado: Notícias Manchetes em 69 nos Estados Unidos, Teólogo diz que Jesus não nasceu em Belém, Brinquedos de Crianças Cubanas, Abandonadas pesquisas sobre Discos Voadores.</p>
26/12/1969	Não há coluna...	<p>Capa da Ilustrada: “Livro Azul” Fechado: Não existem “Discos Voadores”</p>
15/01/1970 Quinta-feira	<p>Pág 4 – Canto Superior Direito – > ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas,</p>	<p>Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – Horóscopo – Coluna”</p>

	sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Conversa com Leitor	dos 4 cantos”. Lado: Avisos de prefeituras e editais, Agricultura, Necrologia
16/01/1970 Sexta-feira	Pág 4 – Canto Superior Direito – > ¼ Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Conversa com Leitor	Página: HQs totalidade do lado esquerdo, Palavras Cruzadas – “Horóscopo – Coluna” dos 4 cantos”. Lado: Classificados Diversos, Informações Gerais, Notícias Militares.
25/01/1970 Quarta-feira	Página 4 – Canto Superior Direito – 1/5 Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Ruínas Fenícias no Piauí.	Pág: HQs totalidade lado esquerdo, Palavras Cruzadas, Filatelia, Horóscopo Lado: Campeonato Paulista Individual de Xadrez. Anúncios: Cinema, Teatro e Turismo
30/01/1970 Sexta-feira	Pág 4 – Canto Superior Direito – > ¼ Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: Encontro FC	Pág: HQs totalidade lado esquerdo, Palavras Cruzadas, Filatelia, Horóscopo Lado: Informações Gerais, Classificados: Cursos e Professores, Empregos, automóveis.
05/02/1970 Quinta-Feira	Pág. 13 – Canto Superior Direito – ¼	Pág: HQs totalidade lado esquerdo, Palavras Cruzadas, Dos 4 cantos,

	<p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: cataratausp</p>	<p>Horóscopo</p> <p>Ao lado: Classificados Imóveis.</p>
21/02/1970 Saábado	<p>Pág. 04 – canto superior direito – aproximadamente 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: Verne</p>	<p>Página: HQs totalidade lado esquerdo, Palavras Cruzadas, Dos 4 cantos, Horóscopo, Coluna Teste(Trivia).</p> <p>Ao lado: Buñuel, Ano 70 – Ministério da Educação Estuda Exames de Madureza.</p>
23/02/1970 Segunda-feira	<p>Pág. 4 – colunas 7 e 8 até linha 8 – 1/5</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: leitordickpeter</p>	<p>Página: “TV não é Teatro nem Cinema”, Horóscopo.</p> <p>Ao lado: Eclipse Lunar visto da Lua – Surdez, uma Doença da Civilização – Saturação do Espaço Aéreo e as Grandes Catástrofes.</p>
21/04/1970 Terça-feira	<p>Pág. 13 – Canto Superior Direito – ¼</p> <p>Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos.</p> <p>Imagem: maldição múmia</p>	<p>Página: HQ (todos lado esquerdo), Palavras Cruzadas, Horóscopo, TV Programas de Hoje.</p> <p>Ao lado: Vamos ao Teatro, Moda Brasileira e Cigarro Sintético.</p>
12/05/1970 Terça-feira	<p>Pág. 04 – Canto Superior Direito – 1/6</p> <p>Conteúdo: anedotas,</p>	<p>Página: HQs (totalidade do lado esquerdo), Teste, Palavras Cruzadas, Horóscopo,</p>

	sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: panorama livro	Programação TV Hoje. Lado: Roteiro da Paulicéia.
16/05/1970 Sábado	Pág.04 –Canto Superior Direito – 1/6 Conteúdo: anedotas, sem charges, curiosidades, variedades, ilustrações dos textos. Imagem: bradbury	Página: HQs (totalidade do lado esquerdo), Teste, Palavras Cruzadas, Horóscopo, Programação TV Hoje. Lado: Propaganda Shows e Teatro.
02/06/1970	Pág. 04 Falecimento de JM	

Anexos

A – Notícia sobre falecimento de Jerônimo Monteiro.

Jerônimo Monteiro faleceu

O «Panorama» de hoje não é escrito pelo colunista que durante tantos anos entreteve os leitores da FOLHA ILUSTRADA nesta seção. Jerônimo Monteiro morreu ontem.

Era um visionário que buscava na imagem do futuro a paz e a concordia entre os homens que não podia encontrar neste nosso mundo castigado pela violência. Daí sua dedicação à ficção científica, da qual foi o pioneiro no Brasil com seu livro «Três Meses no Século 81», editado em 1947, e a qual desde então devotou o melhor de seus esforços.

Não tinha medo da morte, que ontem o colheu, pois, como declarou tempos atrás a um jornalista, se não a desejava «como fuga», ansiava por ela por sentir que sua obra não contribuía para

O Monteiro reunia uma infinidade de qualidades. Foi homem de letras, de rádio e do jornalismo. Persistente e curioso atingiu todos os objetivos para os quais dirigiu sua curiosidade. Borboleteou pela literatura policial e entre nós foi precursor da ficção científica, que foi até ontem uma das suas paixões.

Excelente companheiro, escondia com sua humildade a sua enorme capacidade intelectual e de trabalho. Nos seus longos anos de convivência na FOLHA DE S. PAULO produziu a coluna «Panorama», sem um dia de falha, por 4.694 vezes, começando na antiga Folha da Tarde. Humano, preocupava-se com as crianças e as pessoas de idade, aos quais, de uma forma ou de outra, sempre levava um gesto ou palavra de estímulo.

que os homens se entendessem melhor. «Estou sendo sincero», disse, «o mundo que aí está me desagrada e eu não gostaria de estar presente ao mal que os homens fazem uns aos outros».

Embora tenha iniciado sua vida humildemente, precisando mesmo abandonar os estudos no curso primário, pois já então tinha necessidade de trabalhar para ajudar sua família, não deixou que as dificuldades com que lutou o amargassem. Apesar do cepticismo com que muitas vezes encarava a humanidade, continuava sendo aos 61 anos simples, bom, humano, cordial, alegre mesmo, pai dedicado e centro de atração de amigos inumeráveis.

A vida de Jerônimo Monteiro foi desde muito cedo e até o fim dedicada ao jornalismo e às letras. No jornal, trabalhou em diversos setores e em variadas publicações, fixando-se por fim principalmente em sua coluna «Panorama», uma das mais lidas da FOLHA DE S. PAULO, a qual prestou seus serviços, com algumas intermitências, desde 1944.

Na literatura, além de

do Diabo», Os Nazis na Ilha do Mistério», «A Serpente de Bronze», «A Cidade Perdida» e «Tangentes da Realidade», coletânea de contos recentemente editada.

Sobre sua obra mais conhecida, «A Cidade Perdida», reeditada há pouco tempo, escreveu a revista «Amazing Stories», de Nova York:

«Existe um grupo de teosofistas que acredita de maneira dogmática que os sobreviventes do destruído continente da Atlântida ainda vivem através de seus descendentes, em cidades subterrâneas existentes no centro do Brasil... Por isso, ao lerem «A Cidade Perdida», tão coerente em suas descrições e quando souberam que Monteiro esteve viajando por aque-

seus «seguidores» comentam entre si: «Ele sabe demais!»

Impressões

Perde o jornalismo brasileiro, com Jerônimo Monteiro, um de seus melhores profissionais, inteligente, humano, completo. E perde também as letras nacionais, uma de suas mais brilhantes figuras, o pioneiro na ficção científica no Brasil. Era, particularmente, porém, um grande e querido amigo de muitos anos de convivência que eu chamaria Moacyr Correa.

Não é a primeira vez que me faltam algumas palavras sobre um companheiro querido que desapareceu do nosso horizonte. Já o falei no jornal Tarde e na imprensa de São Paulo, mas da qual não se

Paulo parava. Era a prodigiosa imaginação daquele que poderia ter trilhado uma carreira gloriosa, não fosse um inquieto viajor. Jerônimo sempre me pareceu com a figura alessandrina de Herimigway. E assim permaneceu, na mania e na imaginação dos companheiros de redação. Dirceu Salles.

Foi para mim uma grande felicidade ter trabalhado com Jerônimo — cujo passamento todos choramos — em várias reportagens publicadas no jornal Fênix e na imprensa paulista e acima de tudo humana. Jerônimo Monteiro, em suas reportagens era amigo, inconfundível, humilde, e sentia-se orgulhoso toda vez que precisava encaminhar a finalização de assuntos em defesa das classes menos fa-

Sua casa em Mongaguá refletia seu largo coração: nos fins de semana enchia-se de amigos e parentes, a prosa era animada e ele, sempre querendo agradar, se desdobrava no atendimento de todos. Certa vez, indagado por um amigo, que admirou-se da sua enorme capacidade de produção, e, acima disso, da qualidade do material produzido, respondeu:

— Escrevi tanto, que terminei por aprender Carlos Laine Jr.

Jerônimo Monteiro foi sempre um jornalista de estado do mais constante poder de comunicação, buscando invariavelmente na universalidade dos acontecimentos o assunto diário para os seus trabalhos na imprensa. Como jornalista nunca foi pequeno por ter sido grande. Quando, mais pequena o mesmo pensamento desatado, ele penetrante que manteve até sua morte. Mario Carrazo

Sepultamento

Jerônimo Monteiro, que residia em Mongaguá, faleceu na Capital. De-

Na literatura, além de pioneiro da ficção científica no Brasil, foi também pioneiro na literatura policial, com «O Colecionador de Mãos», publicado em 1933. Seu personagem «Dick Peter» tornou-se famoso no país inteiro, quando suas aventuras eram transmitidas pelo rádio nos anos de 1937-40. Foi autor de mais de 30 livros, entre os quais «O Homem do Pullover Cor de Vinho», «O Irmão

que ele sabia tanto sobre a cidade perdida por ser um atlante. Um homem dos Atlantes, que veio viver entre nós para mostrar a Verdade. Infelizmente, Monteiro — uma das melhores e mais encantadoras pessoas que conheci — não tinha nenhuma Verdade a transmitir. Negou e ainda nega, com veemência, que fosse um atlante. Mas

pode ficar. Afinal, com os amigos que não tinham nada de atlantes, um belo dia, no meio de um período de férias, a um com Jerônimo Monteiro, quando estava na companhia de uma mulher que se pôs a ler a ficção científica da qual ele era um dos mais importantes autores. E lá foi através de palavras, no início de 1937. Quando Dick Peter entrava no ar, São

Paulo falava. Em 1944 ele e Jerônimo foram designados para fazer uma série de reportagens no trabalho de reportagem de trabalhadores humildes, sob o título «Onze a vida não é cor de rosa». Eu me sentia orgulhoso em trabalhar com Jerônimo, figura popular mas poderosa o produtor de «Dick Peter», programa de rádio de maior audiência na época. Gil Passarelli

na vinda para Martim de Monteiro. O filho Sérgio, filho de Tereza, filha casada com Luiz de Deus, filho de Jerônimo Monteiro e Rosângela, casada com Vera Cruz Monteiro. Deixa netos e netas, sendo neto o filho de Rosângela, filho de Rosângela. O sepultamento será realizado esta tarde no cemitério da Quarta Parada.

B – Capítulo três de “A Cidade Perdida” (1948)**CAPÍTULO 3****DA DISCUSSÃO... NASCE A LUZ**

Este capítulo trata ainda de arqueologia e opiniões científicas. O leitor poderá pulá-lo, se quiser, passando logo ao 4, onde começa a ação. Mas, como é um capítulo curto, se puder lê-lo, melhor. Sempre se esclarecem algumas coisas nele.

Salvio recebeu-me em seu quarto como se nada de anormal se tivesse passado. Conversamos, nos primeiros minutos, sobre coisas sem importância. Depois, intencionalmente, ele perguntou:

— E então?

— Não estou muito convencido ainda. Acho absurdo que uma grade de ferro que não se sabe de onde veio tenha uma inscrição capaz de levar dois homens a fazer uma viagem como essa. E há alguns pontos obscuros, que desejo ainda discutir com você.

— Está certo. Mas ouça: Quando Champollion descobriu a célebre pedra “Rosetta” e com ela encontrou a chave para decifração dos hieróglifos, todos acharam que ele estava maluco. Não quero fazer analogias, mas é evidente: associo todos os elementos de que dispomos sobre a pré-história do Brasil e as tradições religiosas do passado, para chegar a uma conclusão lógica — e você vem me dizer que é loucura o que estou fazendo...

— Mas, escute...

— Espere! Você não compreende, então, que é necessário fazer concessões às lendas e à tradição para chegar a alguma Verdade que tem raízes muito fundas no Passado? Você não sabe que todas as lendas assentam sobre fatos

verídicos? Alteram, modificam ou deturpam a verdade inicial, mas a essência dos fatos primitivos lá está, intacta no fundo da versão fantasista. E, se não sabia, fique sabendo agora do seguinte: a arqueologia brasileira registra enorme quantidade de inscrições rupestres de caráter mágico. Mesmo os colecionadores dessas inscrições podem ignorar isso. Mas eu, como muitas outras pessoas, sei-o perfeitamente. A magia e a história dos povos primitivos estão tão intimamente ligadas que é impossível estabelecer-se as suas fronteiras...

— Ora! E você teimando! O Anyone Costa, que é autoridade em arqueologia, diz que as inscrições rupestres do Brasil não têm significação alguma. Segundo ele, não passam de divertimento dos índios, ou marcações dos bandeirantes.

— A opinião dele, da qual eu, e muitos outros comigo, discordamos. Considere que as inscrições estão gravadas em rochas duríssimas, que têm resistido à ação dos séculos. Para se gravarem traços e figuras nestas rochas, foi preciso aos indígenas usar de outras pedras que o atrito ia gastando. Há inscrições que devem ter levado muitos meses para se completarem. Você acha, acaso, que isso é divertimento? A verdade é que elas eram feitas por uma seita especial de sacerdotes, ou “sábios”, que só faziam isso, com um fim determinado. Qualquer um percebe que há algo mais sério aí. Além disso, não se pode aceitar um dilema disparatado como esse: “de índios, ou de bandeirantes”. E por que não há referência alguma, nas histórias das bandeiras, a essas inscrições? Por que os bandeirantes que voltavam não falaram, jamais, dessa prática?

Eu começava a vacilar, mas, como para justificar a minha atitude da madrugada, teimei:

— Bem. Mas não é só Anyone. O Anibal Matos também acha que as nossas inscrições não têm significação alguma, a não ser quando indicam fontes, pouso de caça, grutas e outras coisas de utilidade imediata nos matos.

— Não é bem assim. Anibal Matos admite que as inscrições possam ter significado diferente e diz que algumas podem ser apenas isso que você referiu. Ele aceita as conclusões da pré-história no pé em que elas se

apresentam porque, como Ladislau Neto, não quer se antecipar às descobertas que só explorações estafantes e bem orientadas, com estudos minuciosos, podem realizar. Quando a arqueologia for tomada a sério em nossa terra, e todos os pontos de prováveis jazidas pré-históricas forem investigados com a atenção que merecem — então saberemos coisas que agora nos parecem absurdas, mas que, à medida que forem surgindo, nos parecerão, então, perfeitamente normais. Além disso, note que as pedras gravadas com inscrições não se encontram só nas matas. Também se encontram nas praias, nos campos, nas margens dos rios. E outra coisa: os bandeirantes teriam a preocupação de indicar pontos de caçadas e de pouso mais especialmente lá pelos lados da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, esquecendo-se disso em outros lugares?

— Pois sim. Tudo isso é bonito. Mas a verdade é que muitos sábios se interessam pela pré-história brasileira e nada do que você diz ficou provado até agora.

— Muitos sábios? Ora essa! Diga “poucos”. E bem poucos, até! Peter Lund, por exemplo, interessou-se pela nossa pré-história e recolheu material de grande valor, imenso mesmo, para um só homem. Ele estabeleceu, por exemplo, a existência do “Homem Lagosantense” e levantou o véu de um passado muito mais remoto para o homem americano, do que ninguém ousaria esperar. Anibal Matos e seus continuadores descobriram o “Homem de Confins”, também de veneranda antiguidade. No Baixo Amazonas foi descoberta essa

preciosa cerâmica marajoara, que é indício indiscutível de grandiosa civilização...

— Civilização que só produziu cerâmica?

— Você não gosta mesmo de usar o cérebro, Jeremias! Tudo tem que lhe ser explicado minuciosamente! Havia, ao longo do baixo Amazonas, até a sua imensa foz, uma grande civilização. Enchentes catastróficas do rio, ou outras coisas tão sérias quanto essa, destruíram tudo. Os que se salvaram do desastre não tinham, decerto, meios para reconstruir a civilização desaparecida, mas podiam reproduzir a arte da cerâmica, cuja matéria-prima

não faltava. Considere que quando um povo começa a se preocupar com a arte, a beleza, o enfeite dos seus objetos de uso — já avançou muito em civilização material. Concorde comigo?

— Concorde. Mas, quanto às inscrições, nenhum sábio achou ainda relação entre elas e as passadas civilizações de que você fala.

— Claro. Não se encontrou a chave ainda. E nem se fez empenho em encontrá-la. Os sábios da Europa não nos dão ouvidos. Os especialistas na matéria não nos dão importância. Não querem examinar os elementos constantemente renovados que se apresentam para provar que o nosso continente é o mais antigo e que os amerígenas, os homens de raça vermelha da América, vêm da Era Terciária e são, portanto, os primeiros habitantes humanos do globo terrestre.

— Isso é pouco positivo. É matéria demasiado discutível. Não existem provas insofismáveis. O crânio de Neanderthal...

Salvio interrompeu-me bruscamente.

— Qual crânio de Neanderthal, qual nada! Você é que está impossível! Até ontem, não discutia coisa alguma. Aceitava o que eu lhe dizia e parecia disposto a ir ao fim do mundo! Agora, de repente, deu para duvidar até do que está entrando pelos olhos! Pois fique sabendo que, queira-o ou não o queira a ciência oficial, o “homo americanus” foi o mais antigo do globo, e que, por isso mesmo, pouco se está incomodando com as opiniões em contrário do sr. de Quatrefages, ou de quem quer que seja!

É fácil ver que Salvio ia se exaltando, e se eu opunha resistência era apenas para continuar coerente com o arrebatamento daquela madrugada. Em verdade, acreditava no deslumbrante passado da América, e estava de acordo com o meu amigo. Ia ceder, portanto, quando me lembrei de levantar mais uma dúvida:

— Está bem, Salvio. Concorde. Mas responda a mais uma coisa só: os petróglifos brasileiros têm realmente um significado oculto?

— Não. Absolutamente, não têm.

— Não!?

— Claro que não. Têm significado “desconhecido” para nós. Mas quem os fez não teve a intenção de ocultar coisa alguma, muito ao contrário. Quando descobrirmos a chave, a nossa “pedra de Rosetta” — tudo ficará claro.

— E por que ainda não se descobriu a chave?

— Bem... É preciso notar que a escrita pré-histórica brasileira não se assemelha a nenhuma das outras já estudadas. Se tivesse semelhança, a sua significação não seria mais segredo.

— É claro.

— Isto é extremamente importante, e devia apaixonar todos os criptógrafos do mundo. Sabe a que conclusões já chegaram os que se dedicaram ao assunto? Que a escrita pré-histórica brasileira deve ser considerada a mãe de todas as outras escritas do mundo, porque todas estas apresentam certos caracteres quase-fixos da nossa...

— Claro. Continue.

— Entre as escritas mais antigas estudadas — os caracteres sabeanos, cretenses, megalíticos, etruscos, pré-históricos do Egito, berberes, sumerianos, bem como os antigos alfabetos gregos, fenícios, hebraicos e ibéricos — encontram-se inúmeros sinais, uns idênticos e outros semelhantes aos 75 caracteres pré-históricos do Brasil, referidos e estudados por Alfredo Brandão. Veja, agora, a conclusão lógica a que isto conduz: “Em todos os alfabetos e caracteres escritos do mundo antigo, embora não sendo eles iguais entre si, encontram-se muitos iguais aos caracteres pré-históricos brasileiros”.

— É assombroso! Positivamente assombroso!

— É a pura verdade, verificada. Aliás, o confronto não traz grandes dificuldades. Qualquer um o pode fazer. É evidente, pois, que a escrita-mãe, de onde todas as outras derivaram e que gerou todos os alfabetos do mundo — é aquela que foi usada pelos antigos habitantes da América do Sul, e cujos vestígios até hoje podem ser encontrados. Daqui saíam os grupos que,

fixando-se em outros pontos da Terra, levavam consigo esse importante conhecimento que, depois, evoluía e se modificava segundo as necessidades e contingências peculiares a cada região. Alguns desses grupos, forçados por circunstâncias que não conhecemos, regrediriam e se tornaram selvagens, perdendo o conhecimento da escrita. Outros, defrontando condições favoráveis, progrediram, evoluíram, fundaram grandes civilizações, aperfeiçoaram o sistema de escrita até o transformarem na forma atualmente usada. No entanto...

— Chega! Chega! — interrompi. — Não fale mais! Esqueça a minha atitude desta manhã. Estou de acordo com você. Deixe ver o roteiro e...

— E o que, Jeremias?

— E partiremos amanhã, Salvio!